UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

A (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES EM PROGRAMAS ESPORTIVOS DE TV:
um estudo de casos no Brasil e em Portugal

Noemi Corrêa Bueno

Orientador:
José Carlos Marques

Bauru, SP
2018

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Campus de Bauru

Discente: Noemi Corrêa Bueno

A (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES EM PROGRAMAS ESPORTIVOS DE TV:
um estudo de casos no Brasil e em Portugal

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, Campus Bauru como exigência parcial à obtenção do Título de Doutor em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Bauru, SP
2018

Bueno, Noemi Corrêa.
A invisibilidade das mulheres em programas esportivos de TV : estudo de casos no Brasil e em Portugal / Noemi Correa Bueno, 2018
408 f. : il.

Orientador: José Carlos Marques

Tese (Doutorado)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

1. Jornalismo de esportes. 2. Mulher. 3. Gênero. 4. Brasil. 5. Portugal. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE NOEMÍ CORRÊA BUENO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 10:00 horas, no(a) Sala de reunião dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Prof. Adj. CLAUDIO BERTOLLI FILHO do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru / UNESP Bauru, Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Professora Doutora ELIZA BACHEGA CASADEI do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação e Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing, Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro, Professora Doutora MARIA SALOMÉ FERNANDES MARTINS MARIVOET do(a) Investigação Científica Ensino Superior / CIES-IUL Centro de investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de NOEMÍ CORRÊA BUENO, intitulada **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES

Prof. Adj. CLAUDIO BERTOLLI FILHO

Prof. Adj. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

Professora Doutora ELIZA BACHEGA CASADEI

Professora Doutora MARIA SALOMÉ FERNANDES MARTINS MARIVOET

N o e m i C o r r e a B u e n o

A (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES EM PROGRAMAS ESPORTIVOS DE TV:
um estudo de casos no Brasil e em Portugal

Banca Examinadora:

Presidente: Professor Doutor José Carlos Marques
Instituição: FAAC, UNESP – Bauru

Titular: Professora Doutora Eliza Bachega Casadei
Instituição: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Titular: Professora Doutora Maria Salomé Fernandes Martins Marivoet
Instituição: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE)

Titular: Professor Doutor Cláudio Bertolli Filho
Instituição: FAAC, UNESP – Bauru

Titular: Professor Doutor Maximiliano Martin Vicente
Instituição: FAAC, UNESP – Bauru

Bauru, SP
2018

Dedico às todas as mulheres visíveis ou invisíveis, silenciadas ou não, que querem que suas vozes recoem longe

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (Tadeu) e à minha mãe (Fátima), que sempre me apoiaram e me incentivaram a buscar continuamente o conhecimento, mas, sobretudo, que sempre acreditaram em mim. Amo vocês. Á minha Raquel e ao meu irmão Davi, grandes amigxs, que têm estado comigo nos meus momentos mais importantes. A vida não teria a mesma graça sem vocês.

Às amigas e aos amigos que estão presentes em minha vida e me oferecem sempre acolhidas, colo, abraços, risos e suporte, fazendo dessa trajetória mais leve e da vida mais bonita. Todxs vocês são muito especiais. E à Manu e à Bianca que compartilharam comigo um teto português, fazendo dele um lar.

Ao professor José Carlos Marques, orientador desta tese, não somente pela contribuição de seu tempo e conhecimento, mas também pelo apoio e, principalmente, por acreditar em meu trabalho.

Às jornalistas Michelle Gianella, Claudia Reis, Luciana Vitorino, Mylena Ciribelli, Juliana Rios, Anita Paschkes, Rosa Pinto, Inês Gonçalves e Claudia Lopes pela prontidão em participarem das entrevistas e por contribuírem significativamente com a construção deste trabalho. As vozes de vocês são importantes.

Às professoras Eliza Casadei e Salomé Marivoet e aos professores Max Vicente e Cláudio Bertolli, membros da banca deste trabalho, que aceitaram meu convite e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos comigo. Á professora Larissa Pelúcio pela ajuda e contribuição dadas em minha qualificação que foram fundamentais para abrir novos e melhores caminhos para esta pesquisa.

Às professoras Adriana Martins, Rita Figueiras e Ana Jorge, da Universidade Católica Portuguesa (UCP) pela acolhida e orientações, principalmente à professora Ana Jorge por acompanhar diretamente minha pesquisa em Portugal.

Ao professor Murilo Soares que me tem apoiado desde o mestrado. À professora Maria Antonia que desde minha graduação tem me ajudado em meu “processo de vir a ser”, me incentivando a buscar não somente o conhecimento, mas também uma “utopia” que impulsione meus sonhos.

Às e aos colegas de curso, principalmente Elaine, e às e aos “gecefeirxs”, principalmente Marta Garcia e Neide Carlos (“as mulheres do gênero”), que dividiram comigo as alegrias, conhecimentos, ansiedades e dúvidas durante esse período. Aprendi muito com nossas conversas, trocando não apenas conhecimentos teóricos, mas também valores e experiências de vida. Á Célia Gouveia, ao Fernando Borges e à Luisa Anacleto (colegas da Lusófona) cuja parceira resultou em ótimos projetos e que me ajudaram com contatos para entrevistas.

À Cris (do DCHU), ao Hélder e ao Silvio (da SPG), e à Clementina Santos (da UCP) por sempre se colocarem dispostos a me ajudar com os trâmites de todo processo burocrático dessa trajetória e pelo bom humor e dedicação com que sempre me atenderam.

Aos grupos feministas que acompanho, cujas mensagens me transformaram não apenas em uma pesquisadora de gênero, mas em uma mulher mais consciente de mim e de meu entorno.

Às pessoas que passaram e passam em minha vida que de alguma forma me tocaram e me mostraram que é possível continuar.

Á agência Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e ao programa *Erasmus Mundus Programme for South America - SUD-UE*, por financiarem esta pesquisa realizada no Brasil e em Portugal.

Por fim, a Deus que tem estado comigo em todos os momentos da minha vida.

Como diz a música: “o bom de viver é estar vivo, ter irmãos, ter amigos”. Eu ainda acrescento: é bom depois desses 4 anos ter tantas pessoas a agradecer. Muito obrigada!

RESUMO

O objetivo desta tese consistiu em analisar a visibilidade e a participação das profissionais de comunicação (narradoras, apresentadoras e comentaristas) em programas esportivos da televisão aberta brasileira e portuguesa, transmitidos, respectivamente, em novembro de 2017 e abril/maio de 2017, a fim de verificar se existiam diferenças na quantidade de profissionais femininos e masculinos no jornalismo esportivo, bem como nas funções exercidas por homens e mulheres nesse campo, além de analisar ainda as construções discursivas organizadas por esses sujeitos e a respeito desses. Para tal, a pesquisa foi dividida nas seguintes etapas: contextualização histórica, traçando, a partir de consultas bibliográficas, o histórico de participação das mulheres no jornalismo esportivo; análise quantitativa a respeito do número de profissionais homens e mulheres nas funções de apresentação, narração e comentários no jornalismo esportivo; e, pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação descritiva, mediante análise dos programas nos quais ocorre participação feminina (examinando a participação das(os) profissionais, a partir de posturas, falas, comportamentos e relações com demais colegas) e entrevistas semiestruturadas com questões em aberto. A partir disso, foi verificado que nesse campo ainda há predominância de profissionais do sexo masculino (sendo que, das(os) profissionais elencados neste trabalho, as mulheres representam apenas 11,4% no Brasil e 6,3% em Portugal), e que à minoria feminina ainda cabe atividades referentes à apresentação, cabendo aos homens os comentários e narrações. Além disso, por meio das entrevistas também foi constatado que ainda há dificuldades a serem superadas como: assédio, baixa oportunidade de participação efetiva e cobranças estéticas, capacidades e conhecimentos subestimados, tratamento com grosseria durante entrevistas, violência nas redes sociais, interrupções e dificuldades em conciliar vida profissional com vida pessoal, principalmente com a maternidade. O cenário apontado nas pesquisas atestou como o mundo do jornalismo esportivo ainda é permeado por uma mentalidade de valorização das masculinidades, confirmando a hipótese inicial desta tese de que o *ethos* do discurso esportivo ainda se mantém sob o domínio masculino e que ainda existe uma cultura androcêntrica presente em programas de esportes na televisão aberta brasileira e portuguesa, apresentando possibilidades diferentes de atuações para jornalistas homens e mulheres, veiculando e contribuindo para a manutenção de representações sobre o que é ser feminino e masculino a partir de referências androcêntricas, binárias e heteronormativas. Portanto, a reformulação da maneira de estilização dos sujeitos, não mais baseado em um rígido marco regulador, deveria tratar-se de um novo desafio a ser superado pelos programas esportivos das diferentes emissoras de TV aberta no Brasil e em Portugal.

Palavras-chave

Jornalismo de esportes, mulher, gênero, Brasil, Portugal

ABSTRACT

This thesis argued that although there is an evolution in feminist achievements, there are still segments that reproduce the androcentric structure, in this case, sports journalism. The objective was to analyze the visibility and participation of communication professionals (narrators, presenters and commentators) in Brazilian and Portuguese sports programs on TV, transmitted in November 2017 and in April / May 2017. In order to verify if there were differences in the number of female and male professionals in sports journalism and analyze the discursive constructions organized by these subjects. For this, the research was divided in 4 stages: historical contextualization; quantitative analysis regarding the number of male and female professionals in the functions of presentation, narration and commentary in sports journalism; and qualitative through analysis of postures, speeches, behaviors and relations of women journalists. From this, it was verified that in this field there is still a predominance of male professionals (women represent only 11.4% in Brazil and 6.3% in Portugal), and that the female minority still are presenter, and the men are commentator and narrator. In addition, interviews revealed that there are still difficulties to overcome such as: harassment, low opportunity for effective participation and aesthetic charges, underestimated skills and knowledge, rude treatment during interviews, violence in social networks, interruptions and difficulties in to reconcile professional life with personal life, especially with motherhood.

This survey testified how the sports journalism is still permeated by a mentality of valorization of masculinities, confirming the initial hypothesis of this thesis: the ethos of sports discourse still remains under the male domain and that there is still an androcentric culture present in sports programs in Brazilian and Portuguese television, presenting different possibilities of performances for male and female journalists, conveying and contributing to the maintenance of representations about what it is to be female and male from androcentric, binary and heteronormative references. Therefore, the reformulation of the stylization of subjects should be a new challenge to be overcome by the sports programs of Brazilian and Portuguese TV.

Key words

Sports journalism, woman, gender, Brazil, Portugal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 22

2. REFERENCIAL TEÓRICO 30
2.1 Gênero e ideologia 30
2.2 Meios de comunicação e representações sociais 40
2.3 Reivindicações feministas a respeito de representações mediáticas 50
2.4 Participação feminina no esporte 55
2.5 Relações de poder e construção de identidade de gênero no esporte 62
2.6 As atletas nos meios de comunicação 68

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 78
3.1 A mulher no jornalismo esportivo brasileiro: trajetória e preconceitos 78
3.1.1 Mulher e estrutura androcêntrica do jornalismo esportivo brasileiro 84
3.2 A mulher no jornalismo esportivo português 88

4. METODOLOGIA 94
4.1 Pesquisa bibliográfica 97
4.2 Levantamento histórico das mulheres no jornalismo esportivo (no Brasil e em Portugal) 98
4.3 Análise do conteúdo 99
4.4 Análise dos programas esportivos 102
4.5 Entrevistas 105
4.5.1 Comitê de ética 109

5. ANÁLISE DOS PROGRAMAS BRASILEIROS 111
5.1 Programas de esportes televisivos brasileiros 111
5.2 Funções e construções das profissionais mulheres 124
5.2.1 Funções das profissionais em 2015 130
5.2.2 Um caso recente de narradora no Brasil 136

5.3 Participação feminina nos programas de esportes televisivos 142
5.3.1 Esporte Espetacular 144
5.3.2 Jogo Aberto 160
5.3.3 Gazeta Esportiva 186
5.3.4 Mesa Redonda 197
5.3.5 Terceiro Tempo 214
5.4 Entrevistas 230
5.4.1 Inserção e trajetória no ambiente esportivo 231
5.4.2 Cobranças estéticas 236
5.4.3 Assédio 240
5.4.4 Percepção de feminilidades e/ou masculinidades no ambiente 245
5.4.5 Mulheres nas funções de comentaristas e narradoras 249
5.4.6 Outras dificuldades enfrentadas 255

6. ANÁLISE DOS PROGRAMAS PORTUGUESES 261
6.1 A participação quantitativa de profissionais homens e mulheres em programas de esportes televisivos portugueses 272
6.2 Funções e construções das profissionais mulheres 282
6.2.1 Liga dos Campeões 283
6.2.2 Mais Futebol 294
6.2.3 Mais Bastidores 304
6.3 Entrevistas 314
6.3.1 Inserção e trajetória no ambiente esportivo 316
6.3.2 Pressões estéticas 318
6.3.3 Percepção do ambiente 322
6.3.4 “Vantagens” de uma mulher atuar nessa área (manifestações de preconceito velado) 328
6.3.5 Funções de comentaristas e narradoras 329
6.3.6 Outras dificuldades por ser mulher 333
6.3.7 Mudanças no cenário 335

7 RESULTADOS – Brasil e Portugal 339

7.1 Resultados sobre a realidade brasileira 339
7.2 Resultados sobre a realidade em Portugal 345

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 350

REFERÊNCIAS 356

APÊNDICE 368
Apêndice 1: TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 369
Apêndice 2: Entrevistada A 370
Apêndice 3: Entrevistada B 373
Apêndice 4: Entrevistada C 378
Apêndice 5: Entrevistada D 382
Apêndice 6: Entrevistada E 385
Apêndice 7: Entrevistada F 389
Apêndice 8: Entrevistada G 392
Apêndice 9: Entrevistada H 396
Apêndice 10: Entrevistada I 400

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grade de programação de esportes da TV Aparecida (26 programas) 112

Tabela 2: Grade de programação de esportes da RIT TV (22 programas) 113

Tabela 3: Grade de programação de esportes da TV Cultura (cinco programas) 113

Tabela 4: Grade de programação de esportes da TV Record (quatro programas) 114

Tabela 5: Grade de programação de esportes da Bandeirantes (57 programas) 115

Tabela 6: Grade de programação de esportes da Rede TV (20 programas) 117

Tabela 7: Grade de programação de esportes da TV Gazeta (26 programas) 118

Tabela 8: Grade de programação de esportes da TV Globo (45 programas) 119

Tabela 9: Edições com presença feminina nas funções: apresentadora, comentarista e/ou narradora 121

Tabela 10: Edições de programas de esportes com participação feminina nas funções de apresentadora, comentarista e/ou narradora 123

Tabela 11: Profissionais em programas televisivos de esporte no Brasil (apresentação, comentário e narração) 125

Tabela 12: Comentaristas, narradoras(es) e apresentadoras(es) em programas de esporte televisivo brasileiros, conforme o gênero 128

Tabela 13: Participação de profissionais homens e mulheres em programas de esportes (2015), na função de narração, comentário e apresentação 131

Tabela 14: Funções dos profissionais presentes em programas esportivos brasileiros em 2015 134

Tabela 15: Tabela comparativa 2015 e 2017: Funções dos profissionais presentes em programas esportivos brasileiros 135

Tabela 16: Tabela comparativa 2015 e 2017: Funções dos profissionais (apresentação, comentário e narração) em programas esportivos brasileiros 135

Tabela 17: Notícias Portal Olimpíadas UOL a respeito de Glenda Kozlowski 137

Tabela 18: Representações de Glenda Kozlowski: profissional x torcedora 140

Tabela 19: Programas com participações femininas 143

Tabela 20: Programas para análise da participação feminina 144

Tabela 21: Tempo de participação da(o) profissionais no programa Esporte Espetacular 145

Tabela 22: Conteúdos e contextos dos discursos no programa Esporte Espetacular 147

Tabela 23: Agrupamento de conteúdo e contexto das falas no programa Esporte Espetacular 149

Tabela 24: Vestimenta e aparência dos profissionais do programa Esporte Espetacular 151

Tabela 25: Tempo de participação da(o)s profissionais - Jogo Aberto (Bloco 1) 161

Tabela 26: Funções de falas de Renata Fan e Denilson de Oliveira – Jogo Aberto (Bloco 2) 161

Tabela 27: Tempo de participação das(o) profissionais - Jogo Aberto (Bloco 2) 163

Tabela 28: Funções de falas de Renata Fan e Denilson de Oliveira – Jogo Aberto (Bloco 2) 163

Tabela 29: Tempo de participação da(o)s profissionais - Jogo Aberto (Bloco 3) 164

Tabela 30: Funções de falas da apresentadora e comentaristas – Jogo Aberto (Bloco 3) 166

Tabela 31: Vestimenta e aparência dos profissionais Jogo Aberto 169

Tabela 32: Tempo de participação da(o)s profissionais – Gazeta Esportiva 186

Tabela 33: Funções de fala conforme os gêneros da(o)s profissionais – Gazeta Esportiva 188

Tabela 34: Vestimenta e aparência da(os) profissionais - Gazeta Esportiva 194

Tabela 35: Tempo de participação da(os) profissionais – Mesa Redonda 198

Tabela 36: Funções de falas da(o) apresentadora(r) e comentaristas – Mesa Redonda 203

Tabela 37: Vestimenta e aparência dos profissionais do Mesa Redonda – TV Gazeta 211

Tabela 38: Tempo de participação dos profissionais – Terceiro Tempo 215

Tabela 39: Funções de falas da(os) apresentadora(es) e comentaristas – Terceiro Tempo 216

Tabela 40: Vestimenta e aparência dos profissionais Jogo Aberto 219

Tabela 41: Profissionais entrevistadas 230

Tabela 42: Grade de programação de esportes da RTP1 (22 programas) 262

Tabela 43: Grade de programação de esportes da RTP2 (três programas) 262

Tabela 44: Grade de programação de esportes da RTP3 (37 programas) 264

Tabela 45: Grade de programação de esportes da SIC (nove programas) 265

Tabela 46: Grade de programação de esportes SIC Notícias (36 edições) 266

Tabela 47: Grade de programação de esportes da TVI (um programa) 267

Tabela 48: Grade de programação de esportes TVI 24 (82 edições) 268

Tabela 49: Edições com presença feminina nas funções: apresentação, comentário e/ou narração 270

Tabela 50: Edições com presença feminina nas funções: apresentação, comentário e narração (resumo) 271

Tabela 51: Profissionais em programas televisivos de esporte portugueses (apresentador, comentarista e narrador) 273

Tabela 52: Comentaristas, narradores e apresentadora(es) em programas de esporte televisivo portugueses 276

Tabela 53: Programas da televisão aberta portuguesa com participações femininas 282

Tabela 54: Programas portugueses para análise da participação feminina 283

Tabela 55: Vestimenta e aparência dos profissionais do Liga dos Campeões – RTP1/RTP3 285

Tabela 56: Tempo de participação da(os) profissionais – Liga dos Campeões 291

Tabela 57: Funções de falas da(o) apresentadora(es) e comentaristas – Liga dos Campeões 292

Tabela 58: Tempo de participação da(os) profissionais – Mais Futebol 295

Tabela 59: Funções de falas da(o) apresentadora(es) e comentaristas – Mais Futebol 297

Tabela 60: Vestimenta e aparência dos profissionais do Mais Futebol – TVI24 301

Tabela 61: Tempo de participação da(os) profissionais no programa Mais Bastidores 305

Tabela 62: Conteúdos e contextos dos discursos no programa Mais Bastidores 306

Tabela 63: Vestimenta e aparência dos profissionais do Mais Bastidores – TVI24 312

Tabela 64 - Profissionais entrevistadas 315

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Encenação sobre a atuação do árbitro de vídeo no jogo River Plate x Lanús – Esporte Espetacular 156

Figura 2: Momentos da encenação para apresentação da reportagem sobre memes – Esporte Espetacular 158

Figura 3: Ocupação dos espaços no programa Jogo Aberto 167

Figura 4: Renata Fan respondendo Denilson – Jogo Aberto 176

Figura 5: Renata Fan ironizando Denilson – Jogo Aberto 177

Figura 6: Reação de Ulisses Costa – Jogo Aberto 185

Figura 7: Reação de Michelle Gianella ao emitir sua opinião 193

Figura 8: Cenário do programa Gazeta Esportiva 196

Figura 9: Foco nos comentaristas – Gazeta Esportiva 197

Figura 10: Sergio observa Müller – Mesa Redonda 200

Figura 11: Sergio observa Chico Lang – Mesa Redonda 200

Figura 12: José Maria observa Chico Lang – Mesa Redonda 201

Figura 13: Disposição do cenário do programa Mesa Redonda 202

Figura 14: Paula Vilhena opinando sobre o caso Felipe Melo e Clayson – Mesa Redonda 205

Figura 15: Paula Vilhena interroga comentaristas – Mesa Redonda... 208

Figura 16: Larissa Erthal abordando sobre o desempenho do Corinthians 223

Figura 17: Reação de Milton Neves à fala de Larissa Erthal 224

Figura 18: Interações entre Milton Neves e Larissa Erthal ao final do programa 226

Figura 19: Parte 1 do programa Liga dos Campeões 287

Figura 20: Parte 2 do programa Liga dos Campeões 288

Figura 21: Parte 3 do programa Liga dos Campeões 288

Figura 22: Parte 4 do programa Liga dos Campeões 289

Figura 23: Cenário do programa Mais Futebol 296

Figura 24: O humor no Mais Futebol 299

Figura 25: Enquadramento principal do programa Mais Bastidores ... 307

Figura 26: Plano fechado em dois participantes separadamente no programa Mais Bastidores 308

Figura 27: Cenários de fundo do programa Mais Bastidores 309

Figura 28: Plano de conjunto – Mais Bastidores 310

“Quero mostrar que as mulheres podem falar. Não podemos nos calar diante de nada”

Karol Conka

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, verificamos mudanças nas relações de gênero, apresentando tanto mulheres como homens novas possibilidades de atuação no campo econômico, político, social e familiar. Essas mudanças refletem novas formas de pensar e compreender os sujeitos e suas funções sociais e consistem em reflexos de anos de luta de mulheres e movimentos femininos que procuravam e procuram igualar direitos femininos e masculinos, buscando extinguir o preconceito e as diferenças de gênero. Nesse sentido, constatamos novas estruturas familiares, o direito ao voto feminino, a ampliação do acesso da mulher ao ensino superior, sua profissionalização, seu acesso ao ambiente de trabalho e consequentemente sua maior independência econômica (BUENO, 2015, p. 01).

No entanto, apesar dessas conquistas, ainda é possível verificar diferenças e preconceitos de gênero. Assim, na contemporaneidade, vários movimentos feministas não focam mais no direito ao voto e profissionalização (fatores primários do início do movimento, mas já conquistados), e passaram a direcionar suas ações à possibilidade de transformações na maneira de compreender a mulher, buscando conquistar efetivamente o espaço público (ALVAREZ, 2002; PISCITELLI, 2018).

Considerando esse cenário de novas reivindicações feministas, principalmente em relação às representações, nesta tese, serão estudadas duas instituições historicamente reconhecidas por manter as diferenças de gênero: o jornalismo e o esporte, bem como o jornalismo esportivo. Nesse sentido, o tema da pesquisa constitui na análise a respeito da participação e visibilidade das profissionais de comunicação (narradoras, apresentadoras e comentaristas) em programas esportivos da televisão aberta brasileira e portuguesa. Para tal, o objeto de pesquisa abarca todos os programas de esportes veiculados em novembro de 2017 nas TV’s abertas brasileira (região metropolitana de Campinas) e em abril e maio de 2017 na televisão aberta portuguesa.

Considerando este tema e objeto, bem como a hipótese de que ainda existe uma cultura androcêntrica presente em programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, resultando em possibilidades diferentes de atuações para jornalistas homens e mulheres e que a essas ainda cabem

pequenos espaços de participação, esta tese objetiva analisar a participação das profissionais (apresentadoras, comentaristas e narradoras) mulheres em programas esportivos da televisão aberta portuguesa e brasileira, ao 1) quantificar a presença feminina e masculina nessas funções, comparando se há equidade, 2) avaliar em quais pautas predomina a presença de profissional feminino; 3) analisar o discurso e atuação das profissionais nos programas de esportes; 4) analisar o discurso a respeito das profissionais durante os programas; 5) traçar relações entre o quadro verificado na participação do programa de esportes com as tendências e estereótipos presentes na sociedade ocidental em relação à mulher; 6) discutir o que se pode concluir sobre a imagem da mulher projetada nos programas estudados, e, 7) analisar o que as profissionais de programas de esportes compreendem a respeito de sua inserção nesse ambiente, suas funções e relações com demais profissionais.

Assim, partindo desses objetivos e dos pressupostos de que (1) as visões femininas e as próprias mulheres são quase invisíveis em determinadas pautas de programas de esportes, (2) os homens predominam como porta-vozes e especialistas, e, (3) a participação de profissionais de gêneros diferentes para discussão dos esportes pode refletir e reforçar estereótipos de gêneros, foram respondidas as seguintes questões:

- Quais funções as mulheres assumem em programas de esportes?

- Qual a performance dessas profissionais nesses programas?

- Quando a mulher é ouvida como especialista? Em quais situações?

- É possível relacionar as participações femininas com determinados estereótipos de gênero?

- Qual o discurso dessas mulheres nesses programas?

- Como elas percebem esse cenário?

Esta discussão é importante, pois, o esporte consiste em uma instituição que mantem e eterniza as representações sobre o que é ser masculino e feminino (DEVIDE, 2005; KNIJNIK, 2010; TURINI, DACOSTA, 2002; CONCEIÇÃO, CORTEZ, SIMÕES, 2004; GOELLNER, 2004; DUNNING, ELIAS, 1985; BIRREL, COLE, 1990; APPLEBY, FOSTER, 2013; THEBERGE, 2000). Da mesma maneira, os meios de comunicação também participam da construção de representações sociais, apresentando imagens dos fatos e dos valores (apesar de a interpretação ser de responsabilidade do receptor)

(BECKER, 2005; CHARAUDEAU, 2016; PRADO, 2005). Nesse sentido, torna-se fundamental a discussão sobre a representação da mulher pelos meios de comunicação e sua participação no ambiente esportivo, de maneira a verificar se o protagonismo nessas esferas é distribuído de acordo com definições estereotipadas de masculino e feminino ou se esses programas têm questionado valores tradicionais de gênero.

Para realização e apresentação desta pesquisa e seus resultados, este trabalho foi dividido em oito capítulos: 1. Introdução; 2. Referencial Teórico; 3. Contextualização Histórica; 4. Metodologia; 5. Comentaristas, Narradoras(es) e Apresentadoras(es) em Programas de Esportes Brasileiros; 6. Comentaristas, Narradoras(es) e Apresentadoras(es) em Programas de Esportes Portugueses; 7. Resultados; e, 8. Considerações Finais.

O capítulo 1, inclui o capítulo da introdução que aponta o projeto de pesquisa (ao abordar o tema, objeto, objetivo, problemas, hipótese, justificativa e metodologia da pesquisa), bem como a estrutura do próprio trabalho, apontando a divisão dos capítulos e seus respectivos conteúdos.

No capítulo 2, referencial teórico, foram estudadas teorias referentes ao gênero, comunicação e esporte, bem como a relação entre esses três conceitos. Assim para suporte teórico, foi realizada uma análise bibliográfica a respeito dos conceitos de gênero e história das mulheres, por meio de obras de Judith Butler (2003), Joan Scott (2005), Adriana Piscitelli (2018), Silvana Mariano (2005), Avtar Brah (2006) e Nancy Fraser (2010).

Conforme essas teóricas, o gênero consiste na estilização repetida do corpo participante de um rígido marco regulador, produzindo a aparência de natural, sendo, portanto, necessário considerar as diversas configurações de poder presentes em contextos históricos e culturais específicos. O gênero é construído e representado de formas diferentes conforme as relações globais de poder que o cercam, pois perpassam processos econômicos, políticos e ideológicos, por isso, as feministas não consideram a mulher como uma categoria unitária e criticam o universalismo, o essencialismo e o binarismo que impedem que o sujeito seja compreendido como plural, heterogêneo e contingente.

A partir dessa premissa, esta obra considerou conceitos relacionados às representações mediáticas e à nova pauta de reivindicações do movimento

feminista atrelada à veiculação adequada da imagem feminina pelos meios de comunicação, a partir de obras de Guacira Lopes Louro (2008), Eduardo Coutinho, João Freire Filho e Raquel Paiva (2008), Bordenave (2002) e Raquel Moreno (2008).

Considerando esses aspectos, feministas contemporâneas reformularam a pauta de discussão criticando a forma como gênero é compreendido a partir de valores binários heteronormativos, de maneira a reivindicar questões referentes à identidade e à representação, ou seja, o que gênero significa e como esse é produzido, aceito e/ou questionado pela sociedade. Para tal, alguns coletivos e grupos de mulheres, atuam junto aos meios de comunicação, se apropriando desses para fomentar discussões emancipatórias e/ou discutir as próprias representações mediáticas, como pode ser observado pelos grupos “Empodere Duas Mulheres”, “Força Meninas”, “Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta”, “Revista AzMina”, entre outros.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2008), essa atenção aos meios de comunicação tem ocorrido desde os anos de 1960, quando diferentes grupos denominados como minoria surgiram expondo suas inconformidades em relação à maneira como eram representados, exigindo outras representações sobre seus modos de vida, suas estéticas, éticas, histórias, experiências, dilemas e questões, em uma luta pelo direito de “falar por si” e “de si”, ou seja, de se auto representar.

Além disso, também foram utilizadas obras relacionadas à construção social do esporte e sua relação com identidade de gênero dos pesquisadores Susan Birrel e Cheryl Cole (1990), Salomé Marivoet (1997, 2014), Silvana Goellner (2004, 2013), Fabiano Devide (2005) e Migliaccio e Berg (2007), Elaine Romero (2016), Ludmila Mourão (2000), Paulo Felix Marcelino Conceição, José Alberto Aguilar Cortez e Antonio Carlos Simões (2004), Pam Creedo (2014) e Nancy Theberge (1993). Em relação especificamente ao jornalismo esportivo (foco deste trabalho), observa-se que as mulheres estão sub representadas enquanto atletas, ou seja, aparecem com baixa frequência nos meios retratadas nem sempre como esportistas, trivializando as experiências dessas, ao focar suas características físicas e emocionais ao invés dos seus feitos esportivos

(DUNCAN, 1994; MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2004; CONCEIÇÃO, CORTEZ, SIMÕES, 2004; DEVIDE, 2005; ROMERO, 2016).

Por fim, também foram utilizados os conceitos a respeito da teoria jornalística de Jorge Pedro Sousa, José Luiz Braga (2012), Beatriz Becker (2005, 2012), José Luiz Aidar Prado (2005, 2018) e Patrick Charaudeau (2016), apontando sobre a importância do jornalismo na contemporaneidade enquanto representante de uma realidade, bem como a importância do receptor (telespectador, leitor ou ouvinte) na decodificação da mensagem. Para José Aidar Prado (2005, p. 41), o jornalismo não pode ser considerado apenas representante da realidade, mas também criador, pois apresenta valores e cria um campo onde o enunciatário se estrutura a partir de posições modalizadas de sujeito. Assim, pode-se considerar que o jornal ordena e sistematiza o real, mas sem ignorar que a sua interpretação é de responsabilidade do leitor/ouvinte/telespectador, por isso, a função de informar somente pode ser exercida por meio de um jogo de espelhos deformados entre emissor e receptor (CHARAUDEAU, 2016; BECKER, 2005).

No capítulo 3, Contextualização Histórica, será abordada a trajetória da mulher na participação no jornalismo esportivo brasileiro e português, bem como sua evolução em relação às funções assumidas nessa editoria. Tanto no Brasil como em Portugal o ingresso da mulher no jornalismo foi considerado tardio. No Brasil, os primeiros relatos de mulheres exercendo a profissão de jornalista ocorreram nos anos de 1920, quando elas trabalhavam majoritariamente nos suplementos femininos. A inserção das mulheres nessa profissão foi relativamente lenta, uma vez que, na década de 1950 (30 anos após os primeiros relatos de mulheres atuando nessa área), o número de jornalistas paulistanas não chegava a 40 (RAMOS, 2010). Como no Brasil, em Portugal a profissão de jornalismo se iniciou como um espaço majoritariamente masculino. Segundo José Luís Garcia (2009, p. 74), entre 1950 e 1970 eram raras as participações femininas na imprensa portuguesa, sendo que o número de ingressos por ano não ultrapassou a 2 nesse período.

No jornalismo esportivo, a entrada na mulher seguiu a tendência da entrada da mulher no mercado de trabalho como um todo: eram grandes as barreiras impostas para as mulheres ingressarem na vida profissional, como a hostilidade presente na própria família até as intimidações físicas, insinuações

de desqualificação, menores salários e assédios sexuais. Na contemporaneidade, apesar de algumas dessas barreiras terem sido superadas, mulheres ainda apresentam várias dessas dificuldades para inserirem no campo do jornalismo esportivo, como apontado nos capítulos 5 e 6 (Brasil e Portugal, respectivamente).

Já o capítulo 4 tratou das metodologias adotadas para as pesquisas aplicadas nesta tese, no caso: pesquisas bibliográficas, análise do conteúdo (levantamento quantitativo das profissionais homens e mulheres atuando nos cargos de apresentação, comentário e narração e dos respectivos programas esportivos televisivos), análise dos programas esportivos (em que constam profissionais mulheres nas funções analisadas nesta tese) e entrevistas com as respectivas profissionais presentes nesses programas.

A pesquisa bibliográfica consistiu em levantamentos de dados e informações por meio de construção de um referencial teórico que articulou as temáticas relacionadas aos estudos de gênero, ao esporte e à comunicação mediática, formando o capítulo 1 desta tese. A análise do conteúdo consistiu em uma pesquisa quantitativa para mensurar a presença das mulheres em todos os programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa (veiculados no período analisado), comparando com a presença e as funções desempenhados pelos homens nesses programas (em abril de 2017 em Portugal e em novembro de 2017 no Brasil). Os resultados desta etapa da pesquisa encontram-se disponibilizados nos itens 5.1 (referente ao cenário brasileiro) e 6.2 (referente ao cenário português) deste trabalho.

A segunda análise foi realizada nos programas que possuem mulheres em seu quadro de profissionais (nas funções de apresentadoras, comentaristas e/ou narradoras), no caso, os programas brasileiros analisados foram: Jogo Aberto (TV Bandeirantes), Terceiro Tempo (TB Bandeirantes), Gazeta Esportiva (TV Gazeta), Mesa Redonda (TV Gazeta) e Esporte Espetacular (Rede Globo), e os portugueses foram Liga dos Campeões (RTP1 e RTP2), Mais Bastidores (TVI 24) e Mais Futebol (TVI 24). Para tal, foram estudas as falas, vestimentas, pronomes e enquadramento dessas jornalistas, a partir da qual foi possível construir interpretações do uso das palavras, dos gestos e das relações, expondo níveis aparentemente opacos. Nesse sentido, foi analisado também o tipo de discurso que as profissionais assumiram nos programas esportivos, bem

como os discursos a respeito delas veiculadas nessas edições, de maneira a ponderar como elas são tratadas, como são nomeadas, o enquadramento que recebem e como se vestem criando subsídios para descrição do perfil e da função assumidos por essas profissionais.

Por fim, as entrevistas (presente nos itens 5.3 [Brasil] e 6.4 [Portugal] deste trabalho) foram aplicadas individualmente em conversas pessoais ou via Skype, a partir de um roteiro com questões abertas. Foram entrevistadas as jornalistas que atuam como apresentadoras nos programas esportivos veiculados na televisão aberta brasileira e portuguesa, sendo elas: Anita Paschkes, Claudia Reis, Juliana Rios, Luciana Vitorino, Michele Gianella e Mylena Ciribelli (brasileiras); e, Inês Gonçalves, Rosa de Oliveira Pinto e Claudia Lopes (portuguesas). Esta fase teve o objetivo de ouvir experiências e opiniões das jornalistas a respeito de suas relações, dificuldades, desempenhos e trajetórias nesse campo de atuação.

Já os capítulos 5 e 6 abordaram os programas de esportes televisivos do Brasil (capítulo 5) e de Portugal (capítulo 6). Em um primeiro momento, foram enumerados todos os programas da televisão aberta desses dois países (sendo no Brasil considerada a programação da região de São Paulo/Campinas), quantificando a presença de homens e mulheres como comentaristas, narradoras(es) e apresentadoras(es), com objetivo de verificar se havia discrepância na distribuição dessas funções, ou seja, se ocorria predominância numérica de um dos gêneros. A partir disso, foram selecionados apenas os programas em que havia participação feminina em ao menos um dos cargos estudados (narração, comentário e/ou apresentação), analisando as relações entre as(os) participantes e a imagem construída a partir de falas, gestos e/ou posturas. Por fim, temos as entrevistadas com as profissionais, de maneira a compreender a visão dessas mulheres sobre suas trajetórias, dificuldades, percepções e alegrias a respeito desse campo de atuação.

Por fim, os capítulos 7 e 8 apontaram os resultados da pesquisa (resumos dos principais dados obtidos), bem como reflexões a respeito das possibilidades de atuação das mulheres nesse campo do jornalismo esportivo e suas principais dificuldades; a análise desse cenário e propostas para novas pesquisas relacionadas à gênero e jornalismo esportivo.

Vale ainda apontar que este trabalho foi financiado pelas agências de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (estágio realizado no Brasil) e pelo programa *Erasmus Mundus Programme for South America - SUD-UE*, pesquisa realizada em Portugal. Assim, para efetivação desta tese, foi realizado um estágio em Lisboa (Portugal), no período de setembro de 2016 a julho de 2017, sendo a pesquisadora recebida na Universidade Católica Portuguesa (UCP). Nesse período foi possível coletar dados bibliográficos a respeito de gênero e esporte, bem como realizar as pesquisas de campo referentes à realidade portuguesa, ou seja, coleta dos programas e entrevistas com jornalistas desse país. O programa também possibilitou a parceria com o Centro de Pesquisa e Estudos Sociais (CPES) da Universidade Lusófona, onde, em estágio com a prof. Dra. Salomé Marivoet, foi possível realizar uma nova pesquisa a respeito da representação das atletas em jornais esportivos impressos portugueses.

Como já apontado, o esporte e o jornalismo constituem duas instituições historicamente masculinizadas, binárias e heteronormativas, veiculando e contribuindo para a manutenção de representações sobre o que é ser feminino e masculino a partir dessas referências. Nesse sentido, torna-se importante a discussão sobre a representação da mulher no jornalismo esportivo, de maneira a verificar se os cargos e funções nessas esferas são distribuídos de acordo com definições estereotipadas de masculino e feminino ou promovem novas reflexões sobre possibilidades de atuação para todas(os).

Assim, esta pesquisa busca trazer benefícios para a sociedade ao apontar e discutir se ocorre a desigualdade de gênero no âmbito do jornalismo esportivo, mais especificamente em programas de esportes televisivos brasileiros e portugueses (da televisão aberta), e, caso ocorra, denunciar o preconceito de gênero constatado a partir do antagonismo na forma de tratamento entre homens e mulheres que trabalham com comunicação e esportes, demonstrando em quais situações esse segmento ainda é regido por uma cultura androcêntrica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Gênero e ideologia

De acordo com Judith Butler (2008, p. 59), gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Portanto, gênero consiste em um produto social, que é compreendido, representado, institucionalizado e transmitido por gerações na relação de símbolos culturais, instituições sociais e identidades sociais (WINCK, 2009).

A construção de gênero ocorre cotidianamente por meio de funções, vivências sociais e representações que apontam o que é ser e como se comportam homens e mulheres. Torna-se, portanto, errônea a ideia de que as diferenças de aptidões e comportamentos entre homens e mulheres são naturais, pois essas diferenças consistem em uma construção histórica, cultural e social. Considerando esses aspectos, a palavra gênero utilizada para se referir à organização social das relações entre os sexos (SCOTT, 1988, apud VENTURA 2007), bem como sua importância enquanto categoria de análise histórica, tem sido utilizada por feministas e autoras(es).

Esse conceito rejeita o determinismo biológico que conferia às mulheres o espaço privado e aos homens o espaço público, oferecendo a essas o matrimônio e a maternidade e a esses a participação política, social e econômica. É ainda um discurso baseado no determinismo biológico que afastou por décadas as mulheres do esporte e do jornalismo (como será apontado nos próximos itens deste trabalho), promovendo e justificando a exclusividade masculina nesses campos.

Vale ressaltar ainda que, inicialmente gênero e sexo eram definidos apenas a partir de uma representação binária entre cultura e natureza, onde características individuais de gênero eram construídas por meio da concepção do que significava ser homem e mulher. Assim, gênero estava associado ao caráter e comportamento, enquanto sexo à concepção biológica. No entanto, nos anos 90, a legitimidade à suposta homologia entre diferenças biológicas e sociais, criadas a partir da diferenciação entre sexo e gênero, é retirada por

correntes feministas que reelaboram o significado desses termos. Esse pensamento passa a ser considerado limitado porque não questiona a posição binária homem/mulher mantendo essas categorias como dicotômicas (MARIANO, 2005, p. 488).

Joan Scott é uma das teóricas que propõe a reformulação das conceitualizações de gênero, considerando esse como categoria de análise que possibilita compreender a construção social da diferença sexual. Outra teórica é Judith Butler que desenvolve uma discussão a respeito dos modos de operação das relações binárias, confrontando conceitos que estabelecem as identidades como fixas. Por isso, Judith Butler (apud PISCITELLI, 2018, p. 15)

> considera que o gênero não deveria ser pensado como simples inscrição cultural de significado sobre um sexo que é considerado como 'dado'. Gênero deveria designar o aparelho de produção, o meio discursivo/cultural através do qual a natureza sexuada, ou o sexo 'natural' são produzidos e estabelecidos como pré-discursivos.

Como apontado, para a teórica, gênero consiste na estilização repetida do corpo participante de um rígido marco regulador, produzindo a aparência de natural. De forma geral, as autoras que tem participado das discussões de gênero, tendem a negar a naturalização na conceitualização da diferença sexual, rejeitar pressupostos universalistas na distinção sexo/gênero, repensando o gênero como fixador de identidades, mas considerando as diversas configurações de poder presentes em contextos históricos e culturais específicos (PISCITELLI, 2018, p. 16).

Assim, na contemporaneidade (para as feministas pós-estruturalistas), o sexo também é considerado como uma categoria determinada pela cultura e história, ou seja, o corpo é apreendido a partir de formas sociais. Para tal, a biologia é levada para o campo do social, e ocorre um discordância do conceito de que somente é possível fazer teoria social sobre o gênero, enquanto o sexo pertenceria ao corpo e à natureza, de maneira a questionar se o sexo possui uma história ou se consiste em uma estrutura dada, isenta de questionamentos devido uma materialidade considerada indiscutível (BUTLER, 2008). Assim, feministas pós-estruturalistas rejeitam a "distinção entre sexo e gênero e a ideia de que gênero é uma interpretação cultural do sexo, na medida em que o próprio

sexo é tomado também como cultural e, portanto, constituído discursivamente. É o discurso cultural hegemônico que normatiza as estruturas binárias de sexo e gênero, estabelecendo limites para as possibilidades de configurações do gênero na cultura" (MARIANO, 2005, p. 492).

Dessa forma, "a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado" (LOURO, 2008, p. 18).

A ideia de que feminilidade e masculinidade consistem em representações ou máscaras está presente em discussões teóricas desde a primeira metade do século XX, no entanto, apenas ao final da década de 80 que é formalizado o conceito de que gênero é algo que se faz, se (per)forma na interação e que não é reduzido a atividades individuais. Neste sentido, gênero consiste em um

> produto de uma construção metódica, rotineira e recorrente, levada a cabo pelos indivíduos no contexto de suas interações cotidianas. Ao gerir a sua conduta com base nas normas sociais sobre as atitudes e atividades que são apropriadas ao seu sexo, e ao descrever, avaliar ou explicar as condutas e traços de outras pessoas em função do sexo delas, os indivíduos fazem gênero, isto é, constroem diferenças entre mulheres e homens que não são naturais ou biológicas (PEREIRA, 2012, p. 48).

Assim, ao abordar condições referentes à mulher considerando apenas aspectos biológicos comete-se um reducionismo, pois a análise das questões femininas envolve processos históricos de desenvolvimento social, a materialidade da vida cotidiana e o simbólico das vivências e consciências. Segundo Judith Butler (1990 apud PEREIRA, 2012), a ideia de que gênero é estável e essencial faz com que regimes de poder e desigualdades entre homens e mulheres sejam legitimadas(os).

Por isso, Judith Butler considera gênero como um conjunto de normas repetidas sobre o corpo responsável pela geração de aparências que tornam os sujeitos culturalmente "viáveis" ou "inviáveis". Dessa forma, "ser" de determinado gênero seria teatralizar as representações estabelecidas por conceitos culturais desse gênero, sendo essa uma prática insistente, insidiosa, sustentada e

regulada por vários meios sociais. Assim, a performance não é singular, pois é a reiteração de normas mesmo que seja de maneira que dissimule que se trata de uma repetição, sendo, portanto, o gênero uma identidade formada a partir da reiteração das normas de gênero que se apresentam como forma “da pessoa”.

Essa repetição é “a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, e, também, é uma forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2008, p. 200). Assim, gênero é gerado performaticamente por meio de práticas que regulam a coerência de gênero, no caso na sociedade ocidental contemporânea, numa lógica normativa heterossexual, binária, onde existem apenas dois sexos e dois gêneros: macho x fêmea, masculino x feminino.

Por meio dessa lógica são estabelecidos espaços e ideais de comportamento para homens e mulheres, emitindo valores de masculinidade e feminilidade. Além desses fatores, Judith Butler (2008) vai além e dissolve a dicotomia sexo e gênero, ao expor que na sociedade contemporânea há uma “ordem compulsória” que impõe uma “coerência” (de ordem heterossexual) entre sexo, gênero e desejo/prática. Para a teórica é necessário desfazer essa “ordem compulsória” desestabelecendo as ligações obrigatórias e impostas socialmente entre esses fatores (sexo, gênero e desejo), surgidas a partir de uma matriz binária baseada no antagonismo entre feminino x masculino. Isso ocorre a partir de uma performatividade que repete gestos, atos e signos culturais reforçando a concepção tradicional de corpos femininos e masculinos.

Sendo que as “imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses dois gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor do domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece” (BUTLER, 2008, p. 162). Dessa forma outros tipos de identidade não podem existir, ou seja, é necessária (como já apontado) a coerência entre sexo, gênero e desejo/prática. Quando o gênero não decorre do sexo ou o desejo/prática não decorrem do sexo e do gênero há sujeitos que subvertem a ordem compulsória, já que se tornam em seres que não podem ser nomeados, que não “fazem sentido” na perspectiva de uma matriz cultural, portanto, não são pensados, entendidos ou nomeados.

Além dessa questão, vale ainda ressaltar que especificamente, na sociedade ocidental (brasileira e portuguesa), a distribuição de poder é realizada

de forma desigual entre os sexos, cabendo à mulher uma posição subalterna. Em relação a isso Maria Rita Kehl afirma que

> o que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser *objeto* de uma produção discursiva, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua 'natureza', sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens - sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna - e não a verdade 'da mulher' (KEHL apud FISCHER, 2009).

Conforme Adriana Piscitelli (2018, p. 02) diferentes correntes feministas reconhecem a existência de uma subordinação feminina, decorrente da maneira como as mulheres são construídas socialmente, negando fatores naturais para tal. Dessa forma, percebe-se, que por ser construída, pode ser modificada, nesse sentido o espaço social ocupado pelas mulheres não é rígido. No entanto, as diferenças de gênero ainda persistem, pois ideais androcêntricos ainda são colocados de maneira difusa no inconsciente coletivo, como, por exemplo, na educação voltada às mulheres que as ensina a ser educadas, sensíveis, afetuosas e maternais, ou seja, serem servis, aceitarem as diferenças de gênero e não brigarem pelo poder ou ter condições de reverter a forma como esse é exercido. Nesse caso,

> os estereótipos sexistas influenciam as expectativas das pessoas, de modo que cada um vê e recorda as atitudes e comportamentos que concordam com o estereótipo. Enquanto cada mulher, individualmente, pode ser vista como exceção e saber que é diferente do estereótipo, o próprio estereótipo funciona no sentido de rotular cada mulher capaz como sendo uma exceção. Desconhecendo o número de mulheres bem-sucedidas e nada semelhantes ao estereótipo, todos encaram cada uma delas como exceção e assim o estereótipo permanece inalterado (BARDICK, 1981, p. 54).

O conceito do patriarcado surgiu justamente para distinguir forças específicas na manutenção do sexismo, mostrando que a subordinação feminina era decorrente da naturalização de um fenômeno contingente e histórico que pode ter fim. No entanto, apesar dessa importante diferenciação apontada pelo

termo “patriarcado”, na contemporaneidade, esse é questionado e tem sido abandonado por ser trans-histórico e transgeográfico, ou seja, é aplicado como se fosse aplicado igualmente independente de fatores culturais e sociais. E, para Butler (2003, p. 35), “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (apud MARIANO, 2005, p. 487).

Para Silvana Mariano (2005, p. 486), a contribuição da teoria pós-estruturalista para o feminismo baseia-se também, justamente, na crítica ao universalismo, ao essencialismo, ao binarismo e ao racionalismo iluminista, permitindo que o sujeito seja compreendido como plural, heterogêneo e contingente. Além disso, também inclui “o reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro de significados e de representações culturais, os quais por sua vez encontram-se marcados por relações de poder” (COSTA, 2000, p. 57 apud MARIANO, 2005, p. 486).

Esse universalismo é criticado inclusive na construção de um sujeito feminista universal, já que a ideia de uma mulher também é excludente, opressora e dominante, pois omite outras varáveis como raça e classe, por exemplo. Além disso, os problemas que afetam as mulheres não podem ser analisados isoladamente inclusive do contexto geográfico (BRAH, 2006, p. 341).

Assim, o conceito de gênero pode variar conforme local e período, como apontado por Joan Scott (1994, p. 13 apud CARVALHO, 2011, p. 104), “gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais, esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo (...) determina univocamente como a divisão social será estabelecida”. A partir disso, é importante considerar a existência de uma pluralidade de masculinidades e uma pluralidade de feminilidades e compreender que homens e mulheres não consistem em grupos homogêneos, opostos e radicalmente distintos e que nem todos os homens e todas as mulheres compartilham todas as características de formas idênticas.

O gênero é construído e representado de formas diferentes conforme as relações de poder que o cercam, pois perpassam processos econômicos, políticos e ideológicos, por isso, “mulher” não é considerada por feministas como

uma categoria unitária. Para Avtar Brah (2006) a diferença pode ser considerada de 4 maneiras:

1. Diferença como experiência (que considera experiências individuais, sentimentos pessoais e a compreensão das mulheres sobre avida diária, ou seja, o processo de significação tanto simbólico como narrativamente. “Pensar a experiência e a formação do sujeito como processos é reformular a questão da “agência”. O “eu” e o “nós” que agem não desaparecem, mas o que desaparece é a noção de que essas categorias são entidades unificadas, fixas e já existentes, e não modalidades de múltipla localidade, continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas” (BRAH, 2006, p. 361), de maneira que o sujeito adquire e atribui significado a suas relações.

2. Diferença como relação social: como a diferença é constituída por meio de discursos econômicos, culturais, políticos e de práticas institucionais.

3. Diferença como subjetividade: reconhecimento de que as emoções, sentimentos, desejos e fantasias pessoais não podem ser compreendidos exclusivamente por instituições sociais, pois se constituem em e através da experiência “exterior” e “interior”. Portanto, a formação de subjetividade é tanto social, como subjetivo resultando em posições específicas do sujeito que são socialmente produzidas.

4. Diferença como identidade: identidade pode ser compreendida como “o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o ‘eu’” (BRAH, 2006, p. 371).

Joan Scott (2005, p. 15) em sua obra o Enigma da Igualdade coloca três questões a respeito de identidade e grupo:

> 1. A igualdade é um princípio absoluto **e** uma prática historicamente contingente.
> 2. Identidades de grupo definem indivíduos **e** renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade.
> 3. Reivindicações de igualdade envolvem a aceitação **e** a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação. Ou, em outras palavras: os termos de exclusão sobre os quais essa discriminação está amparada são ao mesmo tempo negados e reproduzidos nas demandas pela inclusão.

Nesse sentido a igualdade não constitui a falta da diferença, mas o ato de ignorá-la. Em grupos, as identidades de individualidade e os indivíduos são determinados por um único elemento, o norteador do grupo: raça, gênero, religião, entre outros. A identificação de um grupo de minoria geralmente ocorre por uma diferenciação de poder (e não quantidade numérica) onde as características específicas desse grupo consistem na razão e racionalização de um tratamento desigual.

Segundo Joan Scott (2005, p. 19), a redução de um indivíduo a uma categoria pode ser devastadora ou de apoio: pode ser transformado em estereótipo (quando objeto de discriminação) ou encontrar suporte e solidariedade (quando é acolhido por seus pares). A autora ainda propõe analisar e questionar "como os processos de diferenciação social operam e desenvolver análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais" (SCOTT, 2005, p. 29). Dessa forma, "o reconhecimento dos outros é essencial para o desenvolvimento da percepção de si mesmo. Ter o reconhecimento negado, ou ser 'não reconhecido', é sofrer tanto uma distorção da relação de alguém consigo mesmo, quanto um dano à identidade de alguém" (FRASER, 2010, p. 117).

Nancy Fraser (2010, p. 118) aponta que há duas correntes pelas quais as políticas de identidade tendem a deslocar as lutas pela redistribuição:

> 1. Aponta o não reconhecimento como o resultado de depreciação cultural onde o problema está nos discursos descomprometidos e nas significações e normas institucionalizadas.
> 2. Percebe que injustiças culturais estão ligadas às econômicas, mas compreende essa má distribuição como efeito secundário do não reconhecimento.

Esse deslocamento não permite a compreensão de que as relações seguem lógicas próprias nem totalmente reprimidas, nem subordinada à cultura. Além disso, esse modelo tende a reificar a identidade, focando a importância de elaborar uma identidade coletiva autêntica.

Assim, para a autora o modelo identitário de reconhecimento é deficiente e problemático. Por isso, propõe tratar o reconhecimento como uma questão de *status* social. Dessa forma, o não reconhecimento não é decorrente de uma

deformação ou dano cultural, mas institucionalizada numa relação de subordinação social, ou seja, o não reconhecimento significa que foi “negado o *status* de parceiro integral na interação social, como uma consequência de padrões institucionalizados de valor cultural que constituem uma pessoa como comparativamente não merecedora de respeito ou estima” (FRAISER, 2010, p. 121).

Além disso, esse não reconhecimento não é repassado por meio de representações independentes, mas de modelos institucionalizados que categorizam determinados grupos como normativos e outros como “inferiores”, impedindo-os de participarem como iguais.

Nesse sentido, em relação ao objeto deste estudo, é válido refletir sobre: em quais circunstâncias a diferença entre os gêneros importa para a inserção e tratamento das mulheres no esporte? Como é que o gênero interfere nas designações de tarefas no jornalismo esportivo? Como isso veio a acontecer? Há contexto no jornalismo esportivo onde gênero se torna fator primário de identidade? Como estruturas institucionais (dos veículos de comunicação) produzem ou transformam ou poderiam produzir ou transformar fronteiras entre gêneros? Há formas coletivas ou individuais de resistência às identidades de gênero neste grupo estudado?

Numa formação social há dois tipos de realidade: um de essência (profundo e não visível) e outro de aparência (superficial e fenomênico). Somente o nível da aparência percebe-se de imediato, apresentando-se como totalidade da realidade. E é a partir desse nível fenomênico que se constroem ideias dominantes (racionalizações que explicam e justificam a realidade) numa dada sociedade.

A partir do nível aparente, constroem-se os conceitos de individualidade, de liberdade como algo individual, bem como as ideias da desigualdade como algo natural dos homens, uma vez que uns são mais inteligentes ou mais espertos que os outros. Daí se deduz que as desigualdades sociais são naturais. A ideologia é exatamente esse conjunto de ideias que justificam e explicam a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens. A ideologia se contém no objeto, no social, e não se reduz apenas à consciência dos agentes sociais. “É uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas e expressa-as de um modo

invertido" (FIORIN, 1988, p. 29). Assim, ideologia pode ser entendida como uma "visão de mundo", de uma classe social a respeito da realidade, sendo, desta forma, o modo como um grupo ordena, justifica e explica a ordem social.

Segundo Severino (1986, p. 29-30) e Marilena Chauí (1980, p. 18-21), o processo ideológico decorre da relação de consciência à realidade social (posicionamento da consciência frente à realidade social); de seu conteúdo apresenta-se como verdadeiro e válido, visando legitimar as condições sociais (parecendo verdadeiras e justas); da camuflagem das reais condições da situação social; envolvem o jogo das relações de poder (os valores, que se sobrepõem às representações, estão enraizados nas relações de poder) e consiste em um processo inconsciente e coletivo, ou seja, a ideologia camufla a dominação e oculta a presença do particular dando-lhe a aparência do universal, sendo um conjunto de normas que tende a trazer dominação e manipulação.

Assim, a partir de alguns fenômenos da realidade, constroem-se as ideias dominantes, que são racionalizações que explicam e justificam a realidade, inclusive, demonstrando as desigualdades como fatores naturais. John Thompson define ideologia relacionando-a com as relações de poder, que circulam em contextos sociais específicos. "O conceito de ideologia deve ser usado para referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas e presentes em relações de dominação (...). Ideologia é sentido a serviço do poder" (THOMPSON, 2001, p. 53). Ainda segundo esse autor, o termo ideologia está profundamente ligado às características de ação, de interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a suas funções na vida social.

Assim, nosso comportamento é também motivado por expectativas sociais existentes dentro de sistemas sociais nos quais interagimos com outros do que por nossas predisposições íntimas. Todo grupo a que pertencemos exerce um conjunto de controle sobre nós, afinal, se quisermos permanecer participando deste teremos de aderir às suas normas, desempenhar o papel a nós atribuídos, submeter-nos ao sistema hierárquico. São esses fatores externos que modelam nosso comportamento – as expectativas e exigências sociais dos

outros – e não apenas sentimentos, preferências ou atitudes íntimas (DE FLEUR, 1993, p. 301).

Então, para modificar expectativas sociais, fornece-se à aparência do consenso, mostrando que as definições fornecidas são apoiadas pelo grupo relevante e que deixar de segui-las constituiria inaceitável comportamento desviante. Ou seja, “uma estratégia consagrada, pois, é apresentar as expectativas sociais do grupo no qual a ação deve ocorrer, fornecendo definições culturais de qual conduta é apropriada” (DE FLEUR, 1993, p. 302). Além da necessidade de interação, a necessidade de experimentar um mundo coerente é um forte fator motivador que modela nosso comportamento, por isso, manter estruturas já consolidadas torna-se mais atrativo para a maioria do que questionar valores estruturados, facilitando o processo de perpetuação de papeis, conceitos, ideias e estruturas sociais.

Assim, pode-se dizer que a formação ideológica é o conjunto de ideias que revelam a compreensão de mundo de um grupo. No entanto, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem, assim, cada formação ideológica corresponde a uma discursiva. As formações ideológicas só existem devido às formações discursivas, pois é o discurso que materializa essas representações. É, também, através dos discursos assimilados que o homem aprende como ver o mundo e é através de sua fala que, na maioria das vezes, os reproduz. E como o homem não está livre de todas as coerções sociais, pois a maioria de suas relações é necessária, não se pode dizer que ele é apenas um indivíduo que reside no espírito, mas, também, resultado de relações sociais ativas e inteligentes, ou seja, que dependem, como Gramsci mostrava, “do grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual” (FIORIN, 1988, p. 36). Assim, o homem é limitado por relações sociais, enquanto a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada grupo de um membro social.

2.2 Meios de comunicação e representações sociais

A sociologia francesa esteve a partir de Durkheim e Mauss, envolvida com a formulação de teorias que dessem conta dos fundamentos da vida social, compreendendo-a como essencialmente simbólica. Da noção de consciência coletiva, Durkheim chegou a noção de representações sociais, definidas como

elementos reais e atuantes que, entretanto, não são fatos puramente físicos (CEMIN, 1998).

As representações são consideradas por ele como a trama que tece o social e que se origina da associação entre os homens, sem dela ser uma decorrência direta, instantânea ou mecânica. Esse processo de surgimento das representações pela associação humana fica tão mais invisível quanto maior for a complexidade social que, para Durkheim (apud CEMIN, 1998), liga-se às relações entre território, densidade populacional e comunicação.

Nesse sentido, as representações coletivas são imagens, que, embora resultem das sensações, não podem ser explicadas apenas pelo estado do cérebro nem pela morfologia social. Ou seja, as representações e a forma como a sociedade imagina, projeta e objetiva denominando e classificando são sempre imaginárias porque o modo de instituição do social é o imaginário[1].

De acordo com Moscovici (2003), a partir da II Guerra Mundial, a sociedade deixou de fundamentar-se no trabalho ou na crença, para fundamentar-se na comunicação ou na produção de conhecimento. Por isso, a teoria das representações sociais assumiu a comunicação e as representações como centros para explicação dos elos que unem a psicologia humana com as questões sociais e culturais contemporâneas.

O motivo de se criarem as representações partilhadas é justificado pelo desejo de se familiarizar com elas, numa tentativa de estabelecer uma ponte entre o estranho e o familiar, e não apenas numa busca de um acordo entre as ideias particulares e a realidade. Vale ressaltar que, em casos nos quais existe

[1] Imaginário, é definido por Walter Benjamin como o sistema de ideias e imagens de representação coletiva que todas as sociedades criam para si, apresentando-se não como o contraponto do real (o não-real imaginado), mas como um outro lado do real, que nele se apoia, e que comporta as dimensões do sonho, da utopia, do inconsciente coletivo e também da ilusão do espírito, das intenções deliberadas e das seduções ideológicas (PESAVENTO, 1995). O imaginário é a estrutura oposta e complementar do real. Sem ele não haveria real para o homem, nem haveria realidade humana. Assim, algumas vezes, o imaginário se apresenta como um real mais real do que as condições concretas da existência, mobilizando as ações dos indivíduos, motivando práticas sociais e legitimando situações. Mas, por outro lado, o imaginário não se exprime ou mede pela sua autenticidade para com o real, pois enquanto representação, evoca outra coisa não explícita e não presente. O imaginário é uma representação e a representação, uma imagem, algo que se apresente/representa como mensageira de um significado que não é explícito. A elaboração de ideias-imagens de representação coletiva se constrói a partir de uma vivência ao mesmo tempo social e cultural, e tais definições determinam, ou condicionam, o que se vê ou se faz. Essas imagens construídas no passado não pertencem apenas a uma época já vivida, elas podem e se tornam legíveis num outro tempo, quando se estabelece uma sincronia (PESAVENTO, 1995, p. 38).

certa distância em relação à realidade não representada pelo grupo, as representações tendem para o conservadorismo e, para a confirmação de seu conteúdo significativo.

Ainda de acordo com Serge Moscovici (2003), as representações sociais objetivam tornar a comunicação não-problemática e reduzir as incompreensões dos outros, e, são formadas por meio de influências recíprocas e da comunicação. Para tal, o autor define as representações sociais sob duas óticas:

1. Estática: as representações se mostram semelhantes às teorias que ordenam ao redor de um tema que classifica, descreve ou explica coisas. Essas ilustram os valores que introduzem uma hierarquia e seus modelos de ação e podem tornarem-se rígidas dependendo da flexibilidade do grupo e da rapidez da comunicação do conhecimento e das crenças.

2. Dinâmica: “as representações se apresentam como uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias”.

Além disso, para Moscovici (2003), as representações são sociais, pois possuem um aspecto impessoal (pertence a todos); trata-se de representações de outros pertencentes aos demais, e, são pessoais, pertencentes ao ego. Com o desenvolvimento da tecnologia da comunicação, perdeu-se a referência direta de cada uma das representações, ocasionando uma representação da representação. Por isso, não é mais correto considerar as representações como uma cópia da realidade ou reflexo dessa, afinal as representações evocam também o que está ausente no mundo.

É importante ressaltar que conteúdos e sentidos variam numa mesma sociedade conforme as especificidades do universo consensual e reificado e os contextos da comunicação em que essas representações são elaboradas. Por isso, é necessário considerar que em uma mesma cultura existem mais de uma racionalidade e de uma forma de repensar e comunicar.

Outro teórico a estudar o conceito de representação foi Stuart Hall (2000). Segundo ele, representação consiste na produção de significados por meio da linguagem e num construto político em processos socioculturais, ou seja, uma construção social que ocorre por meio de um mapa conceitual. Trata-se de uma construção simbólica e intersubjetiva que ajuda na compreensão do contexto e ocorre por meio da negociação dos entendimentos sobre o mundo,

reafirmando pertencimentos e construindo identidades (convém salientar que Stuart Hall (2000) diferencia identidade de identificação, pois esta evidencia a ideia de processo nunca completo, de uma prática constante de significação).

As identidades “têm a ver não tanto com as questões ‘quem somos sós’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 108).

Já segundo Woodward (apud FILHO, 2005, p. 20), “é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar”. Essas representações são organizadas e reguladas por discursos que circulam, colidem e articulam-se em diversos espaços, como o mediático, por exemplo.

As representações sociais abordam a interação entre indivíduo e sociedade, ou seja, como os indivíduos constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social e como a sociedade constrói esse conhecimento com os indivíduos, por meio de uma orientação simbólica e fornecimento de repertório comum para interpretações. As representações são, portanto, formuladas nas práticas cotidianas, por meio das construções simbólicas que orientam as culturas e produções de significados. Essas representações têm a função de explicar e compreender a realidade, de definir a identidade e especificidade dos grupos, e, de orientar e justificar comportamentos. Por isso, a importância de discutir essa temática e como as representações são perpassadas aos sujeitos.

Assim, a representação social é partilhada por indivíduos e é produzida em coletivo, sendo resultado da atividade cognitiva e simbólica de um grupo. Além disso, não é apenas racional e cognitiva, é também um conjunto amplo de sentidos criados e compartilhados socialmente, responsável pelos motivos que levam um sujeito a tomar determinadas atitudes (VIZEU JUNIOR, 2006, p. 36).

De acordo com Denise Jodelet (apud SWAIN, 2009), as representações são encontradas em todas as formas de comunicação (conversa, literatura, discurso científico, mediático, entre outros). Ou seja, as representações são organizadas e reguladas por discursos que circulam, colidem e articulam-se em diversos espaços, como o mediático, por exemplo.

Toda forma de comunicação de um grupo, em seu espaço de recepção e interação, veicula representações sobre homens, mulheres e a sociedade. Um desses casos, como dito acima, consiste no discurso dos meios, que muitas vezes, recuperam ou atualizam representações excludentes e hierarquizadas de gênero sob novas roupagens, quando homens e mulheres continuam a ocupar lugares tradicionalmente traçados segundo a “natureza” feminina ou masculina.

As representações e identidades são construídas narrativamente, sendo a narrativa mediática um recurso simbólico capaz de definir como os sujeitos são percebidos e avaliados mutuamente. Assim, dentre as possibilidades de representações sociais, encontram-se as representações mediáticas (objeto desse estudo). Em relação a isso, Eduardo Coutinho, João Freire Filho e Raquel Paiva (2008, p. 07) apontam que os meios de comunicação consistem em espaços de poder, pois interferem na formação das consciências e conduções sociais. Dessa forma, possuem função importante na “disputa pela hegemonia, na promoção de ideais identitários, na regulação de comportamentos, na administração da memória, na constituição da opinião pública e na formulação de agenciamentos democráticos”.

De acordo com João Freire Filho, o estudo das representações com foco nos meios permite avaliar como os “gêneros e artefatos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do *status quo* e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras” (FILHO, 2005, p. 19).

Os meios de comunicação, portanto, podem intervir na forma como a sociedade age, pensa, discute, sente, lembra, convive e resiste, afinal, consistem em instituições que apresentam o discurso de reproduzir valores, padrões e espaços reais (no caso de programas jornalísticos, de novelas, livros e filmes baseados em história real, programas com viés de utilidade pública, por exemplo), por outro lado, também, não pode ser esquecido que a sociedade também interfere nos meios de comunicação e que a interpretação das mensagens é um processo pessoal.

Devido à essa característica dos meios na produção e veiculação de representações, muitos movimentos sociais têm destacado o papel destes na formulação, reconhecimento e legitimação de categorias sociais em desvantagens, vendo-os como construtores de critérios e referenciais para a

condução da vida diária. Um desses movimentos é o feminismo que tem voltado sua pauta de reivindicação para novas representações mediáticas que abarquem a completude de possibilidades femininas, bem como a diversidade das mulheres brasileiras.

Para Beatriz Becker (2012, p. 237) o jornalismo (como outros gêneros mediáticos) busca informar, seduzir, encantar, persuadir e convencer sob determinados regimes de visibilidade. Ou como aponta José Luiz Aidar Prado (2005, p. 41), esse "não busca somente informar, mas construir, por meio de várias estratégias comunicativas, mapas cognitivos para seus leitores, orientando-os para a ação e dirigindo suas formas de ler, situando-os performativamente em certas posições de sujeito enquanto enunciatários".

Dessa forma, apresenta valores e cria um campo onde o enunciatário se estrutura a partir de posições modalizadas de sujeito. Assim, o jornalismo não pode ser considerado como exclusivamente representante da realidade, mas também criador. Nestes casos, os meios de comunicação, ao mesmo tempo em que possuem a função de representar situações "reais", atuam como incentivadoras da formação e perpetuação destas representações veiculadas. Em relação a essas representações, vale ressaltar que os meios não abordam todos os assuntos possíveis, a partir de todos os olhares e possibilidades, pois "não há forma de evitar a reconstrução seletiva da realidade pela simples possibilidade material de abrangê-la em sua totalidade" (BORDENAVE, 2002, p.81).

Assim, os meios escolhem os assuntos que desejam debater e a maneira como irão abordá-los, deixando fora da pauta assuntos considerados de não interesse. Apesar de os meios de comunicação serem importantes dimensões sociais, pois mostram diversas realidades distintas, é preciso considerar que essas não são retratadas em sua totalidade, mas são construídas.

No entanto, os textos de um jornal provocam efeitos de realidade e se confundem com o real já que os personagens e os fatos sociais são reais. Assim, os noticiários criam um mundo e não O mundo, por isso, a importância de compreender como esses discursos se constroem, se estruturam e produzem significações, bem como "o reconhecimento do tipo de realidade que lhe está sendo ofertada e do regime de crença que ela lhe propõe, bem como a

verificação da coerência entre suas propostas e o discurso oferecido" (ROCHA, 2008, p. 90).

Apesar de o jornalismo televisivo informar deformando é preciso considerar que isso, na maioria das vezes, não é intencional, mas inevitável. Além disso, é preciso considerar que os relatos jornalísticos são empregados de subjetividade, apesar de todo esforço que possa ser feito para serem objetivos. Além disso, a comunicação não é controlável, mesmo que os sujeitos tenham intenções, objetivos e se esforcem para produzir previsibilidade, assim não há certeza de sucessos ou sentidos.

Para noticiar algo o jornalismo televisivo primeiramente seleciona em função de 3 critérios: tempo (é o da urgência, onde o evento deve ser convertido rapidamente em notícia, o que resulta em uma informação efêmera e a-histórica), espaço e o acidente (evento a ser transmitido). Após essa seleção, será construído um relato a partir de um cenário dramático ao mostrar a desordem, suas vítimas, perseguidores, convocando uma reparação (ao interpelar os responsáveis) e anunciando a intervenção de um "salvador/herói". Por fim, há a imagem, cujos principais efeitos são: transparência (percepção de que é real e autêntica) e evocação (desencadeia outras lembranças).

No entanto, esse poder de evocação afeta o efeito de transparência, pois a interpretação irá ocorrer a partir de critérios individuais, sendo que o efeito da notícia pode ser diferente para cada pessoa. Assim, a interpretação depende da encenação, mas também da posição do telespectador.

O telespectador encontra-se em dupla posição de espectador: do mundo e da televisão. No primeiro caso, o expectador tem a impressão de participar e partilhar com outros, no segundo, como espectador da televisão, os acontecimentos são mantidos à distância e o julga a partir de seu próprio ponto de vista.

De acordo com Casetti e Chio (1999 apud BECKER, 2012, p. 242), o jornalismo televisivo devido ao caráter realista que transmite e a familiaridade que receptor possui com ela, produz a impressão de que é um espelho do mundo. No entanto, a televisão não reflete a realidade, mas a recria e produz significados a partir de uma linguagem de sistemas de regras próprios. Assim, por essas razões,

> estudar a linguagem televisiva significa analisar o modo como a televisão produz sentidos combinando imagens, palavras e outros elementos da narrativa audiovisual, assim como as regras estabelecidas no texto para as relações entre produtores e receptores. Ver televisão e ler os conteúdos noticiosos audiovisuais publicados na web requer aprendizado e competências para identificar essas regras e compreender o funcionamento da narrativa audiovisual (BECKER, 2012, p. 242).

Além disso, José Luiz Braga (2018) propõe que os processos interacionais se alimentam em sua produção de sentido quando há reverberação mútua entre “falas” e “escutas”, mas que não se pode ignorar que há graus diferentes de escuta e de variações na disponibilidade e no acolhimento.

Portanto,

> não basta que, tendo alguém dito alguma coisa, um processo/efeito se faça em mim, que me modifica, porque eu estava aberto a essa modificação. Parece-me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam umas sobre as outras, ‘se escutam’ mutuamente – e, por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados (BRAGA, 2018, p. 05).

Dessa forma, o destinatário possui a função ativa no processo de decodificação, onde confronta com seu próprio saber com as informações presentes nas narrativas jornalísticas e nas demais narrativas que possui contato. Para José Luiz Aidar Prado (2005, p. 45), a experiência com vários tipos de enunciadores e enunciados permite que o receptor forme sua opinião a partir de um conjunto de vozes, de forma a responder não apenas guiado por mapas construídos por agências mediáticas, participando na construção dos discursos sobre determinado tema. Assim, jornal ordena e sistematiza o real, mas sua interpretação é responsabilidade do telespectador/leitor/ouvinte.

Conforme José Luiz Braga (2018, p. 15) “não é possível ‘separar’ previamente a comunicação de seu contexto interacional. As relações de dupla direção entre esse contexto e o fenômeno são tais que o processo não sobrevive à separação. É preciso inferir o fenômeno, não imediatamente perceptível, a partir de pistas e indícios encontrados no ambiente social de sua ocorrência”.

Para Pinto (1995 apud BECKER, 2012) há 3 postulados responsáveis por essa apreensão das informações e reconfiguração dessas. O primeiro

momento, denominado de semiose infinita, ocorre onde cada significante remete outro nunca alcançando um sentido estável e/ou definitivo. O segundo momento seria o da economia política do significante, onde fenômenos culturais funcionam sob uma lógica de mercado: produção, circulação e consumo. E por fim, o postulado da heterogeneidade enunciativa que relativiza o poder dos meios de comunicação frente ao receptor.

Portanto, “ao abordar esse aspecto performativo da mídia, não estamos falando em manipulação, mas de um fazer que não é da ordem do ato ilocucionário da pergunta, da ordem, da promessa etc. O que faz então? Cria um domínio discursivo e repõe o leitor numa certa franja de posições de sujeitos” (PRADO, 2005, p. 43). Ou, como aponta Charaudeau (2016, p. 16):

> nunca se enunciará suficientemente esse paradoxo da imagem audiovisual que, enquanto pretende ser fiel à realidade, só constrói um aspecto ilusório desta; que, produzindo a emoção, impede que a compreensão se exerça; e que, no entanto, nos oferece uma parte do mundo que não veríamos sem ela. É certo que aquilo que ela nos cede, ela também nos impõe, apresentando unicamente uma parte visível do mundo. Sim, certamente trata-se de uma imposição. Não é, como se diz por vezes, que ela torna o invisível visível; é que ela só torna visível o visível que ela decide manifestar. E isso estabelece um mal-entendido.

Por isso, para Charaudeau a função de informar exercida pelo jornalismo televisivo só acontece por meio de um jogo de espelhos deformados, onde não é possível afirmar que esse gênero de comunicação mostra a realidade tal qual ela é, que não há escolhas ou que é possível considerar que os atores representam uma consciência moral. No entanto, “nem as mídias em geral nem a televisão em particular são um poder. Elas participam do jogo complexo do poder, mas elas só são um lugar de saber e de mediação social indispensável à constituição de uma consciência cidadã, o que já é alguma coisa” (CHARAUDEAU, 2016, p. 22).

Devido essa importância dos meios, muitos movimentos sociais têm voltado sua pauta de reivindicações para a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e questionada, destacando o papel desses na formulação, reconhecimento e legitimação dos seres e de fornecedor de critérios e referenciais para a condução da vida diária e adaptação ao mundo moderno.

Para Guacira Louro, a partir dos anos 60 grupos denominados de minorias (sexuais e étnicas) começaram expor sua inconformidade com as maneiras como eram representados, reivindicando a visibilidade de outras representações a respeito de seus modos de viver, suas estéticas, éticas, histórias, experiências e dilemas, numa exigência pelo direito de “falar por si” e “de si”, ou seja, de se auto representar.

Ao debater a respeito de representações desfavoráveis, é importante conceituar também o termo estereótipo. Este é capaz de transformar em poucos atributos uma variedade de características de um determinado grupo, a partir de um conhecimento apenas intuitivo. Apesar disso, torna-se uma influente maneira de controle social que simbolicamente distingue o “normal” do “anormal”, e pode ser utilizado para naturalizar, legitimar ou universalizar determinados valores, identidades ou regras, modelando o mundo conforme a visão de quem a emitiu (FREIRE FILHO, 2005).

Nesse sentido a discussão de gênero na contemporaneidade também deve ser analisada sob o viés mediático. Conforme João Freire Filho (2005, p. 21), os meios de comunicação “refletem valores sociais dominantes e denigrem simbolicamente as mulheres, seja por simplesmente não as representar, seja por apresentá-las em situações ou atividades socialmente desvalorizadas”.

Considerando esse cenário, partimos do princípio de que uma sub-representação ou uma representação não adequada das mulheres nos meios promove uma incompreensão delas em sua totalidade. Essa representação não adequada pode ocorrer quando a mulher não é retratada, quando não é ouvida como especialista, quando o destaque de sua função está voltado para o âmbito doméstico, entre outros.

Por fim, salientamos que o jornalismo desempenha função fundamental de tornar públicos os assuntos e acontecimentos que serão discutidos e refletidos, em determinado seio social, ocupando um espaço central na divulgação de temas e fatos. Dessa maneira, consiste em importante forma de mediação e integração de sujeitos aos contextos regionais, nacionais e mundiais e de construção de representações a respeito da sociedade; reforçando, questionando ou criando hábitos, costumes e comportamentos. O jornalismo, portanto, não apenas reflete identidades e relações sociais, mas também participa do respectivo processo de legitimação ao produzir e veicular discursos

que influenciam as memórias e as relações sociais (VIZEU JÚNIOR, 2006, p. 34 e 37).

Da mesma maneira que os meios de comunicação e o jornalismo podem veicular representações femininas estereotipadas ou não adequadas com a realidade das mulheres, o jornalismo esportivo (objeto deste estudo), também pode transmitir valores androcêntricos a partir de suas representações. Vale ressaltar, no entanto, que as escolhas de palavras, imagens, ângulos, entre outros, não consistem necessariamente em um processo consciente realizado pelos jornalistas e apresentadores, mas “pode muito bem ser o resultado da absorção inconsciente de pressuposições acerca do mundo social no qual a notícia tem de ser embutida de modo a ser inteligível para o seu público pretendido” (HACKETT, apud COLLING, 2001).

Nesse sentido, podemos observar a influência do jornalismo na formação de valores sociais, mas podemos também observar a reciprocidade dessa relação, onde valores formam a visão do jornalista. Dessa forma, o jornalismo esportivo também possui um papel importante nas questões de gênero, pois, o jornal consiste em uma instituição capaz de transmitir informações. Por isso, a presença de profissionais mulheres seria válida para revalorização e inserção desse público no campo esportivo.

É nesse âmbito que o jornalismo esportivo não somente informa, mas também cria discursos que apoiam a exclusão parcial das mulheres em campos esportivos, por isso, é importante (re)criar espaços femininos, a fim de que as representações femininas nesse campo aconteçam de forma a ter uma participação mais efetiva nesse jogo de poder, colaborando para uma consciência cidadã de que o esporte não é (não deveria ser) genderizado naturalmente.

2.3 Reivindicações feministas a respeito de representações mediáticas

É inegável o avanço das conquistas dos direitos femininos nas últimas décadas. No entanto, muitos teóricos apontam que o sexismo ainda está presente nas sociedades contemporâneas, afetando as relações cotidianas de homens e mulheres (ALVAREZ, 2002; MORENO, 2008). Por isto, movimentos feministas da atualidade mantêm diversas pautas de reivindicações, buscando

alcançar direitos ainda não conquistados pelas mulheres e lutando pela valorização da imagem feminina enquanto sujeito social, político e cultural, cujas idiossincrasias devem ser respeitadas.

Após conquistas de diversos direitos para mulheres, os movimentos feministas contemporâneos lidam com novas pautas de reivindicações, como por representações mediáticas adequadas, respeitosas e que exprimam as diferentes possibilidades de atuações femininas em esferas econômicas, políticas, sociais e culturais. Dessa forma, esses movimentos têm apontado novas pautas de reivindicação voltadas para representações de identidades que contemplem a diversidade de possibilidades e personalidades das mulheres, em substituição às imagens tradicionais e estereotipadas femininas.

Assim, feministas têm inserido em suas pautas de reivindicações a discussão a respeito de adequadas representações de gênero, como pode ser observado a partir das práticas do Instituto Patrícia Galvão, do movimento Articulação Mulher e Mídia e da feminista Rachel Moreno (atuante no movimento feminista e integrante do movimento Articulação Mulher e Mídia, que consiste em uma reunião de diferentes entidades do movimento de mulheres do Estado de São Paulo com intuito de debater e atuar em relação à visibilidade feminina nos meios de comunicação), bem como em movimentos como Empodere Duas Mulheres, Revista AzMina, Think Olga, Não Me Kahlo, Força Meninas, Marias Marias, Todas Frida.

Para esses grupos, os meios de comunicação consistem em possibilidades de campos estratégicos de debates a respeito de políticas públicas e ações voltadas à igualdade de gênero, mas, ao invés disso, reforçam estereótipos androcêntricos ao priorizar o feminino como forma de brinde (como ocorre em comerciais de cerveja) ou de enfeite de cenários (como acontece em diversos programas de auditório). E mesmo nesses casos de representações inapropriadas, as mulheres não são demonstradas de acordo com a diversidade estética da mulher brasileira, pois essas contemplam o mesmo padrão corporal e estético: mulheres jovens, brancas, altas, magras e muitas vezes loiras.

O Instituto Patrícia Galvão é uma organização fundada com o objetivo de atuar em relação ao direito à comunicação e aos direitos das brasileiras. Para a instituição, os meios de comunicação consistem em possibilidades de campos

estratégicos de debates a respeito de políticas públicas voltadas à igualdade de gênero.

Em 2011, em uma pesquisa realizada juntamente com a ANDI – Comunicação e Direitos e a Secretaria de Políticas para Mulheres, no âmbito do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, relatou-se que no jornalismo praticado nesse período não houve um aproveitamento das oportunidades vigentes (como a candidatura inédita de duas mulheres para presidência da república) para trazer ao debate público questões de gênero ocultas na sociedade. Diante disso, a pesquisa afirma que

> o jornalismo analisado é um meio que se volta apenas para a urgência dos fatos, para o relato da notícia, não pensa a realidade em seu todo e em seus aspectos mais complexos, mas reduz a vida em comunidade aos problemas mais cotidianos. Esse tipo de mídia colabora pouco para a formação da opinião pública crítica, capaz de efetivamente cobrar atitudes e soluções do Poder Público (ANDI; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2011, p. 53).

Rachel Moreno aponta que os meios de comunicação possuem a possibilidade de refletir imagens sobre o que se espera e deseja das mulheres na contemporaneidade, e, por isso, o questionamento das imagens femininas veiculadas por esses é importante para a discussão de construção de práticas que promovam a equidade de gênero.

Segundo ela, os meios impõem uma invisibilidade seletiva, pois não divulgam as demandas e diversidades das mulheres e não fornecem espaço para a exposição de diferentes pontos de vista. As mulheres retratadas seguem o mesmo padrão de beleza (jovens, altas e magras) e o mesmo padrão de comportamento: são emocionais, ou seja, sentem, riem e choram, mas dificilmente pensam.

A reprodução de um padrão estético que é distante da realidade da maioria das mulheres é constante nos meios, independentemente do programa ou formato. Ou seja, o padrão de corpo feminino é o mesmo utilizado na publicidade, jornalismo, programas de auditório, programas infantis, novelas, filmes e programas esportivos (MORENO, 2015, p. 05).

Ao estudar os meios de comunicação, a feminista aponta que

> a mulher retratada na mídia tem que ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar à maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidada. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas (MORENO, 2008, p. 45).

Semelhante a essa visão da mulher retratada nos meios, encontramos o posicionamento de Bourdieu a respeito dos comportamentos femininos considerados “adequados”. Nesse sentido, podemos observar uma coerência entre o que “se espera” das mulheres (como apontado por Bourdieu) e como essas são representadas pelos meios de comunicação (como criticado por Rachel Moreno):

> Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2003, p. 82).

Além disso, essa retratação da mulher é utilizada, majoritariamente, de forma a demonstrar “benefícios para o público feminino”: podem ser em forma de enfeites de cenário ou sugestões de como corpo feminino pode ser ofertado como “presente” por uma ação específica ou por compra de um determinado produto. Vale ainda reforçar que esse corpo feminino é explorado por partes e não em sua totalidade (menos ainda na complexidade intelectual, psicológica e social), ou seja, valorizam-se partes eróticas, reduzindo sujeitos a pedaços do corpo que lhes pertence, o que, de acordo com Rachel Moreno, afeta negativamente a autoestima, a saúde e a rotina das mulheres.

Essa sub-representação feminina facilita a consagração desse modelo de mulher mediática, em detrimento de outras formas possíveis. Conforme Foucault (apud MORENO, 2008, p. 31), a reprodução dessas imagens socialmente valorizadas consiste em uma maneira sutil, mas eficiente de controle social, pois ao serem envolvidas por um discurso de veracidade,

constroem práticas, verdades e subjetividades que reprimem modelos diferentes dos padrões mediáticos.

Diante disso, Rachel Moreno sublinha a reivindicação dos movimentos feministas e de mulheres a respeito da veiculação pelos meios de comunicação dos problemas e pautas desses grupos (como por exemplo, equidade salarial, extinção da violência contra mulheres, entre outros). Ou seja, protestam por representações femininas adequadas que respeitem a diversidade ético-social-etária da mulher brasileira e visibilidade dos movimentos feministas (que quando aparecem são representados de maneira minimizada, criminalizada ou ridicularizada) e de suas pautas reivindicatórias.

Por sua vez, o Instituto Patrícia Galvão considera fundamental a importância do jornalismo, por isso, atua de maneira a reivindicar que a imprensa cumpra sua função na esfera pública a partir da contemplação dos direitos femininos. Ou seja, procura contribuir para a qualificação de coberturas jornalísticas a respeito de questões femininas com o intuito de fomentar a promoção de notícias que incentivem o debate e mudanças de gênero (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2015).

Diante destas constatações, movimentos feministas (por meio do Observatório da Mulher) encaminharam, em 2007, um manifesto para as emissoras de televisão brasileira, denunciando as representações femininas veiculadas por elas. Nesse manifesto apontaram a invisibilidade feminina em segmentos mais “sérios” da programação televisiva (inclusive telejornais) e no excesso de papeis estereotipados em programas de cozinha, programas de auditório e propagandas. Também acusaram os programas televisivos de utilizar a imagem feminina de forma vilipendiada (foco apenas no corpo e em comportamentos sexistas) para promover valores e produtos (CIRANDA, 2008).

Recentemente, grupos feministas também têm utilizado mídias sociais (como Facebook, Instagram e Twiter) para discutir suas pautas, inclusive a pauta de novas representações que não sejam estereotipadas (em relação a fatores emocionais, corporais, profissionais e sociais) e que incluam toda diversidade das mulheres; e criticar representações sexistas. Essas mobilizações ocorrem, pois, esses grupos consideram que os meios de comunicação consistem em importantes ferramentas para a veiculação de imagens e valores, podendo

colaborar para a afirmação ou o questionamento dos conceitos sexistas ainda presentes na sociedade contemporânea.

2.4 Participação feminina no esporte

Durante séculos, as diferenças sociais de cada um dos sexos foram naturalizadas e legitimadas por um determinismo biológico que reforçou (e em muitos casos ainda legitima) relações de dominação e a diferença nos espaços destinados aos homens e mulheres, inclusive no esporte. Nesse campo esportivo, as diferenças biológicas tiveram destaque já que características como força, vigor, potência, velocidade, capacidade de autocontrole e agressividade (consideradas, de maneira estereotipada, como características masculinas) foram reconhecidas como importantes para o desempenho de atletas e eram utilizadas para justificar a diferença de possibilidade de atuação de homens e mulheres nesse campo (DEVIDE, 2005, p. 28).

Conforme com Norbert Elias e Eric Dunning (1985), inicialmente o esporte consistia em jogos que representavam uma espécie de confronto ritualizado, algo semelhante a um combate, manifestando um alto nível de violência e expressando uma forma extrema de regime patriarcal, cujo poder se inclinava a favor dos homens. Apenas no século XIX, os jogos tornaram-se sujeitos a determinadas regras relacionadas ao uso extremo da violência, mas a inserção dessas regras não mudou a relação de dominação de gêneros no ambiente esportivo, pois os jogos continuavam (e ainda continuam) a refletir conceitos androcêntricos por consistirem em instrumentos de imposição e expressão de virilidade que, juntamente com competitividade e força, permanecem associados ao ideal masculino.

O esporte além de salientar a virilidade masculina, em sua construção da história ocidental destinou às mulheres práticas que reforçassem características femininas, “[...] submetendo-se às normas que definem o que deve ser o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação etc.” (BOURDIEU, 1983, p.201). Assim, de acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, o esporte é uma ferramenta utilizada por homens para validar sua virilidade e atestar a permanência na participação de um grupo de “verdadeiros homens”. Nesse sentido, as mulheres estiveram à

parte desse segmento durante séculos, sendo que no Brasil e em Portugdal esse cenário não foi diferente.

Os sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning apontam ainda outro fator presente na reformulação do esporte moderno: ela ocorreu concomitantemente ao início dos movimentos feministas (no caso, as sufragistas), sendo assim, no momento em que mulheres começaram a lutar por seus interesses e representar uma ameaça à hegemonia masculina, os homens tenderam a reagir por meio de algumas atividades esportivas, transformando-as em áreas masculinas reservadas, onde era possível reforçar ainda mais a masculinidade (DUNNING, ELIAS, 1985, p. 400). Assim, o esporte tornou-se ferramenta para sustentação de formas tradicionais de masculinidade no contexto social.

O esporte, portanto, se constituiu em um espaço para demonstrações de proezas físicas, que engrandeciam a masculinidade de seus participantes e possibilitava que esses provassem seus valores como homens a partir do referencial simbólico de uma superioridade associada à virilidade e à capacidade física.

Outros teóricos que discutem essa questão são Turini e Dacosta (2002, p. 219) que afirmam que os valores do esporte moderno tiveram sua origem “no cavalheirismo, um comportamento social europeu existente no século XIX, significava o homem nobre, honrado e honesto (*ethos* cavalheiresco), provenientes dos valores cristãos ocidentais e dos valores humanistas relacionados ao Renascimento”. Dessa forma, podemos apontar que o esporte moderno e os Jogos Olímpicos inicialmente foram pensados para os homens da burguesia, visto como uma oportunidade de convívio social e de prazer, onde era possível demonstrar os valores humanistas, tendo o internacionalismo como a base; o *fair-play*, como destaque; e, também, o aplauso das mulheres como recompensa.

De acordo com Pierre Bourdieu (2002, p. 62), aos homens cabiam a tarefa de afirmar e transmitir essa virilidade, que deveria ser mantida em todas as esferas, atestando e creditando às pessoas do sexo masculino o papel de “verdadeiro Homem”, ou seja, daquele que possui força e resistência para proteger e conquistar novos espaços. Ainda conforme o sociólogo, o esporte e os jogos de violência eram considerados ferramentas apropriadas para produzir

signos visíveis da virilidade, ou seja, uma maneira concreta de transmitir a masculinidade.

Dessa maneira, o esporte consistia em um campo de reafirmação de características consideradas ideais de masculinidades, já que foi formado por e para homens, expressando os hábitos que permitissem firmar o masculino, ao relacionar características como violência, força, irritação, resistência, agressão, hostilidade e insensibilidade. Assim, quando as mulheres entraram nesse campo precisavam “jogar como homens e comportar-se como mulheres” (KNIJNIK, SOUZA, 2004, p. 198), afinal, para as mulheres, esse comportamento não era aceito e precisavam manter os valores considerados femininos (também de forma estereotípica) pela sociedade.

Nesse caso, a participação feminina no esporte não era compreendida como algo adequado, como ficou evidenciado nas primeiras Olimpíadas da Era Moderna a partir do posicionamento de Pierre de Courbetin (precursor desses jogos). Na concepção de Coubertin os Jogos serviam para celebrar a masculinidade, vigor, combatividade e visibilidade pública através da prática atleta da força, virilidade e coragem. Durante todo o tempo em que esteve na presidência do COI, Pierre de Coubertin trabalhou para desencorajar os esportes femininos, apesar de sofrer resistências de outros membros do Comitê, que defendiam o direito de participação das mulheres (TURINI; DACOSTA, 2002). Para Devide (2005, p.91), no entendimento de Coubertin, “as atividades atléticas faziam as mulheres parecerem indecentes e grotescas”.

Portanto, a participação das mulheres no início dos Jogos Olímpicos Modernos não era aprovada. A participação feminina era aceita apenas enquanto espectadora, pois as mulheres eram consideradas frágeis e responsáveis pelo cuidado do lar e dos filhos e a prática de esportes poderia prejudicar esses papeis e comprometer as funções maternas.

A construção da participação das mulheres no esporte ocorreu a partir de conceitos biológicos que reforçavam a hegemonia masculina e a submissão feminina, contribuindo para a ideia de inferioridade feminina na prática atlética e, portanto, de necessidade de transformação do corpo feminino para inserção no campo esportivo. Nesse sentido, as mulheres sempre estiveram em desvantagem, já que o esporte era considerado um meio de construção apenas de masculinidades e não também de feminilidades (DEVIDE, 2005, p. 44).

Considerando esse cenário, apenas no início do século XX houve uma inserção significativa da mulher no esporte, ou melhor, em algumas modalidades. No entanto, essa inserção não foi desvinculada do discurso biológico, ao contrário, às mulheres couberam a prática de determinadas modalidades (consideradas mais “leves”), devido à difusão do discurso médico de que determinadas atividades físicas as auxiliariam a ser mais saudáveis e, consequentemente, mais aptas a gerar filhos também saudáveis (GOELLNER, 2004, p. 366). Assim, atividades como dança, ginástica e natação foram recomendadas às mulheres, enquanto, futebol, lutas e decatlo continuavam sendo desaconselhadas, pois poderiam interferir negativamente nos corpos femininos, afetando a feminilidade e prejudicando a saúde reprodutiva.

Dessa forma, a prática da maioria das modalidades esportivas continuava sendo considerada prejudicial para as mulheres, sendo que a proibição era reforçada pelo discurso médico que salientava que poderia haver problemas menstruais, no parto e lesões nos seios e órgãos reprodutivos, sendo a possibilidade de problemas em relação à maternidade a principal justificativa para o afastamento delas (COBERT, 1997 apud DEVIDE, 2005, p. 55).

Portanto, para adentrar no campo esportivo, atletas femininas, ao longo da história, precisaram enfrentar barreiras como ideologias culturais, pseudocientíficas e religiosas (que apontavam mulheres como frágeis, e dessa forma todo destaque feminino no ramo de esportes era rotulado como desvio sexual). Além disso, também tiveram de enfrentar violência simbólica, questionamento a respeito da feminilidade e, inclusive, abusos sexuais (conforme pesquisa realizada em 2000 por Fasting, Brasckenridge e Sundogt-Borgen [apud DEVIDE, 2005, p. 43] com 660 atletas norueguesas, 28% das esportistas sofreram algum abuso sexual advindo de alguma autoridade esportiva ou de outros atletas).

Conforme Fabiano Devide (2005, p. 45), quando as mulheres começaram a se sobressair no esporte, por assumirem atitudes competitivas, foram questionadas em relação à sexualidade, acusadas de serem homens e obrigadas a realizações de testes de feminilidade, sofrendo, portanto, preconceitos e discriminações, por parte das instituições, da sociedade e inclusive por parte dos meios de comunicação. Isso ocorreu, segundo Young (1988 apud DEVIDE, 2005, p. 50), porque as mulheres eram compreendidas

como corpo-objeto e não corpo-sujeito, portanto, com uma natureza incompatível com a prática esportiva. Por isso, para muitas atletas, a escolha entre as expectativas culturais a respeito de feminilidade e os requisitos de excelência atlética geravam um impasse.

Considerando esse cenário que diverge entre feminilidade e desempenho esportivo, Fausto Sterling (2001 apud KNIJNIK, 2010, p. 54) aponta como exemplo os Jogos Olímpicos, nos quais até 1968 (quando começaram a aplicação de testes científicos) as mulheres que participavam das Olimpíadas precisavam passar nuas por uma banca examinadora que julgaria a veracidade da feminilidade.

Essa dicotomia feminino/masculino na elaboração de regras a relacionadas ao campo esportivo esteve presente em diferentes momentos. No Brasil, por exemplo, esses ideais permearam várias esferas e influenciaram inclusive decisões legais a respeito da participação feminina nesse campo. Até o final de 1970, havia discursos legais que apontavam a não aceitação de mulheres em determinadas modalidades, alegando que esse espaço deveria ser masculino, pois as atividades eram maléficas para o corpo das mulheres.

Como exemplo citamos a publicação da Subdivisão de Medicina Especializada (pertencente à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas) de 1940, que declarava que a prática do futebol causava prejuízos às mulheres, justificando a criação do art. 5 do Decreto-lei 3199 de 1941, ao apontar que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Tal decreto foi reforçado pelo Conselho Nacional do Desporto com a deliberação n° 07 de 1965 que proibia às mulheres “a prática de lutas de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e beisebol”.

Apenas no final dos anos de 1970 o decreto foi revogado. Nesse sentido, a proibição da participação feminina em esportes de alta competição durou em torno de 40 anos, ou seja, durante quatro décadas coube às mulheres a oportunidade de atuar apenas como espectadoras não podendo praticar efetivamente futebol e outros esportes considerados legalmente masculinos em competições públicas. Vale reforçar que essa situação não ocorria apenas no

Brasil, já que na primeira edição (1896) próprios Jogos Olímpicos da Idade Moderna (competição mundial) a participação feminina foi vetada, e apenas em 2012, as mulheres puderam participar de todas as modalidades.

Podemos ainda citar, por exemplo, que em diferentes países, nos anos de 1950, atletas musculosas e fortes ainda eram consideradas pouco femininas e ofensivas pela sociedade e pela imprensa, tendo sua identidade sexual colocada sob suspeita (DEVIDE, 2005, p. 107), e, ainda, ao final da década de 1980, nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), existiam sete esportes não permitidos para mulheres (boxe, judô, pentatlo moderno, futebol, polo aquático, levantamento de peso e altura), modalidades que enfatizam o combate corpo a corpo, a agressividade ou propriedades pugilísticas. Já aos homens não era permitida a participação no nado sincronizado e algumas provas na ginástica (como a ginástica rítmica), modalidades que envolvem graça, beleza e precisão e são consideradas atividades graciosas e decorativas (algumas ainda exclusivas à participação feminina até hoje). Essa diferenciação de oferta de modalidades esportivas para homens e mulheres também consiste em um mecanismo que reforçou e reproduziu imagens e identidades de gênero no esporte (DEVIDE, 2005, p. 118).

Como apontado no início deste trabalho, partindo-se de pressupostos unicamente biológicos, excluíram-se as demais vertentes também importantes na construção de gênero, como fatores sociais e culturais. E, nesse sentido, as mulheres passaram a ser julgadas e avaliadas no esporte a partir de critérios que eram não relacionados com suas habilidades esportivas, mas com valores baseados no determinismo biológico, reduzindo possibilidades de atuação e escolhas.

Assim, “essa visão puramente biológica do corpo humano acabou por tirar as atribuições da própria cultura humana, ao trazer consigo a negação de que o corpo, assim como o humano, são sempre produtos de sua cultura, socialmente construídos e marcados, inexoravelmente, pelo meio e modo em que vivem e se desenvolvem” (KNIJNIK, 2010, p. 28).

Além disso, também se pode afirmar que as dificuldades pelas quais passaram (e ainda passam) as atletas, como depreciação de sua feminilidade ou a redução a objetos sexuais, consistem em uma forma de barrar essa

resistência feminina aos padrões de gênero tradicionais e manter os conceitos androcêntricos já estabelecidos.

> Enfim, o esporte tem sido um campo privilegiado do exercício simbólico da virilidade e da construção de valores a ela agregados, visto que, culturalmente, foi e algumas vezes ainda é representado como sendo um espaço masculino. Agressividade, competitividade, risco, potência, vigor físico, velocidade e determinação são atributos associados ao masculino em oposição à fragilidade, delicadeza, beleza física e flexibilidade tidos como características femininas (GOELLNER, 2004, p. 370).

Além de justificativas construídas a partir desses fatores biológicos, culturais e sociais, Théberge (1994 apud DEVIDE, 2005, p. 49) aponta que a participação majoritária masculina no esporte é reforçada por três instâncias: baixa participação das mulheres como profissionais do esporte (ou seja, como atletas e, principalmente, em cargos de liderança como treinadoras, por exemplo), como líderes em federações, clubes e comitês, e, nas baixas e/ou deturpadas participações das mulheres nos conteúdos esportivos veiculados pelos meios de comunicação.

De acordo com Paulo Conceição, José Cortez e Antonio Simões (2004, p. 152):

> as instituições e os homens se ‘apropriam’ dessas desportistas como ‘produtos de custo-benefício’ controlados por eles. Exemplo disso é que as mulheres se submetem a condições climáticas adversas para fazer as preliminares das competições dos homens – ganhando menos e cansando mais. Nessas circunstâncias, as provas e os jogos femininos são escalados para preencher lacunas da programação das emissoras de rádio e de televisão. Os noticiários esportivos são ocupados, quase que totalmente, com informações desportivas de conteúdo, que analisam banalidades das sessões de treinamento dos esportes masculinos, desconsiderando notícias relevantes da participação da mulher em competições de nível internacional. A discriminação só se atenua nas modalidades em que as mulheres podem evidenciar sua feminilidade por meio dos gestos e dos uniformes desenhados para destacar sua beleza. O homem não consegue enxergá-la como esportista: ou a vê como rival, quando ostenta músculos parecidos com os seus, ou como fêmea, quando exibe – nos esportes que não ocultam seu poder de sedução – seu potencial de erotismo em cada movimento.

Ludmila Mourão (2000) aponta ainda que a inserção das mulheres no esporte foi lenta e progressiva, sem o uso do discurso de contestação utilizado por elas ao se inserirem em outras esferas majoritariamente masculinas. Devido a isso, as mulheres, no campo esportivo, ainda se encontram escondidas ou assumindo e incorporando valores masculinizados, ou seja, nesse segmento, as mulheres não lutaram pela adaptação do esporte às características femininas, mas buscaram se adaptar ao contexto masculinizado, o que alimenta a invisibilidade dessas enquanto atleta, por isso, mesmo havendo progressos em relação à inserção das mulheres no esporte, ainda há muito a ser conquistado. Assim,

> enquanto no século XIX a participação das mulheres em eventos esportivos restringia-se basicamente à assistência e ao acompanhamento de seus maridos, com pouca participação ativa nas provas, ela é hoje muito mais ampla e diversificada. Todavia, isso não significa que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no campo esportivo ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam (GOELLNER, 2004, p. 371-371).

Ainda segundo a autora são necessárias a elaboração e a implementação de políticas que incentivem e promovam a participação feminina nessa esfera. Além disso, como já apontado neste trabalho, salientamos também a necessidade de veiculações mediáticas mais representativas, adequadas e que valorizem as mulheres enquanto atletas e seus respectivos desempenhos. De acordo com Fabiano Devide (2005, p. 48) para mudar esse cenário, é necessário que se repense o padrão feminino como um terreno de contestação, já que as imagens de práticas e comportamentos considerados tradicionalmente como femininos criam e reforçam relações de poder desiguais entre os homens e mulheres.

2.5 Relações de poder e construção de identidades de gêneros no esporte

Devido a essas relações apontadas acima, o esporte também é considerado uma instituição que colabora com a construção de identidades de gênero. Nesse sentido, a professora Salomé Marivoet (2014) aponta que o esporte constitui um espaço socializador da cultura masculina no ocidente.

Dessa forma, a participação feminina em competições esportivas caracteriza-se como um desafio de superação aos estereótipos tradicionais de gênero, podendo modificar as relações entre os sexos.

> Certamente, que a entrada das mulheres no desporto desafiou o universo simbólico da dominação masculina, tanto mais quanto as modalidades praticadas implicarem confrontação, como é o caso justamente do Futebol. Afinal, como podem os homens afirmarem-se enquanto 'tal' (quando para 'tal' se exige a demarcação do feminino), se as mulheres acedem justamente às práticas que os investem da sua própria identidade masculina. Trata-se, pois, da desnaturalização dos estereótipos tradicionais de género, como as feministas críticas têm defendido (MARIVOET, 2014, p. 03).

Em relação a isso, Birrel e Cole afirmam ainda que:

> Sport not only as a gender producing, gender affirming system but as a difference and power producing system. For sport works to differentiate winners from losers, the men from de boys, the men from the women. As a significant gendering activity, sport not only reproduces gender and sex differences, but it produces a logic of differentiation (BIRREL, COLE, 1990, p. 18)[2].

Assim, o esporte é uma atividade que molda e é moldada por relações de gênero. Conforme Cara Aitchison (2007, p. 01), "*identities are constantly shaped and reshaped, made and remade, presented and represented, engages with sport as a dynamic social and cultural force*[3]". Ainda de acordo com a autora, esporte e identidade são mutuamente alimentados, cujas relações de poder dominantes estão constantemente em processo de construção, legitimação, reprodução e/ou retrabalho.

De acordo com Jorge Knijnik e Juliana Souza (2004, p. 194), o esporte consiste em um campo de reafirmação a respeito de como se comportar como corpo e as respectivas formas adequadas de ser homem ou mulher. Conforme

[2] O esporte não apenas atua como produtor das características de cada gênero ou como um sistema de afirmação destas, mas também reforça o poder do sistema de produção destas diferenças. O esporte trabalha em diferenciar vencedores de perdedores, homens de meninos, homens de mulher. Como uma atividade envolvida com o gênero, o esporte não apenas reproduz as diferenças entre os sexos, mas também produz a lógica da diferenciação (Tradução livre da autora).

[3] As identidades são constantemente moldadas e remodeladas, feitas e refeitas, apresentadas e representadas, encarregando o esporte como uma dinâmica social e uma força cultural (Tradução livre da autora).

Mary Jo Kane e Janet Parks (1992 apud KNIJINIK, SOUZA, 2004, p. 215), “o esporte é uma poderosa instituição que reproduz simbolicamente relacionamentos patriarcais existentes e assim reforçam a superioridade masculina” se tornando, portanto, um terreno para a produção da masculinidade.

O esporte, portanto, aponta configurações de masculino e feminino, restringindo durante séculos a participação das mulheres, conforme representações sociais (muitas travestidas de cientificidade), introduzindo às suas práticas mais facilmente homens do que mulheres, pois exalta habilidades e valores considerados “masculinos” pela sociedade ocidental.

Por outro lado, regras criadas socialmente a respeito de ideal de comportamento para meninos e meninas refletem também no esporte e o que se espera de homens e mulheres atletas. Assim, nossa sociedade define determinados esportes como apropriados para meninos (por exemplo, futebol e boxe) e outros para meninas (como por exemplo, ginástica e patinação artística). Nesse sentido, a partir de categorias sociais de ações e características identificadas como apropriadas ou inapropriadas para homens e mulheres, associam-se à feminilidade esportes em que beleza e graça se destacam (como ginástica artística) e às atividades masculinas modalidades em que a violência, a agressão e o contato físico são essenciais.

> Essa oposição binária (masculino e feminino) produz representações que permitem poucos atravessamentos à medida que esses polos são vistos como fixos e que poucas tensões possibilitam, razão pela qual ainda hoje nos deparamos com situação de não-estranhamento diante da ausência de mulheres em determinados locais sociais e esportivos, como também são plenas de ambiguidades as discussões que se relacionam com a inserção feminina nesse território repleto de representações viris, como, por exemplo, nas instâncias da gestão esportiva (GOELLNER, 2004, p. 370).

Por isso, também é comum mulheres que entram nesse campo participando de modalidades consideradas masculinas terem sua sexualidade questionada ou mesmo serem categorizadas como homossexuais. Da mesma forma, homens que se inserem em modalidades consideradas femininas, como dança artística, por exemplo, também têm a sexualidade questionada (THEBERGE, 2000, p. 330).

Assim, por expressar corporalidade e por se constituir a partir de valores patriarcais, o esporte constitui em uma arena de construção de masculinidades, sendo, portanto, um terreno para construção do *habitus*[4] masculinizante, inscrevendo naturalmente valores relativos ao feminino e ao masculino. Além disso, no esporte essas expressões de masculinidades e feminilidades não apenas são produzidas, mas também contribuem para sua reprodução em outras esferas, a partir do momento que são incorporadas e retratadas em atitudes, condutas e gestos.

Assim, o campo esportivo continua sendo para os homens um espaço de reafirmação de masculinidades. Ou seja, tradicionalmente, o esporte tem sido definido como domínio masculino, criando poucas oportunidades para a participação feminina,

> this ideology impacts athletes in relation to sport opportunities provided and encouraged, society's definition of appropriate sports for boys and girls/men and women, and homophobia. All of these ideologies can negatively impact an athlete's sport options, self-confidence, and motivation to play[5] (APPLEBY, FOSTER, 2013, p. 25).

De acordo com Jennifer Hargreaves (apud THEBERGE, 2000, p. 323), a aquisição de força, musculatura e habilidades atléticas tem sido utilizadas como instrumentos de poder para os homens, já para as mulheres esses valores não possuem esse efeito, ao contrário, podem ser até degradantes. Afinal, a imagem do ideal de masculinidade é construída pelo esporte competitivo, onde força e habilidade atléticas são definidas de acordo com identidade masculina, ofertando oportunidades diferentes para homens e mulheres.

---

[4] O *habitus* é constituído de estruturas objetivas presentes no mundo social e nos sistemas simbólicos, que são capazes de orientar e coagir práticas e representações, independente da consciência e vontade dos agentes, pois é incorporado e reproduzido naturalmente. O *habitus* encontra-se presente no princípio da sequência das ações, sem possuir a finalidade consciente de alcançar determinada intenção (BOURDIEU, 2003). No caso da realidade simbólica de gênero, essa consiste em um trabalho longo de inculcação das diferenças sexuais, possibilitando a criação de um *habitus* adaptado à visão androcêntrica, e, consequentemente, na naturalização das relações de dominação entre homens e mulheres, legitimando o exercício de poder de um sobre o outro.

[5] Essa ideologia afeta os atletas a partir das possibilidades de oportunidades esportivas que lhe serão proporcionadas e encorajadas, da definição da sociedade do que são considerados esportes adequados para meninos e meninas / homens e mulheres e definições de acordo com homofobia. Todas essas ideologias podem afetar negativamente as opções esportivas de um atleta, a autoconfiança e a motivação desse para jogar (Tradução livre da autora).

> Despite considerable advances in the conditions of women's participation over the past hundred years, sport remains a powerful vehicle for the construction of an ideology of gender difference. This ideology is grounded in the association of gender and physicality. While the accomplishments of women athletes should put to rest any vestiges of the myth of female frailty, contradictions and ambiguities about the meaning of women's athleticism continue. Challenges to masculine hegemony are countered by the continued marginalization and heterosexualization of women athletes and women's sport[6] (THEBERGE, 2000, p. 331).

O inverso também é considerado pela sociologia do esporte, Norbert Elias e Eric Dunning (1985, p. 392) apontam, por exemplo, que a independência de homens e mulheres está relacionada com o equilíbrio de poder entre os indivíduos envolvidos, pois é nessa relação de poder que se produzem e conservam valores e ideologias. No entanto, segundo os teóricos, as transformações ocorrem quando há mudanças no equilíbrio do poder subjacente, que consistem em casos não intencionais (como é o caso do esporte), mas que interferem diretamente nas ideologias e valores.

No caso do esporte, Karen Appleby e Elaine Foster (2013, p. 21) afirmam que há diversas barreiras para homens e mulheres quando se trata de oportunidades nesse campo. Essas barreiras incluem (a) ambiente de vida, (b) cultura e religião, e (c) barreiras específicas para as mulheres. O ambiente de vida consiste no local onde se vive (urbano ou rural), se há acesso a saneamento básico e transporte, condições financeiras familiares, custo de investimento no esporte e obrigações diárias (como trabalho, estudo e tarefas domésticas), apontando que outros fatores além do gênero também são responsáveis pelo acesso ao esporte. A cultura e a religião envolvem questões relacionadas aos estereótipos de gênero e padrões de comportamento considerados adequados para homens e mulheres.

---

[6] Apesar de avanços consideráveis nas condições de participação das mulheres nos últimos cem anos, o esporte continua a ser um poderoso veículo para a construção da ideologia de gênero. Essa ideologia baseia-se na associação de gênero e fisicalidade. Enquanto as conquistas das mulheres atletas deveriam eliminar quaisquer vestígios do mito da fragilidade feminina, continuam as contradições e ambiguidades sobre a participação das mulheres em práticas esportivas. Os desafios para a hegemonia masculina são contrariados pela contínua marginalização e heterossexualização das mulheres atletas e do esporte feminino (Tradução livre da autora).

Sobre as barreiras específicas para o público feminino, a autora elenca que mulheres são muitas vezes confrontadas com uma falta de modelos positivos, menos oportunidades, e menos modalidades de esportes disponíveis para elas. Influências sociais da família e dos amigos também são indicadores de possibilidades de inserção no esporte. Outra questão é o medo da avaliação social, sendo o esporte considerado masculinizado, atletas possuem receio de serem associadas com características masculinas.

Por isso, a militância feminina também reivindica igualdades no âmbito esportivo, como apontado em estudos realizados, por exemplo, por Birrel e Cole (1990) e Migliaccio e Berg (2007). Birrel (2000) aponta três estágios da relação entre teorias feministas e esporte: (a) atenção para mulher no esporte, mas sem embasamento teórico, (b) autoconsciência teórica do esporte no contexto feminista, admitindo o não aprofundamento acadêmico do esporte nas questões de gênero, e (c) consolidação de teorias que explicam as relações de poder no esporte, abarcando, inclusive, discussões a respeito de classe e raça.

Nessa terceira fase, aponta-se que se o esporte pode ser compreendido como uma forma de mulheres conquistarem autoestima, autonomia e reconhecimentos, reconstruindo significados e combatendo preconceitos de gênero. Ou seja, o esporte pode não ser apenas um espaço de opressão, mas pode ser um campo de contestação ou de transformações das relações de gênero (DEVIDE, 2005, p. 21).

Em relação a isso, Fabiano Devide (2005, p. 52) salienta ainda que:

> a exclusão sutil das mulheres no esporte simboliza uma marginalização da participação feminina na humanidade, tornando explícita a sua equação com a masculinidade (YOUNG, 1988), tendo efeitos sobre o desenvolvimento das capacidades humanas destas mulheres, pois se elas tendem a se definirem pelos olhares dos outros frágeis, passivas, incompetentes para a prática física, recebendo escassos incentivos para o seu envolvimento com o esporte, é mais provável que se tornem o modelo daquilo que as rotula, desperdiçando o fato de que a prática atlética é um dos meios de desenvolver um novo sentido de si mesmas, tornando-as mais seguras, confiantes, habilidosas, vigorosas, fortes e capazes.

Essa exclusão é parte de uma marginalização da participação feminina em outras esferas e, ao mesmo tempo, acaba por reforçá-la, já que esse cenário

influencia na forma como as mulheres se autodefinem – nesse caso, a partir da caracterização dessas como frágeis, passivas e incompetentes para as atividades físicas.

Assim, torna-se importante a discussão e reconhecimento a respeito das habilidades femininas para o esporte, posicionando as mulheres como agentes atuantes nas diferentes modalidades, sem reduzi-las aos conceitos expostos por valores androcêntricos vigentes.

Afinal, se por um lado, o esporte pode reforçar masculinidades, por outro, se as práticas esportivas e corporais das mulheres consistem em objetos de vigilância e controle, também podem tornar-se objeto de luta social, pois "sugerem a natureza potencialmente subversiva das atividades esportivas das mulheres, na medida em que rompem com noções convencionais ou profundamente enraizadas de natureza ou vocação feminina" (ADELMAN, 2004, p. 284).

2.6 As atletas nos meios de comunicação

Como analisado nas sessões anteriores, o universo esportivo se configurou a partir de uma ótica masculina. Segundo Salomé Marivoet (2015, p. 01), "os princípios do desporto moderno, o *ethos* competitivo e exaltação das proezas físicas em confrontações sujeitas a um código de honra de 'cavalheiros' –, que constituíram os valores da cultura masculina dominante no século XIX – reservaram-no por excelência aos homens", cabendo às mulheres a possibilidade de participação nesta atividade apenas ao longo do século XX. Em seu artigo "Assimetrias e afinidades de género no desporto", a pesquisadora conclui que

> O desporto tende a apresentar-se como uma prática cultural diferenciada, onde parecem configurar-se diferentes incorporações de masculinidade e feminidade, consoante os envolvimentos e os desportos. É sobretudo no espaço das práticas de competição federadas, que as tradicionais identidades de género se continuam a reproduzir (MARIVOET, 2015, p.07).

Esse cenário atesta como o mundo do esporte, especialmente o do futebol, ainda é dominado por uma mentalidade de valorização das

masculinidades. Isso explica, em parte, porque a mulher demorou a se inserir no jornalismo esportivo e porque assumiu apenas algumas atividades nessa área. Como consequência, o discurso da imprensa esportiva no Brasil e em Portugal, em pleno Século XXI, ainda reproduz práticas que buscam estigmatizar tanto o *ethos* das masculinidades como o das feminilidades.

Nesse sentido, aparentemente o cotidiano não é representado em sua totalidade pelo esporte, apesar deste se revestir "de um discurso altamente democrático, estabelecendo que as oportunidades iniciais e as regras do jogo sejam as mesmas para todos, sem distinção de classe, raça, ou preferência religiosa (...) proporcionando a todos um sentido de igualdade e de justiça social" (HELAL, 1990, p. 71). Assim, apesar do discurso democrático do esporte, observamos que o esporte mediatizado ainda recebe espaços diferenciados conforme modalidades e categorias de gênero.

Quando trazemos este discurso para realidade de gênero no esporte, observamos outra contradição: afinal, se o esporte pretende ser mais democrático oferecendo as mesmas oportunidades para todos (HELAL, 1990), mulheres e homens deveriam ter o mesmo destaque e importância nesse cenário. Por isso, quando há divergências entre o discurso (democrático) e a realidade (diferença de espaço de participação entre homens e mulheres), há um reforço e uma justificativa para as diferenças de gênero, afinal, se as mulheres não possuem o mesmo espaço é devido a fatores biológicos ou por suas próprias escolhas, pois o esporte é em sua essência democrático[7].

O espaço diferenciado para homens e mulheres no campo esportivo não se restringe apenas às práticas esportivas, mas também às suas representações nos meios de comunicação. Na contemporaneidade, a sub-representação mediática de atletas femininas ainda é uma realidade, sendo um dos fatores que contribui para a perpetuação da hegemonia masculina nesse campo. Essa sub-

[7] No caso das discussões de gênero, o problema não é a teorização da característica democrática do esporte, mas a omissão da sua construção e sua consolidação a partir de valores sociais vigentes, no caso do objeto de discussão: o sexismo e a distorção de competências femininas e masculinas presentes na sociedade. Ou seja, a natureza democrática é real, mas o esporte também sofre influências de outros fatores que não dependem apenas da escolha racional dos envolvidos. O perigo do uso do discurso do esporte como democrático é justamente o reducionismo das características de formação do esporte a apenas a essa vertente e não considerar que essa é apenas uma de suas características. Assim, é importante ressaltar que suas regras são democráticas, mas sua forma de acesso nem sempre, oferecendo oportunidades de participação diferentes para grupos diferentes.

representação aparece em duas formas principais: baixa cobertura quantitativa das modalidades praticadas por mulheres ou o foco em qualidades não esportivas, como vida pessoal, emoções ou corpo da atleta, ou outros fatores não esportivos que sobressaem ao invés de ressaltar os feitos atléticos da esportista.

Nesse sentido, podemos citar, por exemplo, o *tuíte* publicado pelo *Chicago Tribune* (2016) a respeito da medalha de bronze obtida pela atiradora Corey Cogdell (na Olimpíada Rio – 2016) que apontava: "*Wife of a Bears' lineman wins a bronze medal today in Rio Olympics*[8]", o *tuíte* sequer citava o nome da atleta, a identificando apenas a partir de seu estado civil com um jogador de futebol americano, pertencente à equipe do *Chicago Bears*.

Ainda em relação aos Jogos Olímpicos de 2016, o jornal argentino Olé (2016) apresentou um artigo referente às atletas escandinavas realçando sua beleza física, denominando-as como "bonecas": "*rubias a más no poder, ojos claros por doquier y figuras estilizadas lograron que los presentes se dieran vuelta para verlas, no quiere decir que otros países, como el nuestro, tengas sus belezas, pero las muñecas suecas captan la atención de los ojos humanos*[9]". Nesse caso, apenas as características físicas foram comentadas e realçadas, destacando-as das demais esportistas por este feitio, e não pela capacidade atlética das mesmas.

Vale ressaltar que esses casos não ocorrem apenas nos Jogos Olímpicos, mas é uma característica geral dos meios esportivos. A reportagem realizada em 2013 pelo jornal *Folha de S. Paulo*, a respeito da vitória da tenista Maria Sharapova, é um caso de sub-representação, focada em outros valores que não os atléticos. Nessa reportagem, o jornal veiculou um quadro que dizia: *"Quase perfeita, Maria Sharapova supera a chuva, mas não a celulite, e arrasa rival em Roland Garros"*. Na notícia o discurso da performance é substituído pela necessidade de um corpo adequado aos padrões estéticos mediáticos

[8] A esposa de um atleta Bears ganha uma medalha de bronze hoje nas Olimpíadas de Rio (Tradução livre da autora).
[9] Mais loiras impossíveis, os olhos claros e as figuras estilizadas conseguiram transformar aqueles que a cercam para vê-las, não significa que outros países, como o nosso, não tenham suas belezas, mas as bonecas suecas chamam a atenção dos olhos humanos (Tradução livre da autora).

contemporâneos, reduzindo à vitória da esportista a uma derrota enquanto mulher.

Em pesquisa a respeito dos adjetivos utilizados para caracterizar atletas, Romero (1990) apontou que há diferenças entre os termos considerados apropriados para descrever homens e mulheres. No primeiro caso destacaram-se os termos esportivo, ativo, agressivo, forte fisicamente, autoritário e independente; já para as mulheres os termos mais citados foram: meiga, atraente, vaidosa, elegante e responsável. Além das diferenças de expressões para caracterizar atletas femininos e masculinos, é comum, ao retratar uma atleta, explorar os trajes utilizados e posições sexualmente sugestivas (reduzindo-as a objetos de desejo masculino) e/ou momentos de emoção (principalmente momentos de choro) destacando sua fragilidade. Assim, a cobertura esportiva, além de excluir as mulheres, ainda pode construir e neutralizar as relações androcêntricas, já que prioriza a beleza estética e emoções ao invés das habilidades e conquistas atléticas.

Outra maneira de marginalização ocorre ao comparar o esporte feminino ao masculino, apontando desempenhos e resultados de atletas homens de maneira a exaltar suas performances. Nesse caso, mesmo se a reportagem é a respeito do esporte na modalidade feminina, enfatiza-se o da modalidade masculina. Em maio de 2016, um evento destacou-se por este embate: a entrevista feita à velocista Rosangela Santos realizada pelo jornalista Vinicius Nicoletti da TV Bandeirantes, conforme vídeo[10] com trecho da entrevista abaixo:

> Vinicius Nicoletti (repórter): O Brasil esse ano não terá um finalista nos 100 metros masculino ...
> Rosangela Santos (atleta): Essa pergunta é irrelevante, eu não faço parte dos 100 metros masculino.
> Vinicius Nicoletti: Quer que eu pergunte o quê?
> Rosangela Santos: A pergunta que você pode fazer é: o que eu achei da prova, como eu me senti na prova... Isso são coisas de mim e não dos outros (NOTÍCIAS NEWS, 2016).

Nessa entrevista é clara a valorização do esporte na modalidade masculina em detrimento da feminina, pois além de dar destaque a essa

[10] Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=uNck9Lekv2M> Acesso em: 18 de junho de 2016.

modalidade (ao iniciar a entrevista sobre essa questão), ao ser questionado sobre a pertinência de sua pergunta o repórter revida com outro questionamento: “Quer que eu pergunte o quê”, usando um tom de voz que exprime perplexidade e impossibilidade de outra pergunta que não abrangesse o universo masculino.

De acordo com Duncan (1994 apud DEVIDE, 2005, p. 68), os meios televisionados sub representam o esporte feminino em suas transmissões e trivializam as experiências das atletas por meio do uso de linguagens androcêntricas. Fabiano Devide (2005, p.70) analisa o cenário no Brasil, afirmando que são minorias as notícias a respeito do esporte feminino, e que ainda não há consciência da rentabilidade desse mercado, pois não há o reconhecimento de que estas notícias também possuem espectadores. O autor aponta que:

> As imagens culturais de mulheres que se envolvem com atividades físicas e esportes são comumente inferiores em quantidade e qualidade, além da cobertura, por vezes, difamar e trivializar a experiência esportiva das mulheres. As imagens projetadas oferecem mensagens ideológicas, celebrando, por exemplo, o esporte masculino deixando as provas femininas frequentemente ao fundo e tecendo comentários sobre as experiências das mulheres como menos importantes (DEVIDE, 2005, p. 71).

Assim é importante serem analisadas as representações das atletas no jornalismo esportivo. Em relação a isso, no artigo “A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre Algarve *Women’s Football Cup*”, publicado na Revista Movimento, em 2013, as autoras Silvana Vilodre Goellner, Paula Silva e Paula Botelho-Gomes analisam a cobertura realizada (no período de 27 de fevereiro a 8 de março de 2012) pelo jornal esportivo impresso português *A Bola online* a respeito da 19ª edição da Algarve *Women’s Football Cup*[11] que ocorreu no primeiro semestre de 2012. Nesse sentido, o objetivo do artigo foi analisar a representação da mulher

[11] Também denominada de *Mundialito de Futebol Feminino*, a competição é disputada por 12 equipes e ocorre anualmente na região do Algarve desde 1994, quando foi aprovada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Até a data do artigo, haviam passado pela competição às equipes dos seguintes países: Alemanha, Austrália, Áustria, Canadá, Chile, China, Dinamarca, Escócia, Estados Unidos, Ilhas Faroé, Inglaterra, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Irlanda do Norte, Islândia, Itália, Japão, México, Noruega, País de Gales, Polônia, Portugal, Romênia, Rússia e Suécia

enquanto jogadora de futebol no veículo estudado, verificando se essas atletas são reconhecidas ou consideradas como protagonistas no esporte português. Para tal, as autoras se basearam nos estudos de Isabel Cruz para apontar o contexto histórico da inserção do futebol feminino em Portugal, demonstrando que desde o início as mulheres apresentaram dificuldades em ingressar nesse campo considerado masculino.

Para realização dessa pesquisa realizada por Silvana Goellner, Paula Silva e Paula Botelho-Gomes, primeiramente foram contabilizadas as reportagens a respeito do evento *Women's Football Cup*, posteriormente, realizaram uma análise das fotos publicadas junto às matérias, considerando os espaços de produção, os conteúdos dessas imagens e o espaço onde foram publicadas.

A partir dessa pesquisa as autoras apontaram que o *Women's Football Cup* teve pouca participação na agenda do jornal *A Bola*, pois contabilizaram cinco reportagens, representando apenas 0,58% das notícias publicadas no período. Dessas foram constatadas apenas reportagens de caráter informativo, ou seja, se restringiram apenas a indicar o resultado dos jogos, os gols realizados, os nomes das atletas que os fizeram e o tempo da partida. Além disso, as reportagens veiculadas foram consideradas curtas (não ultrapassando três ou quatro frases) e não conferiram voz às atletas, pois apenas uma reportagem contou com entrevista, na qual o entrevistado foi o treinador da seleção portuguesa, António Violante.

Em relação às fotos também foi observada a mesma baixa representação feminina, pois das cinco fotos veiculadas, três se referiam ao treinador António Violante, uma à seleção alemã em posição oficial portando um painel com o nome da competição e dos patrocinadores e apenas uma representava uma jogadora portuguesa (no caso, Ana Borges). No entanto, apesar de a foto ter sido realizada durante a partida, foi capturada em um momento onde a atleta estava imóvel, não sugerindo ações ou posições efetivamente ativas por parte da jogadora.

Após o levantamento desses dados, as autoras concluíram que houve sub-representação do futebol feminino no jornal *A Bola* no período analisado, devido ao baixo número de reportagens a respeito do evento (e, consequentemente, baixa visibilidade conferida às atletas e à modalidade) e às

construções de imagens de acordo com o conceito tradicional de feminilidade. Devido ao fato de a imagem ser uma prática discursiva socialmente construída, que cria sentidos e expressa relações de poder, a não exibição das jogadoras durante o jogo indica subjetivamente que essas são incompatíveis com esse espaço e que as conquistas das atletas não são tão importantes como as conquistas dos homens.

Além disso, é preciso considerar que os veículos impactam diretamente o cotidiano social, dessa maneira, o jornal *A Bola* posicionou o futebol praticado por mulheres como pouco atrativo, contribuindo com a manutenção da predominância dos homens nessa modalidade esportiva e reforçando a desigualdade as relações de gênero e a concepção de que o corpo masculino possui mais valor do que o feminino.

Em outro estudo a respeito da realidade dos meios de comunicação portugueses, Noemi Correa Bueno, Salomé Marivoet e José Carlos Marques (2017) indicam que em novembro de 2017, nos jornais impressos A Bola, O Record e o Jogo (jornais esportivos em Portugal), foram enumeradas 521 notícias onde há a presença feminina (independente dessas ocuparem ou não a função de atleta), que representaram em média apenas 3,55% do espaço total disponível dos jornais impressos estudados. Dessas, observou-se que 45,11% consistiram em notícias relacionadas ao esporte, 34,93% à vida pessoal de celebridades e suas relações familiares e amorosas, 8,25% abordaram a respeito de eventos, 6,14% focaram na temática relacionada à política, e 5,57% noticiaram sobre outras temáticas (economia, saúde, televisão e cotidiano). Observamos, portanto, que além da baixa representação feminina nos jornais esportivos, as notícias em que aparece esse público não são apenas notícias relacionadas ao esporte, ao contrário, estas representam apenas 45,1%, ou seja, apesar de se tratar de jornais esportivos, mais de metade das mulheres neles representadas não estão relacionadas ao contexto esportivo.

Vale ressaltar que o esporte tem importante papel na socialização, e, portanto, seu exercício e mediatização deveriam se desvincular de estereótipos sexistas que delimitam espaços femininos e masculinos.

Além desses casos mediáticos de sub-representação de atletas, ainda podemos apontar a construção estereotipada da profissional jornalista do segmento de esportes. Em pesquisa realizada por Noemi Correa Bueno e José

Carlos Marques (2015) em relação ao programa Cartãozinho Verde da TV Cultura (novembro de 2014), verificou-se que, nas edições analisadas, a apresentadora (Gabriela França) surge como coadjuvante e cuidadora das crianças comentaristas, enquanto os garotos do sexo masculino assumem a fala técnica, retomando as funções tradicionais do feminino e do masculino.

Nesse sentido, a função desempenhada pela apresentadora Gabriela França segue justamente esse conceito, ou seja, a aparente mudança (presença feminina em um campo de prevalência masculina) mantém a lógica do modelo tradicional que aponta diferenças significativas entre masculino e feminino. Assim, o cargo a ela destinado é um tipo de prolongamento das funções domésticas (ensino e cuidado), permanecendo com os homens (no caso as crianças) maior parte da produção qualitativa e técnica do debate sobre o esporte, afinal, às crianças do programa (garotos) competem o poder da palavra e do discurso.

No caso das relações de gênero, percebemos a partir da análise desse programa que se por um lado a apresentadora reflete (provavelmente inconscientemente) uma “função” feminina tradicional incorporada sem questionamento durante seu processo de aprendizagem e trajetória de vida, por outro lado, também é responsável por reafirmar esse valor, uma vez que é retransmitido massivamente para outros indivíduos, cabendo a esses assimiliarem ou questionarem essa familiriadade do feminino a essas questões.

Assim, observa-se que, apesar das conquistas feministas serem inegáveis, estas não aconteceram em sua totalidade, pois não houve uma ruptura no campo da representação social, mantendo-se a estrutura das distâncias. Ou seja, apesar de mulheres (no caso a apresentadora Gabriela França e das atletas sub representadas nos meios de comunicação, como as acima citadas) terem conquistado um espaço relativamente masculino (no caso, o jornalismo esportivo e o esporte), esses espaços ainda não foram conquistados em sua totalidade, pois a apresentadora e as atletas continuam assumindo um funções femininas estereotipadas: o da cuidadora (no caso de Gabriela), mas também de relacionada com laçõs familiares e estéticos (como o caso das atletas exemplificadas).

Sabemos que as primeiras ações do movimento feminista foram justamente em relação à divisão de tarefas, onde o domínio do campo privado

pertencia à mulher e do público ao homem, sendo a mulher apenas coadjuvante, desempenhando ações consideradas menos importantes. Mesmo em casos nos quais as mulheres possuíam alguma atividade pública, era considerada extensão da atividade doméstica, ou seja, atividade de cuidado com o outro (como as desempenhadas por professores, enfermeiros e assistentes sociais), mas jamais de liderança ou gestão.

Vemos, portanto, neste contexto, a aplicação do conceito de violência simbólica e de *habitus*. Para Bourdieu, a violência simbólica consiste em uma violência não “percebida” pelas vítimas que a incorpora de maneira natural, pois o próprio *habitus* (capaz de orientar e coagir representações e práticas não questionáveis, pois são incorporadas durante o processo de formação do indivíduo) a legitima como verdadeira.

De acordo com o relatório do estudo “Mulheres e Esportes”, do Ibope Repucom (2015), realizado em 24 países das Américas, da Europa e da Ásia, apesar de os homens serem os principais entusiastas dos esportes, o interesse das mulheres vem crescendo. O estudo aponta que 43% das mulheres participantes disseram ter interesse pelos esportes, contra 69% de homens. O levantamento destaca ainda que, entre as mulheres mais jovens, 48% das entrevistadas com menos de 50 anos disseram ter muito interesse ou interesse pelo assunto; já entre as mulheres com mais idade esse percentual caía para 36% das participantes.

Portanto os meios esportivos devem atentar-se ao crescente interesse das mulheres pelo esporte e, também, ao empoderamento feminino, que cada vez exige equidade de gênero, de modo democrático e responsável, nos mais variados tipos de atividades. É necessário que profissionais do esporte e dos meios assumam uma postura cooperativa e construtivista para ambos os sexos, diminuindo as barreiras para a participação das mulheres de tal forma que essas possam conquistar autonomia e respeito neste segmento.

Além das representações femininas é também importante analisarmos as possibilidades das mulheres jornalistas nesse meio. Assim, seguindo os conceitos de Bourdieu, a professora doutora Salomé Marivoet (2014, p. 04) salienta ainda que o esporte é um espaço que reforça a virilidade masculina e suas proezas físicas, mas que na contemporaneidade também poderia consistir em uma possibilidade para abertura de novas concepções de masculinidade e

feminilidade, por isso, nesse estudo, analisamos o espaço dado às mulheres profissionais de comunicação (narradoras, comentaristas, apresentadoras e repórteres) em programas esportivos, a fim de observarmos se nesse meio há uma abertura para novas representações de gênero ou se esse campo ainda é restrito às mulheres brasileiras e portuguesas.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

3.1 A mulher no jornalismo esportivo brasileiro: trajetória e preconceitos

Desde o seu início, movimentos feministas têm reivindicado condições mais igualitárias entre homens e mulheres, de maneira que essas se tornem protagonistas de sua própria história. Dentre essas reivindicações, destacaram-se o acesso ao mercado de trabalho e, mais recentemente, a quebra de preconceitos e determinações de que certos espaços sejam categorizados de forma estereotípica como masculinos ou femininos.

Em relação à carreira jornalística, as dificuldades e preconceitos seguiram a trajetória da inserção da mulher no mercado de trabalho em geral, no qual, na contemporaneidade, a mulher, finalmente, tem conseguido um espaço quantitativo significativo, inclusive ultrapassando o número de homens que atuam nessa profissão. De acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (2015), as(os) jornalistas brasileiras(os) são majoritariamente solteiras(os), com até 30 anos, sendo que as mulheres representam 64% desses profissionais, enquanto os homens 36%. No entanto, o reconhecimento desses profissionais não é igualitário, uma vez que a pesquisa apontou ainda que as jornalistas recebem menos do que os homens: a maioria das mulheres (65%) recebe até cinco salários mínimos, enquanto em relação aos homens essa faixa salarial alcança 50% dos entrevistados.

Apesar de serem maioria no campo jornalístico, as mulheres não são maioria em todas as editorias. No caso do jornalismo esportivo, por exemplo, temos majoritariamente mais homens em seu quadro de profissionais do que mulheres. Um exemplo que podemos citar é no formato televisivo. Em uma pesquisa realizada por Noemi Correa Bueno e José Carlos Marques em março de 2015, verificou-se que nos oito canais de TV aberta brasileiros cuja programação inclui programas esportivos (RIT, TV Aparecida, Bandeirantes, Rede TV, TV Gazeta, TV Record, TV Cultura e Rede Globo) eram veiculados 23 diferentes programas esportivos. Nesses 23 programas, observou que dentre apresentadores, comentaristas e narradores há 66 profissionais envolvidos, sendo15 mulheres (22,7%) e 51 homens (77,3%), apresentando um predomínio

inegável da participação masculina na transmissão de informações esportivas na televisão aberta brasileira.

Apesar desta pequena representação, podemos afirmar que o quadro referente à participação feminina tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Atualmente, inclusive, podemos citar nomes de mulheres que se destacam na área, como Renata Fan (Band), Glenda Koslowski (Globo), e, Fernanda Gentil (Globo), entre outras que são exemplos de mulheres que se destacaram nesta área do jornalismo esportivo considerada como “território masculino”.

A primeira jornalista na área de esportes da qual encontramos registro foi Ana Amélia, que na década de 1930 redigia crônicas esportivas. Nesse caso, a atuação era apenas em textos opinativos, não cabendo ainda à mulher redigir matérias informativas. Conforme Regina Ramos (2010, p. 238), a primeira mulher considerada jornalista esportiva no Brasil é Maria Helena Rangel (com registro profissional do ano de 1948). Já de acordo com matéria publicada pela Faculdade de Artes Alcântara Machado pertencente às Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAMFAAM, 2015), a primeira mulher a trabalhar efetivamente com jornalismo esportivo no Brasil surgiu apenas 30 anos após o início da carreira de Ana Amélia, sendo essa a profissional Germana Garilli (apelidada de Gegê), que escreveu seu primeiro texto em 1962 para a *Tribuna Ituana*. Germana também foi reconhecida pela Federação Paulista de Futebol como a primeira mulher a realizar cobertura de futebol em campo.

No final dos anos de 1960, temos outro nome feminino de destaque no jornalismo brasileiro: Marilene Dabus, que realizou entrevistas com jogadores como Pelé, Tostão, Gerson e Saldanha para o *Jornal dos Sports*. No entanto, o grande marco do pioneirismo da participação feminina no jornalismo esportivo brasileiro ocorreu em 1970, quando é lançada em São Paulo a Rádio Mulher (que ficaria no ar até 1976), com um projeto inovador que propunha uma equipe de trabalho majoritariamente feminina – dessa forma a programação era elaborada por e para as mulheres. Foi, inclusive, em um desses programas que ocorreu o que é considerada a primeira narração esportiva feita por uma mulher no Brasil, no caso, por Zuleide Ranieri (conhecida como a Pimentinha), que narrou o jogo entre Brasil e Checoslováquia, em 1972.

Na rádio também se destacaram Claudete Troiano (repórter e narradora), Jurema Yara e Leilah Silveira (comentaristas), Marli (repórter de

campo) e Léa Campos (analista de arbitragem). Após o fechamento da rádio, destacaram-se no Rio de Janeiro as repórteres Claudia Reis e Tereza Cristina da Rádio Tropical FM (MUSEU DO FUTEBOL, 2016).

Já na década de 1980 sobressaiu a repórter esportiva Regiani Ritter (atuando na Rádio Gazeta), que em 1994 se tornou a primeira mulher a cobrir uma Copa do Mundo. Em 2010, o trabalho da jornalista foi reconhecido de tal forma, que a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP) criou uma categoria de premiação, com o nome da repórter Regiani Ritter, que indica anualmente uma mulher que se destaca no jornalismo esportivo (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2016).

Ainda de acordo com o Museu do Futebol (2016), na televisão brasileira as primeiras mulheres que se destacaram na narração de jogos foram Claudete Troiano, atuando nos anos de 1980 e Luciana Mariano, atuando nos anos de 1990 na TV Bandeirantes. Além dessas, podemos ainda citar a jornalista Isabela Scalabrini, que na década de 1980 passou a realizar matérias para o Globo Esporte, cobrindo diversas modalidades esportivas (exceto o futebol, pois esse ainda era de exclusividade masculina). Naquele período era ainda considerada a única mulher do departamento de esportes da Rede Globo. A respeito do início de sua carreira, a jornalista afirma que:

> não pegava matéria do Jornal Nacional e nem pegava futebol. Eu notava que tinha essa resistência mesmo sabe! Uma mulher em campo? O que ela vai poder fazer? Isso demorou bastante, eu entrei em 80, mas só consegui começar a fazer matéria boa, de rede, em 83 (SCALABRINI apud SIQUEIRA, 2015, p. 42).

Ao final da década de 80, destacou-se ainda a apresentadora Mylena Ciribelli, atuando nos boletins Olímpicos de Seul para o programa Manchete Esportiva (convém apontar que em 2018, a apresentadora faz 30 anos de trabalho no jornalismo esportivo, mantendo ainda ativa nessa função). Já na década de 1990, o nome de Silvia Vinhas (que já trabalhava em coberturas esportivas na TV Bandeirantes na década anterior) se destacava na Band como a primeira mulher brasileira a cobrir eventos automobilísticos (mais especificamente a Fórmula Indy). Em 1995, temos mais um exemplo de jornalista feminina que merece destaque: Ana Cláudia Zimmermann Sachser, trabalhando

como repórter da Rede Globo. Em relação à atuação de Ana Cláudia, Núbia Tavares (2006) aponta que teve um valor incalculável,

> afinal, o futebol sempre foi tido como coisa de homem. São poucas as que se arriscam no jornalismo esportivo. Segundo, porque as poucas que atuavam normalmente atuavam na apresentação de programas esportivos. E terceiro, porque ser repórter de campo, titular, e ainda por cima na Rede Globo, já é uma tarefa hercúlea para os homens. Mas nada que fosse impossível para uma mulher.

Por fim, apontamos ainda a jornalista Renata Fan, que com sua atuação no programa Jogo Aberto (da TV Bandeirantes) a partir de 2007 foi considerada a primeira mulher na televisão aberta brasileira a assumir o cargo de âncora em uma mesa de debates a respeito do futebol. Ainda em 2007, podemos citar mais um caso de destaque na área: a inserção da jornalista esportiva Mariana Becker (da Rede Globo) em matérias a respeito do automobilismo.

Observamos, portanto, que a inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro ocorreu essencialmente a partir da década de 1970, mas com poucas participações quantitativas. De acordo com Alzira A. de Abreu e Dora Rocha (2006, p. 10),

> até os anos 60 as mulheres entravam nas redações confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo crônicas e contos voltados para o público feminino. Os assuntos 'sérios' eram reservados aos homens.

Com exceção da Rádio Mulher, que possuía majoritariamente mulheres em seu quadro de profissionais (inclusive técnicas e motorista), nos demais casos (programas e veículos de comunicação) vemos participações isoladas de mulheres nesse ambiente ainda masculinizado. Na televisão, a inserção feminina foi ainda mais tardia, tendo os dois primeiros casos de destaque apenas nas décadas de 1980 e 1990. Outro fator ainda a destacar é em relação à participação dessas mulheres e os cargos assumidos por elas. Ainda há funções estritamente masculinas, e outras em que a mulher ainda está conquistando, como é o caso de âncora, cuja função assumida por uma mulher em um programa de debates esportivos ocorreu apenas em 2007.

Além disso, ao traçar o contexto histórico, é relevante também apontar as dificuldades pelas quais essas profissionais passaram para se destacarem nesse cenário; dentre essas podemos citar três principais: não permissão legal da participação da mulher em alguns esportes; permanência, durante anos, da prática de entrevistas com atletas e jogadores em vestiários; e o preconceito de gênero em relação aos colegas de trabalho, torcedores, espectadores, leitores, ouvintes, esportistas e juízes, e, consequentemente, a necessidade de quebrar tabus e provar que uma mulher podia compreender e discutir a respeito do mundo esportivo.

Como já apontado nesta tese, no Brasil tínhamos leis e decretos que afirmavam a não aceitação da mulher em determinadas atividades esportivas. Em relação a isso, podemos citar novamente que em 1941 foi instituído o Decreto-lei 3199, com o seguinte artigo: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza”. A proibição durou 40 anos, pois apenas em 1980 o decreto lei foi revogado; assim, nestas quatro décadas, coube à mulher apenas o papel de espectadora (em eventos públicos), não podendo se envolver diretamente com o futebol e outros esportes considerados masculinos.

No entanto, apesar da proibição legal da prática do esporte, algumas mulheres interessadas pela temática ingressaram no campo relativo ao jornalismo esportivo, a fim de cobrirem jogos para o meio impresso, o rádio e a televisão. Além disso, ou seja, além de lidarem com aspectos legais que desestimulavam o envolvimento das mulheres nesse cenário, e, portanto, afastavam-nas de certos esportes como o futebol, essas mulheres ainda tiveram de enfrentar outras dificuldades para exercerem sua profissão, como a cultura de entrevistas realizadas dentro dos vestiários (pondendo, inclusive, se deparar com atletas nus) e a dificuldade de acesso ao vestiário masculino.

Até o final dos anos de 1990, era comum jornalistas entrevistarem atletas ao final do jogo no vestiário, e isto causava certo desconforto para jornalistas mulheres que precisavam entrevistar atletas masculinos. Regiani Ritter acredita ser a primeira mulher a entrar num vestiário masculino e conta que sua estreia foi uma tentativa de escapar de objetos lançados no gramado por torcedores, enquanto ela entrevistava o técnico Cilinho, que a levou para o vestiário a fim de se protegerem (MARTINS, 2016a).

Ao entrar no vestiário, Regiani Ritter observou que

> (...) não tinha um que não estivesse pelado. Quando me viram, colocaram a mão na frente. Quando decidiram que não poderiam ficar a tarde inteira ali me olhando, viraram para sair correndo e demoravam uns dois segundos para lembrar de tampar a parte de trás (...). E naquele dia, Casagrande não fugiu como os outros. Ele ficou e acho que foi até para mostrar que aquilo era natural, mesmo não sendo (apud MARTINS, 2016a).

Como apontado acima, citando a primeira vez que entrou em um vestiário masculino para realizar entrevistas, Regiani Ritter lembra que sua presença não foi vista com naturalidade pelos jogadores. Observamos, portanto, que o desconforto com a presença feminina no vestiário era de ambos os lados: atletas masculinos e jornalistas femininas. No entanto, de acordo com Regiani, as melhores matérias eram obtidas justamente no vestiário, por isso esse constrangimento tinha de ser superado para que o trabalho dela tivesse melhores resultados.

Apesar dessa ideia de que as melhores entrevistas eram obtidas no vestiário, essa prática não foi assumida por várias jornalistas, inclusive as mais contemporâneas. Isabela Scalabrini e Kitty Balieiro, por exemplo, afirmam que nunca entraram em um vestiário, e que isso não prejudicou suas carreiras e trabalho. Em entrevista, Isabela Scalabrini reforçou apontando o seguinte: “eu nunca entrei no vestiário e nunca levei furo ou deixei de cobrir alguma coisa por isso; os jogadores vinham falar conosco na porta ou em uma antessala[12]” (apud MARTINS, 2016a).

Por fim, além de leis que desestimulavam o envolvimento feminino com o esporte e o hábito (praticado até o final dos anos 90) de entrevistas em vestiários (causando constrangimento com a possibilidade de lidar com atletas nus ou a insegurança de que aguardar a entrevista prejudicaria o trabalho e a consequente necessidade de explicação de que o trabalho seria realizado com qualidade independente da entrada no vestiário), as mulheres ainda tiveram de lidar com o preconceito do público (espectadores, leitores, ouvintes), torcedores, atletas e colegas de profissão, como veremos no item a seguir.

[12] Atualmente a prática de entrevistas em vestiários não é mais utilizada.

3.1.1 A mulher e as estruturas androcêntricas do jornalismo esportivo brasileiro

A entrada na mulher no jornalismo esportivo seguiu a tendência da entrada da mulher no mercado de trabalho como um todo: eram grandes as barreiras impostas para as mulheres ingressarem na vida profissional, como a hostilidade presente na própria família até as intimidações físicas, insinuações de desqualificação, menores salários e assédios sexuais.

Na década de 1960, ainda era comum o consenso de incompatibilidade entre vida profissional e casamento, devido à crença de que o trabalho incentivaria a mulher a abandonar os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos e cônjuge e a feminilidade (BUENO, 2010, p. 25). Aliás, tal conceito de que a função da mulher casada seria dedicar-se à família eram reforçados pela própria legislação brasileira (revogada apenas em 1962), como pode ser observado nos seguintes artigos da Lei n° 3.071, de 1° de janeiro de 1916 (Capítulo III – Dos direitos e deveres da mulher):

> Art. 240. A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. (Redação dada pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977) Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251): (Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962).
> VI - Suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962: Texto original: Litigar em juízo civil ou comercial, a não ser nos casos indicados no arts. 248 e 251.
> VII - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962: Texto original: Exercer a profissão (art. 233, IV).
> Art. 243. A autorização do marido pode ser geral ou especial, mas deve constar de instrumento público ou particular previamente autenticado.
> (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016)

Apesar de esses artigos terem sido suprimidos, e a mulher ter conquistado um espaço significativo no mercado de trabalho, as brasileiras ainda vivem um cotidiano de preconceito. Assim, as mulheres ainda se deparam com discriminação, presentes em falas, gestos e até diferenças salariais.

Em relação a isso, Pierre Bourdieu (2003) aborda que as conquistas das mulheres ainda não ocorreram de forma plena, pois seguem a lógica tradicional do conceito de feminino e masculino, ou seja, mesmo havendo mudanças

significativas a mulher ainda é responsável por atividades relacionadas à cultura, à educação e ao cuidado com o outro (como vemos em profissões consideradas tipicamente femininas: enfermagem, pedagogia, nutrição, por exemplo), enquanto aos homens cabem as atividades de chefia, gestão e decisões estratégicas.

Em uma pesquisa realizada por Regina Helena de Paiva Ramos (2010), dentre as 65 jornalistas consideradas pioneiras, 17 trabalhavam nos suplementos ou cadernos femininos, 11 em reportagens diversas, 11 na editoria de artes e cultura, sete na coluna social, quatro redigiam crônicas e contos, três atuavam no caderno de economia, duas em moda, duas em política, e nas demais áreas (policial, agrícola, mundo desconhecido, culinária, esporte, religião, quadrinhos, técnica e *cartoon*) constava apenas a presença de uma mulher (Maria Helena Rangel).

> Às mulheres eram geralmente, oferecidos cargos em suplementos femininos, colunas do gênero, ou assuntos 'leves'. Como se a gente não pudesse pensar macro. Todas as jornalistas que hoje praticam a profissão nas muitas redações, em cargos expoentes e tantas delas brilhantes, devem, com certeza, a essas pioneiras o espaço que hoje tem na imprensa. Mulheres que começaram, sim, nos suplementos femininos, porque queriam fincar o pé na redação, e com isso, nos suplementos femininos, porque queriam fincar o pé na redação e com isso abriram caminho para as demais. Claro que o mundo mudou, as conquistas sociais foram alcançadas, mas a essas pioneiras muito se deve (LOPEZ apud RAMOS, 2010, p. 258).

Assim, ao adentrar no jornalismo esportivo (com as pioneiras de destaque atuando na década de 1970), a mulher buscou alcançar novos espaços e consolidar seu direito de optar por uma carreira, mas também buscou quebrar um conceito simbólico[13], afinal a mudança não ocorreu apenas na troca do ambiente doméstico pelo ambiente profissional, mas pela escolha de dois ambientes considerados na época tipicamente masculinos: o jornalismo e o esporte, sendo que esse segundo a classificação como uma área masculina ainda é bastante comum na contemporaneidade.

[13] Os sistemas simbólicos são capazes de orientar e coagir práticas e representações, independente da consciência e vontade dos agentes, pois são incorporados e reproduzidos naturalmente.

Da mesma forma que a luta por um espaço no ambiente de trabalho não foi fácil, a inserção de mulheres no jornalismo esportivo também se deparou com barreiras e preconceitos diversos. Dentre alguns depoimentos de jornalistas a respeito dessa situação citamos o caso ocorrido com Regiani Ritter, que precisou enfrentar o superintendente da Gazeta para estrear na rádio, pois, conforme ele, "a informação esportiva perderia credibilidade na voz de uma mulher no rádio" (apud MARTINS, 2016b).

Além do preconceito de gestores, Lia Benthien (pioneira da TV Cultura) apontou ainda que se passava o mesmo com jogadores, técnicos e colegas de trabalho, e que ela sentia-se sendo "testada o tempo todo". Isabela Scalabrini também abordou sobre o caso e o preconceito que sofria por parte da torcida: "quando entrava em campo, ouvia assobios e muitas bobagens, como que estava ali para paquerar" (apud MARTINS, 2016b).

Além desse discurso, de acordo com Mauro Betting, a inserção da mulher nesse ambiente despertou ainda insinuações de que a participação feminina no jornalismo esportivo foi facilitada e incentivada a partir da possibilidade de atração de audiência, devido à beleza e à simpatia femininas, segundo ele:

> na era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo. Na TV arreganhada – quero dizer na TV aberta -, então, mais importante que a câmera é quem vai estar à frente dela. Se loiras de saias curtas e olhos claros, melhor. Se campeã pan-americana internacional de sky-shiting, ainda melhor (BETTING apud BOAS, 2005, p. 24).

Em relação a isso, Danielson Roaly (2004) aponta que houve, sim, a fala de que a inclusão da mulher no jornalismo esportivo é uma estratégia de marketing estético, mas que "as mulheres já provaram que isso é uma grande mentira inventada para aplacar o ego de muitos homens, que não reconhecem que as mulheres se mostram muito mais competentes no âmbito profissional".

Apesar da declaração de Danielson, na contemporaneidade muitas mulheres apontam que não se veem representadas em programas esportivos e nas representações femininas veiculadas nos diferentes meios de comunicação. Tal sentimento e percepção podem ser notados no texto da blogueira Clarice

Bessa, que aponta justamente como compreende o espaço destinado às mulheres no meio esportivo:

> pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um script), principalmente quando tem contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só os machos têm competência para opinar, gerir e praticar (BESSA, 2006, p. 1).

Dessa forma, podemos afirmar que a inserção da mulher no jornalismo esportivo na televisão aberta brasileira não significou uma ruptura nas estruturas androcêntricas. Apesar de a mulher ter aumentado sua participação em um espaço masculino, fê-lo assumindo e mantendo espaços considerados femininos. A ela ainda não foi reconhecida a autoridade no tema, pois apenas apresenta assuntos que serão discutidos, opinados, comentados e abordados por colegas do sexo masculino (esses ainda considerados os detentores do "saber" esportivo). Nesse sentido, as mulheres assumem, majoritariamente, a função de apontar os temas que serão debatidos, levantar questões para discussões ou mesmo ler e-mails de telespectadores, cabendo ao homem a produção efetiva do conteúdo, da discussão e da opinião sobre o tema, que assumem as funções de narradores e comentaristas (como será explanado nos capítulos a seguir).

Portanto, apesar de toda a mudança no cenário androcêntrico que observamos nas últimas décadas, ainda há muito para ser conquistado pelas mulheres que desejam atuar nesta área. O preconceito ainda é latente, e não são todas as funções jornalísticas no campo esportivo que as mulheres conseguem assumir inteiramente na contemporaneidade.

3.2 A mulher no jornalismo esportivo português

Como no Brasil, em Portugal a profissão de jornalismo se iniciou como um espaço majoritariamente masculino. Segundo José Luís Garcia (2009, p. 74), entre 1950 e 1970 eram raras as participações femininas na imprensa portuguesa, sendo que o número de ingressos por ano não ultrapassou a 2 nesse período. Entre 1974 e 1987 ingressaram no jornalismo 1206 homens e 324 mulheres, em 1990 o número era de 1772 homens e 602 mulheres e em 1994, 2724 homens e 1126 mulheres jornalistas. De acordo com o Sindicato dos Jornalistas (apud VENTURA, 2007, p. 06), em 1960, em Portugal, havia apenas 10 mulheres sindicalizadas, em um total de 455 jornalistas.

Ainda conforme José Garcia (2009), em 1995 as mulheres eram minorias em todos os segmentos de jornais portugueses, exceto em revistas destinadas ao público feminino. Na contemporaneidade o jornalismo tem demonstrado alterações, e mulheres tem participado de forma mais significativa, tanto que em 2005, o Sindicato recebeu mais inscrições femininas do que masculinas, sendo que dos 156 novos associados, 90 eram mulheres. E em 2018, de acordo com a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ), em Portugal, havia 2243 jornalistas do gênero feminino e 3262 do gênero masculino titulares de carteira profissional de jornalista ativa (ou seja, mais de 40%).

Dessa forma, pode-se apontar poucas mulheres atuando no início do jornalismo em Portugal. Para Liliana Pego (2015, p. 20), as duas primeiras jornalistas portuguesas são Virgínia Quaresma (1882-1973) e Manuela de Azevedo (1911). Além dessas Isabel Ventura (apud ALVAREZ; MAGALHÃES, 2014, p.09) aponta ainda Maria Lamas (1893-1983), Angelina Vidal (1853-1917), Marta Mesquita da Câmara (1895-1980), Aurora Jardim (1899-1988) e Antônia Pusich (1805-1883)[14]. Já conforme Rafael Ferreira (apud SOBREIRA, 2003), Virgínia Quaresma era a única mulher jornalista ainda na época de 1945, sendo o jornalismo português uma profissão essencialmente masculina.

Apesar disso, para Isabel Ventura os primeiros nomes femininos significativos e de destaque no jornalismo impresso português foram: Maria

[14] Conforme Isabel Ventura (ALVAREZ, 2014), existe um problema de esquecimento na história das mulheres portuguesas em relação à participação dessas na imprensa portuguesa. Por não haver registros sobre isso (e muitas das participações terem sido realizadas com assinaturas de pseudônimos masculinos, para não serem identificadas como mulheres), a história fica a critério das memórias e relatos, que deixam passar muitos nomes.

Antonia Palla (primeira mulher sindicalizada), Alice Vieira, Diana Andringa e Maria Teresa Horta (atuando em páginas culturais e suplementos juvenis), Vera Lagoa (pseudônimo de Maria Armanda Pires Falcão, atuando em áreas relacionadas à sociedade), Edite Soeiro e Maria Virginia de Aguiar (que desempenharam múltiplas tarefas) e Leonor Pinhão (que é a primeira mulher a atuar em um jornal esportivo, no caso, A Bola, ingressando nesse segmento na segunda metade da década de 70).

Entretanto, apesar desses casos, segundo Isabel Ventura, é apenas a partir da década de 60 que surgem de fato as primeiras mulheres a ingressar nas redações dos jornais, pois antes desse período estavam basicamente restritas às publicações femininas, como era o caso de Maria Lamas na revista Modas e Bordados e Maria Joana Mendes, na revista Menina e Moça.

Assim, a inserção da mulher no jornalismo português começou a se acentuar a partir de 1970, concomitantemente com o aumento dos níveis de instrução escolar, tendências de mobilidade social e incremento de relações de equidade entre homens e mulheres ocasionados pós-revolução de 1974. Assim, a crescente presença de mulheres no jornalismo é decorrente do aumento do nível de escolaridade feminino em Portugal.

Vale ainda apontar que nesse período, o ingresso de mulheres às redações ocorria em muitos casos devido a uma ligação de parentes com algum jornalista homem, possivelmente em situação de preso político. Assim, em solidariedade aos colegas, redações contratavam esposas, filhas, namoradas, viúvas de jornalistas presos pelo regime ditatorial português. Esse foi o caso de, por exemplo, Diana Andringa (esposa de um preso político) e Leonor Pinhão (o pai, Carlos Pinhão, era jornalista do jornal A Bola).

> É lhes permitida uma entrada numa redação não para lhes dar uma chance, mas sim, como um favor que lhes é concedido em prol do elemento masculino que a elas estava ligado. No fundo, era ao homem (pai, marido, namorado ou falecido) que se concedia o favor e não a elas (...) 'sem esse elemento sanguíneo, apesar de todas as suas qualificações e competências, elas provavelmente não teriam conseguido, pelo menos nesta altura da história, aceder aos quadros dos jornais' (VENTURA, 2007, p. 61).

Anne Witz (1992, apud GARCIA, 2009, p. 105) confirma esse posicionamento ao afirmar que o acesso às mulheres ao campo jornalístico em Portugal não foi influenciado simplesmente por qualificações, apontando uma marginalização feminina no meio jornalístico, como consequência de um ingresso não baseado em reconhecimento das competências. O afastamento e a marginalização das mulheres em concomitância com a falta de reconhecimento e legitimação social revelam que a inserção da mulher nesse mercado de trabalho não implicou, necessariamente na melhoria de seu *status*. Nesse sentido, mais do que uma estratégia de exclusão (que restringia o acesso às credenciais técnicas e competências para ingresso na profissão), ainda existia o efeito das estratégias de demarcação, baseadas em uma divisão de trabalho intermediada por relações de poder que colocavam as mulheres como subordinadas. Isso, conforme Lígia Amâncio (1994 apud GARCIA, 2009, p. 105), é reflexo da diferença de valorização de feminilidades e masculinidades, associada às funções reconhecidas como de mulheres e de homens na sociedade.

No Terceiro Programa de Ação Comunitária em Igualdade de Oportunidades entre homens e mulheres (1991-1995) promovido pela União Europeia houve um reconhecimento de melhorar a imagem e participação femininas nos meios de comunicação, com intuito de melhorar o *status* da mulher na sociedade. Segundo o programa, é necessária a promoção da participação feminina nos meios de comunicação, de maneira a influenciar no conteúdo dos programas e favorecer representações positivas femininas (GARCIA, 2009, p. 106).

Em relação especificamente ao jornalismo esportivo, conforme Francisco Mineiro (2006, p. 54), o primeiro jornal esportivo português foi “O Velocipedista”, lançado em março de 1893. No rádio português, o esporte passou a integrar a grade de programações na década de 40. Já televisão, Portugal tem em 1956, a partir da RTP, a primeira emissão experimental com temática esportiva.

Sobre o primeiro jornal impresso esportivo português, esse se construiu a partir de uma proposta de englobar uma onda de nacionalismo que criticava incorporações da cultura de outros países da Europa, nesse sentido, as mulheres ali representadas eram associadas à essa crítica. Assim, as

representações femininas eram focadas na crítica às mulheres portugueses por assimilarem modas estrangeiras, mas não se apropriavam do comportamento esportivo das estrangeiras, como apontado a seguir.

> Eu vejo as nossas modas, por vezes deprimentes e grotescas, o luxo enervante, serem servisse ordinárias cópias das modas estrangeiras. Porque não copiará a mulher português o feitio físico da mulher francesa, inglesa, russa, dinamarquesa ou norte-americana? Porque não será ela uma remadora exímia, uma nadadora distinta, uma pioneira resistente, uma ciclista audaz?" (O VELOCIPEDISTA, 1894, apud MINEIRO, 2006, p. 56).

Era, portanto, essa a representação inicial da mulher no jornalismo esportivo português: a da envolvida com modas europeias e que não se preocupa com o tema esporte. No entanto, esse posicionamento era coerente com o objetivo do esporte e os conceitos estereotipados de gênero nesse período (como apontado por Mineiro, 2006), que era preparar o homem para a guerra, sendo, portanto, um campo masculino.

> O estratagema de reforço do papel social do desporto tinha como objetivo preparar **o homem** europeu para futuros conflitos armados. A ideia de força, expressa aqui como sinônimo de uma sociedade bem preparada fisicamente e apta para a guerra, passa a ser um dos critérios determinantes na avalição das nações e dos próprios povos, apresentada na imprensa desportiva como o único fator gerador de mudança (MINEIRO, 2006, p. 80) (Grifo da autora).

Assim, não diferente do jornalismo e do esporte, o jornalismo esportivo também se consolidou como um espaço predominantemente masculino. Conforme Francisco Pinheiro (apud ALVAREZ; MAGALHÃES, 2014, p. 09), as primeiras mulheres em Portugal a atuar na imprensa esportiva foram Rude (pseudónimo em 1912), Laura de Matos (1917-1918), Maria Henriqueta (1921), Maria Teresa Santos Silva (1925), A avósinha (pseudônimo), Maria Marogui (1927) e Marta Lina (1935).

No entanto, para Isabel Ventura (2007), a primeira mulher de destaque a atuar em um jornal esportivo em Portugal foi Leonor Pinhão, que ingressou nessa área por influência paterna. Nascida em 1957 iniciou seu trabalho no jornalismo esportivo aos 19 anos, no jornal A Bola por influência do pai, Carlos

Pinhão, que era um dos diretores e acionistas desse veículo. Seu percurso no jornal foi marcado por um início onde participava apenas auxiliando repórteres ao escrever notícias ditadas por esses, mas rapidamente teve sua primeira oportunidade de participar efetivamente de uma notícia, em 1976 teve sua primeira entrevista paga e mais tarde começou a colaborar com outros meios de comunicação. Segundo ela (apud VENTURA, 2007, p. 94), ser mulher era um ponto favorável, já que por ser a única sempre despertava surpresas e graça por parte dos entrevistados. Em 1990 passa ser editora de esportes do Público. Ainda na década de 90, atuou como comentarista no extinto programa Os Donos da Bola (da SIC) e Sacanas sem Lei (Canal Q).

Apesar dessa participação de Leonor Pinhão, esse tipo de trabalho feminino não era comum. Pois,

> o jornalismo esportivo tem sido uma área em que a conquista da equidade de gênero ainda está distante de ser alcançada. Há poucas mulheres nas redações esportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo (JOHN, 2014, p. 498 apud PÊGO, 2015, p. 58).

Além disso, para Cerqueira o fato do esporte ser predominantemente masculino, afetou (e ainda afeta) também a percepção do público quanto à competência das mulheres a respeito desse campo, e, consequentemente, quanto às suas habilidades para apresentar, narrar e comentar assuntos esportivos. Dessa forma, como muitos ainda pensam que como as mulheres não dominam o campo esportivo, acreditam que também não farão um bom trabalho ao fazer cobertura jornalística, narração ou comentários, e quando o fazem, “têm que combater os estereótipos que estão enraizados, ou seja, têm que desempenhar as funções tão bem ou melhor do que os homens” (CERQUEIRA, 2008, p. 712 apud PÊGO, 2015, p. 58).

Devido a essas situações, nomes femininos de destaque no jornalismo esportivo começaram surgir na televisão portuguesa a partir do final da década de 80. No campo da reportagem esportiva televisiva, destacaram-se como precursoras Pilar de Carvalho, primeira mulher a acompanhar à Volta a Portugal, falecida em 93 (RTP, 2018) e Lena Sousa e Silva (ingressou em 95, substituindo Pilar de Carvalho). Na apresentação destacaram-se Natália de Oliveira

(considerada precursora no jornalismo esportivo televisivo em Portugal) e Cecília Carmo (que ingressou em 1987 na RTP como repórter e apresentadora, sendo apelidada como a Grande Senhora do Desporto [DN, 2018]). Além desses nomes, destacam-se ainda como iniciantes nesse campo, Margarida Pires (cujo ingresso ocorreu em 1992 na TVI), Claudia Lopes (1998 na RTP), Laura Santos e Helena Sousa e Silva (RTP, 2018; DN, 2018; TVI, 2018; MARQUES, 2018). Dessas apenas Claudia Lopes ainda está na ativa no jornalismo esportivo televisivo.

4 METODOLOGIA

Observamos que na contemporaneidade, movimentos feministas e de mulheres têm discutido as representações femininas nos diferentes meios e alegado que essas não condizem com a realidade, pois as mulheres, muitas vezes, são negligenciadas nesses espaços como sujeito atuante para serem reportadas como dependentes e emotivas, cujo corpo e aparência física possuem valores acima das capacidades mentais e intelectuais (MORENO, 2008). Nesses casos, ocorre uma colaboração para o reforço de estereótipos e imagens preconceituosas em relação às mulheres, por isso, esses movimentos reivindicam maior visibilidade nos meios de comunicação a respeito das representações de mulheres como intelectuais, especialistas e trabalhadoras, reformulando a pauta de discussão de maneira a inserir a crítica sobre a forma como gênero é compreendido a partir de valores binários heteronormativos.

Para tal, reivindicam questões referentes à identidade e representação, ou seja, o que gênero significa e como esse é produzido, aceito e/ou questionado pela sociedade. Vale ainda apontar que alguns coletivos e grupos de mulheres com essas pautas reivindicativas, atuam junto aos meios de comunicação, se apropriando desses para fomentar discussões emancipatórias e/ou discutir as próprias representações mediáticas, como pode ser observado pelos grupos “Empodere Duas Mulheres”, “Força Meninas”, “Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta”, “Revista AzMina”, entre outros.

Em relação à participação e representação das mulheres especificamente no jornalismo esportivo (foco deste trabalho), observa-se que essas estão sub representadas enquanto esportistas, ou seja, aparecem com baixa frequência nos meios retratadas nem sempre como atletas, trivializando as experiências dessas, ao focar suas características físicas e emocionais ao invés dos seus feitos esportivos (DUNCAN, 1994; MARIVOET, 1997; MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2004; CONCEIÇÃO, CORTEZ, SIMÕES, 2004; DEVIDE, 2005; ROMERO, 2016).

Outro fator ainda importante em relação ao jornalismo esportivo, é em relação à própria participação das mulheres enquanto produtoras e veiculadoras desse conteúdo. Atentando para essas questões, esta tese objetiva analisar a participação das profissionais mulheres em programas esportivos da televisão

aberta em Portugal e no Brasil (região metropolitana de São Paulo / Campinas), veiculados em 2017. Para tal, este trabalho propõe comparar a quantidade de profissionais homens e mulheres nas funções de narração, comentário e apresentação; avaliar em quais pautas predomina a presença de profissional feminino e em quais há ausência dessa profissional; analisar o discurso e funções das apresentadoras nos programas de esportes; traçar relações entre o quadro verificado na participação dos programas com as tendências e estereótipos presentes na sociedade ocidental em relação à mulher; discutir o que se pode concluir sobre a imagem dela projetada nos programas estudados, e, a verificar o que as apresentadoras de programas de esportes compreendem a respeito de sua inserção neste ambiente, suas funções e relações com demais profissionais.

Assim, partindo dos pressupostos de que (1) as visões femininas e as próprias mulheres são quase invisíveis em determinadas pautas de programas de esportes, (2) os homens predominam como porta-vozes e especialistas, e, (3) a participação de profissionais de gêneros diferentes para discussão dos esportes pode refletir e reforçar estereótipos desse tipo, procurar-se-á responder as seguintes questões:

- Quais funções as mulheres assumem em programas de esportes?

- Qual a temática abordada por essas profissionais? Em quais pautas as mulheres aparecem e em quais são o foco central?

- Quando as mulheres são ouvidas como especialistas? Em quais situações?

- É possível relacionar as participações femininas com determinados estereótipos de gênero? É possível associar essas representações majoritariamente à esfera doméstica, à fragilidade e à emotividade?

- Qual o discurso dessas mulheres nesses programas?

Essa discussão é importante, pois, tanto o jornalismo como o esporte constituem em instituições historicamente masculinizadas, participando da construção de representações sociais, apresentando imagens dos fatos e dos valores. Nesse sentido, torna-se fundamental a discussão sobre a participação das mulheres no jornalismo esportivo, de maneira a verificar se os cargos e funções nessa esfera são distribuídos de acordo com definições estereotipadas

de masculino e feminino ou se esses programas têm questionado os conceitos tradicionais de gênero, o binarismo e a heteronormatividade.

Além disso, a pesquisa busca trazer benefícios para a sociedade ao apontar e discutir se ocorre a desigualdade de gênero no âmbito profissional da comunicação social, mais especificamente em programas de esportes televisivos brasileiros e portugueses, e, caso ocorra, denunciar o preconceito de gênero constatado a partir do antagonismo na forma de tratamento entre homens e mulheres que trabalham com comunicação e esportes, demonstrando em quais situações, esse segmento ainda é regido por uma cultura androcêntrica.

A estrutura deste trabalho é baseada no Modelo Metodológico da Pesquisa proposto por Maria Immacolata Lopes (2001), com as seguintes fases de pesquisa: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. A definição do objeto ocorreu com a formulação do problema da pesquisa (descrito acima), da fundamentação teórica (apontada nos capítulos anteriores) e da hipótese que aponta que ainda existe uma cultura androcêntrica presente em programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, resultando em possibilidades diferentes de atuações para jornalistas homens e mulheres.

A segunda fase, a observação, está presente neste capítulo, consistindo na definição dos métodos utilizados para a coleta e interpretação dos dados. Já as duas últimas fases abrangerão as ações de descrição (realização de procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados, e, reprodução do fenômeno em seu contexto empírico) e interpretação (teorização dos dados empíricos conforme a perspectiva teórica explanada nos dois primeiros capítulos).

Na fase da descrição será realizada a tabulação e categorização dos dados coletados, com intuito de auxiliar na análise descritiva. E na última fase serão realizadas as análises interpretativas, a partir de uma abordagem analítica que relacione os dados coletados na pesquisa anterior, com o contexto social e cultural ocidental contemporâneos, a partir da relação desses dados com o aporte teórico presente nos primeiros capítulos.

Para a coleta de dados, a pesquisa está dividida em 4 partes: pesquisas bibliográficas, análise do conteúdo (levantamento quantitativo das profissionais mulheres atuando nos cargos de apresentadora, comentarista e narradora e dos respectivos programas em que atuam), análise dos programas esportivos

selecionados na etapa anterior, e entrevistas com as respectivas profissionais elencadas; sendo que cada uma delas estão descritas a seguir.

4.1 Pesquisa bibliográfica

A primeira fase dos procedimentos metodológicos consistirá em levantamentos de dados e informações por meio de pesquisas bibliográficas, articulando as temáticas relacionadas aos estudos de gênero, ao esporte e ao jornalismo.

Segundo Ida Regina C. Stumpf (2015, p. 51), a pesquisa bibliográfica consiste no “planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda literatura examinada, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões”. Essa fase é importante pois permite ao pesquisador conhecer o que já foi produzido a respeito da temática ao revisar a literatura existente.

Assim para suporte teórico, será realizada uma análise bibliográfica a respeito dos conceitos de gênero e história das mulheres, por meio, principalmente, de obras de Judith Butler (2003), Joan Scott (2005), Adriana Piscitelli (2018), Silvana Mariano (2005), Avtar Brah (2006) e Nancy Fraser (2010); relacionados às representações mediáticas e à nova pauta de reivindicações do movimento feminista atrelada à veiculações adequadas da imagem feminina pelos meios de comunicação, a partir de obras de Guacira Lopes Louro (2008), Eduardo Coutinho, João Freire Filho e Raquel Paiva (2008), Bordenave (2002) e Raquel Moreno (2008). Também serão utilizadas obras relacionadas à construção social do esporte e sua relação com identidade de gênero das(os) pesquisadoras(es) Susan Birrel e Cheryl Cole (1990), Salomé Marivoet (1997, 2014), Silvana Goellner (2004, 2013), Fabiano Devide (2005) e Migliaccio e Berg (2007), Elaine Romero (2016), Ludmila Mourão (2000), Paulo Felix Marcelino Conceição, José Alberto Aguilar Cortez e Antonio Carlos Simões (2004), Pam Creedo (2014) e Nancy Theberge (1993).

Por fim, também serão utilizados os conceitos a respeito da teoria jornalística de Jorge Pedro Sousa, José Luiz Braga (2012), Beatriz Becker (2005, 2012), José Luiz Aidar Prado (2005, 2018) e Patrick Charaudeau (2016), bem

como a trajetória e reflexão a respeito de mulheres no jornalismo esportivo, por meio das obras de Suzanne Franks (2013), Deirdre O'Neill (2013, 2015), Stuart Allan (2010) e Regina Helena de Paiva Ramos (2010).

4.2 Levantamento histórico das mulheres no jornalismo esportivo (no Brasil e em Portugal)

As pesquisas de natureza sócio histórica objetivam discutir os diferentes assuntos do cotidiano, por meio de uma abordagem sistemática de coleta, organização e avaliação de dados relacionados com acontecimentos passados. Para tal, são necessárias 3 fases: levantamento de dados, avaliação crítica desses, e, apresentação dos fatos bem como suas interpretações e conclusões (BORENSTEIN, PADILHA, 2017, 577).

Para a escolha do objeto desta fase de pesquisa é necessário considerar os aspectos históricos que se relacionam com o resultado presente e realizar uma releitura desses acontecimentos, a partir da delimitação do tema e objetivos da pesquisa. Assim, com intuito de coletar dados a respeito da inserção da mulher no mercado profissional jornalístico, especificamente na editoria de esportes, neste momento, estudaremos a participação feminina no jornalismo esportivo, bem como sua evolução em relação às funções e dificuldades retratadas na editoria desse campo. Nesta etapa, portanto, serão investigados os seguintes dados:

- Momento de inserção de mulheres na carreira de jornalismo
- Quanto representava a participação feminina no total de jornalistas no início do jornalismo e na contemporaneidade
- Quais pautas/cadernos eram cobertos por mulheres no início de sua atuação e na contemporaneidade
- Quais dificuldades as mulheres tiveram ao adentrar no jornalismo esportivo
- Qual o momento de inserção de mulheres no jornalismo esportivo
- Qual a participação das mulheres no jornalismo esportivo no início de sua atuação nesse segmento

O levantamento de dados ocorrerá a partir de leituras bibliográficas a respeito da história do jornalismo, de dados estatísticos relativos à participação de homens e mulheres neste mercado de trabalho (emitida por diferentes

organizações, como sindicatos, por exemplo) e de entrevistas às jornalistas consideradas precursoras no cenário esportivo.

A partir disto, será comparada essa trajetória histórica com as condições e participações atuais das mulheres no jornalismo esportivo, a fim de observar como ocorre relação da história com o presente, ou seja, se há uma linearidade ou ruptura dos valores passados comparados com os atuais.

4.3 Análise do conteúdo

Nesse momento será realizada uma pesquisa quantitativa para mensurar a presença das mulheres em todos os programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, comparando com a presença e as funções dos homens desempenhadas nestes programas.

Para tal, portanto, será utilizada a metodologia da Análise do Conteúdo em edições veiculadas em novembro de 2017 no Brasil e de 20 de abril a 20 de maio de 2017 em Portugal, em ambos os casos, os dados serão extraídos diretamente dos programas e das páginas virtuais desses ou das respectivas redes de televisão a qual pertencem, ou seja, a partir de informações oficiais disponibilizadas pelas emissoras. A escolha do mês de novembro para o Brasil esteve relacionada com o período de importantes eventos esportivos, como final do campeonato brasileiro de futebol, o Grande Prêmio de Fórmula 1 do Brasil e jogos de ida e volta da final da Libertadores. Já a escolha dos meses abril e maio para Portugal esteve relacionado com o período de finalização do campeonato português de futebol (principal evento esportivo do país).

A análise do conteúdo objetiva a descrição sistemática do conteúdo, enfatizando a objetividade e o levantamento de dados manifestos. Permite seis principais respostas a serem obtidas: resposta descritiva (quantidade ocorrida do fenômeno ou da mensagem veiculada), resposta normativa (construções de “padrões” a respeito do tema analisado), análises trans-seccionais (comparação de dois meios diferentes), análises longitudinais (análises que perduram longo período), análises de indicadores culturais (levantando mapas de tendências comportamentais) (CUNHA, 2012, p. 82). A partir dessas respostas, a análise do conteúdo busca quantificar estatisticamente os dados obtidos, levando à construção de base de dados.

Segundo Heloiza Herscovitz (2008), a análise do conteúdo geralmente é utilizada quando se busca responder uma ou mais das seguintes questões: o que diz os meios de comunicação? Para quem? Em que medida? E com que efeito? Vale ressaltar que na área de comunicação, a análise do conteúdo possui grande validade, pois por meio desta é possível verificar a frequência com que situações, lugares e pessoas aparecem em determinado meio, podendo comparar esses dados com o padrão de adequação da representação feminina mediática proposto por feministas contemporâneas.

Nesta etapa da pesquisa o objetivo consiste em quantificar o número de apresentadoras(es), comentaristas e narradoras(es) nos respectivos programas, identificando-os conforme o gênero, idade, função e formação acadêmica e, se ocorre a definição em relação ao papel social e familiar (mãe, pai, marido, esposa, avô, avó, entre outros), pois acredita-se que ainda não ocorre uma distribuição igualitária da presença de profissionais de ambos os gêneros nos programas televisivos de esportes. Para tal, são analisadas as seguintes características:

a) Presença de profissionais femininas
b) Função das mulheres
c) Presença de profissionais homens
d) Função dos homens
e) Idade dos profissionais
f) Formação acadêmica dos profissionais

Mensurando esses pontos é possível verificar se ocorre predominância de determinadas funções para cada um dos gêneros analisados. Além disso, esta mensuração também permite a comparação quantitativa da participação feminina com a masculina, de forma a verificar se há um equilíbrio ou uma discrepância na participação desses nesse formato de programa televisivo estudado.

Para realização dessa etapa, a pesquisa encontra-se catalogada em três fichas distintas. A primeira identifica as(os) profissionais homens e mulheres, apontando as respectivas funções (apresentação, narração ou comentário) em cada programa de esportes da televisão aberta portuguesa e brasileira (região metropolitana de São Paulo). A segunda ficha consiste em um resumo quantitativo apresentando a soma de todas(os) as(os) profissionais femininas e

masculinos em cada programa e em cada canal. Já a terceira ficha contém dados relativos ao perfil de cada profissional elencada(o) nas fichas 1 e 2, apontando características como: idade, formação e tempo de atuação no respectivo programa.

Ficha de Análise (1): Identificação das(os) profissionais mulheres e homens nas funções de narração, comentaristário e apresentação de programas esportivos

Programa	**Nome da profissional feminina**	**Função da mulher**	**Nome do profissional homem**	**Função do Homem**

Ficha de Análise (2): Quantidade de profissionais homens e mulheres nas funções de narração, comentário e apresentação de programas esportivos

		PROFISSIONAIS			
CANAL	**PROGRAMA**	**Femininos** (participação no programa)	**Masculinos** (participação no programa)	**Femininos** (participação em todos os programas esportivos da emissora)	**Masculinos** (participação em todos os programas esportivos da emissora)

Ficha de Análise (3): Perfil das(os) profissionais mulheres e homens nas funções de narração, comentário e apresentação de programas esportivos

Nome	**Idade**	**Cargo**	**Formação**

Para essa fase da pesquisa serão considerados todos os programas de esportes da televisão aberta brasileira (região metropolitana de São Paulo),

veiculados no período de 01 de novembro a 30 de novembro, sendo eles: Brasil Esportes (TV Aparecida), RIT Esportes (TV RIT), Cartão Verde (TV Cultura), Esporte Fantástico (TV Record), Jogo Aberto (Bandeirantes), Os Donos da Bola (Bandeirantes), Band Esporte Clube (Bandeirantes), Terceiro Tempo (Bandeirantes), NBB Caixa (Bandeirantes), Porshe G3T (Bandeirantes), Super Liga do Vôlei (Rede TV), Super Faixa do Esporte (Rede TV), Série B (Rede TV), Bola na Rede (Rede TV), Mesa Redonda (TV Gazeta), Gazeta Esportiva (TV Gazeta), Globo Esporte (TV Globo), Futebol (TV Globo), Esporte Espetacular (TV Globo), Treino da Fórmula 1 (TV Globo); e os seguintes programas da televisão aberta portuguesa, veiculados de 20 de abril a 20 de maio de 2017: A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio (RTP1 e RTP3), Automobilismo (RTP1 e RTP3), Especial Ciclismo (RTP1 e RTP3), Futebol de Praia (RTP1), Futebol: Liga dos Campeões (RTP1 e RTP3), Millenium Estoril Open (RTP2), Hóquei (RTP2), Grande Área (RTP3), Trio d'Ataque (RTP3), Liga Europa (SIC), Liga Europa – Resumos (SIC), Desporto (SIC Notícias), Edição da Tarde (SIC Notícias), Especial Desporto (SIC Notícias), O Dia Seguinte (SIC Notícias), Óh Sr. Árbitro (SIC Notícias), Play Off (SIC Notícias), Tempo Extra (SIC Notícias) e Futsal (TVI), Mais Futebol (TVI 24), Mais Bastidores (TVI 24), Liga Sport Zone (TVI 24), Futsal Feminino (TVI 24), Ao Minuto (TVI 24), Andebol (TVI 24), Campeonato Nacional (TVI 24), Hóquei (TVI 24) e Prolongamento (TVI 24).

4.4 Análise dos programas esportivos

Após a análise do conteúdo, será realizada uma análise dos programas esportivos que possuem mulheres em seu quadro de profissionais (apresentadoras, comentaristas e/ou narradoras), veiculados na primeira semana de novembro. A escolha do mês de novembro para o Brasil e de abril/maio para Portugal seguiu o mesmo critério da análise quantitativa que esteve relacionado com o período de importantes eventos esportivos nacionais nesses países. Além disso, para esta análise, serão considerados apenas programas de canais comerciais (excluindo TVs públicas e com programação majoritariamente religiosa) e nos quais havia interação da profissional com outras(os) profissionais.

Nesse momento, serão selecionadas as falas, vestimentas, pronomes e enquadramento das mulheres presentes nos programas estudados,

comparando-os com os aspectos presentes nos homens com as mesmas funções. A partir dessa análise será possível construir interpretações por meio da observação minuciosa do uso das palavras, dos gestos e das relações, expondo níveis aparentemente opacos. Nesse sentido, será estudado o tipo de discurso que as profissionais assumem nos programas esportivos, como são tratadas, como são nomeadas, o enquadramento que recebem e como se vestem criando subsídios para descrição do perfil e papel assumidos por essas profissionais.

Para tal, serão analisadas as seguintes situações: enquadramento, tema e modalidade (abordado por cada profissional), quantidade e tempo de fala, profundidade do tema da fala (apresentação, descrito com detalhes, técnica) e vestimentas, enquadradas de acordo com as seguintes categorias de análise:

(1) Desautorização:

- Falas são interrompidas? Quem interrompe e quem é interrompido? (*manterrupting*[15])

- São explicados termos técnicos? Quem explica e para quem? (*mainsplaining*[16])

- As ideias originalmente de mulheres são apropriadas por homens como se fossem deles? (*bropriating*[17])

- Os profissionais expressam emoções? (choro, riso incontrolável)

- São realizados comentários diminutivos ou que expressem foco na imagem ao invés da capacidade intelectual?

(2) Infantilização:

- Qual o pronome de tratamento utilizado para descrever a(o) profissional?

- Como as(os) profissionais são chamadas(os)? São usados apelidos?

- É utilizada a mão na boca ou outra postura infantilizada?

(3) Análise de posturas:

[15] Quando um homem interrompe uma mulher de maneira a não permitir que ela conclua sua argumentação.
[16] Quando um homem explica para uma mulher algo óbvio de maneira didática, supondo que ela não tenha conhecimento do assunto ou não tenha capacidade de compreendê-lo em sua totalidade.
[17] Quando um homem se apropriade uma ideia de uma mulher e recebe os créditos por ela.

- Sujeitos são mostrados em posições eretas, parecendo preparados e assertivos, com um olhar direto?

- Sujeitos são mostrados com postura inclinada, “off balance”?

- Falas tendem à delicadeza (compreensão) ou agressividade (crítica)?

- Estão presentes posturas submissas?

(4) Erotização:

- Há destaque para corpo? (discurso verbal e não verbal)

- Há o uso de posturas sexualmente sugestivas?

- Qual o tipo de vestimenta utilizada?

(5) Contextos familiares:

- Há atividades que podem ser associadas com atividades domésticas?

- Há citação de contextos familiares?

- Há citação de contextos domésticos?

(7) Domínio de conteúdo:

- Realiza perguntas?

- Recebe perguntas?

- Utiliza termos técnicos?

- Qual o contexto da fala? (esporte, cotidiano, moda, relacionamento, família, política, entre outros)

Como observado, esta análise não se restringirá ao conteúdo das falas, mas também abarca a postura, vestimenta, comportamento e relação entre os profissionais estudados (apresentadores, comentaristas e narradores), pois esse trabalho reconhece a relação existente e inseparável entre as práticas sociais e o uso da linguagem, e suas ligações entre causas, efeitos e relações de poder intrínsecas e extrínsecas. A importância de se enfatizar essas relações é que essas nem sempre são claras para a maioria das pessoas, não compreendendo a conexão existente entre o exercício do poder e o uso da linguagem.

4.5 Entrevistas

Por fim, serão realizadas entrevistas abertas individuais em profundidade com objetivo de “buscar, com base em teorias e pressupostos definidos, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2015, p. 63).

Contar histórias tem sido uma das práticas mais comuns da humanidade, por meio da qual transmitem-se valores, ideias e acontecimentos. O uso de entrevista ocorre a partir de diferentes objetivos e funções, por meio dos quais procura-se saber o que os indivíduos pensam e com que frequência o fazem. A partir disto, a prática de entrevistas na academia também se tornou uma interessante ferramenta de coleta de dados e de construção coletiva de um determinado discurso. Nesse sentido, o entrevistador não é considerado apenas alguém que irá colher objetivamente as informações necessárias, mas também alguém que juntamente com o entrevistador construirá discursos. Por isso, é fundamental o estímulo às falas com a finalidade de reproduzir histórias, já que a entrevista é um evento interacional na qual são articuladas identidades sociais (BASTOS, SANTOS, 2013).

Através de suas histórias podemos compreender como as pessoas processam construções identitárias e suas respectivas adequações à determinadas estruturas sociais. Sobre isso, Riessman (1993 apud SANTOS, 2013, p. 25) ressalta que os “indivíduos constroem eventos passados e ações em narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas”.

Considerando esses aspectos e a premissa de que o esporte e o jornalismo são permeados por relações androcêntricas, a entrevista, a ser realizadada nessa fase de pesquisa, analisará as relações de trabalho das jornalistas que atuam no ramo de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, apontando se essas relações são, de fato, permeadas por uma cultura androcêntrica.

Afinal, a função e o tratamento recebido por mulheres jornalistas além de relatarem como relações de trabalho são manifestas nesse meio, ainda manifestam publicamente esses valores, tornando-os explícitos à sua audiência. Assim, o jornalismo também contribui para dotar de significação as ocorrências ao atribuir-lhes sentido, embora a outorgação final dessa dependa também do receptor e das mediações sociais. Isso ocorre, pois, esses meios fornecem um quadro referencial explicativo do mundo, num processo de construção social da realidade. Por isso, “embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera existência contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 2002, p.13).

Nesse sentido, uma sub-representação e/ou uma representação não adequada das mulheres pelos meios promovem uma incompreensão dessas em sua totalidade. Essas representações não adequadas podem ocorrer quando as mulheres não são retratadas nos meios, quando não são ouvidas como especialistas, quando o destaque de suas funções está voltado para o âmbito doméstico, entre outros.

Considerando essas questões, a pesquisa irá verificar se a voz da jornalista é silenciada em programas de esportes e como é a relação dessas mulheres com as(os) demais profissionais da área. Para tal, serão entrevistadas apresentadoras de programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, com intuito de coletar informações a respeito da construção das mulheres nesses programas, como foi a inserção dessas nesse meio, como essas são tratadas e como sentem que são vistas pelas(os) demais profissionais envolvidas(os).

Nesse sentido, as questões objetivarão explorar as trajetórias das profissionais mulheres no jornalismo esportivo televisivo de maneira a compreender o passado, analisar e discutir e fazer prospectivas, além de possibilitar a identificação de problemas, microinterações e padrões nas relações de trabalho em relação às condições de gênero no ambiente estudado. Assim, a entrevista possibilitará obter elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema, já que essa técnica possibilita apreender uma realidade a partir de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado e descrição de situações nas quais está ou esteve envolvido.

As entrevistas contarão com questões abertas aplicadas pessoalmente, via *skype* ou *email* (dependendo da disponibilidade das entrevistadas), sendo que a entrevista aberta consiste em uma técnica onde não há sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas e “tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência” (DUARTE, 2015, p. 65). Dessa forma, a resposta a uma pergunta origina a próxima questão.

Para a pesquisa em questão, como abordado, serão entrevistadas apresentadoras, comentaristas e narradoras dos programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa estudados neste trabalho. No total haverá a tentativa de entrevista de em torno de 10 jornalistas brasileiras e sete portuguesas. Nesse sentido, serão selecionadas todas as apresentadoras de programas de esportes da televisão aberta brasileira (veiculados na região metropolitana de São Paulo) e portuguesa, não havendo um critério de inclusão específico, já que a pesquisa consistirá em censo, não trabalhando com amostra delimitada.

Partindo do pressuposto de que ainda existe uma cultura androcêntrica presente em programas de esportes da televisão aberta brasileira e portuguesa, resultando em possibilidades diferentes de atuações para jornalistas homens e mulheres, o objetivo principal da entrevista é analisar o que as apresentadoras de programas de esportes compreendem a respeito de sua inserção nesse ambiente, suas funções e relações com demais profissionais. Além disso, essa fase da pesquisa objetiva:

- Traçar a trajetória profissional das apresentadoras de programas de esportes

- Elencar os principais preconceitos que estas profissionais passaram e/ou passam no ambiente profissional

- Observar se estas profissionais são cobradas em relação à aparência e vestimentas

- Analisar como estas mulheres observam o machismo no ambiente do jornalismo de esportes

- Verificar se há assédio às mulheres que se destacam neste ambiente

- Analisar se a capacidade e o conhecimento das mulheres sobre o esporte são reconhecidos

- Elencar situações nas quais as falas das mulheres foram interrompidas

- Avaliar se as mulheres recebem o mérito por seu trabalho ou se este é transferido para outros ou outras colegas

- Discutir a atuação de mulheres como narradoras e comentaristas e a escassez de profissionais do sexo feminino neste ramo

A entrevista busca trazer benefícios para a sociedade ao apontar e discutir a desigualdade de gênero ocorrida no âmbito profissional da

comunicação social, mais especificamente em programas de esportes televisivos brasileiros e portugueses. Além disso, também irá expor e denunciar o preconceito de gênero constatado a partir do antagonismo na forma de tratamento entre homens e mulheres que trabalham com comunicação e esportes, demonstrando que este segmento ainda é regido por uma cultura androcêntrica.

Dessa forma, busca-se obter depoimentos de apresentadoras de programas televisivos de esportes a respeito de suas trajetórias profissionais e ambiente de trabalho, enfocando sua condição enquanto mulher em um ambiente masculinizado, bem como dados relacionados à cultura androcêntrica neste ambiente, como a presença de misoginia, *mainsplaining*, *manterrupting*, *bropriating* e/ou outras formas de preconceito e discriminação contra mulher.

Para tal, a entrevista contará com 17 questões abertas, que poderão ser reestruturadas conforme o andamento da conversa com o entrevistado, mas seguindo a proposta da possibilidade de uso das seguintes questões:

1. Qual a sua trajetória no jornalismo?
2. Como / Por que você passou a atuar na editoria de esportes?
3. Você já se deparou com algum tipo de preconceito durante sua carreira?
4. Você acredita que existam focos distintos para cobertura de modalidades praticadas por homens e mulheres?
5. Atletas femininos e masculinos recebem a mesma atenção (mesma participação quantitativa em pautas e mesma forma de tratamento)? Por que você acha que isso ocorre?
6. Ainda não é comum no Brasil, mulheres atuarem como narradoras/comentaristas em transmissões televisivas de esportes. Por que você acha que isso ocorre?
7. Você acha que no seu ambiente de trabalho existe diferença de tratamento entre homens e mulheres?
8. Você acredita que existe machismo nessa área? Se sim, como se manifesta? Se não, quais fatores a levam acreditar nisso?
9. Você acredita que este é um ambiente mais masculinizado, feminilizado ou neutro?

10. Você sente que os homens costumam explicar termos específicos do esporte quando estão conversando com uma mulher? Você já ouviu alguma explicação sobre algum termo que já conhecia? (*mansplaining*)
11. Em algum momento sua fala já foi interrompida, sem que você tivesse a oportunidade de concluir seu ponto de vista? (*manterrupting*)
12. No seu ambiente de trabalho já aconteceu de algum(a) colega receber méritos por algo feito por você? (*bropriating*)
13. Você está sujeita a cobranças em relação à vestimenta e padrão estético em seu ambiente de trabalho? O mesmo acontece com seus colegas do sexo masculino?
14. Você já precisou lidar com assédio em seu ambiente de trabalho ou em exercício da profissão?
15. Seu corpo/sexualidade/sensualidade já alvo de comentários em seu ambiente de trabalho ou fora dele?
16. Você acredita que o jornalismo sobre esportes está mudando em relação à participação da mulher?
17. Quais dicas você daria para uma estudante de jornalismo que deseja ingressar na área de esportes?

Vale ressaltar que apesar da entrevista se apoiar no seguinte roteiro de possíveis questões a serem realizadas, a ordem e a aplicação das perguntas podem ser alteradas conforme especificidades de cada conversa.

Para análise será utilizado o método história de vida. A partir desse método é possível obter informações subjetivas do entrevistado a respeito de sua história e sua perspectiva a respeito de determinada vivência pessoal, possibilitando ao entrevistado dissertar livremente sobre uma experiência de vida (BECKER, 1999).

4.5.1 Comitê de Ética

Para realização da entrevista, houve previamente uma análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética n° 5663, referente à UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação FAAC. O projeto foi registrado sob o título “Visibilidade e participação de jornalistas mulheres em programas

esportivos” no dia 29/07/2016, sob a responsabilidade da pesquisadora Noemi Correa Bueno.

O respectivo projeto registrado com o número CAAE: 59714916.7.0000.5663 foi aprovado pelo comitê (pelo Sistema CEP-CONEP) no dia 19/10/2016, quando foi possível iniciar a atividade de seleção e entrevista das jornalistas.

Para aprovação houve o comprometimento de que caso surgisse qualquer imprevisto ou desconforto à entrevistada durante este procedimento (devido à discussão desse tema polêmico), a participante teria o amparo necessário imediato, podendo, inclusive, se recusar a responder qualquer pergunta e/ou finalizar a entrevista. Ao iniciar a entrevista, este comprometimento foi devidamente esclarecido às entrevistadas de forma verbal e escrita, por meio do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo disponível no Apêndice 1).

5 ANÁLISE DOS PROGRAMAS BRASILEIROS

5.1 Programas de esportes televisivos brasileiros (TV aberta, região de São Paulo)

No período de 01 de novembro a 30 de novembro de 2017 foram analisados os seguintes canais da televisão aberta brasileira: Aparecida, Bandeirantes, Rede TV, Gazeta, Record, Globo, SBT, TV Cultura, Canção Nova e RIT, os quais veicularam 205 edições de programas não repetidos. Desses, a TV Aparecida foi responsável por 26, a Bandeirantes por 57, a Rede TV por 20, a TV Gazeta por 26, a TV Record por quatro, a Globo por 45, TV Cultura por cinco, RIT por 22, sendo que o SBT e Canção Nova não veicularam nenhum programa de esportes.

Na TV Aparecida as 26 edições veiculadas referiram-se a um mesmo programa de esportes, o Brasil Esportes, um programa diário (apenas não é veiculado aos sábados), cuja proposta é debater os mais variados esportes, principalmente futebol, abrangendo não apenas a série A, mas também os acontecimentos da série B.

As edições veiculadas nessa emissora estão disponíveis na Tabela 1.

Tabela 1: Grade de programação de esportes da TV Aparecida (26 programas)

Data	Hora	Programa
01/nov	12:00	Brasil Esportes
02/nov	12:00	Brasil Esportes
03/nov	12:00	Brasil Esportes
05/nov	22:00	Brasil Esportes
06/nov	12:00	Brasil Esportes
07/nov	12:00	Brasil Esportes
08/nov	12:00	Brasil Esportes
09/nov	12:00	Brasil Esportes
10/nov	12:00	Brasil Esportes
12/nov	22:00	Brasil Esportes
13/nov	12:00	Brasil Esportes
14/nov	12:00	Brasil Esportes
15/nov	12:00	Brasil Esportes
16/nov	12:00	Brasil Esportes
17/nov	12:00	Brasil Esportes
19/nov	22:00	Brasil Esportes
20/nov	12:00	Brasil Esportes
21/nov	12:00	Brasil Esportes
22/nov	12:00	Brasil Esportes
23/nov	12:00	Brasil Esportes
24/nov	12:00	Brasil Esportes
26/nov	22:00	Brasil Esportes
27/nov	12:00	Brasil Esportes
28/nov	12:00	Brasil Esportes
29/nov	12:00	Brasil Esportes
30/nov	12:00	Brasil Esportes

Fonte: Própria.

A RIT TV também constava em sua grade de programação de esportes apenas um programa de esportes, o RIT Esportes, transmitido de segunda à sexta feira, cuja proposta é apresentar os fatos esportivos. As 22 edições veiculadas no período estudado, encontram-se disponíveis na Tabela 2.

Tabela 2: Grade de programação de esportes da RIT TV (22 programas)

Data	Hora	Programa
01/nov	13:30	RIT Esportes
02/nov	13:30	RIT Esportes
03/nov	13:30	RIT Esportes
06/nov	13:30	RIT Esportes
07/nov	13:30	RIT Esportes
08/nov	13:30	RIT Esportes
09/nov	13:30	RIT Esportes
10/nov	13:30	RIT Esportes
13/nov	13:30	RIT Esportes
14/nov	13:30	RIT Esportes
15/nov	13:30	RIT Esportes
16/nov	13:30	RIT Esportes
17/nov	13:30	RIT Esportes
20/nov	13:30	RIT Esportes
21/nov	13:30	RIT Esportes
22/nov	13:30	RIT Esportes
23/nov	13:30	RIT Esportes
24/nov	13:30	RIT Esportes
27/nov	13:30	RIT Esportes
28/nov	13:30	RIT Esportes
29/nov	13:30	RIT Esportes
30/nov	13:30	RIT Esportes

Fonte: Própria.

Da mesma maneira todas as edições veiculadas na TV Cultura também se referiram a um mesmo programa, o Cartão Verde, um programa semanal, que propõe debater o futebol nacional, a partir de um debatedor, um trio de comentaristas e um convidado. As cinco edições veiculadas em novembro de 2017 encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3: Grade de programação de esportes da TV Cultura (cinco programas)

Data	Hora	Programa
02/nov	22:30	Cartão Verde
09/nov	22:30	Cartão Verde
16/nov	22:30	Cartão Verde
23/nov	22:30	Cartão Verde
30/nov	22:30	Cartão Verde

Fonte: Própria.

O canal TV Record também possui apenas um programa de esportes, o Esporte Fantástico (um programa semanal), que exibiu matérias a respeito das mais diversas modalidades e entrevistas com personalidades reconhecidas no cenário esportivo. As quatro edições veiculadas no período analisado estão disponíveis na Tabela 4.

Tabela 4: Grade de programação de esportes da TV Record (quatro programas)

Data	Hora	Programa
04/nov	10:15	Esporte Fantástico
11/nov	10:15	Esporte Fantástico
18/nov	10:15	Esporte Fantástico
25/nov	10:15	Esporte Fantástico

Fonte: Própria.

Na Bandeirantes as 57 edições de programas de esportes transmitidos em novembro de 2017 referiram-se aos seguintes programas:

- Jogo Aberto: um programa de debates a respeito principalmente do futebol brasileiro, discutindo os jogos e desempenhos dos principais times do país. Com um apresentador e seis comentaristas a proposta do programa é conduzir o assunto a partir do viés do humor.

- Os Donos da Bola: o objetivo é discutir o futebol a partir do humor, conduzido por um apresentador que todos os dias recebe diferentes convidados para participar de discussões esportivas.

- Band Esporte Clube: programa semanal a respeito dos mais diversos esportes. Apresenta reportagens, entrevistas, quadros e pesquisas com o telespectador.

- Terceiro Tempo: programa semanal que transmite os mais importantes eventos esportivos (principalmente futebol) da semana, que são debatidos por comentaristas da emissora.

- NBB Caixa – Novo Basquete Brasil: transmissão dos jogos da liga oficial do Campeonato Brasileiro de Basquete. Conta com a presença de um narrador, um comentarista e um repórter de campo.

- Porsche G3T: transmissão, narração e comentários do campeonato Porsche GT3 Cup Challenge.

As edições desses programas encontram-se disponíveis na Tabela 5.

Tabela 5: Grade de programação de esportes da Bandeirantes (57 programas)

Data	Hora	Programa
01/nov	11:00	Jogo Aberto
01/nov	13:00	Os donos da bola
02/nov	11:00	Jogo Aberto
02/nov	13:00	Os donos da bola
03/nov	11:00	Jogo Aberto
03/nov	13:00	Os donos da bola
04/nov	14:00	Jogo Aberto
05/nov	14:00	Band Esporte Clube
05/nov	18:30	3° Tempo
06/nov	11:00	Jogo Aberto
06/nov	13:00	Os donos da bola
07/nov	11:00	Jogo Aberto
07/nov	13:00	Os donos da bola
08/nov	11:00	Jogo Aberto
08/nov	13:00	Os donos da bola
09/nov	11:00	Jogo Aberto
09/nov	13:00	Os donos da bola
10/nov	11:00	Jogo Aberto
10/nov	13:00	Os donos da bola
11/nov	13:33	NBB Caixa
12/nov	14:00	Band Esporte Clube
12/nov	18:45	Terceiro Tempo
13/nov	11:00	Jogo Aberto
13/nov	13:00	Os donos da bola
14/nov	11:00	Jogo Aberto
14/nov	13:00	Os donos da bola
15/nov	11:00	Jogo Aberto
15/nov	13:00	Os donos da bola
16/nov	11:00	Jogo Aberto
16/nov	13:00	Os donos da bola
17/nov	11:00	Jogo Aberto
17/nov	13:00	Os donos da bola
18/nov	13:30	NBB Caixa
19/nov	14:00	Porsche G3T
19/nov	15:00	Band Esporte Clube
19/nov	18:50	Terceiro Tempo
20/nov	11:00	Jogo Aberto
20/nov	13:00	Os donos da bola
21/nov	11:00	Jogo Aberto
21/nov	13:00	Os donos da bola

22/nov	11:00	Jogo Aberto
22/nov	13:00	Os donos da bola
23/nov	11:00	Jogo Aberto
23/nov	13:00	Os donos da bola
24/nov	11:00	Jogo Aberto
24/nov	13:00	Os donos da bola
25/nov	13:30	NBB
26/nov	15:00	Band Esporte Clube
26/nov	18:50	Terceiro Tempo
27/nov	11:00	Jogo Aberto
27/nov	13:00	Os donos da bola
28/nov	11:00	Jogo Aberto
28/nov	13:00	Os donos da bola
29/nov	11:00	Jogo Aberto
29/nov	13:00	Os donos da bola
30/nov	11:00	Jogo Aberto
30/nov	13:00	Os donos da bola

Fonte: Própria.

Já a Rede TV apresentou 20 edições de programas de esportes, sendo que esses se referem aos seguintes programas:

- Super Liga do Vôlei: transmissão, narração e comentário da Super Liga de Vôlei feminino e masculino.

- Super Faixa do Esporte: programa semanal que também debate eventos não tão mediatizados como a Série B do futebol nacional e modalidades como vôlei e basquete.

- Série B: transmissão, narração e comentários de jogos da Série B do futebol brasileiro

- Bola na Rede: é um programa de esportes que destaca os principais assuntos do esporte, com gols dos campeonatos internacionais e com os melhores momentos dos torneios disputados pelo Brasil.

As 20 edições veiculadas no período analisado estão disponíveis na Tabela 6.

Tabela 6: Grade de programação de esportes da Rede TV (20 programas)

Data	Hora	Programa
04/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
04/nov	17:00	Super Faixa do Esporte
04/nov	17:20	Série B
05/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
05/nov	02:15	Bola na Rede
11/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
11/nov	17:00	Super Faixa do Esporte
11/nov	17:20	Série B
12/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
12/nov	02:15	Bola na Rede
18/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
18/nov	17:00	Super Faixa do Esporte
18/nov	17:20	Série B
19/nov	13:00	Super Liga do Vôlei
19/nov	02:15	Bola na Rede
25/nov	15:00	Super Liga do Vôlei
25/nov	17:00	Super Faixa do Esporte
25/nov	17:20	Série B
26/nov	13:00	Super Liga do Vôlei
26/nov	02:15	Bola na Rede

Fonte: Própria.

Em relação à TV Gazeta, os 26 programas inéditos (não repetidos) transmitidos em novembro de 2017, referiram-se a:

- Gazeta Esportiva: telejornal esportivo diário (apenas não é transmitido aos fins de semana) que traz a cobertura dos principais acontecimentos do mundo dos esportes, com destaque para o futebol. O programa não apenas apresenta matérias, mas traz também discussões a respeito dos acontecimentos esportivos.

- Mesa Redonda: programa semanal, transmitido apenas aos domingos, cuja proposta é discutir os principais eventos do futebol nacional e internacional.

Esses programas foram veiculados conforme demonstra a Tabela 7.

Tabela 7: Grade de programação de esportes da TV Gazeta (26 programas)

Data	Hora	Programa
01/nov	18:03	Gazeta Esportiva
01/nov	21:00	Gazeta Esportiva
02/nov	18:00	Gazeta Esportiva
03/nov	18:03	Gazeta Esportiva
05/nov	21:00	Mesa Redonda
06/nov	18:00	Gazeta Esportiva
07/nov	18:00	Gazeta Esportiva
08/nov	18:00	Gazeta Esportiva
09/nov	18:00	Gazeta Esportiva
10/nov	18:00	Gazeta Esportiva
12/nov	21:00	Mesa Redonda
13/nov	18:00	Gazeta Esportiva
14/nov	18:00	Gazeta Esportiva
15/nov	18:00	Gazeta Esportiva
16/nov	18:00	Gazeta Esportiva
17/nov	18:00	Gazeta Esportiva
19/nov	21:00	Mesa Redonda
20/nov	18:00	Gazeta Esportiva
21/nov	18:00	Gazeta Esportiva
22/nov	18:00	Gazeta Esportiva
23/nov	18:00	Gazeta Esportiva
24/nov	18:00	Gazeta Esportiva
26/nov	21:00	Mesa Redonda
27/nov	18:00	Gazeta Esportiva
28/nov	18:00	Gazeta Esportiva
29/nov	18:00	Gazeta Esportiva
30/nov	18:00	Gazeta Esportiva

Fonte: Própria.

Por fim, a Rede Globo veiculou os seguintes programas (disponibilizados em 45 edições no período proposto):

- Globo Esporte: veiculação de matérias sobre eventos esportivos nacionais e internacionais.

- Futebol: Transmissão, narração e comentários dos principais campeonatos de futebol do Brasil

- Esporte Espetacular: notícias a respeito dos principais eventos esportivos brasileiros e mundiais. Além da transmissão de matérias, o programa também conta com veiculação de entrevistas com atletas de diferentes modalidades esportivas.

- Treino da Fórmula 1: transmissão e narração.

Esses foram transmitidos conforme demonstrado na Tabela 8:

Tabela 8: Grade de programação de esportes da TV Globo (45 programas)

Data	Hora	Programa
01/nov	12:47	Globo Esporte
01/nov	21:45	Futebol
02/nov	12:47	Globo Esporte
03/nov	12:47	Globo Esporte
04/nov	12:47	Globo Esporte
05/nov	10:15	Esporte Espetacular
05/nov	17:00	Futebol
06/nov	12:47	Globo Esporte
07/nov	12:47	Globo Esporte
08/nov	12:47	Globo Esporte
08/nov	21:45	Futebol
09/nov	12:47	Globo Esporte
10/nov	12:47	Globo Esporte
11/nov	12:47	Globo Esporte
11/nov	14:00	Treino da Fórmula 1
12/nov	10:15	Esporte Espetacular
13/nov	12:47	Globo Esporte
14/nov	18:00	Futebol
14/nov	12:47	Globo Esporte
15/nov	12:47	Globo Esporte
15/nov	21:45	Futebol
16/nov	12:47	Globo Esporte
17/nov	12:47	Globo Esporte
18/nov	12:47	Globo Esporte
19/nov	10:15	Esporte Espetacular
19/nov	17:00	Futebol
20/nov	12:47	Globo Esporte
21/nov	12:47	Globo Esporte
22/nov	12:47	Globo Esporte
22/nov	21:45	Futebol
23/nov	12:47	Globo Esporte
23/nov	21:45	Futebol
24/nov	12:47	Globo Esporte
25/nov	12:47	Globo Esporte
26/nov	09:45	Esporte Espetacular
26/nov	11:00	Fórmula 1
26/nov	12:50	Esporte Espetacular
26/nov	17:00	Futebol
27/nov	12:47	Globo Esporte
28/nov	12:47	Globo Esporte
29/nov	12:47	Globo Esporte

29/nov	21:45	Futebol
30/nov	12:47	Globo Esporte
30/nov	22:30	Futebol

Fonte: Própria.

Destas 205 edições de programas esportivos veiculadas na televisão brasileira em novembro de 2017, apenas em 91 possuíram ao mínimo uma mulher na função de apresentadora, comentarista ou narradora. Ou seja, apenas em 44,9% das edições veiculadas a mulher apareceu como profissional que argumenta, expõe opiniões ou apresenta acontecimentos esportivos. As respectivas edições nas quais mulheres assumiram funções desse sentido estão disponíveis na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9: Edições com presença feminina

Canal	Data	Hora	Programa
Aparecida	01/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	01/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	01/nov	18:03	Gazeta Esportiva
Aparecida	02/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	02/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	02/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	03/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	03/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	03/nov	18:03	Gazeta Esportiva
Bandeirantes	04/nov	14:00	Jogo Aberto
TV Record	04/nov	10:15	Esporte fantástico
Aparecida	05/nov	22:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	05/nov	14:00	Band Esporte Clube
Bandeirantes	05/nov	18:30	3° Tempo
Gazeta	05/nov	21:00	Mesa Redonda
Globo	05/nov	10:15	Esporte Espetacular
Aparecida	06/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	06/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	06/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	07/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	07/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	07/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	08/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	08/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	08/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	09/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	09/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	09/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	10/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	10/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	10/nov	18:00	Gazeta Esportiva
TV Record	11/nov	10:15	Esporte fantástico
Aparecida	12/nov	22:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	12/nov	14:00	Band Esporte Clube
Bandeirantes	12/nov	18:45	Terceiro Tempo
Gazeta	12/nov	21:00	Mesa Redonda
Globo	12/nov	10:15	Esporte Espetacular
Aparecida	13/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	13/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	13/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	14/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	14/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	14/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	15/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	15/nov	11:00	Jogo Aberto

Gazeta	15/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	16/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	16/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	16/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	17/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	17/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	17/nov	18:00	Gazeta Esportiva
TV Record	18/nov	10:15	Esporte fantástico
Aparecida	19/nov	22:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	19/nov	18:50	Terceiro Tempo
Bandeirantes	19/nov	15:00	Band Esporte Clube
Gazeta	19/nov	21:00	Mesa Redonda
Globo	19/nov	10:15	Esporte Espetacular
Aparecida	20/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	20/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	20/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	21/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	21/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	21/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	22/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	22/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	22/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	23/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	23/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	23/nov	18:00	Gazeta Esportiva
TV Cultura	23/nov	22:30	Cartão Verde
Aparecida	24/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	24/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	24/nov	18:00	Gazeta Esportiva
TV Record	25/nov	10:15	Esporte Fantástico
Aparecida	26/nov	22:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	26/nov	15:00	Band Esporte Clube
Bandeirantes	26/nov	18:50	Terceiro Tempo
Gazeta	26/nov	21:00	Mesa Redonda
Globo	26/nov	09:45	Esporte Espetacular
Aparecida	27/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	27/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	27/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	28/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	28/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	28/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	29/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	29/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	29/nov	18:00	Gazeta Esportiva
Aparecida	30/nov	12:00	Brasil Esportes
Bandeirantes	30/nov	11:00	Jogo Aberto
Gazeta	30/nov	18:00	Gazeta Esportiva

Fonte: Própria.

Observa-se, portanto, que mais da metade das edições de programas de esportes veiculadas em novembro de 2017 não contavam com nem uma participação feminina como produtora e veiculadora de conteúdos esportivos nas funções de apresentadora, comentarista ou narradora. As emissoras Aparecida, Gazeta e Record são os canais que tiveram o maior número relativo de edições com participação feminina, apresentando em todas as suas edições de esportes ao menos uma profissional do sexo feminino como apresentadora, narradora ou comentarista. Já a Bandeirantes possuiu 54,4% de suas edições com essas profissionais, a TV Cultura com 20% e a Globo apenas 8,9%. A Rede TV e RIT não apresentaram nenhuma profissional feminina nessas funções. Essas informações podem ser visualizadas na Tabela 10.

Tabela 10: Edições de programas de esportes com participação feminina nas funções de apresentadora, comentarista e/ou narradora

Emissoras	Total de edições	Edições com mulheres	% Edições com mulheres
Aparecida	26	26	100,0%
Bandeirantes	57	31	54,4%
Gazeta	26	26	100,0%
Globo	45	4	8,9%
Record	4	4	100,0%
Rede TV	20	0	0,0%
SBT	0	0	***
Cultura	5	1	20,0%
Canção Nova	0	0	***
RIT	22	0	0,0%
TOTAL	205	92	44,9%

Fonte: Própria.

Além de avaliar esses dados, também foi mensurada a quantidade de profissionais mulheres nesses cargos (presentes em apenas 44,9% das edições de esportes transmitidas em novembro), comparando com a quantidade de profissionais do sexo masculino em cada uma das funções estudadas: apresentação, comentário e narração, a fim de avaliar a participação dessas

nesses programas, suas representações e funções indicando em quais programas essas mulheres assumem o cargo de produtoras de conteúdo esportivo.

5.2 Funções e construções das profissionais mulheres

Como apontado, além de mensurar a porcentagem de programas em que havia a presença feminina como apresentadora, narradora e comentarista, foi ainda contabilizado o número total de profissionais homens e mulheres em cada um dos cargos analisados.

Assim, foram contabilizados 123 profissionais diferentes por programas (sendo que algumas(ns) profissionais assumiram cargos em mais de um programa da emissora), sendo que desses 109 são do gênero masculino e 14 do gênero feminino, representando os homens 88,6% do total de profissionais e as mulheres 11,4%, assim os homens consistiram os principais responsáveis por apresentar, divulgar, discutir e narrar o esporte no âmbito televisivo no Brasil. Estes dados encontram-se disponíveis na Tabela 11.

Tabela 11: Profissionais em programas televisivos de esporte no Brasil (apresentação, comentário e narração)

			Profissionais Homens							Profissionais Mulheres				
Canal	Programa	N° de edições	Apresentador	Apresentador e mediador	Comentarista	Comentarista convidado	Narrador	Redes Sociais	**Total**	Apresentadora	Apresentadora e mediadora	Comentarista convidada	Redes Sociais	**Total**
RIT	RIT Esportes	22	2						**2**					**0**
TV Aparecida	Brasil Esportes	26			2				**2**	1 Luciana V.				**1**
Bandeirantes	Porshe Cup	1	1		1				**2**					**0**
Bandeirantes	Band Esporte Clube	4							**0**	1 Larissa E.				**1**
Bandeirantes	Jogo Aberto	23			6				**6**		1 Renata F.			**1**
Bandeirantes	Os Donos da Bola	22		1	7	29			**37**					**0**
Bandeirantes	Terceiro Tempo	4		1	8				**9**	1 Larissa E.				**1**
Bandeirantes	NBB Caixa	3			1		1		**2**					**0**
Rede TV	Bola na Rede	4	1		1				**2**					**0**
Rede TV	Super Liga do Vôlei	8			2		1	1	**4**				1 Gabriela F.	**1**
Rede TV	Super Faixa do Esporte	4	1						**1**					**0**
Rede TV	Brasileirão Série B	4			1		1		**2**					**0**
TV Gazeta	Gazeta Esportiva	22	1		4				**5**	2 Michele G, Paula V.				**2**
TV Gazeta	Mesa Redonda	4		1	4	8			**13**	2 Michele G, Paula V.				**2**
TV Record	Esporte Fantástico	4	1						**1**	3 Mylena C., Claudia R., Juliana R.				**3**
TV Cultura	Cartão Verde	5	1		3	4			**8**			1		**1**

												Mayra S.		
Rede Globo	Esporte Espetacular	5	1						**1**	1 Fernanda G.				**1**
Rede Globo	Globo Esporte (SP)	26	4						**4**					**0**
Rede Globo	Futebol	11			4		2		**6**					**0**
Rede Globo	Fórmula 1	2			1		1		**2**					**0**
	TOTAL		13	3	45	41	6	1	**109 88,6%**	11	1	1	1	**14 11,4%**

Fonte: Própria.

Como observado, dos 20 programas veiculados em novembro de 2017 na televisão aberta brasileira (região de São Paulo), 10 não possuíram mulheres nas funções de apresentadora, narradora, comentarista ou responsável pela interação com as mídias sociais. Assim, em 50% dos programas de esportes houve ausência de figuras femininas nas funções estudadas. Os programas que não apresentaram mulheres nos cargos apontados são: RIT Esporte (RIT), Porshe Club (Bandeirantes), Os Donos da Bola (Bandeirantes), NBB Caixa (Bandeirantes), Bola na Rede (Rede TV), Super Faixa do Esporte (Rede TV), Brasileirão Série B (Rede TV), Globo Esporte – SP (Globo), Futebol (Globo) e Fórmula 1 (Globo).

Já os programas que contaram com presença feminina enquanto comentaristas, narradoras, apresentadoras e/ou responsáveis pela interação com mídias sociais são: Brasil Esportes (TV Aparecida), Band Esporte Club (Bandeirantes), Jogo Aberto (Bandeirantes), Terceiro Tempo (Bandeirantes), Super Liga do Vôlei (Rede TV), Gazeta Esportiva (TV Gazeta), Mesa Redonda (TV Gazeta), Esporte Fantástico (TV Record), Esporte Espetacular (Globo) e Cartão Verde (TV Cultura), sendo que nesse último houve apenas participação feminina em uma edição, assumindo a função de comentarista convidada.

Vale ainda ressaltar que nesses 10 programas onde houve presença feminina, em sete o número de mulheres foi inferior ao dos homens (nos cargos estudados), sendo esses: Terceiro Tempo (a presença feminina representou 10% dos profissionais presentes no período, sendo nove homens e uma mulher), Cartão Verde (11,1%, com oito homens e uma mulher, sendo que essa participou apenas de uma edição como comentarista convidada), Mesa Redonda (13,3% com 13 homens e duas mulheres, que intercalaram nas edições, ou seja, não participaram de um mesmo programa), Jogo Aberto (14,3% com seis homens e uma mulher), Super Liga do Vôlei (20% com quatro homens e uma mulher, sendo que essa apareceu apenas em uma edição como responsável pela interação com as redes sociais), Gazeta Esportiva (28,6% com cinco homens e duas mulheres, que não participaram de uma mesma edição, ou seja, uma substitui a outra) e Brasil Esportes (33,3% com dois homens e uma mulher). E em apenas três o número de mulheres foi igual ao superior ao dos homens, sendo esses: Esporte Espetacular (50% com um homem e uma mulher), Esporte fantástico

(75% com um homem e três mulheres) e Band Esporte Club (que possuiu apenas a Larissa Erthal como apresentadora e não possuiu nenhum outro profissional como apresentador, comentarista, narrador ou responsável pela interação com as redes sociais).

Além da baixa participação feminina nos programas, outro fator analisado foi em relação à não atuação das mulheres enquanto narradoras ou comentaristas, sendo que das 14 mulheres contabilizadas, 11 são apresentadoras (Luciana Vitorino, Mylena Ciribelli, Cláudia Reis, Juliana Rios, Fernanda Gentil, Paula Vilhena [atua em dois programas], Michelle Giannella [atua em dois programas], Larissa Erthal [atua em dois programas]), uma apresentadora e mediadora (Renata Fan), uma comentarista convidada (Mayra Siqueira) e uma responsável por acompanhar e responder as redes sociais (Gabriela di França), como pode ser observado na Tabela 12.

Tabela 12: Comentaristas, narradoras(es) e apresentadoras(es) em programas de esporte televisivo brasileiros, conforme o gênero

	♂		♀		**Total**
Apresentação	13	54,2%	11	45,8%	24
Apresentação e Mediação	3	75,0%	1	25,0%	4
Comentário	45	100,0%	0	0,0%	45
Comentário (convidada(o))	41	97,6%	1	2,4%	42
Narração	6	100,0%	0	0,0%	6
Acompanhamento de Redes Sociais	1	50,0%	1	50,0%	2
Total	109	88,6%	14	11,4%	123

Fonte: Própria.

Como apontado na tabela acima, as mulheres predominaram no cargo de apresentadoras, cujo objetivo é apontar as informações que serão noticiadas e debatidas nos programas. No caso, apenas transmitem dados já estudados, analisados e trabalhados por outros profissionais de comunicação, sua função, portanto, é interagir com o telespectador, despertando nesse o interesse por conhecer melhor o que será veiculado no decorrer do programa.

Nesse caso, além da baixa participação feminina (11,4% dos profissionais categorizados), essa atuação se restringiu ao cargo de apresentadora, sem ter a possibilidade de atuar como produtora de conteúdo esportivo e sem participar efetivamente do processo estratégico de criação de notícias, sendo, portanto, um trabalho mais operacional. Vimos ainda uma mulher que assumiu a função de apresentadora e mediadora, nesse caso, possuiu um pouco mais de poder de interferência no debate, sugerindo pautas para serem discutidas pelos comentaristas; uma mulher como comentarista convidada (ou seja, não exercia o cargo com frequência, foi apenas convidada para uma edição específica), único caso no qual a mulher assumiu uma função de debater efetivamente um acontecimento esportivo, por fim, foi ainda constatada a presença de uma mulher como responsável por acompanhar as redes sociais, nesse caso, ela interagia com os telespectadores que postavam dúvidas, sugestões ou comentários nas páginas sociais do programa, relatando aos demais telespectadores a participação nas redes sociais.

Pode-se afirmar, portanto, que a função das mulheres nos programas de esportes televisivos brasileiros é basicamente a de conduzir o programa, apontando o que seria veiculado naquela edição, exibindo os conteúdos que seriam aprofundados, debatidos e produzidos por seus colegas de trabalho (profissionais do gênero masculino que assumem o cargo de narradores e comentaristas). Assim, foram os homens que assumiram a responsabilidade de ser detentores do conhecimento esportivo, cabendo a esses o poder da palavra, o discurso competente e o debate e construção de conteúdo e conhecimento a respeito do esporte e suas vertentes.

Além disso, das 12 mulheres que assumiram a função de apresentadora (11 apresentadoras e uma apresentadora e mediadora), nove compartilharam a função com um colega homem, ou seja, não assumiram sozinhas essa responsabilidade, sendo acompanhadas de uma figura masculina nesse processo. Essa situação de apresentação em dupla implica em uma divisão das funções, responsabilidades e poder, assim, mesmo para apenas expor e indicar o conteúdo que seria debatido, 75% das mulheres contaram com um colega do gênero masculino para as acompanhar nesse processo e assumir parte da responsabilidade.

Como apontado, o esporte se constituiu como um campo androcêntrico e essa característica ainda se encontra presente, refletindo no jornalismo de esporte no Brasil, como observado na pesquisa realizada neste trabalho, onde a presença feminina é quantitativamente inferior aos homens (representa apenas 11,4% dos apresentadores, comentaristas, narradores e responsáveis por redes sociais), sendo que a essas cabem majoritariamente a função de apresentadora (78,5% das mulheres são exclusivamente apresentadoras), ou seja, não são produtoras de conteúdo esportivo. Além disso, observou-se ainda que dessas 75% dividem a função de apresentadora com um colega homem, compartilhando com esses, parte da responsabilidade de transmitir a informação e introduzir o conteúdo que será veiculado no programa.

5.2.1 Funções das profissionais mulheres brasileiras em 2015

Em março de 2015 foi realizada pela autora uma pesquisa[18] semelhante a essa aplicada no ano de 2017. Com um cenário não muito diferente, em 2015, dos 23 programas vigentes, apenas 11 (47,8%) possuíam os profissionais femininos de comunicação estudados nesta pesquisa (narrador, comentarista e apresentador), sendo 12 o número de programas que excluíam a mulher deste quadro, ou seja, que apenas possuíam homens nas funções estudadas (conforme pode ser observado na Tabela 13). Em 2017, dos 20 programas veiculados, 10 (50%) possuíram mulheres nas funções de apresentadora e/ou comentarista convidada.

[18] Pesquisa realizada em março de 2015, publicada com o título “A invisibilidade das mulheres em programas de esportes na TV aberta brasileira: tradição histórica ou competência silenciada?”, no livro “Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte: aspectos filosóficos, sociais, políticos e econômicos”, organizado por Marco Bettine em 2016, pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

Tabela 13: Participação de profissionais homens e mulheres em programas de esportes (2015), na função de narração, comentário e apresentação

Canal	Programa	Profissionais Femininos	Profissionais Masculinos
RIT	RIT Esportes	-	2
TV Aparecida	Brasil Esportes	1	1
Bandeirantes	Gol: O Grande Momento do Futebol	-	1
	Jogo Aberto	1	6
	Os Donos da Bola	-	1
	3° Tempo	-	1
	Tudo azul	-	1
	Band Esporte Clube	3	-
	Futebol 2015	-	4
Rede TV	Bola Dividida	1	3
	Bola na Rede	-	1
	XFC	1	1
TV Gazeta	Gazeta Esportiva	1	4
	Mesa Redonda	2	5
	Vida de Atleta	-	1
	Super Esporte	1	-
TV Record	Esporte Fantástico	2	-
TV Cultura	Cartão Verde	-	4
Globo	Esporte Espetacular	1	1
	Globo Esporte	1	4
	Corujão do Esporte	-	1
	Futebol 2015	-	7
	Treino da Fórmula 1	-	2
Canção Nova	Não possui programa de esporte	-	-
SBT	Não possui programa de esporte	-	-
TOTAL		15	51

Fonte: Própria.

Considerando ainda o cenário de 2015, os programas em que a figura feminina era ausente, ou seja, em que não havia nenhuma mulher no cargo pesquisado eram: RIT esportes (RIT), Gol: o grande momento do futebol (Bandeirantes), Os donos da bola (Bandeirantes), 3° tempo (TV Bandeirantes),

Tudo azul (TV Bandeirantes), Futebol 2015 Band (TV Bandeirantes), Bola na rede (Rede TV), Vida de atleta (TV Gazeta), Cartão verde (TV Cultura), Corujão do esporte (Rede Globo), Futebol 2015 Globo (Rede Globo) e Treino da Fórmula 1 (Rede Globo).

Já os programas em que foi constatada a presença feminina foram: Brasil Esportes (com uma mulher e um homem como profissionais de comunicação), Jogo aberto (com uma mulher e seis homens), Band Esporte Clube (com três mulheres), Bola dividida (com uma mulher e três homens), XFC (com uma mulher e um homem), Gazeta esportiva (com uma mulher e quatro homens), Mesa redonda (com duas mulheres e cinco homens), Super esporte (com uma mulher), Esporte fantástico (com duas mulheres), Auto esporte (com uma mulher e dois homens), Esporte espetacular (com uma mulher e um homem) e Globo esporte (com uma mulher e quatro homens).

Desses programas destacaram-se, em relação à presença feminina, o Super Esporte (TV Gazeta), o Esporte Fantástico (TV Record) e o Band Esporte Clube (Bandeirantes) que apresentavam um, dois e três profissionais respectivamente, sendo todos do sexo feminino (Anita Paschkes no Super Esporte da TV Gazeta, Mylena Ceribelli e Claudia Reis no Esporte Fantástico na TV Record e Adriana Reid, Maria Paula Limah e Larissa Erthal no programa Band Esporte Clube da Bandeirantes), ou seja, esses programas possuíam exclusivamente profissionais mulheres nos cargos analisados; e, os programas Brasil Esportes (TV Aparecida), XFC (Rede TV), e, Esporte Espetacular (Rede Globo), que possuíam duas/dois profissionais, sendo um homem e uma mulher.

Vale ressaltar que dos seis programas nos quais se destacaram a presença feminina (ou seja, nos quais a presença de profissionais mulheres equivalia a 50% ou mais dos profissionais de comunicação representados), dois deles – o Brasil Esportes (TV Aparecida) e o Esporte Fantástico (TV Record) – pertenciam a redes de televisão religiosas. O fato merece destaque, pois, no momento político brasileiro, bancadas religiosas são alvos de críticas de movimentos sociais, inclusive feministas (como se pode observar em diversas páginas sociais do Facebook, como, por exemplo, Quebrando o Tabu, Não me Kahlo, Feminismo sem demagogia e Empodere duas mulheres). Nesse sentido, notamos que se a bancada religiosa é contra alguns direitos reivindicados pelo movimento feminista, ao menos na representatividade de profissionais femininos

de comunicação em programas de esporte, canais religiosos têm-se mostrado disposto em relação à contratação igualitária de sexos de suas/seus apresentadoras(es) (dos programas pertencentes à canais de televisão religiosos, exceto o programa RIT Esportes suprimia a figura feminina em seu quadro de profissionais).

Em relação aos outros canais, dois (TV Cultura e RIT) não apresentaram nenhuma profissional mulher e os demais apresentam apenas entre 12% (Rede Globo) e 29% (Rede TV) de mulheres com essas profissões nos programas de esporte. Ou seja, nesses a figura feminina apresentava certa invisibilidade, demonstrando que “não é o lugar delas”, mas que os homens são quem detém o poder retórico nesse segmento.

Dos canais que mais excluíram profissionais mulheres de comunicação dos programas analisados no ano de 2015, destacaram-se a Rede Globo (maior rede de televisão brasileira), TV Cultura (emissora de televisão pública) e RIT (emissora evangélica), sendo que, dessas três, a TV Cultura e a RIT apresentavam 100% de profissionais do sexo masculino em seu programa de esportes.

Em relação às três redes de televisão que mais priorizaram pessoas do sexo masculino em seus quadros de profissionais de comunicação contratados para programas de esporte, podemos destacar os seguintes aspectos: a Rede Globo, por ser a maior emissora de televisão do Brasil, é a emissora mais assistida, portanto, a que possui o discurso mais disseminado na população brasileira; a TV Cultura, por ser uma rede de televisão pública com fins educativos e culturais, possui reconhecimento positivo de seu discurso; e a RIT, televisão evangélica, que aparece em contraposição ao destaque positivo apontado em outras duas redes de televisão religiosa (a TV Record e a TV Aparecida).

Como na pesquisa realizada em 2017, em 2015 também foram contabilizados os profissionais conforme as suas respectivas funções. No caso as mulheres representam 22,7% das(os) profissionais, sendo todas apresentadoras, enquanto os homens representam 77,3% dos profissionais assumindo os cargos de apresentador, narrador e comentarista, conforme pode ser observado na Tabela 14.

Tabela 14: Funções dos profissionais presentes em programas esportivos brasileiros em 2015

	♂		♀		**Total**
Apresentador	18	54,5%	15	45,5%	33
Comentarista	26	100,0%	0	0,0%	26
Narrador	7	100,0%	0	0,0%	7
Total	51	77,3%	15	22,7%	66

Fonte: Própria.

Observa-se, portanto, que além da baixa participação das mulheres (22,7%), essa participação se restringia exclusivamente ao cargo de apresentadora (em relação às funções estudadas), ou seja, a responsabilidade da mulher é basicamente de conduzir o programa, apresentando o que será veiculado naquela edição. Já aos homens cabiam as demais funções como de narradores e comentaristas cuja atuação remete conhecimento da área e confiabilidade do profissional sobre o assunto. Assim, observou-se que à mulher competia exibir os conteúdos que seriam aprofundados, debatidos e produzidos por homens, cabendo a esses o efetivo debate e construção do conhecimento a respeito do esporte.

Ao compararmos os resultados obtidos em 2015 com os de 2017 verificamos um quadro semelhante de participação feminina, conforme pode ser observado na Tabela 15.

Tabela 15: Tabela comparativa 2015 e 2017: Funções dos profissionais presentes em programas esportivos brasileiros

	2015		**2017**	
	♂	♀	♂	♀
Apresentador	18	15	13	11
Apresentador e Mediador	* Em 2015 considerado apenas apresentador		3	1
Comentarista	26	0	45	0
Comentarista convidado	* Não contabilizado em 2015		41	1
Narrador	7	0	6	0
Acompanhamento de Redes Sociais	* Não contabilizado em 2015		1	1
Total	51 (77,3%)	15 (22,7%)	109 (88,6%)	14 (11,4%)

Fonte: Própria.

Aparentemente poderia ser considerado que o número de profissionais mulheres se manteve praticamente o mesmo, enquanto o dos homens mais do que duplicou. No entanto, em 2017 foram contabilizadas algumas funções que não haviam sido consideradas em 2015 (como comentarista convidado e responsável por redes sociais), comparando os dois anos sem considerar esses profissionais não incluídos na contagem de 2015, temos o cenário presente na Tabela 16.

Tabela 16: Tabela comparativa 2015 e 2017: Funções dos profissionais (apresentação, comentário e narração) em programas esportivos brasileiros

	2015		**2017**	
	♂	♀	♂	♀
Apresentação	18	15	16	12
Comentário	26	0	45	0
Narração	7	0	6	0
Total	51 (77,3%)	15 (22,7%)	67 (84,8%)	12 (15,2%)

Fonte: Própria.

Considerando as funções de apresentação, comentário e narração, observamos que o número de profissionais homens aumentou 31,4% (passando de 51 para 67) enquanto o de mulheres diminuiu 20% (passando de 15 para 12). Portanto, ao invés de observarmos um progresso na participação feminina no cenário do jornalismo esportivo, acompanhando o progresso de avanço de conquistas de direitos e espaços pelas mulheres, observamos que houve um retrocesso quanto à contratação de novos profissionais do gênero feminino.

Nesses dois anos e seis meses, houve um aumento no quadro de profissionais que atuam como narradores, apresentadores e comentaristas, mas esse aumento foi representado apenas pela contratação de profissionais do gênero masculino.

Outro fator de destaque é em relação às funções exercidas pelas(os) profissionais, em 2015 a mulher exercia exclusivamente o cargo de apresentadora e em 2017 manteve apenas nessa função, ou seja, não houve redistribuição das responsabilidades exercidas conforme o gênero dos profissionais, cabendo aos homens exclusivamente os cargos de narração e comentário a respeito do cenário esportivo.

É importante salientar que entre os dois períodos analisados (2015 e 2017) houve um acontecimento interessante em relação à temática desse trabalho que foi a participação de Glenda Kozlowski como narradora da Rede Globo durante os Jogos Olímpicos de 2016, que será analisado no tópico a seguir.

5.2.2 Um caso recente de narradora no Brasil[19]

Em meados de 2016, a jornalista e ex-*bodyboarder* (modalidade na qual é tetracampeã mundial) Glenda Kozlowski foi a primeira mulher a ocupar um cargo de narradora na rede Globo de televisão (maior canal brasileiro de televisão aberta). Nesse período, foi responsável pela narração de ginástica dos Jogos Olímpicos daquele ano, dividindo o espaço com a ex-ginasta Daiane dos Santos, que assumiu o cargo de comentarista da modalidade. Considerando

[19] Pesquisa realizada em outubro de 2016, previamente intitulada “Narradora esportiva: profissional ou torcedora? Uma análise da representação de Glenda Kozlowski no Portal Olimpíadas UOL” publicada na “Revista Observatório”, no volume 3, número 5 de agosto de 2017.

esse cenário, foram analisadas notícias relacionadas à nova narradora que foram veiculadas no portal Olimpíadas UOL[20].

No período de análise (período de duração dos Jogos Olímpicos 2016, ou seja, de 05 a 21 de agosto), o Portal Olimpíadas UOL transmitiu quatro notícias citando a jornalista Glenda Kozlowski, sendo que em todas a jornalista foi o assunto central. As respectivas datas e títulos podem ser observados na Tabela 17.

Tabela 17: Notícias Portal Olimpíadas UOL a respeito de Glenda Kozlowski

Data	N°	Título da notícia
07/08/2016	1	Telespectadores criticam "gritaria" de Glenda e a comparam a Galvão
10/08/2016	2	Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica
14/08/2016	3	Glenda se desculpa no ar por grito e chora com prata de Diego Hypolito
15/08/2016	4	Galvão defende gritos de Glenda: "Ouço isso há 36 anos na Globo"

Fonte: Própria.

A partir da sequência de títulos, foi possível verificar que havia relações entre as notícias, indicando a existência de um evento contínuo, no caso, a insatisfação dos telespectadores em relação ao comportamento da jornalista gerou a necessidade de a emissora explicar a presença de outro profissional acompanhando a narradora (que, até então, narrava isoladamente a competição), o que causou uma reação negativa na narradora e, por fim,

[20] A escolha do objeto ocorreu devido ao alcance do portal UOL, somado ao fato desse ter criado um espaço específico para notícias relacionadas aos Jogos Olímpicos. O Universo Online (UOL) consiste um dos principais portais de conteúdo do Brasil, com o mais extenso conteúdo disponível em língua portuguesa, com mais de 1.000 canais de jornalismo, informação, entretenimento e serviços. Segundo a Publicidade UOL (2016), o portal possui mais de 50 milhões de usuários por mês em sua homepage. Em 2014, foi considerado o quinto site mais visitado da Internet no Brasil, atrás dos sites do Google e do Facebook (ALEXA, 2016). Já o período de análise foi selecionado de acordo com o período anunciado que seria o de atuação de Glenda Kozlowski como narradora, ou seja, durante as Olimpíadas 2016.

provocou a necessidade de um colega de profissão lhe defender perante as críticas.

Ao analisar o título, foram destacadas algumas palavras-chave na construção de identidade de gênero de acordo com a metodologia de Sut Jhully (2016)[21]. Nesse sentido, foram encontradas palavras e expressões relacionados à desautorização: “não está narrando sozinha” e “Glenda se desculpa”. No primeiro caso, viu-se a necessidade de explicar o motivo de a emissora contratar um narrador para dividir a tarefa com Glenda Koslowski, ou seja, a Globo se posicionou em relação ao trabalho da jornalista, apontando sua avaliação (positiva ou negativa) para justificar a decisão de uma nova contratação. Já no segundo caso, foi observado que a própria jornalista compreende sua postura como inadequada, justificando-se pelo ocorrido. Ao pedir desculpas por seu comportamento (que no título da última reportagem abordava claramente que era idêntico ao comportamento de Galvão Bueno), a jornalista fez uma autocrítica do seu trabalho, apontando-o como impróprio e se desautorizando.

Além disso, de acordo com Sut Jhally (2016), uma das maneiras de desautorizar a performance feminina é focar emoções consideradas demasiadamente excessivas, o que foi constatado em três dos quatro títulos, por meio dos termos: “gritaria”, “desculpa por grito”, “chora” e “Galvão defende gritos de Glenda”. Nessas situações apontadas, três vezes o título enfatizou o grito como forma de expressão da apresentadora, ou seja, uma forma não profissional de abordar o ocorrido. E em outra, ainda salientou uma expressão emocional

[21] Como método de coleta de dados e análise foi utilizada uma adaptação do guia proposto por *Media Education Foundation*, apresentado por Sut Jhally (2016) e escrito por Scott Morris & Katherine Warren. O guia denominado “*The Codes of Gender*”, desenvolvido pelo professor Sut Jhally é baseado na análise pioneira do sociólogo Erving Goffman em relação à publicidade, mostrando como a cultura popular americana reflete e, por sua vez, molda ideias normativas sobre masculinidade e feminilidade. Assim, baseado na afirmação central de Goffman de que os ideais de gênero resultam de um desempenho cultural ritualizado, Sut Jhally compreende a publicidade não apenas como uma função mercadológica, mas relaciona-a também com um poder de fornecer informações que atuarão na construção de identidades e relações de gênero. Partindo de uma adaptação dessa proposta para o jornalismo, os textos foram analisados baseados em duas categorias principais denominadas de: desautorização (nesse caso o discurso feminino é caracterizado como sem autoridade, ou seja, quando é associado expressões emocionais, quando o conteúdo da fala é superficial, sem aprofundamento técnico, quando são realizados comentários diminutivos, e/ou quando os comentários focam a imagem física da pessoa analisada em detrimento de sua capacidade intelectual), e, infantilização (ocorre por meio dos pronomes de tratamento utilizados, se são utilizadas expressões no diminutivo ou algum tipo de apelido, e da maneira pela qual são retratadas as fotos, se a pessoa aparece em pose infantil, como colocando a mão na boca, por exemplo).

que é o choro, outra forma também não profissional de comunicar jornalisticamente um acontecimento.

Em relação à segunda categoria de análise (infantilização), foram observadas características presentes no título “Galvão defende gritos de Glenda”. Analisou-se pela sequência dos fatos (apontada pela sequência dos títulos das reportagens), que a jornalista foi criticada, se sentiu ofendida e foi defendida por um colega de trabalho, pois não conseguiu se defender (ao contrário, diante da crítica teve a atitude de se desculpar, assumindo seu erro). Nesse caso, ocorreu a construção da fragilidade feminina, finalizada com a necessidade de um homem que assumisse a responsabilidade de defendê-la diante das adversidades.

Assim, apenas pela análise dos títulos, já foi possível observar as estruturas utilizadas para descaracterizar o feito de Glenda Koslowski, que é o de ser a primeira mulher a assumir o cargo de narradora na emissora Rede Globo, por meio de uso de termos que a infantilizam e a desautorizam.

No entanto, esta análise também considerou o conteúdo das notícias. Os textos das notícias seguiram a mesma lógica dos títulos, mas com descrições mais detalhadas de cada termo enfatizado. Assim, em três das quatro notícias veiculadas a respeito da atuação de Glenda Koslowski, foi observada a desautorização da jornalista por meio de termos que expressavam emoções e pela caracterização da jornalista como torcedora e não como efetivamente uma narradora profissional.

Essa substituição da representação da profissional pela torcedora esteve presente nas notícias intituladas: “Telespectadores criticam ‘gritaria’ de Glenda e a comparam a Galvão”, “Glenda se desculpa no ar por grito e chora com prata de Diego Hypolito” e “Galvão defende gritos de Glenda: ‘Ouço isso há 36 anos na Globo’”.

Nesses três textos, observaram-se os termos de descaracterização da jornalista como profissional competente, pois remeteram à função de torcedora e exprimiam emoção, ao invés de conhecimento técnico. Nesse sentido, foram analisadas as matérias conforme duas questões principais: profissionalismo x não profissionalismo (sendo que essa segunda seguiu as categorias de Sut Jhally [2016], referentes à desautorização e infantilização).

No caso, na categoria profissionalismo destacaram-se expressões como: “jornalista”, “narradora”, “apresentadora da Globo”, “comandando a transmissão da ginástica olímpica”, ““voltou a ancorar”, “narrou”. Ainda representada enquanto profissional destacaram-se mais três situações: críticas exercidas ao seu papel de profissional (“mereceu uma enxurrada de críticas na internet”, “fez questão de se desculpar”, por exemplo), elogios à sua atuação (“grande revelação” e “deu show”) e comparação de seu trabalho com o de outro jornalista, apontando o que a notícia considerava como ideal para a postura de uma profissional (“acionou, dessa maneira o colega jornalista da Globo, que com voz mais mansa, ponderada, a respondeu”, “comparando-a à principal voz do esporte da emissora”, “seguiu o estilo do colega”).

Também foram analisados os termos que caracterizaram Glenda Kozlowski como torcedora e não como profissional. Nesse caso, destacaram-se: “excesso de empolgação”, “torcia pelas atletas”, “torceu”, “berrou”, “em êxtase”, “lamentou”, “incomodada com a nota baixa”, “exaltou as vaias do público”, “tom de voz considerado elevado, acima do aceitável para muitos”, “chorando”, “apelando para a emoção”, “discursos emotivos”, “celebrando” e “momento torcedora”, como pode ser observado no resumo apresentado pela Tabela 18.

Tabela 18: Representações de Glenda Kozlowski: profissional x torcedora

Caracterização	**Frequência**				**Total**	
	Notícia 1	**Notícia 2**	**Notícia 3**	**Notícia 4**	**Valor Absoluto**	**%**
Profissional						
- Elogios enquanto profissional	0	1	0	3	4	6,6%
- Atividade profissional sem juízo de valor	4	8	6	3	21	35,1%
- Crítica ao papel de profissional	1	0	2	1	4	6,6%
- Comparação com outro jornalista	2	0	2	0	4	6,6%
Torcedora	10	0	14	3	27	45,1%
Total	17	9	24	10	60	100%

Fonte: Própria.

Assim, nas notícias veiculadas no período, foi constatado que das 33 expressões que a caracterizavam como profissional, apenas quatro consistiram em elogios à sua prática, quatro as criticaram, quatro as compararam com outros jornalistas e 21 se restringiram a identificá-la como profissional, sem utilizar algum juízo de valor. Já enquanto torcedora, foram utilizadas 27 expressões que a caracterizaram como tal. Nesse sentido, foi observada uma desconstrução da imagem da narradora enquanto jornalista profissional, para representá-la como torcedora, que assumia uma postura emocional e não técnica, desautorizando, portanto, Glenda Koslowski enquanto apta para exercer a atividade de narradora.

Vale ressaltar que de acordo com pensamento sexista, a capacidade de exprimir emoções está relacionada com a personalidade feminina e que, por isso, as mulheres estiveram afastadas de muitas atividades durante séculos. Não diferente, no esporte esse pensamento também persiste e intitula as mulheres como inaptas a determinada prática devido ao fator emocional (DEVIDE, 2005). Nas notícias analisadas neste trabalho transmitidas pelo portal Olimpíadas UOL a respeito da primeira mulher a assumir o cargo de narradora do maior canal brasileiro de televisão aberta (durante o primeiro mês de sua atuação), observou-se justamente o reforço dessa característica emocional associada ao sexo feminino, justificando (indiretamente) a não presença de profissionais mulheres nessa função.

A segunda notícia (“Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica”) foi a que mais se distanciou desse argumento, pois diferentemente das demais, focou aspectos profissionais e a trajetória da jornalista enquanto narradora nos Jogos Olímpicos. Essa trajetória foi dividida em quatro momentos na notícia: (1) anúncio de que Glenda Koslowski assumiria o cargo de narradora; (2) primeiros momentos como narradora; (3) substituição da jornalista por outros narradores; e (4) explicação da decisão e defesa de Glenda Koslowki por parte da Globo.

Ou seja, após cinco dias de estreia da jornalista como narradora, o portal já anunciava uma trajetória que ia da iniciação ao eminente declínio. Esse declínio que aparece como uma possibilidade é atenuado ao final da notícia pela defesa pronunciada pela emissora Rede Globo a respeito de sua funcionária. No

entanto, vale ressaltar que essa defesa não abrangeu a atuação de Glenda como narradora, mas enquanto jornalista do segmento de esportes.

Por fim, ainda em relação à notícia 2 (“Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica”), foi considerado importante apontar que os termos utilizados não foram possíveis de enquadrar nas categorias de Sut Jhally (conforme pode ser observado na Tabela 2), exceto pelo fato de a reportagem ter ofertado apenas à Rede Globo o espaço para explicar a substituição da jornalista, não oferecendo para a profissional espaço para isso e representando apenas a voz do sujeito considerado mais competente para tal: a Rede Globo. Apesar desse fator, nessa notícia não houve termos que apontaram a descaracterização de Glenda Koslowki como inapta à função de narradora, focando questões como emoções exacerbadas, infantilidade ou desconhecimento técnico.

No entanto, todas as notícias veiculadas no período estudado consistiram em analisar o desempenho da narradora, sendo que três focaram aspectos negativos, realçando críticas e não enfatizando o fato de ela ser a primeira mulher a exercer tal função no maior canal brasileiro de televisão aberta. Da mesma maneira, nenhuma focou o valor desse ineditismo para o público feminino, ou seja, o fato de ser a primeira mulher a ser narradora de esportes da Rede Globo despertou olhares críticos a respeito de sua capacidade de assumir esse cargo, mas não para discutir possibilidades de novos espaços femininos no campo esportivo, como reivindica os movimentos feministas ou mobilizações a respeito da representatividade feminina, como o Instituto Patrícia Galvão, Empodere Duas Mulheres, Az Mina, Yhinl Olga e a Articulação Mulher e Mídia citados neste trabalho.

5.3 Participação feminina nos programas de esporte

Como apontado anteriormente, no período de novembro de 2017, foram transmitidos na TV aberta brasileira nove programas de esportes onde uma ou mais mulheres assumiram a função de apresentadora ou comentarista convidada, sendo que em nenhum houve mulheres como narradoras ou comentaristas. Esses programas encontram-se disponíveis na Tabela 19.

Tabela 19: Programas com participações femininas

Canal	Programa	Apresen-tadora	Apresen-tadora e media-dora	Comen-tarista convida-da	**Total**
TV Aparecida	Brasil Esportes	1			**1**
Bandeirantes	Band Esporte Clube	1			**1**
Bandeirantes	Jogo Aberto		1		**1**
Bandeirantes	Terceiro Tempo	1			**1**
TV Gazeta	Gazeta Esportiva	2			**2**
TV Gazeta	Mesa Redonda	2			**2**
TV Record	Esporte Fantástico	3			**3**
TV Cultura	Cartão Verde			1	**1**
Rede Globo	Esporte Espetacular	1			**1**

Fonte: Própria.

Para análise da participação feminina nos respectivos programas, foi selecionada a primeira edição de cada programa veiculada no mês de novembro de 2017. A escolha do mês de novembro seguiu o mesmo critério da análise quantitativa que esteve relacionado com o período de importantes eventos esportivos, como final do campeonato brasileiro de futebol, o Grande Prêmio de Fórmula 1 do Brasil e jogos de ida e volta da final da Libertadores.

Além disso, optou-se por programas apenas de canais comerciais (excluindo TVs públicas e com programação majoritariamente religiosa) e nos quais havia interação da profissional com outras pessoas. Dessa forma os programas selecionados para essa fase da pesquisa foram o que constam na Tabela 20.

Tabela 20: Programas para análise da participação feminina

Canal	Programa	Data do programa
Bandeirantes	Jogo Aberto	01/11/2017
Bandeirantes	Terceiro Tempo	05/11/2017
TV Gazeta	Gazeta Esportiva	01/11/2017
TV Gazeta	Mesa Redonda	05/11/2017
TV Record	Esporte Fantástico	04/11/2017
Rede Globo	Esporte Espetacular	05/11/2017

Fonte: Própria.

Portanto, para essa análise foram considerados os programas Jogo Aberto (transmitido no dia 01/11/2017), Terceiro Tempo (05/11/2017), Gazeta Esportiva (01/11/2017), Mesa Redonda (05/11/2017) e Esporte Espetacular (05/11/2017). O programa Esporte Fantástico não foi analisado, devido a um problema de gravação ocorrido no dia do programa e a impossibilidade demonstrada pela emissora de o apresentar posteriormente.

5.3.1 Esporte Espetacular (05/11/2017)

A edição do programa Esporte Espetacular selecionada para análise foi a transmitida no dia 05/11/2017, que contém duas/dois profissionais em seu palco: Fernanda Gentil (apresentadora) e Felipe Andreoli (apresentador). Nesse sentido, ambas(o) a(os) profissionais presentes no palco do programa possuem a mesma função: a de introduzir o conteúdo das reportagens ou finalizar/resumir as reportagens apresentadas. Por não ser um programa de debates, não possuiu alguém que tivesse a função de comentário ou narração, portanto, essa análise se restringirá à função de apresentação.

Apesar do programa constar apenas a função apresentação dentre as funções analisadas neste trabalho, vale ressaltar que Felipe Andreoli além de apresentador, na edição estudada, ainda realizou duas reportagens distintas: uma entrevista com uma dupla sertaneja (Marcos e Belutti) com um jogo de perguntas a respeito dos clássicos Palmeiras e Corinthians e a outra foi sobre uma nova modalidade de basquete que será incorporada nos próximos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, vemos que Felipe Andreoli possuiu um espaço a mais

de trabalho nessa edição do programa, onde pôde ter papel mais ativo na construção do conteúdo esportivo que foi transmitido ao público, não se restringindo à função de apresentar e divulgar o que seria reportado nas matérias realizadas por demais profissionais. No entanto, vale ressaltar que apesar de nessa edição Fernanda Gentil não ter participado de reportagens, ela assume também essa função em outras edições do programa.

Sobre a análise deste trabalho, o primeiro fator avaliado foi o tempo de fala de cada apresentadora(o) (Fernanda Gentil e Felipe Andreoli), conforme pode ser observado na Tabela 21.

Tabela 21: Tempo de participação da(o)s profissionais no programa Esporte Espetacular

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Fernanda Gentil	00:07:36	00:00:11	4,5%
Felipe Andreoli	00:07:42	00:00:13	4,6%
Reportagem	02:29:54	00:05:10	89,3%
Chamada Intervalo	00:00:26	00:00:07	0,3%
Abertura	00:00:13	***	0,1%
Fechamento	00:00:39	***	0,4%
Vídeos selfie de famosos	00:01:18	00:00:39	0,8%

Fonte: Própria.

Durante as 02:47:49 contabilizados de programa, 89,3% foram de reportagens (totalizando 02:29:54), 4,5% referentes à participação da Fernanda Gentil (com 00:07:36), que apresentou um tempo médio de fala de 11 segundos, 4,6% à participação de Felipe Andreoli (com 00:07:42), apresentando um tempo médio de fala de 13 segundos, 0,8% foram referentes a dois vídeos selfies feitos por famosos para o programa, tendo 00:00:39 cada um, 0,4% do programa foi ocupado pela vinheta de fechamento, 0,2% pelas vinhetas de chamada de intervalo e 0,1% pela vinheta de abertura, durando cada uma deles 00:00:39, 00:00:26 e 00:00:13 respectivamente.

Observa-se, portanto, que nessa edição do programa, a(os) apresentadora(es) possuíram praticamente o mesmo tempo de fala, sendo que Felipe falou apenas 6 segundos a mais que Fernanda, com um tempo médio de dois segundos a mais que a apresentadora (13 segundos para Felipe e 11 segundos para Fernanda). Assim, no caso desse programa, a(os) profissionais que assumiram o mesmo cargo possuíram tempo semelhante de participação, não havendo grande discrepância em relação a isso, e que Fernanda Gentil possuiu seis intervenções a mais do que o colega Felipe Andreoli (Fernanda apresentou 42 falas e Felipe 36), sendo que nesse caso, houve mais números de falas de Fernanda do que de Felipe, tendo essa um espaço de participação um pouco maior do que o do colega.

Além do tempo das falas também foram analisados os conteúdos e contextos desses discursos, que foram categorizados de acordo com o objetivo e a ideia central da fala. Vale ressaltar que o número total dessa categorização foi maior do que o número de falas categorizados acima, pois em uma mesma fala, a(os) profissionais puderam apresentar mais de um objetivo ou conteúdo. Essa categorização dos discursos e a tabulação desses resultados podem ser observados na Tabela 22.

Tabela 22: Conteúdos e contextos dos discursos no programa Esporte Espetacular

Participação e conteúdo da fala	**Fernanda Gentil**		**Felipe Andreoli**	
Introduzir conteúdo da reportagem	18	51,4%	17	48,6%
Comentário pós reportagem	4	44,4%	5	55,6%
Trazer novas informações	1	20%	4	80%
Contatar jornalistas no telão	--	--	1	100%
Perguntar para jornalistas no telão	--	--	2	100%
Experiência pessoal	--	--	1	100%
Piada	2	100%	--	--
Parabenizar ou elogiar colegas de trabalho ou pessoas foco de reportagem	5	62,5%	3	37,5%
Mandar beijo	4	100%	--	--
Agradecimento	4	100%	--	--
Desejar boa sorte / bom trabalho	2	66,7%	1	33,3%
Comentário a respeito de figurino	1	100%	--	--
Interação com colega	3	50%	3	50%
Informação errônea[22](simulação)*	1	100%	--	--
Interromper colega (simulação)*	--	--	2	100%
Corrigir colega (simulação)*	--	--	1	100%
Chamadas de conteúdos que serão apresentados durante o programa	1	33,3%	2	66,7%
Narração de conteúdos que serão apresentados durante o programa	11	57,9%	8	42,1%
Chamada de programação da Globo	1	33,3%	2	66,7%
Informação sobre Globo Play	1	100%	--	--
Finalização do programa	1	50%	1	50%

Fonte: Própria.

Como observado acima, no programa analisado, as falas foram divididas em 20 categorias, sendo essas: introdução ao conteúdo que será abordado na reportagem, comentários a respeito de reportagem veiculada, levantamento de novas informações (não trazidas em reportagens), contato e perguntas aos jornalistas considerados especialistas no assunto que interagem no Esporte Espetacular via telão (ou seja, não estão presentes fisicamente no estúdio do programa), relato de experiência pessoal, narração de piada ou frase com intenção humorística, parabenização ou elogio a colegas ou pessoas alvo das

[22]* Conteúdo e função das falas seguem uma proposta de brincadeira, claramente percebida que foi acordada pré-programa.

reportagens, envio de beijo (para telespectador, entrevistados ou colegas de trabalho), desejo de boa sorte ou bom trabalho, comentário a respeito de figurino, agradecimento (para telespectadoras(es), entrevistadas(os) ou colegas de trabalho), interação com a(o) outra(o) colega apresentadora(or), informação errônea, interrupção e correção da fala de outra(o) colega, chamadas de conteúdos que foram apresentados durante o programa, narração de conteúdos apresentados durante o programa, chamada de programação da emissora (Rede Globo), informação sobre o Google Play e da possibilidade de rever o programa, convidando o telespectador a fazê-lo, e, finalização do programa.

Observa-se que tanto a fala de Fernanda Gentil como a de Felipe Andreoli predominaram em relação à apresentação de reportagens, ou seja, introdução do conteúdo que seria veiculado, sendo que o número de falas dela(e) foi praticamente o mesmo: 18 (com 51,4%) falas de Fernanda e 17 (representando 48,6%) falas de André. Por se tratar de um programa de apresentação de matérias e reportagens esportivas, é de se esperar que a maioria do conteúdo das falas seja destinada a essa função. Vale ressaltar que nessa função principal do programa houve equidade de participação da(os) profissionais, sendo que essa(es) tiveram praticamente o mesmo índice de participação na função de apresentação de reportagens.

A segunda função da fala mais praticada nessa edição foi a de informar os assuntos das matérias que seriam veiculadas durante o programa. Essa fala tem uma função de propaganda dos conteúdos que seriam abordados, com objetivo de despertar o interesse do telespectador de continuar acompanhando o programa. Ao analisarmos, notamos que Fernanda realizou essa função 11 vezes (representando 57,9% dos casos) e Felipe 8 (representando 42,1% dos casos).

A partir do terceiro caso, já não há mais coincidências nos tipos de conteúdo de fala de ambas(os). No caso de Fernanda Gentil, a terceira função mais desempenhada por sua fala foi a de parabenizar ou elogiar colegas de trabalho ou pessoas foco de reportagens por seus desempenhos ou condutas (com cinco falas desse sentido), seguida de comentários para finalizar reportagens (quatro falas), mandar beijo para telespectadoras(es), colegas ou pessoas que fizeram parte de reportagens (quatro falas) e agradecer essas pessoas (também quatro falas). Já Felipe apresentou poucas falas de conteúdo

relativos às relações interpessoais, sendo que a terceira função mais desempenhada em sua fala foi a de finalizar reportagens, emitindo comentários após sua transmissão (com cinco falas) e a de parabenizar ou elogiar colegas de trabalho ou pessoas foco de reportagens por seus desempenhos ou condutas (com três falas desse sentido).

Para melhor visualização desse cenário, os conteúdos de falas foram agrupados conforme funções mais genéricas, no caso, apresentação do conteúdo de reportagem (introdução ou comentário final), produção de conteúdo ou comentários (a partir da apresentação de novas informações não disponibilizadas nas reportagens ou interação com jornalistas fora do estúdio), relações interpessoais e propagação de matérias do programa ou de outros programas da emissora. Esse reagrupamento das falas pode ser observado na Tabela 23.

Tabela 23: Agrupamento de conteúdo e contexto das falas no programa Esporte Espetacular

Participação e conteúdo da fala	**Fernanda Gentil**		**Felipe Andreoli**	
Apresentação de conteúdo de reportagem (introdução e finalização de matérias)	22	50%	22	50%
Produção de conteúdos e comentários (trazer novas informações e contatar jornalistas fora do estúdio do programa)	1	12,5%	7	87,5%
Relações interpessoais (narrar experiência pessoal e piada/brincadeira, parabenizar, elogiar ou agradecer pessoas envolvidas com o programa ou conteúdo desse, enviar beijo, desejar boa sorte, comentar a respeito de figurino e interagir com a(o) colega do estúdio)	21	72,4%	8	27,6%
Simulação de uma situação com fins de aproximar o público	1	25%	3	75%
Propagar conteúdo do programa ou da emissora	14	53,8%	12	46,2%

Fonte: Própria.

Quando agrupadas em categorias centrais, observa-se que a quantidade de participação de Fernanda Gentil foi a mesma que Felipe Andreoli no objetivo

de abordar sobre reportagens (apresentar o tema que seria veiculado, ou finalizá-lo após sua transmissão), e praticamente a mesma em relação à divulgação de conteúdo do programa ou da emissora Rede Globo. A discrepância ocorreu na produção de conteúdos e relações interpessoais.

No primeiro caso, a fala representou apenas 12,5% dos discursos com essa vertente, enquanto o de Felipe representou 87,5%. Assim, apesar do programa não apresentar espaço de comentário e debate, onde pessoas poderiam produzir conteúdo e emitir opiniões a respeito de conteúdos esportivos houve pequenas oportunidades aproveitadas por Felipe Andreoli, que, nesse sentido, emitiu novas informações (não trazidas pelas reportagens), interagiu e questionou repórteres de campo, direcionando sobre a informação que julgava pertinente ser debatida. Já Fernanda Gentil se destacou em falas que remetiam relações interpessoais com telespectadores, colegas de trabalho ou pessoas participantes das reportagens, demonstrando carinho, afetividade e proximidade com esse público.

Essa questão vai ao encontro da colocação da feminista Rachel Moreno, ao descrever o tipo de perfil de mulher que é retratado pelos meios de comunicação: a mulher emotiva, cuja prioridade é a preocupação com as relações interpessoais.

> A mulher retratada na mídia tem que decidir mais com emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas (MORENO, 2008, p. 45).

Nesse sentido, observamos Fernanda Gentil voltada com cuidados interpessoais, enquanto Felipe Andreolli volta-se para a informação esportiva. Ambas as funções (produção de conteúdo e interação com pessoas envolvidas com o programa) são importantes em um programa com o formato do Esporte Espetacular. O primeiro para complementar as reportagens e o segundo para atrair o público e criar um laço com ele. O que vale destacar é que espontaneamente Felipe Andreoli assumiu a função de produção de conteúdo e Fernanda Gentil a de ser responsável pelas relações interpessoais, coerentes com comportamentos esperados que sejam realizados, respectivamente, por homens e mulheres, ou seja, compatível com o discurso binário e androcêntrico

de que ao homem cabe a função de produtor de conhecimento esportivo, área predominantemente masculina, na qual o *ethos* do discurso compete ao homem, e à mulher a responsabilidade de cuidado com relacionamentos interpessoais.

Além das falas também foram analisadas as vestimentas e posições / posturas físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados na Tabela 24, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pelos profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), formas de tratamento (maneiras como os profissionais foram identificados), relação com contexto familiar (ou seja, se o profissional foi relacionado com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 24: Vestimenta e aparência - Esporte Espetacular

	Fernanda Gentil	**Felipe Andreoli**
Vestimenta	Casual: macaquinho longo e salto alto	Casual: calça grafite escura, blusa de moletom manga longa preta dobrada e sapatênis
Acessórios	Brinco discreto	Relógio
Aparência	Loira, cabelo levemente ondulado, pele clara, magra, maquiagem leve, unhas com cores claras	Cabelo curto, pele clara, magro, barba baixa, moreno
Formas de tratamento	Primeiro nome, Loira (apenas uma vez)	Primeiro nome
Relação familiar é citada	Não	Não
Aparência estética é citada	Sim	Sim
Idade[23]	31 anos (1986)	38 anos (1980)
Formação[24]	Jornalismo (PUC – RJ)	Jornalismo (FIAM)
Status de relacionamento[25]	Namorando Priscila Montandon (relação homoafetiva)	Casado com Rafaela Brites (relação heteroafetiva)

Fonte: Própria.

[23] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[24] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[25] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

Percebe-se, portanto, toda(os) a(os) profissionais analisada(os) são nomeada(os) pelo mesmo critério, no caso, primeiro nome, sem usos de sobrenomes ou apelidos, exceto em um momento onde Felipe se referiu à Fernanda como loira. Outro fator que vale destaque é quanto à não citação de contextos domésticos ou familiares, o que poderia associar a figura da(o) profissional a um ambiente privado, e um comentário a respeito da aparência física da(os) profissionais, quando Felipe chama Fernanda de loira e quando Fernanda faz referência ao figurino de Felipe. Nesse sentido, o programa se restringiu abordar apenas o universo esportivo, não trazendo discursos a respeito da vida pessoal da(os) apresentadora(es), mesmo apontando em certo momento um de seus aspectos estéticos. Quanto à aparência física, observa-se que em ambas(os) houve uma preocupação de manter uma imagem casual, discreta, bem alinhada e não relaxada.

Por fim, foram ainda constatadas similaridades em relação à faixa etária, onde Fernanda Gentil possui 31 anos e Felipe Andreolli 38 anos, bem como em relação à formação: ambos são jornalistas. Quanto ao *status* de relacionamento, vale ressaltar que de toda(os) a(os) profissionais analisada(os) neste trabalho (considerando as(os) presentes nos demais programas pesquisados), Fernanda Gentil é a única que assume publicamente uma relação homoafetiva (tanto entre homens, como entre mulheres), demonstrando que além de ser um espaço masculino, também é um espaço heterossexual, onde a participação de pessoas homossexuais é baixa ou essas não assumem sua orientação sexual publicamente. Como apontado por Joaquín Piedras, o esporte é campo onde a heteronormatividade ainda é predominantemente atuante.

> El deporte há integrado tradicionalmente entre sus características no sólo las visiones estereotipadas de las masculinidades y las feminidades, sino que también los estereotipos ligados a la sexualidad (AYVAZO; SUTHERLAND, 2009, DOWLING, 2013). Estas relaciones de poder por el cual la sexualidad se reglamenta, y la heterosexualidad se institucionaliza, se denominan heteronormatividad, y convierten en “anti-natural” o tabú la homosexualidad y demás formas de sexualidade[26] (PIEDRA, 2015, p. 1068).

[26] O esporte tem integrado tradicionalmente não apenas características estereotipadas de masculinidades e femilidades, mas também os estereótipos ligados à sexualidade. Essas relações de poder pela qual a sexualidade se regulamente e a heterossexualidade se

Outra questão analisada no programa foi em relação a dois momentos lúdicos apresentados por Fernanda e Felipe, sendo que foi claro que esses momentos consistiram em uma simulação previamente acordada antes do início do programa, pois foram relacionados com o conteúdo das reportagens que seguiram após essa interação entre ela(e). É importante salientar que é uma cena pré acordada e que não aconteceu de forma espontânea por parte da(os) profissionais, ou seja, a interrupção (*manterruting*) de Felipe à fala de Fernanda, em nenhum dos dois momentos foi uma interferência natural, e que de certa forma tinha o consentimento da apresentadora.

O primeiro momento desse episódio ocorreu de uma forma jocosa utilizada para explicar o que havia acontecido no jogo decisivo para uma vaga na final da Copa das Libertadores disputada entre River Plate e Lanús. O caso reportado pela(o) apresentadora(or) se refere ao momento em que o árbitro de vídeo foi acionado de forma parcial, o que de certa forma, beneficiou o Lanús[27] e alterou o resultado do jogo. O discurso proferido pela(os) apresentadora(es) segue abaixo:

institucionaliza se denominam heteronormatividade e convertem em “anti-natural” o tabu da homossexualidade e demais formas de sexualidade.

[27] No dia 31/10/2017 ocorreu a semifinal da Copa das Libertadores disputada entre River Plate e Lanús. O jogo iniciou com dois gols do River Plate, onde a partir disso o Lanús deveria fazer 4 gols para conseguir a vaga na final das Libertadores. Após o segundo gol, houve toque de mão do zagueiro do Lanús na grande área, o que implicaria em um pênalti a favor do River Plate. O juiz não viu o ocorrido e prosseguiu com o jogo, mesmo após a solicitação do treinador do River Plate solicitar revisão do fato por meio da consulta ao árbitro de vídeo. No segundo tempo, após o Lanús ter feito 3 gols, houve um momento onde um puxão de Montiel (River Plate) em Pasquini (Lanús) foi ignorado pelo juiz, que após pressão dos jogadores do Lanús solicitou a opinião do árbitro de vídeo, que alertou para o erro e o pênalti foi marcado. Com o pênalti o Lanús conseguiu o gol que precisava para conseguir a vaga na final da Copa das Libertadores, eliminando seu adversário o River Plate.

> Fernanda: Uma das semifinais da Libertadores nessa semana brindou os amantes do futebol com um jogo histórico, sensacional, a virada do River Plate sobre o Lanús que garantiu a vaga ...
> Felipe: Não, não, não Fernanda ... para, para, para, para, para, para. Tô conferindo aqui, árbitro de vídeo oficial da Rede Globo, chora Arnaldo ... você falou errado. Eu tô conferindo aqui é o Lanús que foi para final não o River Plate, tá?
> Fernanda: Sim, eu falei o quê?
> Felipe: River
> Fernanda: E é?
> Felipe: Lanús
> Fernanda: Mas eu falei?
> Felipe: River
> Fernanda: Tô brincando ... entendi. Que é Lanús, errei, ok. Então passou o Lanús em uma virada histórica. Gente, brincadeiras à parte, vocês viram aí que nesse caso a revisão do vídeo ajudou, né? Tendo nosso árbitro de vídeo, o Felipe Arnaldor, ele realmente facilitou, mas no jogo em questão do qual estamos falando agora, isso deu um problema danado, vocês vão ver nesse exato momento. Oh chefe, tá tudo certo agora? Pode rodar?
> Felipe: Pode rodar, Arnaldo
> Fernanda: Obrigada
> (Extraído do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:09:27 do programa)

Nessa encenação Fernanda Gentil assumiu a função de apresentadora e Felipe Andreoli de árbitro de vídeo e comentarista, não apenas incorporando discursos que seriam referentes a esses cargos, mas também todo o cenário, já que Fernanda se manteve no palco do Esporte Espetacular, onde apresentava informações e reportagens e Felipe foi para uma sala que remete à uma sala de trabalho de um árbitro de vídeo (conforme observado na Figura 13). Vale ressaltar que essas funções em nossa sociedade são direcionadas respectivamente a pessoas do gênero feminino e masculino no campo do esporte, como apontado no capítulo anterior deste trabalho.

Ou seja, Fernanda assumiu uma função em que na realidade há um espaço de participação feminino, enquanto Felipe uma função em que ainda não há (ou há pouca) abertura de participação de mulheres. Assim, pode-se observar que em um momento de representação e encenação proporcionado pela(os) apresentadora(es) a divisão dos papeis assumidos seguiu um parâmetro do que se é presenciado de acordo com a divisão de tarefas entre feminino e masculino no campo esportivo. Vale ressalvar que ainda assume o “papel” de chefe, como apontado por Fernanda, e a partir disso tem poder para dar ou barrar a

continuidade do programa. Portanto, vemos que no campo das representações, a(os) apresentadora(es) assumiram papeis de gênero consolidados no esporte, quando poderiam romper com esses padrões, já que assumiam o mesmo cargo no programa.

Como abordado por Dagmar Meyer

> indivíduos aprendem desde cedo a ocupar e/ou a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer (MEYER, 2003, p. 22).

Vemos nesse sentido, observamos que uma função social incorporada naturalmente mediante relações cotidianas passam ser reproduzidas, também de forma natural, em diferentes esferas, como no caso estudado, o campo esportivo.

Nessa encenação observamos: foi Felipe quem interrompeu Fernanda, foi Fernanda quem teve o discurso equivocado a respeito de um fato esportivo, foi Felipe quem teve o discurso correto e corrige Fernanda, foi Fernanda quem perguntou ao colega se a nova informação passada por ela estava correta (ou seja, precisou da aprovação do Felipe para corroborar e ratificar seu discurso), foi Fernanda quem pediu autorização para Felipe para prosseguir com o programa, foi Felipe quem aprovou a continuidade do programa, foi Fernanda quem agradeceu a intervenção de Felipe, aceitando as novas informações sem questionar. Assim, Felipe assumiu o papel de detentor do conhecimento e um processo ativo no discurso, enquanto à Fernanda coube seguir o que era proposto e explanado por Felipe.

Observamos nessa encenação duas manifestações invisíveis do machismo combatidas atualmente por diversos movimentos feministas: *manterrupting* e *mansplaining*. O *manterrupting* consiste quando uma fala feminina é interrompida por um homem que não a permite concluir sua ideia, já o *mansplaining* que consiste explicar algo desnecessário para uma mulher, no caso, a informação de Fernanda estava incorreta e o ideal era mesmo ser corrigida, mas o que salientamos é justamente a construção proposital desse cenário, já que a cena foi elaborada previamente com a intenção de Fernanda

assumir o papel de quem passaria a informação incorreta e de Felipe ser quem iria corrigir isso.

Por fim, convém ainda apontarmos que ao final desse episódio, a expressão facial de Fernanda demonstrou certo incômodo com a situação, o que pode ter sido proposital (ou seja, já combinado previamente para fazer parte da encenação) ou porque ela realmente se incomodou com a encenação realizada; enquanto Felipe sorriu. A imagem dessas expressões pode ser observada na Figura 1.

Figura 1: Encenação sobre a atuação do árbitro de vídeo no jogo River Plate x Lanús – Esporte Espetacular

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:09:27.

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:10:11.

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:09:44.

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:10:13.

Outro momento de encenação no programa foi com o objetivo de introduzir o tema da próxima reportagem que seria veiculada, que focou a realização e veiculação de memes esportivos. A ideia era demonstrar como o meme poderia ser inserido em um contexto informacional, pois transmite

conteúdos mesmo que de maneira engraçada. A transcrição dessa encenação encontra-se a seguir:

> Fernanda: Olha só, apenas um ano teve mais Fla-Flus do que 2017, foi 1936 e vocês vão ver agora aqui no ...
> Felipe: Olha esse meme
> Fernanda: O que que é?
> Felipe: é muito bom ... olha esse aqui também
> Fernanda: Eu tô falando do VT, você está falando de meme. Peraí
> Felipe: É rapidinho ... olha aqui
> Fernanda: Eu tô agora falando sobre o 8° Fla-Flu do ano
> Felipe: Peraí ... As pessoas não ligam, está na internet agora
> Fernanda: Mas tenho que falar agora .... puta ... muito bom hahaha (risos)
> Felipe: Tá achando o que? Que meme é bobagem? Não é bobagem, não. É o mais assunto importante, principalmente depois de um Fla-Flu, como o dessa semana
> Fernanda: Olha aqui ... esse é sensacional (risos)
> (Extraído do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:33 do programa)

Nessa outra encenação vale apontar que Fernanda Gentil foi quem deteve a fala do conteúdo esportivo (apontando a respeito do clássico Fla-Flu) considerado sério, e que Felipe Andreoli foi detentor do discurso não técnico e considerado superficial, e de segunda importância para o contexto do esporte. No entanto, apesar disso, foi Felipe quem interrompeu Fernanda abortando o conteúdo da fala da apresentadora para elencar um novo assunto, mesmo não sendo primordial para o contexto esportivo.

Assim, apesar de ser detentora do conhecimento esportivo, nesse caso, o programa deu encaminhamento para a ideia de Felipe Andreoli, não de Fernanda Gentil. Nesse contexto, o conceito de *manterrupting* encontrou-se presente, mesmo a cena ter sido previamente combinada e ensaiada. Ou seja, apesar de consistir em uma teatralização, a representação assumida foi justamente da interrupção de uma fala feminina para impor um discurso masculino, mesmo sendo esse de menor importância, reforçando que o espaço do discurso competente no esporte era justamente do apresentador, mesmo no caso de um conteúdo secundário (no caso, memes).

Podemos dividir a cena em seis momentos: 1° Fernanda Gentil apresentou um fato esportivo a respeito do dérbi Fla-Flu, 2° Felipe Andreoli interrompeu Fernanda verbalmente e fisicamente, já que ele além de falar “olha

esse meme”, introduzindo um assunto completamente diferente do que ela estava abordando, ainda a cutucou no braço para reforçar essa interrupção, 3° Felipe deu continuidade à interrupção, mostrando seu celular para Fernanda, no qual havia o conteúdo que queria abordar, 4° Fernanda explicou a importância da sua fala ao Felipe, 5° Felipe desmereceu o assunto que Fernanda estava abordando e Fernanda ficou brava com Felipe, 6° Fernanda concordou com Felipe que o assunto que ele queria abordar (no caso sobre meme) era muito engraçado e interessante, 7° O programa iniciou uma reportagem sobre a temática proposta por Felipe, como apontado na Figura 2.

Figura 2: Momentos da encenação para apresentação da reportagem sobre memes – Esporte Espetacular

Momento 1: Fernanda Gentil apresenta um fato esportivo

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:35.

Momento 2: Felipe Andreoli interrompe Fernanda Gentil

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:40.

Momento 3: Felipe demonstra no celular o assunto que quer falar

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:43.

Momento 4: Fernada aponta que sua fala é importante

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:44.

Momento 5: Fernanda fica brava com a interrupção

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:47.

Momento 6: Fernanda concorda com Felipe

Fonte: Imagem extraída do programa Esporte Espetacular, transmitido dia 05/11/2017, às 1:44:45.

Nos dois momentos de encenação do programa observamos a incorporação e transmissão do *manterrupting* como algo naturalizado. Ou seja, apesar da interrupção ter sido acordada previamente, ela poderia ter sido acordada de forma a questionar estereótipos de gênero, ao invés de ter sido construídas de maneira a reforça-los. É interessante nos dois casos, salientarmos a ciência de que a cena foi teatralizada, ou seja, não foi algo espontâneo que partiu da(os) apresentadora(es), mas que apesar disso tem importância na avaliação da forma de construção de gênero transmitidas pelo programa a(os) suas (seus) telespectadoras(es).

Cabe ressaltar que o programa de forma geral apresentou certa equidade na participação da(os) apresentadora(es), onde Fernanda Gentil e Felipe Andreoli tiveram tempos de participação e conteúdos abordados

semelhantes, sendo que a diferença maior ocorreu apenas quando Fernanda Gentil assumiu a função de estreitar relacionamentos com o público e Felipe Andreoli de trazer novas informações esportivas.

No entanto, nos momentos de dinâmica e teatralização, ela(e)s assumiram posturas tradicionais de gênero, onde homens interrompem discursos femininos e são detentores de conhecimento e do discurso competente sobre o campo esportivo. Dos programas analisados neste trabalho (Mesa Redonda, Terceiro Tempo, Gazeta Esportiva, Jogo Aberto e Esporte Espetacular), esse foi o programa onde a mulher apresentou maior participação efetiva, sem latentes discriminações de gênero, sendo que os momentos onde isso ocorreu foram encenados pela(o)s participantes.

5.3.2 Jogo Aberto (01/11/2017)

A edição do programa Jogo Aberto selecionada para análise foi a transmitida no dia 01/11/2017, que conteve 6 profissionais em seu palco: Renata Fan (apresentadora e mediadora do debate esportivo), Denilson de Oliveira, Chico Garcia, Paulo Roberto Martins, Ronaldo Giovanelli e Ulisses Costa (comentaristas), além disso, ainda houve a participação do comentarista Heverton Guimarães, cuja contribuição foi feita online (ou seja, não se encontrou presencialmente no palco do programa). Nesse sentido a função de Renata Fan foi a de apresentar as notícias e levantar assuntos que foram debatidos pelos colegas comentaristas Denilson, Chico Garcia, Paulo Roberto, Ronaldo, Heverton e Ulisses Costa, que opinaram e comentaram situações relacionadas ao esporte.

Vale ressaltar que o programa estava dividido em três blocos, sendo que no primeiro e segundo blocos constaram apenas a presença de Renata Fan e de Denilson de Oliveira, e apenas no terceiro os demais comentaristas apareceram. Quanto à estrutura, os blocos 1 e 2 possuíram a função principal de apresentar reportagens, enquanto o bloco 3 focou o debate de assuntos diversos do esporte de maneira humorística e opinativa.

A partir disso, o primeiro fator avaliado nesta análise foi o tempo de fala de cada participante em cada um dos três blocos, já que cada bloco constou com objetivos e participantes diferentes. O tempo de participação de cada profissional ou seção encontra-se disponível na Tabela 25.

Tabela 25: Tempo de participação da(o)s profissionais - Jogo Aberto (Bloco 1)

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Renata Fan	00:05:21	00:00:15	18,3%
Denilson de Oliveira	00:04:24	00:00:15	15,1%
Reportagem	00:19:13	00:03:12	65,8%
Abertura	00:00:07	***	0,4%
Chamada	00:00:07	00:00:04	0,4%

Fonte: Própria.

Nesse primeiro bloco, o foco foi veicular reportagens diferentes, apresentando as principais notícias do esporte (principalmente futebol), por meio de matérias elaboradas previamente. Sendo o foco principal do bloco, as reportagens ocuparam 65,8% do tempo dessa parte do programa, enquanto a participação de Renata Fan ocupou 18,3% e de Denilson de Oliveira 15,1%, o conteúdo e função dessas falas encontra-se disponível na Tabela 26.

Tabela 26: Funções de falas de Renata Fan e Denilson de Oliveira – Jogo Aberto (Bloco 1)

Participação e conteúdo da fala	**Renata Fan**	**Denilson de Oliveira**
Apresentação de reportagem	00:02:49 (100%)	***
Interação interpessoal	00:01:27 (36,1%)	00:02:34 (63,9%)
Apresentação de informações esportivas (não apontadas nas reportagens)	00:00:29 (44,6%)	00:00:36 (55,4%)
Questionamentos à repórter de campo	00:00:24 (100%)	***
Emissão de opinião esportiva	***	00:00:39 (100%)
Apresentação da enquete	00:00:12 (25,5%)	00:00:35 (74,5%)

Fonte: Própria.

Como apontado na Tabela 35, nesse primeiro bloco, todas as reportagens foram apresentadas pela Renata Fan, o que representou 56,2% do total de tempo de fala da apresentadora nesse bloco. A segunda atividade mais realizada por ela foi a interação com o colega Denilson de Oliveira que consistiu em 17,1% do tempo de sua participação. Portanto, as falas mais utilizadas pela apresentadora tinham a função de introduzir um conteúdo que seria exposto por reportagens e se relacionar com o colega comentarista. Nesse segundo caso, vale apontar ainda que a interação não foi igualitária em relação ao tempo de participação, pois Denilson manteve 63,9% (pouco mais de 3/5) do total do tempo de conversa entre ela(e)s. Além disso, o comentarista foi o único a expressar alguma opinião pessoal nesse bloco, não tendo Renata Fan nenhuma fala nesse sentido.

No entanto, se no debate e expressão de opiniões a voz de Denilson foi predominante, em outras atividades que exigiram uma tomada de posição ativa na construção do conhecimento esportivo, a participação de Renata também foi expressiva. Nesse sentido, a interação com colegas não presentes no estúdio (repórteres de campo) foi exclusivamente realizada por Renata que apontou quais as pautas que gostaria de que fossem trazidas ao público. Além disso, teve 44,6% de participação na apresentação de um conteúdo esportivo inusitado e não trabalhado por alguma reportagem.

Por fim, ressaltamos ainda que a função de coadjuvante exercida na apresentação de enquetes para o público, foi exercida majoritariamente por Denilson, que ficou responsável por 74,5% do tempo desse bloco dedicado a essa questão.

Como já apontado, o programa esteve dividido em três blocos, dessa forma os demais blocos também foram analisados. O tempo de participação da(o)s profissionais no bloco 2 do programa encontra-se disponível na Tabela 27.

Tabela 27: Tempo de participação das(o) profissionais - Jogo Aberto (Bloco 2)

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Renata Fan	00:03:27	00:00:10	21,2%
Denilson de Oliveira	00:03:37	00:00:10	22,2%
Reportagem	00:08:50	00:02:13	54,2%
Entrevistas	00:00:19	00:00:10	1,9%
Chamada	00:00:05	**	0,5%

Fonte: Própria.

No segundo bloco, há uma divisão praticamente igualitária entre os 3 principais elementos apresentados ao telespectador: reportagem e participação de Renata Fan e Denilson de Oliveira. Assim, as reportagens consistiram em 54,2%, e as participações da apresentadora e do comentarista 43,4%, sendo que destas 21,2% foi de Renata Fan e 22,2% de Denilson. Já as características referentes ao conteúdo e à função dessas falas encontram-se disponível na Tabela 28.

Tabela 28: Funções de falas de Renata Fan e Denilson de Oliveira – Jogo Aberto (Bloco 2)

Participação e conteúdo da fala	**Renata Fan**	**Denilson de Oliveira**
Apresentação de reportagem	00:01:10 (100%)	***
Interação interpessoal	00:01:45 (41,7%)	00:02:27 (53,3%)
Análise de cenário esportivo	***	00:01:06 (100%)
Emissão de opinião esportiva	00:00:32 (88,9%)	00:00:04 (11,1%)

Fonte: Própria.

Como no primeiro bloco, a apresentação de reportagens ocorreu exclusivamente por Renata Fan (ocupando 00:01:10, representando 7,2% do tempo do bloco 2), enquanto que a análise do cenário esportivo coube

exclusivamente a Denilson de Oliveira (ocupando 00:01:06, representando 6,7% do tempo do bloco 2). Quanto às falas relacionadas à interação, verifica-se que houve maior igualdade no tempo dessas, já que Renata Fan dedicou-se 00:01:45 para essa atividade no bloco 2, e Denilson 00:01:06. Sendo assim, observa-se que no bloco 2, a função primordial de Renata Fan foi a de manter uma relação de conversa com Denilson, seguido da função de apresentar as reportagens que seriam veiculadas nesse bloco. Para Denilson, a função primordial também foi interagir com Renata Fan, mas com uma análise técnica das informações.

Por fim, este trabalho também analisou esse tempo e qualidade de participação da(os) profissionais apresentadora e comentaristas no bloco 3. O terceiro bloco diferenciou-se dos demais, pois dedicou majoritariamente à discussão entre comentaristas e apresentadora, inserindo nesse quadro mais 5 comentaristas além de Denilson de Oliveira, são eles: Ronaldo Giovanelli, Ulisses Costa, Chico Garcia, Paulo Roberto e Heverton Guimarães. O tempo de participação dessa(es) encontra-se disponível na Tabela 29.

Tabela 29: Tempo de participação da(os) profissionais - Jogo Aberto (Bloco 3)

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Renata Fan	00:03:43	00:00:08	16,2%
Ronaldo Giovanelli	00:04:51	00:00:15	21,1%
Ulisses Costa	00:02:29	00:00:14	10,8%
Denilson de Oliveira	00:01:04	00:00:06	4,7%
Chico Garcia	00:00:55	00:00:14	4,0%
Paulo Roberto	00:01:20	00:00:27	5,8%
Heverton Guimarães	00:01:50	**	8,0%
Reportagem	00:05:37	**	24,5%
Vídeos de internet	00:00:51	00:00:26	3,7%
Chamada	00:00:16	00:00:08	1,2%

Fonte: Própria.

Apesar de a atividade com maior tempo dedicado tenha sido a transmissão de reportagens, essa diminuiu consideravelmente se comparado

com o tempo dedicado nos blocos 1 e 2. Nesse sentido, observa-se que o foco do terceiro bloco foi o debate entre os comentaristas que foi mediado por Renata Fan. Destes, o destaque foi de Ronaldo Giovanelli que teve 21,1% de participação do programa, seguido de Renata Fan com 16,2%. Ulisses Costa foi o terceiro participante quem mais falou, com 10,8%, seguido de Heverton Guimarães (com 8,0%), Paulo Roberto (com 5,8%), Denilson de Oliveira (com 4,7%) e Chico Garcia (com 4,0%).

O tempo médio de falas também foi interessante ser observado, pois verificamos a profundidade de cada discurso. Assim, apesar de Renata Fan ter o segundo maior tempo de participação no programa, observamos que o tempo de média de sua fala é o segundo menor com 08 segundos médios de duração (sendo maior apenas que o de Denilson, com 06 segundos). Dos demais comentaristas o tempo médio foi quase acima do dobro do tempo de Renata, sendo que Chico Garcia e Ulisses Costa tiveram uma média de 14 segundos, Ronaldo Giovanelli 15 segundo, Paulo Garcia 27 segundos e Heverton Guimarães teve apenas uma intervenção que durou 1 minuto e 50 segundos.

A partir disso, percebe-se que Renata Fan teve mais falas, mas que essas foram mais curtas que a dos colegas, ou seja, ela interveio mais, mas com discursos mais rápidos e pontuais. Isso ocorreu por diferentes motivos, sendo esses: interrupção da fala ocorrida por colegas, falas serem mais relacionadas a perguntas do que respostas ou debates, intervenções rápidas que consistem apenas em concordar ou negar com os demais, não abordar assuntos com profundidade e conhecimento técnico. A própria função de apresentadora e mediadora resultou nessa situação que foi conduzir o debate que seria aprofundado pelos comentaristas e, portanto, possuíram falas com maior tempo médio. Para melhor visualização dessa situação, a Tabela 30 foi construída apontando o tempo de fala de cada profissional, agrupando por funções.

Tabela 30: Funções de falas da apresentadora e comentaristas – Jogo Aberto (Bloco 3)

	Renata Fan	Ronaldo Giovanelli	Ulisses Costa	Denilson de Oliveira	Chico Garcia	Paulo Roberto	Heverton Guim.
Apresentação de matéria	00:00:21 (100%)	***	***	***	***	***	***
Interação interpessoal	00:02:28 (33,6%)	00:01:50 (24,9%)	00:00:57 (12,9%)	00:01:00 (13,6%)	00:00:15 (3,4%)	00:00:51 (11,6%)	***
Informação	00:00:42 (36,8%)	***	00:01:12 (63,2%)	***	***	***	***
Emissão de opinião esportiva	***	00:03:01 (40,8%)	00:00:20 (4,5%)	00:00:04 (0,9%)	00:00:40 (9,0%)	00:00:29 (6,5%)	00:01:50 (38,3%)
Enquete	00:00:12 (100%)	***	***	***	***	***	***

Fonte: Própria.

Quanto às funções de fala, nota-se que Renata Fan foi responsável por 33,6% das participações referentes à interação o que representou 66,4% da sua atuação no terceiro bloco, além disso, também foi responsável por 36,8% da transmissão de informações novas discutidas nesse bloco. No entanto, não emitiu sua opinião sobre algum assunto específico relacionado ao esporte, restringindo sua participação nesse bloco à interação, transmissão de novas informações, apresentação de reportagem e de enquete.

Já os comentaristas limitaram seus os discursos às funções de interação interpessoal (com brincadeiras, conversas cotidianas, assuntos diversos ou crítica ou elogio a times de futebol sob viés de torcedor, ou seja, discussão a base da paixão e não de bases técnicas ou informações esportivas) e emissão de opinião esportiva. Exceto Ulisses Costa que trouxe dados para serem discutidos no programa. Nota-se, portanto, que no terceiro bloco a função dos comentaristas foi interagir ente si (geralmente com humor, pois essa é a proposta do programa) e emitir suas opiniões sobre eventos do futebol brasileiro, sendo que essa segunda parte não coube à Renata Fan.

Em relação à ocupação do espaço físico, nos Blocos 1 e 2 houve uma participação igualitária entre Renata Fan e Denilson que ocuparam de maneira similar os espaços, já no Bloco 3, onde os demais comentaristas ocupam também o estúdio, passa a haver uma ocupação diferente de espaços (Renata

Fan mantem-se de pé, enquanto os demais colegas permanecem sentados), delimitando visualmente e fisicamente as funções: apresentadora x comentaristas, como pode ser observado na Figura 3.

Figura 3: Ocupação dos espaços no programa Jogo Aberto

Ocupação do cenário no Bloco 1

Fonte: Imagem extraída do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:04:50 do Bloco 1.

Ocupação do cenário no Bloco 2

Fonte: Imagem extraída do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:15:01 do Bloco 1.

Ocupação do cenário no Bloco 3

Fonte: Imagem extraída do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:19:30 do Bloco 3.

Assim, no Bloco 3, a partir da inserção dos demais comentaristas o espaço passou a ser delimitado entre funções, sendo que os comentaristas se encontraram sentados em cadeiras presentes em um piso mais elevado do que o da Renata Fan, cujo degrau demarcava a área na qual Renata Fan podia transitar. Essa diferença observa-se não apenas no espaço, mas também no próprio conteúdo de fala, como analisado acima, no qual no bloco 3 a média de tempo de fala de Renata Fan tornou-se menor do que a dos colegas, reproduzindo um número maior de falas, mas mais breves do que os comentaristas.

Além das falas também foram analisadas as vestimentas e posições / posturas físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados em na Tabela 40, divididos em nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pela(o)s profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como a(o)s profissionais foram identificada(o)s), relação com contexto familiar (ou seja, se a(o) profissional foi relacionada(o) com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na Tabela 31 a seguir.

Tabela 31: Vestimenta e aparência da(os) profissionais Jogo Aberto

	Renata Fan	Ronaldo Giova-nelli	Ulisses Costa	Denilso n de Oliveira	Chico Garcia	Paulo Roberto	Heverto n Guim.
Vesti-menta	Social: vestido de alça vermelh o até o joelho e salto alto	Social: camisa rosa clara manga longa dobrada, calça preta, sapa-tênis	Social: camisa longa azul escura, calça jeans, sapa-tênis	Casual: camisa polo preta, calça preta e sapa-tênis	Casual: Blusa de manga vinho com listras cinza, jeans, sapa-tênis	Social: camisa branca, casaco cinza, calça jeans, sapa-tênis	Social: Camisa clara e casaco escuro
Acessó-rios	Anel e brinco discretos	Relógio e pulseira larga de corda	Relógio	Relógio	Relógio e pulseira de corda	Relógio , pulseira de corda	Relógio
Aparên-cia	Loira, cabelo liso, pele clara, magra, maquia-gem discreta, unhas pintadas de cor escura	Careca, pele clara, barba feita	Moreno , pele clara, cabelo curto e barba feita	Moreno, pele morena, cabelo curto e barba feita	Moreno, pele clara, cabelo curto e barba feita	Careca (só no topo), pele clara, grisalho e bigode	Grisalho, pele clara, cabelo curto e barba curta
Formas de trata-mento	Nome, loira (1 vez), loirão (3 vezes), menina (4 vezes), Rê (1 vez)	Nome e nome seguido de sobre-nome	Nome seguido de sobre-nome	Nome, Dedê (1 vez), Dê (1 vez), senhor (1 vez)	Nome, nome e sobre-nome, Chiqui-nho (1 vez), senhor (1 vez), menino (2 vezes)	Nome, nome seguido de sobre-nome, véinho (1 vez), mestre (1 vez)	Nome, nome seguido de sobre-nome, papai (1 vez)
Relaçã o	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não

familiar é citada							
Aparência estética é citada	Sim (feito por Denilson)	Sim (feito por Renata)	Não	Não	Não	Não	Sim (feito por Renata)
Humor é citado	Sim (por Denilson)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Idade[28]	40 anos (1977)	50 anos (1967)	48 anos (1969)	40 anos (1977)	36 anos (1981)	73 anos (1945)	Dado não encontrado
Formação[29]	Direito (IESA), Jornalismo (FIAM) e modelo	Ex futebollista	Dado não encontrado	Ex futebolista	Jornalismo (IPA)	Jornalismo (Unimonte)	Dado não encontrado
Status de relacionamento[30]	Namorada de Átila Abreu (relação heteroafetiva)	Casado com Roberta Giovanelli (relação heteroafetiva)	Casado com Renata Costa (relação heteroafetiva)	Casado com Luciele di Camargo (relação heteroafetiva)	Namorado de Mila Alves (relação heteroafetiva)	Dado não encontrado	Casado com Chris (relação heteroafetiva)

Fonte: Própria.

Observa-se que a(os) participantes seguiram um padrão em relação à vestimenta. Apesar de não utilizarem uniformes, toda(os) usam trajes esporte fino, não havendo algo destoante. Da mesma forma, em relação aos acessórios também não houve alguma discrepância ou algo que destacasse da(os) demais.

[28] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[29] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[30] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

Nesse sentido, roupas e acessórios não foram utilizados de forma diferentes e com objetivos diferentes por cada profissional.

Quanto à aparência física, há um certo cuidado com a estética tanto da parte de Renata Fan, como dos colegas comentaristas. A apresentadora possuía cabelo liso, maquiagem discreta e unhas pintadas de cores escuras. Já os comentaristas apresentaram cabelo curto (ou carecas) e barba feita (na totalidade ou com aparência baixa ou apenas o bigode), sendo que em nenhum caso há cabelos e barbas mal feitos ou desarrumados.

Vale ainda ressaltar que a aparência de dois comentaristas é alvo de comentários da Renata Fan que expressou sua opinião a respeito do figurino (no caso, da cor da camisa – rosa) de Ronaldo Giovanelli e expressou também sua opinião a respeito da expressão facial de Heverton Guimarães. Em contrapartida, a aparência de Renata Fan também foi alvo de comentários por parte de Denilson de Oliveira, que diversas vezes a tratou pela cor de seu cabelo: loira. Além disso, Denilson também comentou a respeito do humor da apresentadora, iniciando o programa justamente com esse discurso, repetido no bloco 3, quando aponta sua surpresa com a postura de Renata Fan.

Quanto à formação, observa-se que Renata Fan é formada em jornalismo e direito, e ainda é modelo, diferenciando das formações comuns dos profissionais atuantes nesse campo: jornalismo ou ex esportista.

Outro fator de diferenciação entre os participantes foi a forma de tratamento, todos os comentaristas são tratados majoritariamente pelo nome ou nome e sobrenome (só não é citado o sobrenome do Denilson), e em poucos momentos houve algum apelido. Esses casos foram para Denilson: Dê (uma vez), Dedê (uma vez) e Senhor (uma vez); para Chico Garcia: Chiquinho (uma vez), Senhor (uma vez) e Menino (duas vezes), para Paulo Roberto: Véinho (uma vez) e Mestre (uma vez), e para Heverton Guimarães: Papai (uma vez). Já Renata Fan não foi tratada nenhuma vez pelo sobrenome, foi tratada apenas pelo primeiro nome ou apelidos como: Loira (uma vez), Loirão (três vezes), Menina (quatro vezes) e Rê (duas vezes).

Os nomes no diminutivo foram usados diversas vezes para diferentes profissionais, o que remete certa proximidade ou um chamativo carinhoso, mas que foram usados em todos os momentos desse programa de forma irônica. A diferença de tratamento se deu pelo uso de termos que remetem seriedade e

comprometimento, como Senhor e Mestre para os comentaristas e termos que remetem molecagem como Menina (utilizado para caracterizar Renata quatro vezes durante o programa) e Menino (usado uma vez para caracterizar Chico Garcia, curiosamente são a(o)s duas/dois profissionais mais novos do programa. Além disso, Renata também recebeu apelido referente sua aparência física: Loira e Loirão, utilizados também associados com outros termos como Minha Loira (que remete posse) e Loirão do céu (expressão usada quando alguém está surpreso com algo).

Quanto à relação familiar somente foi citada por Denilson falando dele mesmo, quando ele fez um comentário a respeito da vontade de ver determinada mulher presente no palco do programa e finaliza dizendo que ele pode falar essas coisas porque o casamento dele é sólido. Após isso, há uma simulação de fala da esposa de Denilson, o criticando pela postura (como será abordado mais adiante).

Outro fator considerado neste trabalho foi em relação ao conteúdo dos discursos e das interações entre os participantes. O primeiro momento selecionado foi quando o Denilson aparece no programa, e se apresenta para o público. A sua fala de abertura inicia com a comemoração do feriado que ocorreria no dia seguinte e logo após remeteu ao humor de Renata Fan.

Denilson: Loirão do céu, heim loirão. Fecha um pouco o som, tio.
Renata: Hoje eu estou séria
Locução: Xiiiiii
Denilson: Eu cheguei na Band, cheguei na Band, lógico, ia chegar onde. Cheguei na Band
Renata: ahãn
Denilson: Eu cheguei na Band, aí normalmente a gente se cruza, tá ligado? Nos corredores, ela vindo e eu indo pra lá. Aí pô, cruzei com ela, já vejo ela toda lá (faz sinal de gesticular energeticamente), porque ela troca as ideias assim, né?
Renata: (risos) ... pouco exagerado
Denilson: eu falei, mano, vou dar um bom dia bem na moral porque hoje tá moiado
Locução: Tá nervosa, tá?
Denilson: Bom dia minha loira.
Renata: É, mas tem vários motivos ...
Denilson: Passou batido, nem falou bom dia
Renata: É, mas tem vários motivos, mas o primeiro ...
Denilson: Aí ela começa o programa falando, hoje eu tô brava
Renata: Gente, o que aconteceu com o River?
Denilson: O que aconteceu com o River?
Renata: O River tá fora da Libertadores, o Lanús está na final
Denilson: Você deveria estar contente
Renata: Por quê?
Denilson: Ué? Porque tu não falou aqui que se o Lanús passasse o D'Alessandro ia jogar o jogo lá? Você não falou aqui?
Renata: Denilson, calma, que você tá confundindo ... não foi ... foi em off ... não foi no ar, não era pro Brasil inteiro, você está confundindo os bugalhos, entendeu?
Denilson: Foi em off mesmo?
Renata: Foi ... tudo bem, deixa pra lá ... calma
Denilson: Ramelei? Acabei de ramelar agora? Ramelei, ramelei, ramelei?
Renata: Você tá muito empolgado (risos)
Denilson: Ela falou em off? Ela falou em off?
Renata: Falei em off (risos)
Denilson: Nossa Senhora ... era segredo?
(Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:05:02 do Bloco 1 do programa)

Neste trecho há dois discursos que podem ser observados com cautela: o primeiro diz respeito à descrição do humor da Renata Fan por parte de Denilson. Observa-se, portanto, que na primeira fala de Denilson do programa, o comentarista abordou a respeito de como ocorreu o primeiro encontro dele com Renata Fan naquele dia, e discutiu como estava o temperamento da apresentadora. Ele já começou a fala com uma interjeição de espanto (Loirão do céu), apontando que estava alarmado com a postura da apresentadora que passou por ele sem responder o seu "Bom Dia". O que mais ressalta aqui é a necessidade do comentarista de levar isso ao ar, debatendo essa situação (que

consiste em um relacionamento interpessoal entre ambos) em um espaço público, compartilhando com as(os) telespectadoras(es) em um programa de notícias esportivas. Vale abordar que comentários a respeito do humor de Renata Fan ocorrem pelos menos outras três vezes durante o programa:

> Denilson: O que essa mulher tem?
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:12:48 do Bloco 3 do programa)
>
> Denilson: Nossa, o que tá acontecendo aqui gente? A Renata tá dando lição de moral ... uai
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:08:52 do Bloco 2 do programa)
>
> Paulo Roberto: Você descontrolou a Renata, você descontrolou a Renata Fan
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:16:42 do Bloco 3 do programa)

Observando essas falas, pode-se notar a presença do fenômeno *gaslighting*, que consiste em fazer a mulher e os que a cercam acreditar que ela enlouqueceu ou que é incapaz de avaliar uma situação, reforçado por frases como: ela está exagerando, é sensível demais, não aceita brincadeira, ela está louca. E é justamente o que aconteceu nesses exemplos, onde os comentaristas apontaram que a colega estava descontrolada.

Retomando o diálogo inicial do programa, há outro fator que vale ser observado que diz respeito à posição de Renata Fan sobre o jogador D'Alessandro, que ela é fã. Conversando nos bastidores com Denilson, ela confessa que torce para o Lanús (no jogo contra o River) para que o jogador consiga participar do campeonato. No entanto, no programa Renata Fan não deseja expressar esse seu favoritismo, mantendo isso em segredo. Apesar disso, Denilson fala pela apresentadora e expõe essa situação. Ao final, ela explica que não gostaria que essa preferência tivesse sido revelada no programa e que era segredo. Denilson, então, pergunta se ela tem certeza do que está falando ("foi em *off* mesmo?"), e continuou não dando créditos à fala de Renata Fan, precisou confirmar com o pessoal técnico se era mesmo verdade o que a colega estava dizendo ("ela falou em *off*?"). Novamente um caso de *gaslighting*, onde a credibilidade da fala da mulher é questionada.

Outro discurso que vale ser analisado é em relação ao comentário de Denilson a respeito de uma possibilidade de interesse de Renata Fan no jogador Borja e em como Renata Fan encaminhou o discurso para que, de forma sutil, ela assumisse o controle da fala e tirasse o espaço de voz de Denilson.

> Denilson: Eu preciso fazer duas perguntas para você, loirão
> Renata: Sim, faça
> Denilson: A primeira é: Quem fez a pesquisa, e a segunda é, você falou que estava empolgada com Borja, não foi?
> Renata: Uhun
> Denilson: Se ele trocar umas ideias ...
> Renata: Ah não! Você só leva para esse lado, gente.
> Denilson: um morenão, da hora
> Renata: Denilson, o meu interesse é único e exclusivo no futebol, ponto.
> Denilson: O Borja é de onde?
> Renata: Colômbia
> Denilson: Do futebol
> Renata: Ah! Achei que fosse o país ... (risos) ... eu falei Colômbia
> Denilson: (Risos) quem vai levar a melhor?
> Renata: É, quem vai brilhar mais?
> Denilson: É quem vai brilhar mais. Posso já dar minha opinião?
> Renata: (silêncio)
> Denilson: Responde, meu
> Renata: Pode
> Denilson: Eu faço uma pergunta, eu quero sua resposta
> Renata: Você fez uma pergunta e nem me deixou responder
> Denilson: Eu falei se ele trocar umas ideias ...
> Renata: Não! você perguntou quem fez a pesquisa
> Denilson: Tá, quem fez a pesquisa?
> Renata: Agora não quero responder
> Denilson: Agora tá equilibrado ...
> Renata: Olha lá, já mudou
> Denilson: Posso falar?
> Renata: Eita a torcida do Palmeiras está empolgada também com o Borja
> Denilson: Eu também estou
> Renata: Quero ver se a torcida do Corinthians vai reagir e vai acompanhar o Jô
> Denilson: Eu também estou empolgado
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:27:10 do Bloco 1 do programa)

Figura 4: Renata Fan respondendo Denilson – Jogo Aberto

Fonte: Imagem extraída Jogo Aberto, dia 01/11/2017, aos 00:27:40 - Bloco 1

O diálogo acima iniciou com dois questionamentos de Denilson à Renata Fan. O primeiro dizia respeito a quem realizou a enquete do dia aplicada pelo programa e o segundo revelava o interesse do comentarista pelas escolhas amorosas de Renata Fan, interrogando qual seria o comportamento da apresentadora, caso ela fosse paquerada pelo jogador Borjas. É evidente o interesse do comentarista a respeito da vida pessoal e escolhas da apresentadora, que nada agregariam ao conteúdo do programa que é de informações esportivas. Renata apontou que é costumeira essa posição da fala de Denilson e expressou seu descontentamento (“Ah não! Você só leva para esse lado, gente”), apesar disso, ele manteve a pergunta, justificando com argumentos de que o jogador é uma ótima pessoa. Diante disso, Renata apontou que seu interesse é apenas no futebol e Denilson tentou encurralá-la perguntando de onde o jogador era. Por sua vez, a apresentadora “muda de assunto”, respondendo que Borjas era da Colômbia. Após Denilson insistir que Borjas era do futebol, Renata fez uma brincadeira o com “mal-entendido” e o trocadilho de palavras (de onde ele era, e sua pretensa compreensão sobre a questão).

Nota-se que o primeiro questionamento de Denilson não foi debatido ainda, pois houve um foco de como Renata Fan veria o jogador Borjas, a partir

de seu olhar de uma mulher com interesses amorosos e não o de apresentadora. No entanto, apesar de Denilson ignorar a própria pergunta, Renata Fan a retomou apontando como estava insatisfeita com o fato dele não ter aguardado a resposta da apresentadora.

> Denilson: É quem vai brilhar mais ... eu posso já dar minha opinião?
> Renata: (silêncio)
> Denilson: Responde, meu
> Renata: Pode
> Denilson: Eu faço uma pergunta, eu quero sua resposta
> Renata: Você fez uma pergunta e nem me deixou responder
> Denilson: Eu falei se ele trocar umas ideias ...
> Renata: Não! você perguntou quem fez a pesquisa
> Denilson: Tá, quem fez a pesquisa?
> Renata: Agora não quero responder
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:27:10 do Bloco 1 do programa)

Figura 5: Renata Fan ironizando Denilson – Jogo Aberto

Fonte: Imagem extraída Jogo Aberto, dia 01/11/2017, aos 00:28:05 - Bloco 1

É interessante que nesse diálogo a partir de um *manterruption* é reconstruído o discurso de forma a revidar essa situação. Renata aguardou o momento de Denilson fazer outro questionamento para retomar essa situação. Nesse sentido, ignorou a pergunta feita pelo colega Denilson e esse chateado, ao lhe questionar porque ela não o respondia, ela retoma que ele já havia feito uma pergunta anteriormente e não aguardou a resposta dela. Denilson vai tentar

responder que sua pergunta era a respeito de Renata ser paquerada pelo Borjas, e ela interrompeu dizendo que a pergunta não respondida não era essa, mas referente à autoria da enquete. O interesse nas preferências amorosas da apresentadora era tanto maior, que a questão sobre a enquete foi esquecida mesmo após a tentativa de lembrança da apresentadora. Por fim, Denilson pediu que ela respondesse qual era a autoria da enquete e nesse momento, ela afirmou que não tem mais interesse em responder ao questionamento do colega, e sorriu sarcasticamente como quem diz: “cheguei onde queria”. Essa imagem pode ser vista na Figura 5.

Vale apontar ainda, que o atrito no diálogo dos dois ainda persistiu por mais alguns segundos, onde Renata se apropriou da sua fala e interrompeu Denilson que chegou a lhe pedir para prosseguir seu pensamento (“posso falar”), mas foi ignorado. Ao final, Denilson não teve a oportunidade de expor seu pensamento e a conversa continuou com o assunto proposto por Renata Fan. É interessante nesse diálogo observar como Renata Fan inverteu o *manterruption* se apropriando de sua fala e revertendo os papeis.

Outro momento em que Renata Fan não deixou ser interrompida e impôs que não aceitava tratamentos desrespeitosos, foi em uma conversa com Ronaldo Giovanella, onde ele levantou o tom de voz tentando impor sua opinião, seu descontentamento e crítica a respeito de uma pergunta feita por Renata a respito do Corinthians.

> Renata: Peraí, eu te pergunto, Ronaldo, e se por acaso o Corinthians perder o clássico?
> Ronaldo: Renata, pelo amor de Deus, para com isso, também ... você também ...
> Renata: Não ..., mas e aí?
> Ronaldo: Você também?
> Renata: Você o quê?
> Ronaldo: Pergunta toda hora, se por acaso ...
> Renata: Não, não, não
> Ronaldo: Se por acaso, golear? Goleia o Palmeiras?
> Renata: Não, não, não ...
> Ronaldo: Goleia o Palmeiras
> Renata: Ronaldo, não é momento para brincadeira, o momento é o seguinte ...
> Denilson: Vai besta, vai besta
> Renata: O Corinthians ...
> Ronaldo: E se perder, e se perder ... e se golear, Renata?
> Renata: Não, não, não ... não é no grito
> Ronaldo: E se golear, Renata?
> Renata: Não é no grito
> Denilson: Olhaaaa ... não é no grito
> Renata: Não tô entendendo pra quê, pra quem está tão calmo ... tá muito nervoso ... O Corinthians fez o primeiro turno onde você deitava em todo mundo aqui.
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:09:51 do Bloco 3 do programa)

Observa-se na sequência de falas apontada acima, que Ronaldo Giovanella não concordou com a questão de Renata Fan e pediu para ela não seguir com a pergunta. Ela insistiu no questionamento, e, nesse momento, Ronaldo deu sequência ao diálogo gritando com a apresentadora. Essa, por sua vez, não se abateu e o confrontou, dizendo que não eram necessários gritos. Ela reforçou duas vezes seguidas que “não é no grito” que o argumento deveria ser construído, e finalizou reforçando de que se ele tinha razão, não havia motivos para aparentar o nervosismo que demonstrava.

Apesar da crítica do comentarista à sua pergunta, Renata Fan prosseguiu demonstrando que tem propriedade e conhecimento para debater o assunto, provando que sua pergunta não foi inadequada, mas baseada em acontecimentos históricos. Assim, observa-se que mesmo com o reconhecimento e tempo de carreira no programa, Renata Fan ainda precisou provar que seus questionamentos eram pertinentes.

> Renata: Você chegou a entrar de rei no programa. Nosso rei. Aí o Corinthians vai para o segundo turno, dizendo não, aqui já não tem, já ganhou, aqui tá todo mundo consciente, não tem nada disso, vamos continuar trabalhando. O Corinthians perde 6 jogos, 6 no segundo turno, 6 em 12
> Denilson: Nossa
> Ronaldo: Não me protejam não, deixem aí a Renata, vai aí Renata
> Renata: 6 em 12, o Corinthians perde 3 em sequência, empata com o Grêmio e a última vitória foi contra o Coritiba na Arena por 3 a 1. O Palmeiras poderia ter se beneficiado muito mais se tivesse vencido, se o Herbet tivesse validado o gol do Borja, era outra situação, e a gente não estaria aqui falando sobre isso. (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:09:51 do Bloco 3 do programa).

Conforme Cássia Carloto (2018), as relações de gênero também estão presentes no ambiente de trabalho, que se torna um local para manifestações de estereótipos. Segundo ela, mulheres e homens são tratados de forma diferente, sendo esse um ambiente considerado masculino, já que "originalmente" o espaço feminino era o doméstico. Assim, nesse programa, vemos uma mulher que se coloca em posição de igualdade com outros homens e possui sua atividade testada por isso.

A partir dessa mesma ideia de provar a validade de seus questionamentos, Renata Fan teve uma discussão com outro colega, o comentarista Paulo Roberto. Nesse diálogo, Renata fez um questionamento a respeito da opinião do comentarista sobre quais os prognósticos de desempenho dos jogadores Jô e Borja na próxima partida. Após isso, o comentarista satirizou a pergunta de Renata Fan, falando que esse tipo de questão deveria ser feito para adivinhos e não comentaristas. Renata Fan por sua vez não concordou com o posicionamento do colega e respondeu mantendo sua questão inicial após descrever a ele que a função de comentarista é justamente "fazer comentários e prognósticos" e que, portanto, ele deveria responder à questão. Ele insistiu dizendo nas possibilidades, inclusive dos dois irem ruim ou ambos irem bem ou um ir melhor do que o outro, tentando reforçar sua ideia de que isso seria tarefa para vidente e que a questão dela, portanto, era inadequada. Após essa tentativa de desmoralizar o trabalho da apresentadora, Renata Fan, finalizou com o questionamento: "Então, qual é a sua opinião?", em um tom como quem diz: é

seu trabalho fazer esse comentário, então, faça. O diálogo completo pode ser lido a seguir:

> Renata: Pesquisa na tela para vocês responderem olha só que interessante: quem vai brilhar mais no clássico de domingo? Jô ou Borja? O Jô está na frente desse momento. Paulo Roberto Martins
> Paulo Roberto: Vocês querem brincar comigo, né?
> Renata: Por quê?
> Paulo Roberto Martins: Ué? Como eu vou saber quem vai brilhar mais? Eu não sou adivinho
> Renata: Quero sua opinião, comentarista faz comentário, faz prognósticos
> Paulo Roberto: Não sou adivinho, de repente eu falo nenhum ou os dois
> Renata: Então, fala nenhum
> Paulo Roberto: Ou os dois, de repente os dois jogam muito
> Renata: Então, qual é a sua opinião?
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:19:24 do Bloco 3 do programa).

No entanto, apesar da apropriação de Renata Fan de seu próprio discurso, já que as tentativas de a silenciar ou de ridicularizar sua fala são frustradas, o programa, principalmente, por meio de Denilson tendeu a sexualizar a figura feminina, trazendo componentes erotizados e desnecessários para a discussão do esporte, como pode ser observado nos trechos a seguir.

> Renata: Hoje o estúdio está no jeito que eu gosto, cheio, repleto, todo o time. Heverton Guimarães tá só aquele sorrisinho básico de canto, sabe?
> Denilson: Tá florido hoje aí, heim?
> Renata: É, alguém tá de olho no que tem lá atrás
> Denilson: Tá florido, heim Papai?
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:00:28 do Bloco 3 do programa).

No momento dessa interação, Renata Fan estava apresentando Heverton Guimarães que não estava no estúdio do programa junto com os demais comentaristas, mas em uma outra sala da TV Record onde havia várias mesas com diferentes pessoas trabalhando. Nesse momento, Denilson interrompeu Renata Fan e Heverton Guimarães para comentar que a sala do colega estava cheia de mulheres (“tá florido hoje aí, heim?”). A necessidade de

comentar sobre a presença feminina apareceu nessa fala de Denilson e em outras do programa, como a seguir:

> Denilson: Renata, só um segundo ... Carol, por favor, olha que dá hora, por favor Carol.
> Locução: Denilson, abração, para de falar da Carol ... tô de olho em você tá?
> Denilson: Não sabe brincar, não brinca, Renato. Não sabe brincar? Estou brincando. Mas que seria legal, seria, a Carol entrando aqui com aquela calça jeans dela, que ela usa uma calça jeans lisinha, blusinha do Grêmio ... (simulando conversa com ela): Ah, tudo bem Denilson? (voz fina). Tudo bem Carol, e você está bem? Dormiu bem? Tá hospedada onde?
> Renata: Você não entra em casa, você vai até perder a chave da casa
> Denilson: Tá hospedada onde? (ainda fingindo conversar com a Carol), tô hospedada aqui perto (voz fina), ah tá, então tá! Uma camisa para Renata? Uma camisa para Renata (voz fina), fique à vontade aí. Aí o bumbum passa aqui, óh! Só papai (faz movimento com o corpo e cabeça como se estivesse seguindo a moça passando por sua frente), entrega para você o negócio ... Carol, depois a gente troca uma ideia, beleza? Beleza Denilson (voz fina) ... um beijo e um abraço pro seu pai, tá bom? Até logo. Oh que dá hora que seria, eu tô até vendo, visualizando a situação, pensamento positivo, a esperança é a última que morre
> Renata: Você sonha muito alto
> Denilson: Vamos Grêmio!
> Renata: Sonha muito alto, né?
> Denilson: Vamos Grêmio!
> Renata: Ih! A confiança é grande o resto eu não sei, né?
> Denilson: É que eu sou um cara ... é que meu casamento é na rocha, fia ... não tem conversa, e se o pai tá na pista, moleque
> Locução como se fosse da esposa de Denilson: Mozão, o negócio não tá molhado pra você não, viu? O negócio tá pântano.
> Denilson: Ixi! A coronel de Camargo, vou falar pra você, viu? Tá numa fase que tá osso de aguentar
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:11:55 do Bloco 2 do programa).

Esse discurso pode ser dividido em 13 momentos: 1. Denilson interrompeu Renata Fan. 2. Denilson introduziu a conversa apontando que pretende falar sobre Carol. 3. O programa introduziu um locutor como se fosse pai de Carol, alertando Denilson que não deveria falar aquilo, e fazendo o "papel de pai" de "defender a honra" da filha. 4. Denilson apontou que é só uma brincadeira, e continuou com o assunto. 5. Denilson objetificou Carol (que não estava presente no programa), fazendo com que o corpo dela fosse imaginado

pelas(os) telespectadoras(es) a partir da descrição da roupa; dos gestos quando descrevia o corpo dela; e, da imitação de uma possível fala. 6. Renata alertou que Denilson teria problemas com a esposa. 7. A narração de Denilson continuou enfatizando principalmente as nádegas; a narração novamente foi associada à gesticulação de tal maneira que quando narrou a passagem de Carol em sua frente, acompanhou a "passagem dela" com a cabeça e olhar, direcionando às(os) telespectadoras(es) os pontos que queria enfatizar no corpo de Carol. 8. Renata apontou que Denilson era cheio de esperanças, colocando Carol como objeto de desejo de Denilson, mesmo que inalcançável. 9. Denilson disse torcer pro Grêmio, pois, segundo ele, Carol apareceria para comemorar a vitória do time. 10. Renata Fan fez piada de cunho sexual, dizendo que a confiança era grande, mas o resto ela não saberia dizer se era grande também. 11. Denilson ignorou o cunho sexual da fala de Renata e disse que o casamento dele era firme. 12. O programa introduziu uma locutora simulando a esposa de Denilson que apontou que ele estava com problemas. 13. Denilson finalizou o diálogo apontando que a esposa andava sem humor, como se a "brincadeira" (como ele mencionou) fosse divertida e todos devessem participar.

O diálogo acima colocou o corpo feminino como assunto central e como um assunto que era jocoso e interessante e de ser comentado, demonstrou ainda um caso de assédio, mesmo sem a pessoa assediada estar presente e vivenciando essa situação, nesse caso, a apropriação do corpo feminino aconteceu de maneira que "a dona" não pôde sequer responder negativamente.

Nesse caso acima, é interessante, ainda, apontar como mesmo não estando presente, o corpo de Carol se tornou "visível", e esse foi o único aspecto dela realmente visível, já que as ações e comportamentos foram "decididas" por Denilson. Silvana Ribeiro (2003, p. 116), em estudos sobre a publicidade, coloca que "a existência feminina é fisicamente visível, apesar de ser socialmente invisível, constituindo-se como espectáculo visual e como objeto do olhar", mas isso não se diferencia do caso aqui estudado.

Além dessa apropriação do corpo feminino, conforme Denilson existiam três figuras desprovidas de humor e que tentaram o interromper: o pai de Carol (que se coloca para "defender" a filha), outra mulher (no caso, Renata Fan) que deu a entender que o interrompeu mais por ciúmes do que por sororidade; e, sua esposa, cujo ciúmes ficou claro na fala simulada (essa atitude da esposa e da

Renata Fan foi aquela que Naomi Wolf aponta que o “mito da beleza” gostaria de ver nas mulheres, sendo, nesse caso, a Outra Mulher, o inimigo [WOLF, 1992, p. 61]). Denilson ignorou as interrupções do pai de Carol e de Renata Fan prosseguindo com sua fala, para apenas após a intervenção “da esposa”, que fez o “papel de esposa chata” e de quem estragava a diversão, e, portanto, seria uma pessoa difícil de se conviver. Vemos nesse caso a presença de três estereótipos de gênero: da mulher nova, que consegue parar o “programa” com sua beleza (a mulher da fantasia masculina); da mulher ciumenta, possessiva, que vê em outra mulher uma rival; e o da esposa “chata”, que não aceita brincadeiras e diversões.

Ainda em relação à sexualidade, durante o programa também houve um momento de comentário de Denilson que deixou subtendida uma relação homoafetiva entre dois dos comentaristas, como pode ser observado abaixo:

> Renata: Ulisses Costa está tét a tét com Paulo Roberto Martins
> Ulisses Costa: Aprendendo um pouco com o mestre
> Renata Fan: Ah é? Sobre o quê?
> Ulisses Costa: Jan to[31]
> Denilson: Jantô com ele
> Renata Fan: Melhor mudar de assunto
> (Extraído do programa Jogo Aberto, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:01:10 do Bloco 3 do programa).

O comentário foi feito de forma jocosa e pejorativa, não abordando a homossexualidade naturalmente, mas ao contrário, utilizando a homossexualidade como uma piada. Nesse sentido, foi possível corroborar com Joaquín Piedras que aponta que em “determinados contextos y situaciones, el deporte puede ser fuente de discriminaciones, acoso y agresiones para determinadas personas[32]” (PIEDRAS, 2015, p. 1068).

Apesar de não responder verbalmente, o desconforto de Ulisses Costa foi evidenciado pela expressão facial e pelo gesto com as mãos, que discretamente levantou o dedo do meio da mão esquerda para Denilson, como pode ser observado na Figura 6.

[31] Goleiro da Seleção da Polónia de 1973 a 1979.
[32] Em determinados contextos e situações, o esporte pode ser fonte de discriminações, assédios e agressões para determinadas pessoas.

Figura 6: Reação de Ulisses Costa – Jogo Aberto

Fonte: Imagem extraída Jogo Aberto, dia 01/11/2017, aos 00:00:55 - Bloco 3.

O desconforto de Ulisses Costa foi tão evidente que Renata Fan precisou intervir dizendo que era melhor mudar de assunto e já introduziu um tema novo para discussão. Nesse caso, a função de mediadora não se restringiu ao debate esportivo, mas também à mediação das relações interpessoais entre os participantes do programa.

Durante essa edição, nota-se diversas interferências no discurso de Renata Fan, mas são tentativas frustradas, já que ela retomou sua fala independentemente de quantas vezes foi interrompida. Também se observa que houve críticas indiretas à sua função de mediadora, onde as perguntas que apontou foram questionadas e somente foram respondidas após a apresentadora comprovar que sua fala era pertinente e que cabia naquele momento. Por fim, apesar de toda postura e discurso empoderadores de Renata Fan, no qual, não calou sua voz a partir de interrupções e críticas, observa-se ainda uma sexualização do corpo feminino, que mereceu destaque para comentários durante a edição estudada.

Isso repercute na representação feminina no meio esportivo, reproduzindo (des)valores sexistas que focam o corpo da mulher como sua

principal contribuição para alguma atividade e que a participação da mulher enquanto sujeito ativo, participante e empoderado ainda cede espaço para a mulher cujo corpo é considerado interessante pelos padrões mediáticos de beleza.

Além disso, essa edição pode ser considerada um exemplo de barreiras pelas quais as mulheres passam ao assumir uma posição no campo esportivo, considerado ainda masculino. Demonstra, inclusive, a insistência dessas barreiras que foram colocadas para Renata Fan diversas vezes e que essa, por sua vez, precisou ser mais insistente para ultrapassar essas barreiras e manter sua voz ativa e sua atuação não silenciada e não desmoralizada por meio de críticas e tentativas frustradas de manipular sua fala e atitudes.

3.6.3.2 Gazeta Esportiva (01/11/2017)

O programa Gazeta Esportiva transmitido no dia 01/11/2017 apresentou três profissionais em seu quadro: Michelle Gianella, como apresentadora e Celso Cardoso e Flávio Prado como comentaristas. Nesse sentido a função de Michelle (como chamada no programa) foi a de apresentar as notícias e levantar assuntos que foram debatidos por Celso e Flávio (também chamados assim no programa), que opinaram e comentaram situações relacionadas ao esporte.

Além da pouca participação enquanto produtora de conteúdo (sua atuação foi basicamente de reprodutora dessas informações), como será melhor analisado a seguir, Michelle ainda foi a profissional com menor tempo de fala e com as falas de menor tempo médio, como apontado pela Tabela 32:

Tabela 32: Tempo de participação da(o)s profissionais – Gazeta Esportiva

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Michelle Gianella	00:05:07	00:00:14	11,0%
Celso Cardoso	00:08:17	00:00:19	18,0%
Flávio Prado	00:11:35	00:00:26	25,3%
Reportagem	00:19:49	00:02:12	43,1%
Abertura	00:01:07	***	2,4%
Fechamento	00:00:06	***	0,2%

Fonte: Própria

Durante os 00:46:01 contabilizados de programa, 00:05:07 foram referentes às falas de Michelle Gianella, representando 11% do tempo do programa; 00:08:17 de Celso Cardoso que representou 18% e 00:11:35 de Flávio Prado, representando 25,3% do tempo do programa. Os demais minutos foram preenchidos por transmissões não realizadas pelos profissionais estudados, no caso, momentos de reportagem, vinheta de abertura e fechamento do programa. A reportagem foi a atividade que mais predominou no programa, ocupando 00:19:49 da edição estudada o que representou 43,1% do tempo; já as atividades de abertura e fechamento duraram 00:01:07 e 00:00:06, representando 2,4% e 0,2% respectivamente do tempo do programa.

Além disso, também foi analisada a duração média da fala de cada sujeito envolvido, observando que Michelle Gianella além de ter menos tempo de participação no programa, suas falas foram relativamente menores que a de seus colegas (o que já era esperado já que a função de questionar ou apresentar uma informação que será debatida ocupa menos tempo que as funções de emitir opinião e desenvolver uma questão, enriquecendo-a com dados técnicos e informações pertinentes). A duração média das falas de Michelle Gianella foi de 00:00:14, enquanto de Celso Cardoso foi de 00:00:19 e Flávio Prado foi de 00:00:26. Ou seja, as falas dos comentaristas foram mais elaboradas, trazendo mais informações para a discussão e para as(os) telespectadoras(es).

Para analisar essas funções (comentaristas e apresentadora), bem como as características das participações dessa(es), foram contabilizadas as falas de cada profissional, caracterizando-as conforme suas formas de participação e interação com o conteúdo transmitido, conforme pode ser observado na Tabela 33.

Tabela 33: Funções de fala conforme os gêneros da(os) profissionais – Gazeta Esportiva

Participação e conteúdo da fala	♀	♂
Apresentação / introdução de reportagem / assunto de debate	8 (80%)	2 (20%)
Comentário técnico	3 (15,8%)	16 (84,2%)
Emissão de opinião	1 (5,9%)	16 (94,1%)
Apresentação da enquete	5 (100%)	--
Realização de perguntas	7 (77,8%)	2 (22,2%)
Apresentação de resultados ou calendário de jogos	5 (100%)	--
Apresentação de patrocínio	--	1 (100%)
Experiência Pessoal	--	1 (100%)
Realização de piada	2 (100%)	--
Finalização do programa	1 (100%)	--

Fonte: Própria

Como verificado acima, no programa analisado, as falas foram divididas em 10 categorias sendo essas: apresentação ou introdução de uma reportagem ou temática a ser debatida, comentário baseado em dados técnicos, emissão de opinião, apresentação da enquete do dia[33], realização de perguntas para os demais colegas, apresentação de resultados dos jogos do dia ou da semana, bem como o cronograma do campeonato analisado, divulgação do patrocinador, relato de alguma experiência pessoal, realização de piada e finalização do programa e despedida. Essas 10 categorias foram contabilizadas conforme o gênero com intuito de analisar as funções específicas desempenhadas por Michele e pelos demais colegas.

As funções com maior realização feminina foram: apresentação da enquete do dia, apresentação de resultados e calendário de jogos, realização de piadas e finalização do programa, sendo todas essas atividades realizadas exclusivamente pela Michelle Gianella; apresentação do assunto que será transmitido, com 80% das participações; e, realização de perguntas, com 77,8% das atividades realizadas pela jornalista. Aos homens couberam as funções de

[33] O programa Gazeta Esportiva realiza uma enquete a respeito de algum acontecimento do dia ou da semana, chamando o telespectador para expressar sua opinião e participar do programa ou invés de apenas assisti-lo.

emitirem opiniões (94,1%); realizar comentários técnicos (84,2%); apresentar patrocínio (100%) e relatar experiência pessoal (100%).

Essas atividades foram condizentes com as funções desempenhadas por cada profissional, ou seja, à apresentadora coube à função de introduzir o assunto que seria debatido, realizar perguntas e apresentar o resumo dos principais acontecimentos, já aos comentaristas coube realizar comentários técnicos e emitir opiniões a respeito dos jogos, decisões e prognósticos. Ou seja, coube aos comentaristas serem produtores de conteúdo esportivo, enquanto aos apresentadores apenas a divulgação dos dados.

Nesse caso, observamos que coube a mulher à função de apresentadora, enquanto aos homens à função de comentaristas, bem como as práticas ativas de produção do conhecimento esportivo, reforçando o *ethos* masculino construído no campo esportivo.

Assim, sendo o esporte ainda um campo masculinizado (DEVIDE, 2005; KNIJNIK, 2010; TURINI, DACOSTA, 2002; CONCEIÇÃO, CORTEZ, SIMÕES, 2004; GOELLNER, 2004; DUNNING, ELIAS, 1985; BIRREL, COLE, 1990; APPLEBY, FOSTER, 2013; THEBERGE, 2000), observa-se que o *ethos* do discurso no jornalismo esportivo ainda se encontra concentrado em profissionais masculinos.

Considerando que a participação de Michelle Gianella conteve apenas três momentos de emissão de comentários técnicos (o que representou apenas 15,8% dos comentários desse tipo), foram observados esses três episódios com o intuito de analisá-los em seu contexto e em relação com os demais colegas. O primeiro momento foi referente à probabilidade do time do Santos ser campeão do campeonato brasileiro de 2017:

> Celso: Que é um jogo de decisão de campeonato, isso não se discute, mesmo que você considere o Santos ainda na briga
> Flávio: Não, eu não considero, eu só falei que o Santos vai aparecer, mas não acho que ele tá na briga
> Celso: Mas é que matematicamente ...
> Michelle: Matematicamente o Santos tem 6% de chance hoje de ser campeão
> Celso: O Santos vive hoje o que o Corinthians viveu no começo da temporada. O Santos hoje é a terceira força
> Michelle: Nossa
> Celso: Mas vai que, ninguém botava fé
> Flávio: Pode, pode
> Michelle: 6%
> Flávio: Pelo que estou vendo, se o Santos começar a jogar futebol, porque a classificação do Santos é inexplicável, o Santos joga, é um dos times que joga mais feio no campeonato inteiro, e tá aí brigando, é inexplicável
> (Extraído do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:09:09 do programa)

A fala da apresentadora reforçou o debate ao trazer um dado estatístico referente ao caso discutido pelos comentaristas: a do Santos ser campeão do campeonato. No entanto, os dois comentaristas prosseguiram o debate ignorando o dado levantado pela apresentadora, ao invés de reforçarem suas ideias com esse dado. A apresentadora ainda tentou reforçar sua fala, apontando logo em seguida “6%”, mas a retomada do dado também não foi inclusa no discurso dos comentaristas.

O segundo momento da expressão de comentários sobre o esporte realizados pela Michelle foi em relação à possível saída do Hernanes do São Paulo em meados de 2018, conforme pode ser analisado na transcrição a seguir:

> Michelle: No site Gazeta Esportiva.com a gente tem uma reportagem do Hernandes dizendo que ele pode ir embora do São Paulo, que ele só tem contrato até metade do ano que vem e aí ele tá fazendo umas revelações importantes ...
> Flávio: Ele morava me Milão já colocou residência, chega né? Um ano já tá bom demais. Ele trabalha em Milão no meio das Parreiras e tal, não vai ficar aqui.
> (Extraído do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:35:00 do programa)

Nesse caso, parte da fala de Michelle foi absorvida e despertou nos comentaristas a intenção de continuação do assunto. Ou seja, discutiu-se a respeito da possível saída do jogador do São Paulo, mas não houve continuidade do assunto apresentado na fala da Michelle que seria a respeito das revelações

que o jogador teria feito. A fala dela foi interrompida para complementação da primeira parte do assunto levantado por ela, novamente ocorre o *manterruption*.

Por fim, a terceira e última participação de Michelle ao apontar comentários técnicos, foi em relação ao desempenho do Santos e a possível melhora no campeonato, como pode ser lido no seguinte trecho transcrito:

> Celso: Espero que a conversa que ele teve com o Lucas Lima dê resultado
> Michelle: Hoje subiram dois garotos da base também, isso pode dar um ânimo
> Celso: Porque o futebol que o Santos está apresentando ... eu acho leviano falar algo, mas eu vendo alguns jogos ficou a sensação de que o Lucas Lima estava com má vontade ... é inacreditável
> Flávio: eu não acho que é má vontade, mas é fim de contrato. E a cabeça já fica ... é um ser humano, não acho que ele está com má vontade, é que fim de feira é fim de feira
> Celso: eu acho que falta comprometimento, então, se compromete, tem a chance de terminar
> (Extraído do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:45:26 do programa)

Nesse último momento a fala da apresentadora foi completamente ignorada, a impedindo de dar continuidade na informação passada e em sua linha de raciocínio, ou seja, como a informação repercutiria no caso debatido. Assim, nota-se que a apresentadora buscou ampliar sua atuação no programa, agregando novas informações e conhecimentos por ela estudados, mas houve resistência por parte dos comentaristas que ignoraram esse tipo de participação da apresentadora.

Outro momento de fala interessante foi quando Michelle Gianella apontou sobre a enquete e repassou a questão aos comentaristas (sua função enquanto apresentadora), mas tentou também emitir sua opinião a respeito do assunto, não se restringindo, portanto, à função de apenas apresentar a informação que seria debatida. No entanto, como aconteceu nos momentos em que realizou comentários técnicos, sua voz foi ignorada pelos demais participantes, como pode ser observado no trecho transcrito a seguir:

> Michelle: Quem vencer o clássico domingo vai ser o campeão? O Flavio acha que ...
> Flávio: Sim, quem ganhar é o campeão brasileiro
> Michelle: E eu ... (fala interrompida)
> Celso: Você sabe que
> Michelle: ... Não sei, votei que sim, mas depois
> (coça o ombro)
> Flávio (para Celso): Você vai mudar? Eu acho bom, você relatou e eu não entendi nada
> Celso: É que eu acho que se o Corinthians ganhar ele fica com o título
> Flávio: Mas aí ...
> Michelle: Mas se o Palmeiras ganhar, também
> Celso: Mas eu lembrei de um detalhe importante. O caos que vai virar no Corinthians uma vitória do Palmeiras
> Michelle: É ...
> Celso: Aí o Corinthians tem pela frente logo de Cara o Atlético Paranaense em Curitiba onde quase nunca ganha ... então eu vou refazer meu ponto de vista
> (...)
> Michelle: Eu também, eu votei sim, apareceu no meu Instagram e eu votei sim, mas depois pensei aí meu Deus, será? Mas acho que sim, gente (risos)
> (Extraído do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:26:33 do programa)

Como pode ser observado no trecho acima, Michelle Gianella apresentou a enquete, fez a pergunta a um dos comentaristas e tentou apontar sua opinião sobre o tema discutido. Ela começa dizendo: “e eu ...” e já foi imediatamente interrompida pelo colega Celso que começou a falar sobre o que achava a respeito do assunto, ou seja, percebemos mais um caso de *manterruption*, onde a interrupção à fala de uma mulher apareceu inclusive como natural. Nesse momento, Michelle tentou retomar sua fala e concluir sua opinião já em dúvidas sobre o que gostaria de dizer: “não sei, votei que sim, mas depois ...” e novamente foi interrompida pelo colega Celso Cardoso. É interessante que no momento dessa segunda tentativa, o constrangimento da apresentadora foi perceptível, pois coçou o ombro, como se o estivesse fechando para se proteger e finalizou com um sorriso como se estivesse sem graça ou incomodada com a situação. Nesse caso, podemos ainda analisar que apesar de quebrar padrões, a apresentadora ainda se sente incomodada ao fazê-lo e transmitir diretamente sua opinião a respeito de determinado conteúdo. Assim, podemos observar o constrangimento da situação (tentar adentrar num campo masculino ao expressar sua opinião e ser barrada de fazê-lo ao ser interrompida) não apenas

pela análise da fala, mas também das reações corporais da apresentadora diante desse fato, como pode ser constatada na Figura 7, disponível a seguir:

Figura 7: Reação de Michelle Gianella ao emitir sua opinião

Fonte: Imagem extraída do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017, aos 00:26:37 do programa.

Em relação a essa situação cabe ressaltar que em entrevista com a jornalista (disponível no Apêndice deste trabalho) a mesma apontou sobre seu posicionamento de opinar a respeito do campo esportivo, informando que sua função é apresentar e não dar opinião, mas, mesmo assim, procura fazê-lo.

Além das falas também foram analisadas as vestimentas e posições / posturas físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados em na Tabela 34, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pelos profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como a(os) profissionais foram identificada(os)), relação com contexto familiar (ou seja, se a(o) profissional foi relacionada(o) com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 34: Vestimenta e aparência da(os) profissionais - Gazeta Esportiva

	Michelle Gianella	**Celso Cardoso**	**Flávio Prado**
Vestimenta	Casual: calça jeans e blusa ciganinha rosa, salto alto	Uniforme, calça social e sapato social	Uniforme, calça jeans e sapato social
Acessórios	Brinco, corrente, pulseira, anel e relógio	Relógio	Óculos
Aparência	Loira, cabelo liso, pele clara, magra, maquiagem, unhas pintadas	Cabelo curto, barba feita, moreno, pele clara, pouco calvo	Cabelo curto, barba feita, pele clara, grisalho
Formas de tratamento	Primeiro nome	Primeiro nome	Primeiro nome
Relação familiar é citada	Não	Não	Não
Aparência estética é citada	Não	Não	Não
Idade[34]	38 anos (1979)	50 anos (1968)	64 anos (1954)
Formação[35]	Jornalismo (Cásper Líbero)	Jornalismo (Metodista)	Jornalismo (Cásper Líbero) e Direito
Status de Relacionamento[36]	Casada com Bruno Vasconcellos (relação heteroafetiva)	Dados não encontrados	Casado com Isabel Prado (relação heteroafetiva)

Fonte: Própria.

Percebe-se, portanto, toda(os) a(os) profissionais analisada(os) são nomeada(os) pelo mesmo critério, no caso, primeiro nome, sem usos de sobrenomes ou apelidos. Outro fator que vale destaque é quanto à não citação de contextos domésticos ou familiares, o que poderia associar a figura da(o)

[34] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[35] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[36] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

profissional a um ambiente privado, e o não comentário a respeito da aparência física de alguma/algum da(os) profissionais. Nesse sentido, o programa se restringiu abordar apenas o universo do futebol, não trazendo discursos a respeito da vida pessoal da(os) apresentadora(es), nem de seus aspectos estéticos.

Apesar da não citação sobre a aparência física, percebe-se que o programa coloca regras de vestimentas diferentes para apresentadora e comentaristas. A apresentadora veste uma roupa casual, escolhida por ela própria ou pela produção e que altera em todas as edições. Já os comentaristas vestem camisa de uniforme da emissora (Gazeta), utilizando um símbolo de identificação não só com o programa, mas com o canal de uma forma geral.

Quanto aos acessórios também há uma discrepância: Michelle Gianella utiliza 5 acessórios diferentes (brinco, anel, corrente, pulseira e relógio), sendo que Flávio Prado e Celso Cardoso utilizam apenas um (relógio e óculos, respectivamente). Dos acessórios utilizados pela apresentadora 80% são exclusivamente adornos, sem nenhum outro tipo de função além dessa. Já os acessórios dos comentaristas são 100% com função de uso: tomar conhecimento do horário e corrigir um problema de visão. Portanto, observa-se uma preocupação estética maior para com Michelle Giovanella, inclusive por parte da emissora que não ofereceu a ela um uniforme como ofertado aos demais profissionais. Como apontadopor Naomi Wolf (1992, p. 36), “quanto mais perto do poder as mulheres chegam, maiores são as exigências de sacrifício e preocupação com o físico. A ‘beleza’ passa a ser a condição para que a mulher dê o próximo passo”, essa questão estética fica evidente na diferenciação das vestimentas e uso de adornos por parte da apresentadora e dos demais colegas.

Quanto à aparência física, observa-se que em toda(os) a(os) profissionais há uma preocupação a esse respeito. Os comentaristas apresentaram cabelos curtos e barba feita, enquanto Michelle estava maquiada, com unhas feitas e apresentava o cabelo pintado e alisado. Nesse sentido, observa-se que existia uma preocupação estética por parte da(os) três profissionais, mas pode-se afirmar que a preocupação de Michelle era maior, já que os comentaristas realizaram investimentos mais básicos nessa área, não se preocupando, por exemplo, com calvície ou cabelos grisalhos.

Outro fator avaliado foi que durante o programa a apresentadora manteve-se em pé e os colegas comentaristas sentados em uma poltrona cada um, sendo que as poltronas se encontravam dispostas em um piso mais elevado do que o piso onde Michelle estava localizada. Assim sendo, os comentaristas permaneceram estáticos em um local, de certa forma isolado de Michelle, sendo o degrau um tipo de barreira que impedia um contato muito próximo por parte da apresentadora, isolando-a dos dois comentaristas, como pode ser observado na Figura 8, onde Michelle se aproximou de ambos e fez uma pausa justamente ao se deparar com o degrau que separou o seu espaço do espaço dos demais colegas.

Figura 8: Cenário do programa Gazeta Esportiva

Fonte: Imagem extraída do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017.

Apontamos que a aproximação foi por parte de Michelle, pois era a única que tinha mobilidade e, portanto, apresentava possibilidade de locomoção no estúdio do programa, já que os comentaristas passaram todo o tempo sentados. A disposição do ambiente, ou seja, dos imóveis e espaços para apresentadora e comentaristas, foi claramente dividido entre essas duas funções, sendo o espaço central, o destinado aos comentaristas, e, portanto, profissionais do sexo masculino. Inclusive em vários momentos do programa, houve um destaque

justamente para esses dois profissionais, ocultando outras partes do cenário, como pode ser observado na Figura 9.

Figura 9: Foco nos comentaristas – Gazeta Esportiva

Fonte: Imagem extraída do programa Gazeta Esportiva, transmitido dia 01/11/2017.

A câmera fechada nos dois comentaristas, como visualizado na Figura 6, foi uma cena comum durante o programa. Da mesma forma, os dois conversando entre si também foi uma cena comum, onde de certa maneira, excluíram indiretamente a participação de Michelle Gianella, fechando o círculo na conversa entre apenas os comentaristas. Por esse motivo, a inserção da fala da apresentadora em contextos que vão além do exigido por sua função (apresentar uma notícia e fazer questionamentos) foi difícil de ser mantida, como nos três casos onde Michelle Gianella emitiu comentários técnicos sobre o assunto discutido e suas falas passaram como que despercebidas e foram ignoradas, conforme apresentamos neste capítulo deste trabalho.

5.3.4 Mesa Redonda (05/11/2017)

Para esta análise, foi selecionada a edição do programa Mesa Redonda (TV Gazeta) veiculada no dia 05/11/2017, que apresentou sete profissionais em seu palco: Paula Vilhena (apresentadora), Flávio Prado (apresentador), Wanderley Nogueira (comentarista), Luís Antônio Corrêa da Costa – Müller

(comentarista), Francisco José Lang Fernandes de Oliveira – Chico Lang (comentarista), Sergio Luís Araújo (comentarista convidado) e José Maria Rodrigues Alves (comentarista convidado). Vale apontar que o termo apresentadora está sendo utilizado para descrever a função de Paula Vilhena, pois é dessa forma que ela é intitulada pelo programa, no entanto, conforme veremos no decorrer desta análise, não é essa a posição assumida por ela na prática do programa, já que abordou majoritariamente momentos de relações interpessoais com os telespectadores, como enquete, sorteios e interações nas redes sociais.

O primeiro item avaliado foi o tempo de fala de cada profissional (Paula, Flávio, Wanderley, Chico Lang, Müller e José Maria), a fim de mensurar a participação dela(es) e o respectivo tempo de contribuição com a discussão do programa. Esse resultado encontra-se disponível na Tabela 35.

Tabela 35: Tempo de participação da(os) profissionais – Mesa Redonda

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Flávio Prado	00:26:17	00:00:16	24,4%
Paula Vilhena	00:05:56	00:00:22	5,5%
Wanderley	00:11:53	00:00:38	11,0%
José Maria	00:03:37	00:00:18	3,4%
Chico Lang	00:19:58	00:00:30	18,5%
Sergio	00:07:16	00:00:17	6,7%
Müller	00:10:49	00:00:27	10,0%
Reportagem	00:22:09	00:02:46	20,5%

Fonte: Própria.

Durante a 1:47:55 desse programa, as falas de Flávio Prado (apresentador e mediador) assumiram 24,4% do tempo, sendo o profissional com maior tempo de participação. O segundo foi o comentarista Chico Lang (com 00:19:58 que representou 18,5%), seguido de Wanderley Nogueira (com 00:11:53 que equivaleu a 11,0% do programa) e Müller (com 00:10:49, ocupando 10,0%), todos comentaristas. Os três profissionais com menor tempo de fala foram o comentarista convidado José Maria (com 00:03:37, que representou 3,4% do programa), a apresentadora Paula Vilhena (com 00:05:56, ocupando

5,5%) e o comentarista convidado Sérgio (com 00:07:16, que equivaleu a 6,7%). Observa-se, portanto, que pessoas com as mesmas funções apresentaram tempo de participação semelhantes, exceto no caso do cargo de apresentador onde Flávio Prado tem o tempo de fala (00:26:17) 4,4 vezes maior do que de Paula Vilhena (00:05:56), o que representou uma diferença de 00:20:21, uma diferença significativa considerando o tempo total do programa de 1:47:55.

Nesse sentido, vale reforçar o apontamento de Michele Carvalho e Graziela Werba (2018, p. 18), de que o androcentrismo suprime a voz feminina, não reconhecendo a mulher em seu discurso.

> O machismo se apropria da voz feminina, fazendo-a sucumbir no invisível. Ao suprimir a voz através desses comportamentos, podemos perceber que se esvae uma enorme quantidade de características. A voz que vai muito além do som, a voz do simbólico, do subjetivo, da constituição do sujeito. Ao capturar essa capacidade da mulher, está a tomando dela mesma, e de todo o seu universo de sentido. Causando um estranhamento, pois não é reconhecida em seu discurso.

Nesse sentido, o silenciamento da fala de Paula Vilhena é marcante no programa, e isso repercute na invisibilidade da própria figura da apresentadora, já que ela apareceu apenas quando a câmera focou o plano aberto ou na própria apresentadora quando essa detinha a fala (que como visto representou apenas 5,5% do programa). No caso dos comentaristas convidados (que também tiveram baixo tempo de fala comparado com os demais participantes) além desses planos, a câmera ainda os foca durante momentos em que não possuíam a fala, mas demonstravam interesse pelo que outros colegas estavam abordando, dessa forma, apesar de verbalmente não estarem muito presentes (participando José Maria em 3,4% e Sérgio 6,7% do programa), a imagem deles era representada em momentos de fala dos comentaristas fixos do programa, como pode ser visualizado nas Figuras 10, 11 e 12.

Figura 10: Sergio observa Müller – Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:03:53.

Figura 11: Sergio observa Chico Lang – Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:04:23.

Figura 12: José Maria observa Chico Lang – Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:14:45.

Essa maior visibilidade imagética dos comentaristas convidados foi possibilitada pela própria forma como ocupam o espaço físico do estúdio do programa, já que havia uma intercalação entre comentaristas fixos e convidados, sendo a seguinte a ordem das cadeiras: Wanderlei Nogueira, José Maria, Chico Lang, Sergio e Müller. Já Paula Vilhena ficou no canto direito do palco, sentada em uma cadeira e balcão diferenciados dos demais colegas, o que impossibilitava que ela fosse enquadrada juntamente com o colega que se senta mais próximo dela (como aconteceu com os comentaristas convidados), portanto, ela apenas apareceu no vídeo em dois planos de enquadramento: no plano aberto ou no plano fechado na apresentadora. A disposição do cenário do programa encontra-se disponível na Figura 13.

Figura 13: Disposição do cenário do programa Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 00:10:28.

Além do tempo das falas também foram analisados os conteúdos dessas, de maneira a categorizá-las de acordo com o objetivo e a ideia central, com intuito de avaliar a função das construções discursivas de cada participante, e, consequentemente, a posição e responsabilidades de fato ocupadas por cada profissional. Essa categorização das falas e a tabulação desses resultados podem ser observados na Tabela 36.

Tabela 36: Funções de falas da(o) apresentadora(r) e comentaristas – Mesa Redonda

	Flavio Prado	**Paula Vilhena**	**Wander-ley**	**José Maria**	**Chico Lang**	**Sergio**	**Müller**
Apresentação de reportagem	00:02:14 (100%)	***	***	***	***	***	***
Apresentação de convidados	00:01:21 (100%)	***	***	***	***	***	***
Apresentação de tabela de próximos jogos	00:01:42 (100%)	***	***	***	***	***	***
Apresentação de tabela de classificação	00:00:52 (100%)	***	***	***	***	***	***
Interação	00:07:18 (53,1%)	00:00:11 (1,3%)	00:00:08 (1,0%)	00:00:13 (1,6%)	00:04:49 (35,0%)	00:00:56 (6,8%)	00:00:10 (1,2%)
Opinião	00:09:37 (20,4%)	00:00:22 (0,8%)	00:10:38 (22,6%)	00:03:24 (7,2%)	00:09:34 (20,3%)	00:05:36 (11,9%)	00:07:53 (16,8%)
Apresentação de dados	00:01:40 (24,9%)	00:00:22 (5,5%)	00:00:24 (6,0%)	***	00:02:14 (33,4%)	***	00:02:01 (30,2%)
Análise	00:01:07 (16,8%)	***	00:00:43 (10,8%)	***	00:03:21 (50,3%)	00:00:44 (10,9%)	00:00:45 (11,2%)
Enquete	***	00:02:34 (100%)	***	***	***	***	***
Evento	00:00:14 (41,2%)	00:00:20 (58,8%)	***	***	***	***	***
Sorteios	00:00:12 (23,1%)	00:00:40 (76,9%)	***	***	***	***	***
Relação com mídias sociais	***	00:01:27 (100%)	***	***	***	***	***

Fonte: Própria

A partir da Tabela 36, observa-se que as funções de fala foram coerentes com os cargos assumidos na edição analisada, apresentador, comentarista e comentarista convidado, exceto pelas atividades exercidas por Paula Vilhena, intitulada de apresentadora pelo programa. Considerando que a função de apresentação consiste em “conduzir o programa e, em alguns casos, mediar entre a instância de enunciação e os telespectadores, capitalizando para si a responsabilidade de proposição, manutenção, modulação e gradação dos telejornais” (CURVELLO; DUARTE, 2009, p.69), observa-se que nessa edição analisada, as funções de apresentação forma exercidas exclusivamente por

Flávio Prado, sendo que Paula Vilhena não assumiu em nenhum momento a ação de introduzir algum conteúdo que seria reportado ou discutido pelos vídeo-reportagens ou colegas comentaristas, atividades esperadas que ela como apresentadora assumiria. Ao contrário, as funções de fala exercidas por Paula foram majoritariamente relacionadas às relações com o telespectador, como enquete, sorteios e interação com as mídias sociais (sendo essas praticadas exclusivamente por ela).

Da mesma forma a função de mediador foi exercida em sua maioria por Flávio Prado que se responsabilizou por 53,1% dos casos de interação com os demais colegas. Vale ressaltar que a interação é uma das funções principais do mediador, mas não é exercida exclusivamente por um mediador, já que a interação é uma via de mão dupla.

Já aos comentaristas fixos, bem como ao Flavio Prado (apresentador e mediador), couberam as funções de apontar novas informações e, juntamente com os comentaristas convidados, também emitir opinião e fazer análises (essa última opção ocorreu exceto ao José Maria). Vale abordar que Paula Vilhena teve uma pequena participação de maneira a compartilhar sua opinião (no caso, representa 0,8% das opiniões emitidas no programa), no entanto, essa participação quase inexpressiva não se referiu a um acontecimento esportivo, como um jogo, um lance ou um time, mas sobre o comportamento de um jogador no intervalo da partida. Ou seja, o único momento em que emitiu uma opinião foi a respeito de relacionamento interpessoal entre os jogadores. Nesse momento, Paula Vilhena disse:

> Eu levo muito à sério esse tipo de atitude, porque a gente o tempo todo cobra da torcida, que a torcida é muito violenta, que é um absurdo, aí vem um jogador que tem uma atitude dessa, eu acho que é um absurdo e assim mostra em campo, não sei se ele ficou entubado, porque não teve a oportunidade de jogar, mas eu achei um absurdo (Extraído do Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:13:04 do programa).

Assim, na única ocasião em que Paula Vilhena emitiu opinião, essa não foi focada especificadamente no contexto esportivo, mas no problema de relacionamento entre jogadores. Apesar disso, houve uma ênfase na fala da apresentadora por parte da(os) câmeras, dando destaque à figura de Paula, ao

transmitir sua imagem, juntamente com a do vídeo do acontecimento por ela opinado, como pode ser visto na Figura 14.

Figura 14: Paula Vilhena opinando sobre o caso Felipe Melo e Clayson – Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 01:13:15.

Da mesma forma, os dados trazidos por Paula Vilhena (que representaram apenas 5,5% das novas informações trazidas pelos participantes) se restringiram exclusivamente ao problema de relacionamento interpessoal entre Felipe Melo e Clayson. Segue a transcrição da fala da apresentadora sobre esse caso:

> Paula: O Clayson falou que não falou nada, na verdade, antes seja um sentimento antigo que o Felipe Melo tem sobre ele
> Flávio: Mas qual?
> Paula: Não falou, não explicou nada. Ele disse que não falou nada, que o Felipe Melo veio ter alguma coisa contra ele
> Flávio: Só se for o jogo da Ponte no Paulistão
> (...)
> Paula: O Clayson falou que prefere resolver as coisas em campo (Extraído do Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:09:36 do programa).

Vemos, portanto, Paula Vilhena trazendo novas informações sobre a desavença entre Felipe Melo e Clayson, debatendo não sobre o jogo, mas sobre as relações interpessoais que aconteceram em seu intervalo. Nesse sentido, podemos destacar que, nesse caso, o *ethos* do discurso esportivo permaneceu sob o domínio masculino, enquanto o *ethos* do discurso afetivo (problemas de relacionamentos, mesmo que sejam no ambiente profissional e esportivo) permaneceu sob o domínio feminino. Nesse caso, observa-se mais um fator há reforçar um estereótipo de gênero: o da divisão entre espaço público e privado, pois mesmo Paula Vilhena participando do espaço público (programa de TV), o faz para abordar sobre o espaço privado: "o feminino caracterizado como natureza, emoção, amor, intuição, é destinado ao espaço privado; ao masculino – cultura, política, razão, justiça, poder, o público" (COLLING, 2004, p. 22).

Outra questão percebida foi em relação ao *manterrupting* ocasionado nos poucos momentos de participação de Paula Vilhena. Aos 00:28:57, Paula inicia a frase: "é verdade, essa perna ...", e a frase não foi concluída, pois a apresentadora foi interrompida por Flávio Prado que solicitou a opinião para Müller a respeito dessa questão. Outro momento em que Paula Vilhena foi interrompida encontra-se no trecho extraído a seguir:

> Flávio Prado: Como é a pergunta? De novo, Paulinha
> Paula Vilhena: O Corinthians vai ser campeão por que ele é muito bom ou por que os outros são muito ruins? Para responder ...
> Flávio Prado: Como é que faz para responder?
> Paula Vilhena: É só entrar no site gazetaesportiva.com e dar o seu voto e a gente vai ler no final, né? Muito bom ... E vocês? Já tem uma opinião? Eu ...
> Flávio Prado: Uma boa ... vamos ver, vamos ver ... Müller, o que você responde nessa pergunta?
> (Extraído do Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:03:30 do programa).

Nesse trecho, pode-se observar que a apresentadora foi interrompida duas vezes quase seguidas: (1) Paula Vilhena: "O Corinthians vai ser campeão por que ele é muito bom ou por que os outros são muito ruins? Para responder ..." / Flávio Prado: "Como é que faz para responder?". Nesse caso, ela foi interrompida para ser questionada justamente pela sequência de fala que ela daria, ou seja, a frase de Paula seria completada da mesma maneira

independente da intervenção de Flávio, mas esse optou por interferir independentemente disso, mesmo porque o mérito do complemento da informação passou a ser dele, já que a frase dela se tornou uma resposta ao questionamento do colega.

Posteriormente, vimos mais uma interrupção: (2) Paula Vilhena: “É só entrar no site gazetaesportiva.com e dar o seu voto e a gente vai ler no final, né? Muito bom ... E vocês? Já tem uma opinião? Eu ...” / Flávio Prado: “Uma boa ... vamos ver, vamos ver ... Müller, o que você responde nessa pergunta?”. Nesse segundo momento, a fala de Paula foi interrompida com outro objetivo, o justamente dela cessar sua participação sobre o assunto, assim, no momento no qual ela foi expressar sua opinião (dizendo “eu ...” após a pergunta), Flávio Prado repassou a questão ao Müller, solicitando que esse a respondesse.

Ainda nesse trecho, temos uma outra questão a ser avaliada que foi em relação ao *bropriating*[37] (quando Flávio se apropriou da ideia de Paula de questionar os comentaristas a respeito da enquete). No caso, Paula levantou a questão proposta pelo programa para a enquete voltada aos telespectadores e a repassou aos comentaristas perguntando: “E vocês? Já tem uma opinião?” ao olhar e indicar para os comentaristas, como visto na Figura 15. No entanto, essa interação de Paula com os comentaristas não foi continuada, pois nesse momento, Flávio a interrompeu dizendo que é uma ótima questão, se apropriou da ideia de repassá-la para os comentaristas e interrogou Müller a respeito disso.

[37] Quando um homem se apropria de uma ideia de uma mulher e recebe os créditos por ela. Esse conceito tem sido discutido por movimentos feministas, criticando como o acolhimento e recebimento de ideias são diferentes quando essas são expostas por homens de quando são expostas por mulheres.

Figura 15: Paula Vilhena interroga comentaristas – Mesa Redonda

Fonte: Imagem extraída do programa Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 01:03:38.

Ainda em relação à participação de Paula Vilhena no programa, pode-se destacar mais um trecho de um diálogo entre ela e Flávio Prado, onde antes dela lançar a próxima pergunta da enquete, comentou que com essa questão as(o) telespectadores pensariam que ela era torcedora do Corinthians. Nesse momento Flávio Prado explicou que a questão foi realizada por Primo Ribeiro, produtor do programa que é palmeirense, como pode ser observado no trecho destacado a seguir.

> Paula Vilhena: Agora, a próxima pergunta [da enquete], que é assim: todo mundo vai achar que eu sou corinthiana com essa pergunta, porque é: o Corinthians vai ser campeão por que ele é muito bom ou por que os outros são muito ruins?
> Flávio Prado: Pergunta feita por Primo Ribeiro que é o nosso produtor que é palmeirense, então, como que é a pergunta? É que é da produção, senão a Paulinha é que paga o pato pelo que você não fez, né?
> Paula Vilhena: Todas as torcidas ficam me esculhambando
> (Extraído do Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:02:55 do programa).

No trecho acima, vemos uma forma de infantilização da apresentadora, que se colocou em uma situação de fragilidade ao dizer que as pessoas iriam

pensar que ela é torcedora do Corinthians, e se mostrou receosa quanto a isso e às consequências disso. Diante dessa situação, Flávio Prado assumiu a função de protegê-la ao explicar que a pergunta foi feita pelo produtor do programa e que não seria correto ela sofrer as consequências por isso. Ao final ela concluiu que todas as torcidas a criticavam pelas perguntas que constuma fazer no programa. Vale ressaltar que ela mesma poderia explicar a autoria das questões e a função dela no programa, de forma a evitar o problema com as torcidas, no entanto, ficou passiva diante disso, pois apenas fez o comentário de que esse problema acontece, cabendo ao Flávio Prado assumir a posição de justificar o processo de criação das questões da enquete e, de certa forma, a defender. Ainda em relação à infantilização da apresentadora, é importante elencar que não aconteceu apenas nessa situação, mas esteve presente em todo o programa por meio do tom de voz que ela assumiu e da própria forma como era chamada: Paulinha.

Para finalizar as análises dos trechos referentes aos diálogos entre Paula Vilhena e Flávio Prado, foi destacado o momento em que foi anunciada uma festa de premiação realizada pelo programa. Ao anunciar sobre a festa, Flávio se dirigeu à Paula abordando a vestimenta que ela pretendia vestir no dia do evento.

> Flávio Prado: No dia 05 de dezembro nós vamos gravar o troféu Mesa Redonda
> Paula Vilhena: Aí nem me fale
> Flávio Prado: É uma festa, linda, maravilhosa
> Paula Vilhena: Nossa senhora
> Flávio Prado: E no domingo seguinte, dia 5 é uma terça feira, no domingo a gente vai rever aqui os melhores do ano e esse troféu é cobiçado para caramba, 14 edições, você virá de longo, já fiquei sabendo né, Paulinha?
> Paula Vilhena: É claro, eu vou aparecer de longo lá no troféu, claro. O troféu é assim, natal, ano novo e troféu é pra fechar o ano com chave de ouro
> Flávio Prado: Que legal
> Paula Vilhena: São muitos craques com a gente e é claro nossas grandes parceiras conosco esse ano Lukscolor e Bautech
> (Extraído do Mesa Redonda, transmitido dia 05/11/2017, às 1:02:55 do programa).

Como observado, Flávio Prado ao conversar com Paula Vilhena enfatizou a roupa que a apresentadora iria vestir. Aliás, ele abordou que “já ficou

sabendo” deixando subentendido que os trajes da apresentadora foram discutidos nos bastidores do programa por terceiros. Essa valorização da roupa ocorreu apenas no caso de Paula Vilhena, já que o comentário não se expandiu aos demais colegas do programa, nem ao próprio apresentador.

Além dessas participações de Paula Vilhena destacadas nas análises acima, ela ainda abordou quatro vezes sobre a enquete, uma a respeito do sorteio e em uma participação tratou de interagir nas mídias sociais com telespectadoras(e). Fora isso, suas intervenções foram pontuais, restringindo-se apenas a uma palavra ou frase pequena, como: “vamos, vamos”, “nossa”, “5 centímetros, parece”, “ai meu Deus do céu”, “exatamente, muita mulherada”, “o Atlético, o Avaí e o Fluminense”, “vamos”, “o Atlético é fora”, “se alguém se machuca ou se perde”, “é verdade”, “meu Deus do céu”, “nossa senhora”, “é”, “sim”, “eu sou chatinha, então?”, “tirando selfie?” e “várzea”. Observa-se que nas afirmações pontuais, três foram expressões que remeteram à religiosidade, cinco forma formas de concordar com os colegas e três consistiram em dados esportivos adicionais (únicos momentos em que ela de fato se referiu às situações esportivas), sendo que desses uma ela ainda demonstrou dúvida, finalizando a frase com a palavra “parece”, ou seja, dizendo que não tinha certeza sobre essa informação.

Além do tempo e característica principal das falas também foram analisadas as vestimentas e posições / posturas físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados na Tabela 29, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pelos profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como os profissionais foram identificados), relação com contexto familiar (ou seja, se o profissional foi relacionado com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na Tabela 37.

Tabela 37: Vestimenta e aparência dos profissionais do Mesa Redonda – TV Gazeta

	Paula Vilhena	**Flávio Prado**	**José Maria**	**Sergio**	**Müller**	**Wander-ley**	**Chico Lang**
Vesti-menta	Vestido curto estam-pado de alça larga, levemen-te decotado	Camisa unifor-me rosa, calça jeans, cinto e sapato preto	Blusa manga polo azul, calça jeans e tênis	Cami-seta branca, jeans claro, tênis	Camisa de uniforme marrom, calça preta, sapato preto	Camisa de uniforme marrom, calça jeans e tênis	Camisa de uniforme marrom, calça jeans e tênis
Acessó-rios	Anel e brinco longo	Óculos	---	Relógio	---	Óculos, relógio, pulseira de corda	Óculos e relógio
Aparên-cia	Loira, cabelo longo ondulado, pele clara, magra, maquia-gem discreta, unha vermelha	Cabelo curto, grisa-lho, barba feita, pele clara	Cabelo preto curto, bigode, pele negra	More-no, cabelo curto e barba baixa, pele clara	Cabelo preto raspado e barba feita, pele negra	Calvo (na parte supe-rior), grisalho, cava-nhaque baixo, pele clara	Cava-nhaque mediano branco, cabelo curto, pele clara
Formas de trata-mento	Paulinha (9), Paulinha Vilhena (3), Nossa querida Paulinha (1)	Flávio (35), Cara de pau (6), Flavinh o (1), Flavio Prado (1)	Zé Maria (13), Zé (8), Meu caro (1), Querido super Zé Maria (1), Super Zé Maria (1)	Sergio (17), Golei-rão (1), Serjão (3), Grande Goleiro (1)	Müller (14), Meu caro Müller (1)	Wander-ley (14), Wander-ley Noguei-ra (1)	Chico (15), Chico Lang (3)
Relação familiar é citada	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Aparên-cia estética é citada	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Humor é citado	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não

Idade[38]	30 anos (1987)	64 anos (1954)	68 anos (1949)	47 anos (1970)	52 anos (1966)	68 anos (1950)	63 anos (1954)
Formação[39]	Rádio e TV (Cásper Líbero), Teatro (Macunaíma)	Jornalismo (Cásper Líbero), Direito	Ex futebollista	Ex futebollista	Ex futebolista	Informação não encontrada	Filosofia (USP), Jornalismo (Cásper Líbero)
Status de relacionamento[40]	Casada com Tamar (relação heteroafetiva).	Casado com Isabel Prado (relação heteroafetiva)	Ex marido de Siomara (relação heteroafetiva)	Casado com Mila (relação heteroafetiva)	Ex marido de Jussara (relação heteroafetiva)	Casado com Nilde (relação heteroafetiva)	Não encontrado dado sobre *status* atual

Fonte: Própria.

Nessa edição foi observado que os comentaristas fixos e apresentador vestiram uma camisa de uniforme com logotipo da emissora Gazeta, sendo que a dos comentaristas foi marrom e a do apresentador era rosa, destoando, portanto, conforme a função. Da(os) profissionais contratada(os) pelo programa, Paula Vilhena foi a única que não vestiu uniforme, trajando um vestido curto de alça larga. Desta forma, nota-se que o programa institui regras de vestimentas diferentes para apresentadora, apresentador e comentaristas. A apresentadora vestiu uma roupa casual, escolhida por ela própria ou pela produção e que alterou em todas as edições. Já o apresentador e os comentaristas vestiram camisa de uniforme da emissora (Gazeta), utilizando um símbolo de identificação não só com o programa, mas com o canal de uma forma geral, sendo que o que diferenciou o uniforme dos comentaristas e apresentador foi apenas a cor da camisa. Aliás, como já apontado existiu uma preocupação com a vestimenta da apresentadora, já que Flávio Prado fez menção a um evento que ocorreria no

[38] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[39] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[40] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

decorrer do mês relacionando com uma possível vestimenta que Paula Vilhena utilizaria nesse dia.

Percebe-se, portanto, a mesma disposição de regras de *dress code* que o proposto pelo programa Gazeta Esportiva da mesma emissora (TV Gazeta), onde aos homens cabe o uso do uniforme e às mulheres roupas próprias, desvinculadas com o nome da TV Gazeta. De acordo com Noami Wolf (1992, p. 59),

> o resultado dessa situação em que os homens usam uniforme onde as mulheres não o usam significa, simplesmente, que elas recebem a responsabilidade total pelas vantagens e desvantagens do encanto físico no local de trabalho, podendo, do ponto de vista legal, ser punidas ou promovidas, insultadas ou até mesmo estupradas de acordo com essa responsabilidade.

Também houve uma clara diferenciação em relação às formas de tratamento: Paula Vilhena foi chamada exclusivamente pelo apelido Paulinha, o nome colocado no diminutivo é sinônimo de proximidade afetiva e/ou infantilização (aliás, era a profissional mais jovem participando dessa edição), enquanto os demais participantes foram chamados majoritariamente pelo primeiro nome (como é o caso de Flavio Prado, Sergio Luiz Araújo e Wanderley Nogueira), por apelido que remete ao primeiro nome, como foi o caso de Francisco Lang (Chico) e José Maria (Zé Maria), ou apelido, como foi o caso de Luís Antônio Corrêa da Costa (chamado de Müller).

Sobre a aparência foi possível constatar que houve uma preocupação geral com esse fator, demonstrado pelas barbas feitas e cabelos curtos (nos homens) e cabelo escovado, maquiagem e unhas feitas (no caso de Paula Vilhena). No entanto, observa-se graus diferentes de preocupação com a aparência estética, já que cabelo branco ou calvície foram fatores que não causaram preocupação no apresentador e comentaristas.

Por fim, vale concluir que Paula Vilhena, na prática, não assumiu a função de apresentadora, o que pode ser constatado a partir de sua atuação, do espaço físico que ela ocupou no programa e na forma como se vestiu. Afinal, sua participação se restringiu à falas a respeito de sorteios e relacionamento com telespectadores via mídias sociais, ocupou um espaço secular no programa,

onde sua mesa e cadeira ficam afastadas dos comentaristas e apresentador (como visto na Figura 10), aliás foi a única que possuiu uma mesa e um *laptop*, o que demonstrou que sua atividade é impactada pelo uso da tecnologia, ou seja, sua principal contribuição não foi a intelectual ou compartilhamento de experiências como ocorreu com os demais participantes. Além desses fatores, a vestimenta também foi um fator de diferenciação, no qual os profissionais contratados vestiram uniformes, exceto por Paula Vilhena que utilizou uma roupa casual. A partir desses 3 fatores, pode-se afirmar que a função desempenhada por ela foi de coadjuvante e não estratégica.

Vale ainda apontar que em entrevista com uma ex apresentadora do programa, foi apontada a insatisfação dela (da entrevistada) justamente com essa situação e a obrigatoriedade de uso de vestidos e sua exclusão do contexto de participação do debate esportivo de forma efetiva (entrevista disponível no Apêndice), corroborando com os fatores analisados nesse trabalho.

5.3.5 Terceiro Tempo (05/11/2017)

A edição do programa Terceiro Tempo, da TV Bandeirantes, selecionada para análise foi a referente à transmitida no dia 05/11/2017, que conteve cinco profissionais em seu palco: Larissa Erthal (apresentadora), Milton Neves (apresentador e mediador), Chico Garcia, Ronaldo Giovanelli e José Ferreira Neto (comentaristas) e Roberto Avallone (comentarista convidado). Essa edição tinha a proposta de debater o jogo de futebol que aconteceu naquele domingo, entre Corinthians e Palmeiras.

Para análise deste trabalho, o primeiro fator avaliado foi o tempo de fala de cada profissional (Larissa Erthal, Milton Neves, Chico Garcia, Ronaldo Giovanelli, José Ferreira Neto e Roberto Avallone), conforme pode ser observado na Tabela 38.

Tabela 38: Tempo de participação dos profissionais – Terceiro Tempo

	Tempo total de fala	**Tempo médio de fala**	**Tempo relativo de participação**
Milton Neves	00:20:13	00:00:18	37,0%
José Ferreira Neto	00:11:46	00:00:16	21,5%
Ronaldo Giovanelli	00:03:25	00:00:11	6,3%
Roberto Avallone	00:06:57	00:00:17	12,7%
Chico Garcia	00:03:25	00:00:10	6,3%
Larissa Erthal	00:02:43	00:00:13	5,0%
Reportagens	00:04:42	00:01:11	8,6%
Comercial	00:01:00	00:00:30	1,8%
Finalização	00:00:27	**	0,8%

Fonte: Própria.

A partir da Tabela 38, observa-se que a distribuição do tempo de fala foi bastante desigual entre a(os) participantes. O tempo de maior fala pertenceu a Milton Neves que ocupou 37,0% do programa; posteriormente foi de José Neto com 21,5%, seguido de Roberto Avallone, comentarista convidado, cuja fala ocupou 12,7% do tempo total da edição do dia 05/11/2017. Ronaldo Giovanelli e Chico Garcia possuíram o mesmo tempo de participação ocupando 6,3% cada um, já Larissa Erthal foi quem possuiu o menor tempo de fala, representando 5% do programa. Apenas o vídeo de finalização do programa e os comerciais representaram menos tempo do que o de participação de Larissa Erthal, ocupando 0,8% e 1,8% cada. Ao compararmos o tempo de atuação dela com o do colega que assume a mesma função que ela, observamos ainda maior discrepância, já que Milton Neves teve 7,4 vezes maior tempo de fala do que a apresentadora.

Para Michele Vivas (2018, p. 17), “há diversos exemplos, no decorrer dos séculos, que revelam a mulher calada, silenciada, adormecida”, e esse programa esportivo pode ser considerado um desses exemplos de locais e situações em que a presença feminina encontra-se nessa situação: o silenciamento da voz de Larissa Erthal é claro já que a sua participação é a de menor tempo no programa.

Além do tempo das falas também foram analisados os conteúdos dessas falas, que foram categorizadas de acordo com o objetivo e a ideia central, com intuito de avaliar a função das construções discursivas de cada participante, e consequentemente, a posição e responsabilidades de fato ocupadas por cada profissional. Essa categorização das falas e a tabulação desses resultados podem ser observadas na Tabela 39.

Tabela 39: Funções de falas da(os) apresentadora(es) e comentaristas – Terceiro Tempo

	Milton Neves	José F. Neto	Ronaldo Giovanelli	Roberto Avallone	Chico Garcia	Larissa Erthal
Apresentação de matéria	00:01:01 (74,4%)	***	***	***	***	00:00:21 (25,6%)
Interação interpessoal	00:05:49 (35,6%)	00:04:40 (28,6%)	00:02:12 (13,5%)	00:03:07 (19,1%)	00:00:11 (1,1%)	00:00:21 (2,1%)
Enquete	00:00:47 (100%)	***	***	***	***	***
Propaganda	00:09:13 (100%)	***	***	***	***	***
Emissão de opinião esportiva	00:02:03 (34,2%)	00:00:34 (9,4%)	00:01:00 (16,7%)	00:01:24 (23,3%)	00:00:15 (4,2%)	00:00:44 (12,2%)
Informação	00:00:31 (4,0%)	00:06:32 (51,1%)	00:00:13 (1,7%)	00:02:26 (19,0%)	00:02:59 (23,3%)	00:00:07 (0,9%)
Relação com mídias sociais	00:00:24 (100%)	***	***	***	***	***
Avaliação participantes	00:00:25 (100%)	***	***	***	***	***
Tabela de classificação dos times	***	***	***	***	***	00:01:10 (100%)

Fonte: Própria.

Conforme observado acima, Larissa Erthal apesar de possuir a mesma função de Milton Neves, a de apresentar o programa, possui ¼ da participação de espaços destinados a isso, sendo que os demais ¾ são ocupados por Milton Neves, que também assumiu exclusivamente as funções de apresentar enquete, as propagandas, a avalição que é feita de cada profissional (notas dadas por

telespectadoras(es) a(os) apresentadora(es) e comentaristas), e de se relacionar e interagir com as(os) telespectadoras(es) a partir de comentários realizados em mídias sociais. Além disso, também se destacou nas funções divididas pelos colegas comentaristas como interação interpessoal (responsável por 35,6% dessa atividade exercida no programa) e emissão de opinião esportiva (assumindo 34,2% das vezes em que essa função foi acionada na edição estudada).

Quanto aos comentaristas, José Ferreira Neto é a segunda pessoa com maior tempo de fala durante o programa (sendo Milton Neves o primeiro, conforme observado na Tabela 22), e essa participação se concentrou em trazer novas informações esportivas (00:06:32), interagir com outros colegas (00:04:40) e emitir opinião esportiva (00:00:34). Roberto Avallone se destacou emitindo opiniões esportivas (como comentarista convidado, a opinião dele é solicitada diversas vezes durante o programa). Já Chico Garcia e Ronaldo Giovanelli possuíram o mesmo tempo de participação, mas Chico Garcia se destacou na função de trazer novas informações, já que 87,3% das suas falas abarcaram novos conteúdos e dados técnicos. Ou seja, Chico Garcia atuou como comentarista, mas ao invés de trazer suas opiniões, trouxe informações para agregar à discussão do programa.

Já Larissa Erthal assumiu exclusivamente a função de narrar a pontuação da tabela dos times participantes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Chamou a atenção que essa tarefa representou 42,9% do total das falas da apresentadora nessa edição, ou seja, uma única fala que durou 00:01:10 ocupou quase 50% do total da participação da fala de Larissa Erthal. Vale ainda ressaltar que essa fala não foi dotada de conhecimento técnico ou conteúdo elaborado pela apresentadora, mas consistiu praticamente em apenas ler a tabela da Série A do Campeonato Brasileiro, narrando os nomes dos times, a posição que ocupam no campeonato, bem como as respectivas pontuações. As demais contribuições da apresentadora para a edição analisada constituíram na emissão de opinião esportiva (27,0% do total da fala de Larissa Erthal), apresentação do programa (12,9%), interação com os demais colegas (também 12,9%) e o apontamento de novas informações (4,3%).

Nesse sentido, observamos que além de ter menos participação, Larissa Erthal não assumiu uma posição ativa nos poucos momentos de fala, trazendo

dados novos ou emitindo sua opinião, mas sua atuação nessa edição se restringiu (em 42,9% das vezes) a apenas narrar informações descritas na tabela projetada na televisão para as(os) telespectadoras(es).

Vemos, portanto, nesse programa, o apontado por Laís Wendel Abramo a respeito da inserção e participação das mulheres no mercado de trabalho, de que ainda existe “a persistência de vários atributos negativos associados às mulheres, assim como formas e mecanismos diversos de desvalorização do trabalho feminino em relação ao masculino e de atribuição de um papel secundário e secundarização à presença das mulheres no mundo do trabalho” (2007, p. 297), onde Larissa Erthal visivelmente assumiu uma posição secundária.

Além do tempo e característica principal das falas também foram analisadas as vestimentas e posições / posturas físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados na Tabela 40, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pela(os) profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como a(os) profissionais foram identificada(os), relação com contexto familiar (ou seja, se a(os) profissionais foram relacionada(os) com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na Tabela 40.

Tabela 40: Vestimenta e aparência da(os) profissionais do Terceiro Tempo – TV Record

	Larissa Erthal	Ronaldo Giovanelli	Milton Neves	José Neto	Chico Garcia	Roberto Avallone
Vestimenta	Social: blusa preto de manga longa (máximo de distância: meio primeiro plano - MPP)	Social: camisa branca, casaco e calça escuros, sapa-tênis	Social: terno escuro, camisa branca e gravata vermelha (máximo meio primeiro plano)	Social: camisa branca, casaco e calça escuros, sapa-tênis	Social: camisa preta, casaco e calça escuros, sapa-tênis	Social: camisa de manga longa escura, calça jeans, sapato social
Acessórios	Anel e colar	Relógio e anel	Óculos e 3 bottons de time de futebol	Óculos	Relógio e pulseira de corda	Relógio
Aparência	Morena, pele clara, magra, cabelo liso na altura do ombro, maquiagem discreta, unhas vermelhas	Careca, pele clara e barba feita	Grisalho, cabelo curto, pele clara e barba feita	Pouco grisalho, cabelo curto, pele clara e barba feita	Moreno, cabelo curto, pele clara e barba feita	Moreno, cabelo curto, pouco calvo, pele clara e barba feita
Formas de tratamento	Nome completo (1), Nome (6), Larissa Loverthal (4), Garota Makro (1), Larissinha (1)	Nome completo (5), nome e último sobrenome (2), Nome (8), Tio Chico (4), brigão (1), senhor (4), Oscar Maroni (2)	Nome (7), nome completo (5), senhor (3), amigo (1), Mordomo do Drácula (5)	Nome (8), Nome completo (1)	Nome (5), nome comple-to (4), gaúcho (3)	Nome completo (1), sobre-nome (15), Nome e último sobre-nome (4), senhor (4)

Relação familiar é citada	Sim (posição de filha)	Não	Não	Sim (posição de pai)	Não	Não
Aparência estética é citada	Não	Sim com ironia por Milton Neves	Sim com ironia por ele mesmo	Não	Não	Não
Humor é citado	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Idade[41]	34 anos (1983)	50 anos (1967)	66 anos (1951)	51 anos (1966)	36 anos (1981)	71 anos (1947)
Formação[42]	Teatro (CAL), Jornalismo (PUC) e Cinema (Estácio de Sá)	Ex futebollista	Jornalismo (Supero)	Ex futebolista	Jornalismo (IPA)	Ciências sociais (PUC-SP)
Status de relacionamento[43]	Namorando Leonardo Dias (relação hetero-afetiva)	Casado com Roberta Giovanelli (relação hetero-afetiva)	Casado com Lenice Neves (relação hetero-afetiva)	Casado com Sandra Nicolau (relação hetero-afetiva)	Namorado de Mila Alves (relação hetero-afetiva)	Informação não encontrada

Fonte: Própria.

Em relação à aparência, acessórios e vestimenta houve certa uniformidade entre a(os) participantes, pois toda(os) trajam roupas sociais e demonstram cuidados com aspectos físicos e estética, mantendo cabelos, barbas e unhas devidamente apresentáveis. Da mesma forma, em relação aos acessórios também não houve alguma discrepância ou algo que destacasse dos demais. Nesse sentido, roupas e acessórios não foram utilizados de forma diferentes e com objetivos diferentes por cada profissional, nem foram alvos de

41 Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
42 Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
43 Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

comentários, exceto no caso de Milton Neves e Ronaldo Giovanelli, onde o apresentador faz um trocadilho entre ser grisalho (no caso ele) e careca (no caso do colega Ronaldo) em um tom irônico e jocoso. Da mesma forma, vale apontar que também não houve comentários a respeito do humor de cada profissional.

Já sobre as relações familiares observaram-se comentários em dois momentos: no primeiro, o próprio comentarista Neto se referiu ao seu filho, dizendo que estava assistindo um jogo com ele; e no segundo caso, Milton Neves citou duas vezes a mãe de Larissa Erthal, seguido do comentário que ela seria a "nossa sogra" ou "a sogra do Brasil", portanto, no caso, não apenas comentou sobre Larissa Erthal na relação mãe / filha, mas também sugeriu que ele, os colegas comentaristas e até mesmo os telespectadores possuíam alguma relação amorosa com a apresentadora, já que ela é a sogra deles e do Brasil.

Essa apropriação de Larissa Erthal por Milton Neves "instaura a inferioridade da mulher no grupo social, sua capacidade de participar ativamente nas funções do grupo é colocada em dúvida pelo poder masculino, sendo essa relegada, então, ao espaço privado, passando a ser incluída subjetivamente como propriedade do homem" (IOP, 2009, 232). Observa-se esse fato, já Larissa pouco participou do programa e ainda tem seu *status* de relacionamento vinculado a um compromisso com Milton Neves, os colegas comentaristas e os telespectadores.

Outro fator avaliado foi em relação à forma de tratamento utilizada entre a(os) participantes do programa. Em todos os casos, o primeiro nome ou o nome completo foi a forma de tratamento predominante, no entanto, exceto no caso de José Neto, todos receberam algum apelido no programa, sendo para Larissa Erthal: Larissa Loverthal (quatro vezes), Garota Makro (uma vez), Larissinha (uma vez); Ronaldo Giovanelli: Tio Chico (quatro vezes), brigão (uma vez), senhor (quatro vezes), Oscar Maroni (duas vezes); Milton Neves: senhor (três vezes), amigo (uma vez), Mordomo do Drácula (cinco vezes); Chico Garcia: gaúcho (três vezes); e Roberto Avallone: senhor (quatro vezes).

Observa-se que para o comentarista convidado (Roberto Avallone), o apelido foi respeitoso, já que a palavra senhor (usada quatro vezes) é usada como sinônimo de reconhecimento de autoridade e/ou experiência. Quanto aos comentaristas, Chico Garcia foi qualificado conforme seu estado de origem, sendo chamado de Gaúcho (três vezes) - aliás, foi o único que teve a origem do

nascimento descrita no programa -, e Ronaldo Giovanelli foi apelidado de Tio Chico (quatro vezes) e Oscar Maroni (duas vezes) por Milton Neves que ironizou a aparência física do colega, e também foi chamado de senhor (quatro vezes), remetendo respeito e brigão (uma vez) apontando o temperamento do comentarista.

Milton Neves foi apelidado de amigo (uma vez), que expressa companheirismo e fraternidade, de senhor (três vezes), remetendo a cortesia e consideração, e, Mordomo do Drácula (cinco vezes), apelido usado apenas por Ronaldo Giovanelli como forma de resposta ao apelido que o apresentador lhe deu.

Já a apresentadora Larissa Erthal foi apelidada apenas por Milton Neves e com apelidos que remetem a afinidade e sensualidade, como é o caso do "*love*" (que significa amor) em Larissa Loverthal (quatro ocorrências) e também o caso de Garota Makro (uma vez), que remete à garota propaganda (atividade geralmente exercida por atriz, modelo ou cantora que representa uma determinada marca, normalmente essa mulher segue um padrão estético mediático), além disso também foi chamada de Larissinha (uma ocorrência), que remete à fragilidade, afinidade ou infantilidade.

Também há discrepância na idade da(os) profissionais: apenas Larissa Erthal e Chico Garcia apresentam menos de 50 anos (34 anos e 36 anos, respectivamente), sendo que os demais possuem 50 anos (Ronaldo Giovanelli), 51 (José Neto), 66 (Milton Neves) e 71 (Roberto Avallone). Essa discrepância remete valores sexistas nos quais à velhice é aceita para os homens, mas rejeitada para as mulheres. Carmen Salgado (2002, p. 11) aponta justamente essa diferença de compreensão e aceitação da velhice para homens e mulheres.

> Enquanto os homens de idade avançada são 'durões, rudes e viris', as mulheres estão 'enrugadas'. Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem 'distintos e muito atrativos', mostram uma mulher em 'decadência' (...). Tal preconceito surge, em parte, ao igualar erroneamente a sexualidade feminina a sua capacidade reprodutiva. Portanto, não é errado assinalar que essa discriminação para com a mulher idosa está intimamente ligada ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem.

Não diferente disso, nos programas esportivos analisados as mulheres não possuíram a mesma faixa etária dos homens, sendo mais jovens do que eles. Outro fator considerado neste trabalho foi o conteúdo dos discursos e das interações entre a(os) participantes, principalmente em relação às falas de Larissa Erthal e às falas a respeito da apresentadora. Como observado na Tabela G, dos 00:54:38 minutos de programa, Larissa Erthal foi responsável por 00:02:43 de fala, que representou 5%. Desses, 00:01:10 foi relativo ao momento de narrar a tabela de classificação do Campeonato Brasileiro de Futebol, ou seja, 42,9% da participação falada da apresentadora foi relativo ao momento do segundo bloco em que apresentou a pontuação de cada um dos 20 times da primeira divisão.

A primeira participação de Larissa Erthal foi aos 00:03:45 “Eu diria até que faz jus ao que o Corinthians vai receber ao final da temporada que é o troféu de campeão brasileiro, agora essa partida acho que mostrou tudo o que o Corinthians fez exatamente no primeiro tempo e tudo o que a gente não estava gostando de ver no segundo turno”. Durante todo esse momento de fala da apresentadora, Milton Neves a observou fixamente, como demonstrado na Figura 16.

Figura 16: Larissa Erthal abordando sobre o desempenho do Corinthians

Fonte: Imagem extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:03:45.

A princípio a impressão criada é que Milton Neves estava prestando atenção ao comentário da apresentadora, mas, mesmo após a finalização do comentário de Larissa Erthal e início da fala de Roberto Avallone, Milton Neves permaneceu com a mesma postura, encarando a apresentadora (quando imaginamos que ele se viraria para o colega comentarista que detém a fala posterior). Após um segundo, a câmera focalizou Roberto Avallone, impossibilitando que acompanhássemos quanto tempo Milton Neves permaneceu nessa posição olhando fixamente Larissa Erthal. No entanto, após a finalização da fala de Roberto Avallone, Milton Santos fez uma intervenção dos patrocinadores e após concluir chamou Chico Garcia e olhou em direção ao comentarista e logo após isso retomou o olhar para a apresentadora, com expressão de reprovação e brabeza, como se o comentário dela não devesse ter acontecido e ele estivesse a repreendendo por isso. No entanto, não é possível saber quanto tempo essa intervenção em forma de intimidação durou, pois, a câmera passou a focalizar Chico Garcia, conforme Figura 17.

Figura 17: Reação de Milton Neves à fala de Larissa Erthal

Fonte: Imagem extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:04:31.

Fonte: Imagem extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:04:34.

Em outro momento, Larissa Erthal foi responsável por apresentar uma matéria a respeito de um atentado ocorrido nos EUA, ou seja, a única matéria do programa não relacionada ao esporte ficou sob a responsabilidade de Larissa Erthal fazer uma introdução ao telespectador. A fala da apresentadora foi: “aí a gente abre espaço pro jornalismo, afinal aconteceu um atentado no Texas hoje, e o Murilo Borges vem diretamente de Nova Iorque, com as informações para gente - Murilo, muito boa noite para você” (extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:01:45).

Após a apresentação do vídeo do repórter de rua, a câmera retorna ao estúdio, e a apresentadora completa apontando: “Pois é, 24 mortos e 27 feridos” (extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:27:18), mas antes de ela completar as informações é interrompida por Milton Neves para falar de um dos comentaristas: “mas olha, está aqui no meu Quantum homenagem ao Ronaldo Soares Giovanelli ... Ronaldo como muitos sabem foi um dos mais completos goleiros” (extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:27:20). Nota-se que o *manterruption*[44] ocorreu inclusive para introduzir um assunto de menor relevância (no caso, um comentário irônico sobre a atuação de um goleiro em detrimento de informações sobre um atentado).

A edição do programa analisada se encerra com um diálogo entre Milton Neves e Larissa Erthal, onde ele sugeriu que os dois iriam jantar juntos após o programa, a apresentadora se manifestou verbalmente, facialmente e corporalmente de forma a demonstrar que não gostou do comentário do colega. E, ela falou: “Não vamos, não ... Tô fora ... não vamos mesmo”, ela repetiu 4 vezes que não vai jantar com o colega: (1) “não vamos”, (2) “não, (3) “tô fora” e (4) “não vamos mesmo”, e finalizou reforçando com um “mesmo” de maneira a salientar que ela não gostou do comentário, que isso não iria acontecer e ela não iria mudar de ideia. Vemos nesse caso, uma situação clara de abuso, onde o “não” da apresentadora não foi respeitado. Vale reforçar ainda que tem sido inúmera as campanhas para a conscientização do valor do “não” realizado por movimentos feministas contemporâneos (como por exemplo, “Empodere Duas

[44] Quando um homem interrompe uma mulher de maneira a não permitir que ela conclua sua argumentação. Esse conceito tem sido trazido por diversos movimentos feministas com intuito de discutir o lugar de fala das mulheres e a importância das falas delas serem respeitadas.

Mulheres", "Think Olga", "Todas Frida", "Não me Kahlo"). O reforço da resposta negativa e do descontentamento com a fala de Milton Neves ocorreu também pela expressão facial de Larissa Erthal e por gestos corporais quando virou às costas para o apresentador, e foi andando em direção ao que parece ser a saída do programa, levantou a mão direita acenando que não, conforme consta na Figura 18.

> Milton Neves: agora vamos jantar
> Larissa: Não vamos, não ... Tô fora ... não vamos mesmo"
> (Extraída do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:53:51)

Figura 18: Interações entre Milton Neves e Larissa Erthal ao final do programa

Fonte: Extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:53:51 do programa

Fonte: Extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:53:52 do programa

Fonte: Extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:53:53 do programa)

Fonte: Extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:53:54 do programa

Nota-se, portanto, que o programa se encerrou em um clima de tensão entre Larissa Erthal e Milton Neves. Porém, esse clima de tensão não foi compreendido dessa forma pelos comentaristas (exceto José Neto) que aparecem rindo da situação. Ronaldo Giovanelli é o que aparenta achar maior

graça na situação pois inclina o corpo para trás e coloca a mão no rosto para esconder o riso. Nesse caso, podemos observar um assédio por parte do apresentador que faz uma afirmação considerada abusiva pela Larissa Erthal, que pode, inclusive, ter sua imagem profissional prejudicada, já que é comum uma mulher de sucesso ser questionada por sua competência ao ser sugerido que o sucesso foi alcançado por questões amorosas com alguém da chefia. Da mesma maneira, o assédio foi reforçado pelos colegas que não tomaram partido da apresentadora, mas demonstraram concordar, aceitar e incentivar a postura de Milton Neves (como pode ser visto na quarta imagem da Figura 3).

As demais participações de Larissa Erthal se restringiram a frases isoladas e soltas em um determinado contexto, mas sem a oportunidade de dar continuidade. As frases foram: “Oh Milton, Milton ...” (chamando Milton para falar algo, mas desistiu já que ele não a atendeu), “bovinamente falando” (querendo participar de uma piada feita pelos comentaristas a respeito do comentário de Milton Neves de que os jogadores parecem bois), “Vanda” (respondendo ao Milton Neves quando perguntou o nome da mãe do Fábio Carille – vale reforçar que a única pergunta destinada à Larissa foi sobre a vida pessoal/familiar do técnico, ou seja, não houve perguntas técnicas ou sobre opiniões do jogo), “mas tá com 3 amarelos” (complementando a fala de Milton Santos sobre os jogadores do Corinthians), “focado” (afirmando uma característica de um jogador), “40,40 pares, 40” (reforçando o número de calçados doados pela patrocinadora do programa ao comentarista Neto por ter ganho uma aposta no programa), “combinado não saí caro” (apontando ainda que o prêmio prometido antes da aposta havia sido combinado), “ele tá querendo que você chame ele” (respondendo Milton Neves quando esse a pede para fazer a chamada de um repórter de campo), “não dá murro?” (questionando um vídeo sobre Felipe Melo de agressão a um colega durante o intervalo de jogo) e “intervalo” (reforçando em que momento ocorreu a agressão, após pergunta de Milton Neves para os comentaristas).

Além das falas de Larissa Erthal, ainda observamos algumas falas onde ela foi citada. Uma delas acontece quando Milton Neves questionou a futura permanência do técnico Alberto Valentim do Carmo Neto no Palmeiras, perguntando a(os) participantes a opinião deles a respeito. O início do diálogo ocorre a partir da seguinte afirmação:

> a Larissa quer que o Valentim fique mais 5 anos no Palmeiras porque ele é bonito, para mim ele é competente e tem que continuar e para você Chico? (extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:22:27 do programa).

Observamos, portanto, que Milton Neves respondeu por Larissa Erthal, presumindo a opinião da apresentadora, assumiu a fala por ela e se colocou como representante dela. Após a intervenção de Milton Neves, ele direcionou a pergunta a todos os comentaristas e não retornou a Larissa Erthal dando-lhe a oportunidade de confirmar ou refutar o que o apresentador disse que seria a opinião dela. Além de assumir a fala pela apresentadora, essa fala foi carregada de estereótipos machistas e de gênero, uma vez que pressupôs que a escolha da apresentadora seria pela beleza física do técnico e não pela competência dele, e que esse posicionamento cabe exclusivamente a ela (que é mulher), pois ele mesmo afirma que a escolha dele pelo técnico ocorreu devido a uma análise de desempenho e conhecimento. Esse estereótipo de gênero é uma falsa representação de uma realidadade dada e promoveu uma amputação, uma excisão em Larissa Erthal, pois a reduziu apenas à sexualidade, lhe negando a possibilidade de pensar e refletir sobre o futebol de forma técnica (BHABHA, 2007).

Ou seja, é evidente nessa fala do apresentador de que para ele o envolvimento da mulher no esporte é por questões secundárias, relacionadas à sexualidade, pois elas não possuem interesse, nem conhecimento a respeito desse campo. A seguir direcionou a questão aos comentaristas homens, dando espaço para cada um expressar sua opinião, reafirmando que o *ethos* do discurso esportivo pertence aos homens, ou seja, a autoridade e a credibilidade de análise a respeito do esporte não competem às mulheres.

A apresentadora também é citada em outro momento do programa, quando Milton Neves fez propaganda do Makro, anunciando a inauguração de uma nova área. O anúncio trouxe o seguinte conteúdo:

> o Economakro está de volta agora no dia 09 de novembro e neste mesmo dia eu estarei pessoalmente inaugurando a nova área de perecíveis no Makro Butantã aqui em São Paulo e

> Larissa Loverthal sempre ao meu lado (extraído do programa Terceiro Tempo, transmitido dia 05/11/2017, aos 00:24:00 do programa).

Observa-se que nessa frase Milton Neves assumiu o sujeito ativo (estará inaugurando), enquanto Larissa Erthal uma atuação passiva ao lado do apresentador. A figura da apresentadora apareceu como mais um produto ou incentivo para as pessoas participarem do evento, da mesma forma que a figura de Milton Neves, mas o que difere foi justamente a participação passiva x ativa nesse cenário, foi como se o apresentador tomasse as decisões de onde ir e o que fazer, e a apresentadora o devesse seguir e permanecer estática ao seu lado. Assumiu, portanto, o papel de acompanhante, e vale reforçar ainda que ela teve o segundo nome, ironicamente, apelidado por Milton Neves de LOVErthal.

Um Manifesto realizado pelo Observatório da Mulher publicado em 2007, com intuito de protestar contra a imagem estereotipada das mulheres veiculadas nos meios de comunicação, abordou a denúncia justamente de que as mulheres eram usadas para promover padrões e produtos: “E, o mais agravante, pior do que isso é, na maior parte do tempo, nos sentirmos vilipendiadas, ridicularizadas, usadas para promover valores, padrões e produtos os mais variados, em detrimento de nossa realidade e aspirações” (CIRANDA, 2008). Em 2017, 10 anos depois desse manifesto, esse uso da participação feminina ainda existe, como observado nesse programa.

De forma geral, Larissa Erthal possuiu pouca participação no programa sendo que foi a profissional com menor tempo de fala. Sua participação foi ainda, de certa forma, censurada por Milton Neves que expressou facialmente reprovação pela atitude da apresentadora quando essa expressou sua opinião. É, claro, portanto, que a participação dela é restrita mais ao uso que o apresentador Milton Neves faz da sua imagem e figura, sendo citada diversas vezes, inclusive como se ela não estivesse presente (já que ele não direcionou sua fala sobre Larissa Erthal a ela, chamando-a de você, mas direcionou seu comentário sobre Larissa aos demais colegas do programa).

Portanto, a apropriação da imagem e da figura dela foi clara, ao mesmo tempo em que ela não possuiu voz ativa no programa e direito de intervir nas falas e comentários. Sua função foi direcionada constantemente por Milton Neves que foi quem passou a fala para ela, foi quem falou o que ela pensa (como

no caso a respeito do técnico Valentim) e disse onde ela estaria e o que faria (como observado no caso da divulgação do atacadista Makro).

Vale ainda apontar que o tipo de relação entre Milton Neves e Larissa Erthal faz parte do "pacote do programa", ou seja, o próprio programa possui esse viés misógino, onde a figura feminina deve ser explorada de forma caricata e estereotipada. Por isso, acredita-se que mesmo que haja mudança dessa profissional a configuração do programa continuará a mesma.

5.4 Entrevistas

No Brasil foram realizadas seis entrevistas com mulheres que atuam ou atuaram em programas de esportes televisivos. Dessas, cinco ainda estão nos respectivos programas, e uma saiu três meses antes da aplicação da entrevista e não atua mais especificamente no jornalismo esportivo e nem possui a pretensão de retornar. As demais atuam efetivamente nesse ambiente, em canais da TV aberta brasileira, como apontado na Tabela 41.

Tabela 41: Profissionais entrevistadas

	Idade	**Canal**	***Status* em JE[45]**	**Tempo em JE**
Entrevistada	34	Gazeta	Afastada	08 anos
Entrevistada	41	Record	Ativa	15 anos
Entrevistada	33	Record	Ativa	12 anos
Entrevistada	30	TV Aparecida	Ativa	06 anos
Entrevistada	38	Gazeta	Ativa	18 anos
Entrevistada	50	Record	Ativa	30 anos

Fonte: Própria

As entrevistas foram realizadas entre 24 de novembro de 2017 a 06 de abril de 2018, sendo metade realizada via Skype e a outra metade presencialmente na cidade de São Paulo. Cada entrevista durou em média de 20 a 45 minutos de conversa. Vale ainda ressaltar que, como apontado no projeto, o objetivo era realizar um censo, ou seja, entrevistar todas as jornalistas atuantes como apresentadoras, comentaristas ou narradoras em programas de

[45] JE: Jornalismo Esportivo

esporte dos canais TV Aparecida, Bandeirantes, Gazeta, Record e Globo (emissoras com programas de esportes com presença feminina nas funções estudadas). No entanto, não foi possível realizar o trabalho com quatro jornalistas: Larissa Erthal (Bandeirantes), Renata Fan (Bandeirantes), Paula Vilhena (Gazeta) e Fernanda Gentil (Globo), cujos contatos não houve retorno.

O objetivo das entrevistas foi de analisar o que as apresentadoras de programas de esportes compreendem a respeito de sua inserção neste ambiente, suas funções e relações com demais profissionais e públicos. Para isso, agrupamos as questões em blocos que discutem os seguintes temas: (1) inserção no esporte, (2) cobranças estéticas, (3) assédio, (4) percepção do ambiente (se feminino, masculino ou neutro), (5) funções de comentaristas e narradoras, (6) dificuldades por ser mulher. Para análise foi utilizado o método história de vida. A partir desse método é possível obter informações subjetivas do entrevistado a respeito de sua história e sua perspectiva a respeito de determinada vivência pessoal, possibilitando ao entrevistado dissertar livremente sobre uma experiência de vida.

5.4.1 Inserção e trajetória no ambiente esportivo

Essa questão teve objetivo introdutório, indicando quais assuntos seriam discutidos no decorrer da entrevista e, de certa forma, acolhendo a entrevistada para se sentir mais confortável com a dinâmica. A história pessoal no jornalismo e no jornalismo esportivo aponta a forma de ingresso nesse ambiente e as vias pelas quais as profissionais tiveram acesso à atual função na televisão (apresentadoras).

Como já elencado, de acordo com o Museu do Futebol (2016), na televisão brasileira a primeira mulher que se destacou na área de esportes foi Claudete Troiano, atuando nos anos de 1980. No entanto, além dela, podemos ainda citar a jornalista Isabela Scalabrini, que na década de 1980 passou a realizar matérias para o Globo Esporte, cobrindo diversas modalidades esportivas (exceto o futebol, pois esse ainda era de exclusividade masculina); e, a apresentadora Mylena Ciribelli, atuando nos boletins Olímpicos de Seul para o programa Manchete Esportiva (sendo que essa foi entrevistada, pois ainda se mantém na ativa, completando em 2018, 30 anos de trabalho no jornalismo esportivo).

Considerando esse contexto, Núbia Tavares (2006) aponta que em meados da década de 90, o futebol ainda era tido como coisa de homem, e por isso, ainda eram poucas as mulheres que se arriscam no jornalismo esportivo e que atuavam na apresentação de programas esportivos. Vale ainda ressaltar que essa trajetória aqui traçada ainda é referente à função de apresentação, já que não havia nenhuma mulher no período selecionado com a função de narradora ou comentarista nos canais abertos da televisão brasileira.

Portanto, a inserção das mulheres nesse cenário televisivo é relativamente recente, sendo que muitas entrevistadas, de certa forma, se consideram precursoras nesse campo ou desbravadoras de um ambiente em que havia poucas mulheres.

O ingresso dessas mulheres ocorreu em maior parte pelo acaso, não necessariamente porque decidiram ou optaram pelo jornalismo esportivo. O caso de uma das precursoras demonstra bem essa situação, na qual, a visualização da possibilidade de trabalhar nessa área foi despertado a partir de um convite da televisão.

> Eu fui uma das primeiras. Muita gente pensa que eu fui a primeira na TV, mas não fui. A primeira foi a Isabela Scalabrini na Globo. Quando eu comecei na Manchete, eu era a única apresentadora. Comecei fazendo programas musicais. Dos programas musicais (eu estava lembrando isso ontem porque estou fazendo 30 anos de carreira esportiva, 30 anos), aí eu me lembrei que eu fui pro jornalismo esportivo, meio por acaso. Eu sempre gostei de esporte porque meu pai me criou com esportes. Na Manchete eu entrei na linha de show, onde trabalhava com música, porque eu vim da rádio. Um dia todo mundo tinha viajado pra fazer as Olimpíadas de Seul e aí perguntaram: quem vai apresentar o boletim de esporte? O diretor da época da manchete, lembrou de mim e perguntou por mim e o que eu andava fazendo, e lhe responderam que eu estava na área de shows fazendo os programas musicais. Aí ele falou: “pô, chama ela pra cá, chama ela aqui”, e me perguntou se eu gostaria de fazer o boletim. Falei que gostaria, que adorava esporte, então ele propôs que fizéssemos um teste. Aí eu fiz de cara (já fui direto para o ar) (...). Além disso, como meu pai que era corredor, ele me ensinou as nomenclaturas, os termos da área. E com isso, eu cheguei a corrigir coisas que estavam erradas, e surpreendi: todo mundo ficou me olhando como quem diz: “opa ela entende, ela entende de esporte”. Aí falaram que eu ia ficar com eles, e não sai do jornalismo esportivo (ENTREVISTADA D, 2017).

Nessa primeira entrevista podemos analisar que o ingresso da entrevistada ocorreu devido a um momento de improvisação diante da falta de profissional presente para apresentar o programa, mas não foi lembrada por seu conhecimento a respeito do esporte, mas pela experiência com televisão e a espontaneidade que já demonstrava enquanto profissional. É interessante verificar que apesar de ter sido chamada para apresentar o boletim de esportes, colegas de trabalho e chefia se surpreenderam com o conhecimento dela na área, o que evidentemente não era esperado: “eu cheguei a corrigir coisas que estavam erradas, e surpreendi: todo mundo ficou me olhando como quem diz: ‘opa ela entende, ela entende de esporte’”. O conhecimento a respeito do esporte não foi considerado no momento da oportunidade para cobrir o apresentador do programa, mas foi um item essencial para a manutenção da apresentadora com essa função no Manchete Esportiva.

Outras entrevistadas também apontaram o ingresso no jornalismo esportivo como resultado do acaso, e ainda reforçaram que não tinham o conhecimento necessário para tal, mas buscaram adquiri-lo. O ingresso ocorreu por meio de oportunidades que surgiram e não por iniciativa das entrevistadas.

> eu consegui um estágio para escrever em uma produtora. A pessoa que me contratou trabalhava com vídeo e me convidou para fazer a parte de vídeo, mesmo eu tendo interesse apenas na redação. Nesse período ele fazia permutas para o esporte, e foi quando iniciei na área de esporte, fazendo remo e equitação, nada de futebol, era esporte olímpico. E eu comecei a gostar e fui aprendendo a fazer isso, eu nunca tinha imaginado e quando vi já estava no esporte (ENTREVISTADA B, 2018).

> apareceu a oportunidade de ser assessora de um time que chama Vila Nova da série B, aí fiquei um ano no Vila Nova. Eu nunca havia trabalhado com a assessoria de clube. E aí foi na tora, comprei livros e fui atrás. Depois de um ano à frente do Vila Nova apareceu um convite para eu trabalhar em uma TV. Assim, quando completei um ano sai do Vila Nova e fui para a TV, a princípio eu só fui produtora do programa que na época chamava Mais Esportes (...). Depois que eu fiquei dois meses como produtora e como repórter, meu chefe disse que eu estava preparada para apresentar um programa, porque até então só tinha homens nesse programa e não tinha nenhuma mulher (...). Agora vai completar 5 anos que estou à frente dele. E quando eu entrei, só tinha eu de mulher na equipe, com seis homens. E hoje a gente encerra o ano com 3 mulheres. (ENTREVISTADA C, 2017).

Nesse último caso, ela apontou que faz cinco anos que está na emissora e que nesse período já visualiza uma grande diferença de participação feminina no jornalismo esportivo, pois quando entrou era a única mulher no programa, em um grupo de sete pessoas e atualmente já são três mulheres.

Por fim, salienta-se mais um caso onde a oferta para participação do jornalismo esportivo ocorreu por parte da emissora, sem que a jornalista tivesse cogitado anteriormente essa vaga. No entanto, esse depoimento ainda conta com uma informação diferencial: o motivo da jornalista ter sido convidada pela emissora, que não se restingiu à capacidade, como apontado a seguir.

> Acho que foi bem difícil no começo, porque a gente como mulher tem que superar diversas barreiras. Eu fui convidada porque eu era bonita, loirinha, jovem. Bem aquele estereótipo que antigamente procuravam para mulher no ambiente do esporte. Eu não sabia muito do conteúdo de esporte, eu como jornalista tive de me aprimorar e estudar muito para dar conta de estar no programa. E foi bem difícil, não tinha tanta informação e tantos jornais e programas como tem nas TVs pagas como hoje, então foi uma conquista que melhorei ano a ano, aí fui chamada para trabalhar em outro programa da emissora como apresentadora, estou lá desde 2003 e as portas foram se abrindo com muito trabalho, com muito esforço e com muita dedicação eu consegui superar o preconceito de mulher bonita, loira para ser mulher competente e capacitada para fazer o serviço (ENTREVISTADA A, 2017).

Nesse caso, a jornalista enfatiza que o motivo dela ter sido convidada para participar do programa, não ocorreu a partir de seus conhecimentos ou experiência na área (ao contrário, afirma que era leiga no assunto), mas, um pouco, por causa de seu desempenho enquanto jornalista, e, principalmente, por causa de sua aparência física. Segundo ela, no início havia um estereótipo da mulher ideal para participar do jornalismo esportivo: bonita, loira e jovem. No entanto, após muito esforço, acredita que hoje seu trabalho é reconhecido e está desvinculado com o crédito estético.

Das entrevistadas, apenas uma afirmou que tinha interesse inicial pela área esportiva e que havia procurado ingressar especificamente na área de jornalismo esportivo. Nesse caso, destaca-se que ela ingressou em um núcleo que estava se formando, e, portanto, não era ainda consolidado, por isso,

contava apenas com duas profissionais: ela e uma chefe, sendo, dessa forma, o núcleo constituído exclusivamente por mulheres.

> Eu entrei na área de jornalismo esportivo direto em 2006, quando tinha 22 anos. Eu estava no penúltimo ano de faculdade de relações públicas. Aí eu decidi que eu queria trabalhar com esporte, numa assessoria esportiva, por exemplo, porque eu queria estar mais envolvida com o esporte. Nesse tempo, consegui uma oportunidade de estágio na Band, dentro do núcleo dos jogos pan-americanos do Rio. E foi essa a minha primeira oportunidade e eu agarrei de cara. Era um núcleo que estava se formando, então só tinha uma pessoa, uma chefe e eu como estagiária (ENTREVISTADA E, 2018).

Como observado, a maioria das entrevistadas (exceto uma) entrou na área de esportes devido ao convite recebido e não por buscar especificamente esse campo. Dessas cinco que ingressaram sem iniciativa própria, três não tinham interesse nem conhecimento a respeito do esporte e dessas, uma disse que seu ingresso ocorreu devido à sua aparência física. Assim, das seis entrevistadas, uma tinha interesse pela área esportiva, mas nunca havia tomado a iniciativa de trabalhar nessa área, sendo que essa possibilidade apenas foi visualizada após receber o convite (essa inclusive também demonstrou interesse em ser narradora, mas nunca fez ou recebeu alguma proposta); e, outra tinha efetivamente o interesse em participar da área e teve iniciativa em procurar empregos nesse campo.

Nesse sentido, observa-se a própria não caracterização inicial dessas mulheres com esse ambiente que era (e ainda continua sendo, mas em menor escala) masculino, portanto, essa identificação também era difícil de acontecer, como pode ser conferido nos depoimentos: “Eu tinha uma impressão de que era muito masculino, antes de entrar,” (ENTREVISTADA B, 2018), “eu peguei uma fase que não tinha muita mulher, então você sente mesmo uma resistência” (ENTREVISTADA E, 2018), “Eu fui uma das primeiras (...), quando eu comecei na Manchete, eu era a única apresentadora” (ENTREVISTADA D, 2018), “Quando eu comecei não tinham ainda muitos nomes femininos famosos, como o da Renata Fan, tínhamos algumas mulheres, mas ainda poucas na apresentação de programas de esporte” (ENTREVISTADA A, 2017), “até então

só tinha homens nesse programa e não tinha nenhuma mulher" (ENTREVISTADA C, 2017).

Dessa forma, e, sendo a invisibilidade um dos fatores mobilizadores desse cenário, a maioria não assumiu a iniciativa de optar pelo trabalho no jornalismo de esportes, mas essa partiu de fatores externos e das próprias emissoras que ofereceram a oportunidade deslumbrando características não relacionadas especificamente com o conhecimento esportivo.

5.4.2 Cobranças estéticas

A questão do padrão de beleza feminino tem sido discutida por diferentes teóricas(os). Uma dessas teóricas é Naomi Wolf que aponta que a ideologia da beleza se "fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar" (WOLF, p. 13). Esse conceito aborda não a ideia propriamente dita da beleza, mas a imposição de determinados padrões, para ela

> quando uma mulher é forçada a se enfeitar para conseguir ser ouvida, quando ela precisa de boa aparência para proteger a identidade, quando ela passa fome para manter o emprego (...), é exatamente isso o que faz com que a 'beleza' doa. Porque o que incomoda as mulheres no mito da beleza não são os enfeites, a expressão de sexualidade, o tempo gasto se arrumando ou o desejo de conquistar alguém (...). A verdadeira luta é entre a dor e o prazer, a liberdade e a obrigação (WOLF, 1992, p. 363-364).

Além disso, movimentos feministas brasileiros contemporâneos têm abordado a questão de padrões estéticos, na busca de quebrar padões mediáticos e reconstruir valores da beleza natural do corpo (são exemplos desses movimentos: "Não me Kahlo", "Força Meninas", "Empodere Duas Mulheres"). Ao abordar esse tópico, as entrevistas também questionaram a respeito do universo da aparência estética, que não se restringiu às vestimentas e acessórios, mas também abordou o corpo em si e as exigências explícitas e implícitas relacionadas a cada um desses fatores.

Em relação às vestimentas e aos acessórios, a maioria apontou que há um padrão e regra da TV em geral para o jornalismo, onde profissionais não podem chamar muita atenção e distrair telespectadoras(es). Nesse sentido as

roupas e acessórios são mais discretos, e normalmente são escolhidos pela(o) profissional, juntamente com uma/um *personal style*. No jornalismo esportivo, por ser mais descontraído que o jornalismo tradicional, há possibilidade de uma informalidade maior, desde que não seja extravagante, interferindo inclusive em maquiagens e cortes de cabelo.

> A TV em geral já tem algumas normas e regras, por exemplo, o apresentador não pode chamar mais atenção que a notícia. Então se você chegar com uma roupa estampada, super maquiagem, um brinco grande as pessoas vão prestar atenção na sua roupa e não no que você está falando. Porque o ser humano é assim, ele vai observar mesmo, principalmente, as mulheres. Tanto é verdade que existe nas televisões uma central que atende o telespectador, e sempre me perguntaram onde eu corto o cabelo, qual o batom que eu estou usando (...). No esporte não dá pra gente ficar todo arrumado, por exemplo, no esporte a gente evita blazer que fica uma coisa mais séria como seria o ideal no jornalismo em geral. Mas, mesmo assim, nada que chame atenção. Até para mudar o visual pessoal é legal fazer um estudo pra não ter nada muito radical ou que as pessoas ficarão chocadas, porque tem um público que o segue e que está acostumado com aquele jeitão. Toda mudança tem que ser bem pensada (ENTREVISTADA B, 2018).

Com uma preocupação semelhante outra entrevistada também apontou que é viável cuidar para que a aparência não seja extravagante. Nesse caso, a ideia não é necessariamente voltada para possível distração das(os) telespectadoras(es), mas não atrair a atenção do público na rua onde está fazendo a reportagem.

> Quando eu fui fazer o jornalismo de rua eu ia em cada lugar, cada situação ... e eu tinha essa preocupação de não ir muito arrumada demais, colocava uma roupa mais sóbria, para não chegar lá fazendo estilo mais artista, celebridade (Entrevistada B, 2018).

Já em outra entrevista, houve a citação do uso de vestido ser apontado pela emissora como o ideal traje para mulheres. Para ela, o canal tem essa sugestão com intuito de atrair a audiência e que para o programa não é relevante o conhecimento que ela possui a respeito do esporte, mas o importante é estar bem apresentada (e não com o conteúdo atualizado).

> Agora eu não estou mais trabalhando com futebol, por enquanto, e acho que não volto mais, e eu acho que é por causa disso, porque é uma mulher bonita, que tem que usar vestido, que tem que estar lá bonita e tal. Mas invariavelmente eles não querem saber o que você pensa, né? E a mulher é a mulher, ela tem que estar bonita, estar de vestididinho, precisa ter uma figura feminina para chamar a audiência (ENTREVISTADA F, 2017).

Considerando essa ideia, a beleza também foi citada, de forma sutil, como essencial. Na fala, é possível verificar que ser bonita não é a única característica necessária para uma mulher adentrar e se manter no jornalismo esportivo (não pode ser *SÓ* bonita), mas também são necessárias outras habilidades. No entanto, ao citar a beleza a entrevistada sutilmente aponta que esse é um dos requisitos (apesar de não ser o único): “Ela não pode ser óbvia, não pode ser **só bonita**, a beleza acaba, então, a mulher tem que criar uma identidade” (ENTREVISTADA C, 2017).

Ainda em relação à aparência física, há um depoimento que foca a necessidade de cuidado com esse quesito e como essa cobrança é diferente para homens e mulheres, sendo, segundo ela, os requisitos estéticos um dos marcadores do machismo e desvalorização da mulher nesse campo de trabalho.

> Eu acho que hoje em dia ainda tem o preconceito, por mais que a mulher esteja conquistando novos espaços, ainda tem esse preconceito porque a mulher tem de ser bonita. Não tem nenhuma apresentadora de programa que seja gorda, que use óculos ou que não tenha o biótipo. Então, diz-se que a mulher está conquistando seu espaço no esporte, olha como os homens são legais ... e estão abrindo, mas ainda como um objeto, que é agradável aos olhos, claro que as mulheres têm competência para isso, mas ainda existe um preconceito por trás dessa abertura. Porque a abertura vai realmente acontecer quando a mulher participar igual ao homem e quando tiver uma mulher gorda na mesa com os homens, porque eu digo gorda, não importa se é magra, gorda, morena, mas eu falo gorda porque justamente os comentaristas esportivos a maioria é gordo e uma mulher acima do peso não aparece nos programas, nem comentando de igual para igual com os homens. Por que não basta a mulher saber, mas tem que estar num padrão. Então a beleza é um pré-requisito forte. Então acho que tem que estar atento a essa questão: é a capacidade da pessoa, o conhecimento que importa? Para mulher entrar nesse ambiente como apresentadora, ela consegue se for muito competente, mas for gorda e usar óculos, por exemplo? Porque se tiver um repórter gordinho, bom e que usa óculos e tiver competência ele vai conseguir a vaga. Então aí a gente percebe o machismo e a situação da mulher no esporte (ENTREVISTADA A, 2017).

Nesse depoimento, observa-se o questionamento da apresentadora em relação à possibilidade ou não de participação nos programas esportivos de uma mulher com padrões estéticos diferentes dos padrões mediáticos, nesse sentido, aponta que há uma padronização do perfil das mulheres atuantes nessas funções, criado a partir de marcadores corporais, não considerando e englobando todas as mulheres conforme a diversidade social e racial apresentada no Brasil. Nesse caso, nota-se uma intersecção de categorias sociais e culturais que maximizam ou minimizam a discriminação sofrida pelas mulheres, no caso, a invisibilidade feminina é ainda um fator presente nos programas esportivos da televisão brasileira (como analisado nos Capítulos 5.1 e 5.2 deste trabalho), no entanto, essa pequena participação feminina não representa todas as mulheres brasileiras, mas um grupo específico como o citado pela apresentadora, ou seja, magras, loiras e avaliadas como bonitas (sendo possível observarmos o recorte racial e de classe nesse grupo). Vale apontar que teoria da interseccionalidade de gênero aponta justamente essa potencialização da opressão devido a fatores como raça e classe (BREWER, 1999).

A questão do peso e do cuidado com a aparência (no caso maquiagem) também é reforçada por outra apresentadora, que diz que não há como se manter nessa função se estiver acima do peso considerado ideal pelos meios de comunicação.

> A maior cobrança estética é em relação ao peso. Tem aí uma cobrança no peso, ninguém vai querer uma apresentadora gorda. Desculpa é verdade, você vai estar gorda, vão te tirar do ar, é cruel, mas é verdade (...). Para os homens essa cobrança é totalmente diferente. Você vê assim um pouco esse cara tá um pouco mais gordinho, você sabe que ele precisa dar uma emagrecida, que vai ficar feio no vídeo, e fica feio no vídeo mesmo, mas não tem tanto a obrigação estética, o homem não tem que ficar maquiando. Mulher exige muito mais produção para estar mais apresentável no vídeo, pro o homem é muito mais fácil, dá até raiva" (ENTREVISTADA E, 2018).

Por fim, foi elencado especificamente mais um marcador o da idade, apontando que no jornalismo, a credibilidade da(o) profissional é fundamental e isso é adquirido com o tempo e com experiência. No entanto, no jornalismo

esportivo, essa maturidade é reconhecida nos homens, mas não nas mulheres, cuja aparência envelhecida é desvalorizada e inaceitável.

> O problema é que a TV é cruel com as mulheres, principalmente, por causa da idade. Ninguém quer uma apresentadora 90 anos, quando você vai ter mais maturidade para aguentar toda a pressão, então você tem que aproveitar o momento você tá bem pra ser usada na TV e adquirir maturidade, que mulheres de 25 a 30 anos não vão ter com uma de 40 anos, 50 que já estão há muito mais tempo. Mas aí já começa a ficar cruel porque já não é mais tão prestigiada porque já não têm aparência tão nova, é muito louco, né? Esse caminho é muito ingrato com as mulheres, com homens parece muito mais fácil. Para homens, quanto mais velhos, mais experiência e mais credibilidade passam. Tem muito no jornalismo em geral (saindo do esporte), apresentadoras mais velhas que só vão sair da TV quando morrer, porque passam credibilidade para um assunto que é muito sério, então, quanto mais velho você for, melhor. Mas para a minha área, do esporte, do entretenimento aí é mais cruel ficar mais velha (ENTREVISTADA E, 2018).

Em relação à aparência física, nota-se que muitas apontaram a beleza (no padrão mediático) como uma característica que interfere na decisão da contratação de uma jornalista para um programa esportivo. Dentre essas características destacou-se a magreza e a jovialidade, cuja manutenção é dificultada com o tempo. Observa-se, portanto, que a preocupação com essas questões ainda está presente no universo das mulheres que trabalham nessa área.

5.4.3 Assédio

Apesar de ser um tema que tem ganhado espaço nas agendas de discussão, assédio ainda é um assunto difícil de ser abordado, inclusive no ambiente de trabalho, onde a dependência pelo emprego é fator decisivo. Na contemporaneidade, vemos diversas mobilizações realizadas com intuito de discutir essas relações nos meios de comunicação, como por exemplo, a campanha #agoraéquesãoelas, quando o ator José Mayer foi denunciado por assédio por Su Tonani (figurinista da Globo); e demais figurinistas, atrizes, diretoras e outras funcionárias se mobilizaram e assumiram o lema: “mexeu com uma, mexeu com todas”. Além desse, ainda há diversos outros casos de

denúncias de abuso e/ou estupro que tem surgido, como o acontecido contra diretores Paul Haggis e James Toback, por exemplo.

Em relação especificamente ao jornalismo esportivo, em 2018, foi lançado o manifesto #DeixaElaTrabalhar, com intuito de defender o trabalho das mulheres no esporte. A iniciativa contou com 52 jornalistas que trabalham com esportes que objetivam lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações (GLOBOESPORTE, 2018). Portanto, é possível analisar que essa situação é presente no dia a dia das jornalistas que trabalham nesse campo. E isso também está presente nas entrevistas realizadas.

> Então tem algumas pessoas que são super respeitosas, tem outras que não, tem outras que falam das suas coxas e você tá lá ao vivo e o cara tá lá do seu lado secando suas coxas e falando, nossa o que você fez que está com essas coxas tão maravilhosas? Gente, eu tô trabalhando, domingo à noite, entendeu? (...) Como foi com um jogador do Palmeiras que está na ativa, que foi no programa e pegou o número do meu telefone com o produtor do programa e me ligou, primeiro me adicionou no *WhatsApp* com papo furadíssimo de que eu era ótima apresentadora, como eu conduzia bem o programa, aí o próximo passo foi começar falar que eu era bonita e ele é casado e tem filha, filha. E é assim, é o que eu estou falando, é educação (ENTREVISTADA F, 2017).

> Teve bastante assédio, assédio do tipo, chamada por telefone, perguntas se tem namorado (durante entrevista), coisas que a gente tira de letra e continua o trabalho (ENTREVISTADA A, 2017).

Os dois casos acima apontam abordagens inapropriadas em momentos também inapropriados, o que dificulta uma reação de desaprovação mais enfática ou agressiva por parte das mulheres, já que estão em seu ambiente de trabalho. O primeiro caso, observa-se ainda a aprovação da própria empresa em relação às situações invasivas sofridas por suas funcionárias, já que há o envio do número do telefone, sem antes consultar a apresentadora.

Outro caso, foi da apresentadora que apontou seu descontentamento na forma como sua postura é interpretada.

> você não pode ser bonita, você não pode falar bem você, não pode ser simpática, senão você está dando a entender que você não tá ali só para trabalhar. Isso sofri muito e isso é um ponto muito negativo (ENTREVISTADA E, 2018).

É interessante que verificamos neste trabalho que a beleza física (no padrão mediático) é um dos requisitos para contratação de uma mulher na área do jornalismo esportivo. Já no depoimento está presente o desabafo de que se jornalista for bonita e simpática será mal interpretada, nesse sentido, percebe-se que o assédio é inevitável, já que para ser jornalista é necessário ter determinado padrão de beleza, por outro lado, mulheres com esse determinado padrão de beleza sofrerão assédio.

Outra apresentadora iniciou o assunto, mas pediu para desligar o gravador e não registrar a conversa (pedido que foi respeitado), no entanto, apesar do conteúdo não ser exposto neste trabalho, é interessante ressaltar esse silenciamento da apresentadora mesmo em situações como a desta entrevista realizada em que não haveria exposição dela frente ao seu ambiente de trabalho: “Eu acho que algumas coisas .... é ... desliga só um instantinho ....”.

Foi ainda salientado pelas entrevistadas a importância da postura da mulher nesse ambiente, com intuito de evitar o assédio. Essa ideia de transferir a responsabilidade da atitude do outro (assediador) para quem recebe essa atitude (assediada), infelizmente, é muito comum na sociedade brasileira e acaba por justificar o injustificável. Nessas entrevistas foi comum verificar a oscilação entre: “é um ambiente assediador” e “a mulher precisa ter determinada postura”.

> A gente tem que manter nossa sexualidade imaculada, porque uma vez que a gente sai com um jogador você vai pegar uma fama e isso afeta sua credibilidade no jornal. Então foram muitos anos e nãos, até que hoje não passo mais por isso. Mas no começo foi difícil, inclusive pelos caras verem minha função, uma mulher que está num ambiente cheio de homens (ENTREVISTADA A, 2017).

> Tem a postura da menina, a menina tem que ir com uma roupa que não chame muito a atenção que se ela for com uma roupa x o jogador vai dar em cima, às vezes você pode estar horrorosa, ser a mulher mais feia do mundo, mas o cara vai dar em cima, porque ele acha que você está à disposição dele (ENTREVISTADA F, 2017).

> Tem muito que você saber se posicionar, é claro que você pode estar fazer tudo certinho e chegar um maluco ... eu vou rir, eu tentaria levar na esportiva porque estou gravando, mas sei que há casos de coisas ruins, eu sei de pessoas que processaram por assédio sexual de chefes que falaram x, y, z, graças a Deus, nunca aconteceu comigo. Mas acho que se acontecesse, talvez eu tentasse levar adiante, porque também ninguém merece (ENTREVISTADA B, 2018).

E a transferência dessa reponsabilidade passa para outras mulheres ou para si mesmas, onde estão constantemente avaliando, sendo avaliadas e se auto avaliando. No depoimento a seguir, percebe-se essa avaliação à outras mulheres, as responsabilizando pela existência do estereótipo de que as jornalistas estão nessa área do esporte por interesses além do trabalho. Nesse sentido, o conceito de formação e criação de estereótipos é justificado e formalizado erroneamente a partir das ações femininas, quando deveria ser criticada a cultura machista enraizada em nossa sociedade.

> Então, isso é um ponto muito negativo que me fez pensar muitas vezes no que eu estava fazendo. Sabe por que não queria isso, essa facilidade para conseguir as coisas em alguns momentos, “legal, vou falar com aquela repórter que ela tem uma aparência melhor”, e de repente eu consigo uma coisa, isso me beneficiou em alguns momentos, mas aí você tem que saber que está trabalhando e você tirou proveito, então a parte negativa foi um pouco de falta de respeito e o estereótipo que às vezes algumas mulheres causavam e assim de fato algumas você via que não estava ali só pelo trabalho e isso refletia naquelas que estavam (ENTREVISTADA E, 2018).

A responsabilidade do assédio também foi creditada à própria entrevistada que se auto avaliou, justificando que sua personalidade pode ser mal interpretada e que precisa verificar essa sua postura. É interessante que o jornalismo esportivo é mais informal que o tradicional, portanto, ser comunicativa, extrovertida e alegre deveria ser incentivado e não alvo de justificativa de atitudes machistas e invasivas.

> Brinco e faço várias palhaçadas e por isso inclusive muita gente não me respeita ou por isso muitas vezes as pessoas passam dos limites comigo, de jogador de futebol pegar meu telefone e me ligar a noite, de repórter outras emissoras pegar meu telefone e me ligar bêbado a noite da globo entendeu? Tipo você está no grupo de *WhatsApp* só de jornalista e o cara vai lá na surdina e pega seu celular e te liga. Agora você tem que pensar o seguinte é de novo isso depende também um pouco da gente (ENTREVISTADA F, 2017).

> Pra provar mesmo que você é uma pessoa que tem princípio está ali para trabalhar você tem que às vezes ter uma postura um pouco mais séria do que você é, eu sou uma pessoa muito brincalhona, uma pessoa que faz amizade fácil com todo mundo, então estou sempre sorrindo e às vezes é mal interpretado (ENTREVISTADA E, 2018).

Por fim, destaca-se o depoimento de uma das entrevistadas que compreende que a postura da mulher (nesse caso, reação pós assédio) muda conforme a compreensão dela do que é assédio. Ter conhecimento de que certas atitudes e brincadeiras não são corretas e a mulher não precisa aceitar é um passo fundamental para enfrentar situações de assédio.

> Não tem jeito e depende muito da mulher, *eu já tive fases de ser mais permissiva, talvez por ser muito menina e não ter noção de que aquilo é um abuso*, e agora que eu sou mulher eu tenho um pouco mais de noção que dependendo da forma como um cara olha para mim, ele está invadindo. Se ele toca em mim de um jeito que eu não permiti porque eu não tenho intimidade com ele, ele está sendo invasivo. Então tem uma série de questões que também vai da maturidade da mulher e que quando a gente é mais nova não entende (ENTREVISTADA F, 2017).

Para finalizar destaca-se o depoimento abaixo de uma das jornalistas entrevistadas a respeito de uma situação de assédio. O caso ficou para o final, pois não ocorreu no exercício de sua profissão (objeto desta pesquisa), mas quando ela ainda era adolescente, mas vale ser ressaltado já que envolve o meio esportivo. Além disso, casos como esse não devem ser silenciados jamais.

> Eu tenho uma história muito boa para lhe contar, o Túlio foi jogar em minha cidade. Eu era apaixonada, achava o Tulio maravilhoso, por isso falei para minha mãe: “pelo amor de Deus me leva no hotel para eu tirar uma foto com o Tulio”. Eu tinha 12 anos e minha mãe me levou, chegando lá eu pedi o autógrafo, ele autografou o papel e falou assim: “você que ir ao meu quarto?” E eu falei: “quero”. A minha mãe me deu um tapa na recepção do hotel, pegou meu braço e falou: “você nunca vá num quarto de um homem, se você não quiser transar com ele, porque ele não está te convidando para trocar figurinha com você, ele está te convidando porque ele está interessado fisicamente em você”. Eu nunca mais na minha vida me esqueci daquilo (...). Dali, eu aprendi que eu não poderia subir no quarto de um jogador. Só que eu tinha 12 anos, eu precisei que minha mãe me explicasse isso, porque ela já era uma mulher feita, eu estava encantada com o Tulio, mas nem sequer pensei na possibilidade, eu era virgem, brincava de boneca. Então é assim, eu volto a falar o negócio é educação (...). E assim a coisa é muito, muito grave porque tem criança que é abusada. Você veja, se eu não estivesse com a minha mãe, que não queria me levar porque sabe que jogador de futebol é chucro, muitos deles, (pouquíssimos são sensacionais como o Raí ou um Hernanes) e quando aquilo aconteceu ela ficou chocada, agora e uma menina que não tem uma mãe como eu tenho? (ENTREVISTADA F, 2017).

A partir desse depoimento, pode-se verificar que o assédio no campo esportivo, não é restrito às jornalistas (alvo desta pesquisa), mas no caso, até uma adolescente de 12 anos pode passar por isso, mesmo sem ter compreensão do que está de fato acontecendo. Esse e os demais depoimentos aqui reportados salientam a importância de campanhas como a “#DeixaElaTrabalhar# e que no Brasil ainda há muito que ser modificado.

5.4.4 Percepção de feminilidades e/ou masculinidades no ambiente

A construção da mulher no esporte ocorreu a partir de conceitos biológicos que reforçavam a hegemonia masculina e a submissão feminina, contribuindo para a ideia de inferioridade feminina na prática atlética e, portanto, de necessidade de transformação do corpo feminino para inserção no campo esportivo. Nesse sentido, as mulheres sempre estiveram em desvantagem, já que o esporte era considerado um meio de construção apenas de masculinidades e não também de feminilidades (DEVIDE, 2005, p. 44), cabendo às mulheres a possibilidade de participação nesta atividade apenas ao longo do século XX.

Considerando o contexto histórico da inserção da mulher no esporte e no jornalismo esportivo, é inegável o aumento do espaço destinado a elas. No entanto, apesar desses avanços consideráveis nas condições de participação das mulheres nos últimos cem anos, o esporte continua a ser um veículo para a construção da ideologia de gênero (THEBERGE, 2000, p. 331) e continua sendo um espaço demarcado mais por masculinidades do que feminilidades.

Em relação a essa questão, a maioria das entrevistadas apontou que o ambiente é predominantemente masculino, mas que as mudanças são muitas desde que ingressaram na área. O primeiro depoimento apontado retrata justamente que desde a infância, a área esportiva é demarcada como masculina.

> Ela tem que concorrer com os homens e naturalmente isso não é uma área dela, por exemplo, a menina não cresce assistindo futebol naturalmente ou não crescia, né? Assim, os homens a tem um pouco mais essa cultura, então ela tem que lidar também um pouco com isso (ENTREVISTADA A, 2017)

Por outro lado, a Entrevistada A (2017) já aponta a visualização de uma mudança quando relata que as meninas “não cresciam vendo futebol”, mas que no presente isso pode ser diferente. Convém também apontar que mesmo sendo um setor masculino a Entrevistada D (2018) acredita que seu trabalho foi e é reconhecido e que os homens gostam da voz feminina em matérias ou trechos curtos de jogos (posteriormente a mesma entrevistada irá abordar que em narrações de jogos completos a voz feminina ainda não é aceita). Por fim, reforça que é um ambiente masculinizado, onde a maioria dos homens não admite que uma mulher possa ter mais conhecimento esportivo do que eles, mas que ela aceita essa situação e respeita esse posicionamento deles.

> Eu senti que era mais masculino no início (...). Agora, no início, é claro que você sente algo do tipo: “ah, é mulher e tal”, mas da mesma forma que percebi isso, a aceitação em relação ao meu trabalho também foi muito boa. Homem adora ouvir mulher falando, narrando as coisas (em reportagens ou trechos pequenos de jogos), porque é uma voz diferente da dele, tem outra pegada, tem outra maneira de ver as coisas, de passar essa emoção. Então, eu sempre tive a sensação de que gostavam do meu trabalho desde o início. Mas, sim, ainda é um ambiente masculinizado, onde a maioria dos homens (até por ter sido sempre um reduto mais masculino, o esporte) sempre tem aquele tipo de pensamento “ah eu sei mais”. Ah, então, eu nunca

> nem tentei muito discutir, eu não tento discutir. É claro que quando estou acompanhando uma competição todo dia, dou uma opinião e até comento, mas é isso. Não tem problema, deixa eles com a paixão também, porque acho que tem muita paixão pelo esporte principalmente o futebol aqui no Brasil, e eu respeito a camisa do outro (ENTREVISTADA D, 2018).

Da mesma maneira a (ENTREVISTADA B, 2018) ressalta que é um ambiente masculino, mas que ser mulher nesse ambiente tem suas vantagens, pois se destaca dos demais jornalistas e recebe uma atenção especial das(os) entrevistadas(os), no caso ela cita um acontecimento por ela vivenciado onde conseguiu a atenção do presidente do time do São Paulo pelo fato de ser mulher e esse ainda enfatiza para os demais jornalistas que ela é quem deveria ser notícia (não ele).

> Eu acho que sempre acharam legal você ser mulher. É legal ter uma mulher que faça as coisas, senão chega num lugar e só tem homem, as pessoas falam: “poxa!”. Olhe o que aconteceu comigo essa semana para você ter uma noção do panorama: eu estava no treino do SP, eu era a única mulher naquela hora, geralmente tem umas duas ou três, geralmente tem..., mas na hora que eu estava ali no campo eu era a única mulher. Tinha acabo de abrir para a imprensa e a gente só ia ficar 15 minutos, e aí eu estava li na grade, já tinha gravado minha passagem, porque a gente tinha pouco tempo e estava esperando os meninos, aí de repente os fotógrafos me pediram para sair da frente, aí eu vi que estava vindo o presidente do São Paulo, ou seja, eu estava atrapalhando a imagem ... aí vim me encostei para não atrapalhar o coleguinha, aí o Leco viu e disse, "pô, estão de brincadeira, vocês estão filmando a pessoa errada, olha só, é muito melhor do que eu, filma ela", brincou, e foi lá falar comigo e me cumprimentou, então, entendeu? você meio que quebra um pouco aquele ambiente, aí também vai da sua postura, para você chegar lá, você tem que ser uma pessoa séria, senão você também não ganha o respeito, entendeu? Então, é assim, é uma linha muito tênue, porque é um ambiente masculino, sim, é o futebol, você está lá e beleza (ENTREVISTADA B, 2018).

Em outro momento a entrevistada cita novamente essa condição favorável de ser mulher em um ambiente masculino que lhe facilitava conseguir entrevistas e lhe proporcionava oportunidades de alcance e proximidade com atletas.

> Eu comecei no automobilismo, onde só tem homem, é difícil, tem poucas pilotos (agora aumentou um pouco). Eu chegava só tinha homem, então, por eu ser mulher era até bom, porque eles tinham algo assim: “aí que bom, finalmente uma mulher para vir falar com a gente, aqui só tem homem” ... e só tem homem mesmo, o cara não aguenta mais ver homem, então por eu ser mulher, eu tinha uma porta de entrada, eu chegava e quebrava um pouco o clima e era legal (ENTREVISTADA B, 2018).

Além desses fatores, o aumento da participação feminina foi citado também nas entrevistas. Nesse caso, houve depoimentos em que apontaram que o ambiente do jornalismo esportivo nos dias contemporâneos é praticamente igualitário, mas seguida a essa declaração aponta algo em que contradiz a igualdade por ela afirmada, como pode ser analisado no trecho a seguir.

> Esse é um ambiente totalmente masculino, apesar de eu ser relativamente nova na TV, mas ainda eu peguei uma fase que não tinha muita mulher, então você sente mesmo uma resistência. Eu peguei uma fase muito das primeiras repórteres começando em campo de futebol, treino que é um ambiente muito mais masculino então você sente uma falta de confiança e aí você tem que trabalhar muito mais duro para poder transmitir essa credibilidade, eu senti muito essa dificuldade. Eu acho que hoje é muito mais aberto. Hoje já está muito de igual para igual, *ainda tem um pouco de machismo de algumas pessoas*, *que diz que não é pra mulher é pra homem, que ele vai entender melhor vai falar melhor*, mas acho que hoje está muito igual (ENTREVISTADA E, 2018).

> Eu acho que está neutralizando, porque você liga em um programa de esportes *sempre há uma mulher*. Não existe um que tenha só homem ... assim, *pode até ser um pequeno espaço* ... sempre tem uma mulher, ou uma menininha lendo os *WhatsApp*, então hoje tem que ter uma mulher, fica muito chato só homem (...). Pra mulher realmente ter espaço, tem que ter credibilidade. Se você quer ser uma jornalista palhaça ou clubista, ok ... a partir do momento que a mulher cria uma identidade ela consegue se sustentar em qualquer programa esportivo, seja apresentando, sendo repórter, repórter de campo, que está aumentando*, na rádio Globo eu acho que hoje são 3, e aqui em Goiânia semana retrasada teve a primeira participação de uma repórter em campo. Olhe só, em 2017, é a primeira mulher. Eu fiz questão de ligar para ela e parabenizar. Demorou, mas chegou a hora* (ENTREVISTADA C, 2017).

No primeiro caso, a apresentadora afirma que há uma igualdade de espaços, mas seguido a isso, aponta que há um pouco de machismo e que para algumas pessoas o esporte ainda é um reduto masculino. Portanto, a ideia de

igualdade de oportunidades é resultado de uma comparação com o estado anterior (quando ela ingressou na área a 12 anos), observando que houve um aumento significativo de espaço para mulheres, do que uma análise comparativa com o espaço que pertence de fatos aos homens e às mulheres atualmente.

O segundo depoimento aponta que o ambiente do jornalismo esportivo não é masculinizado, nem feminilizado, mas neutro. No entanto, no decorrer de sua fala, seu discurso encontra-se com marcadores que apontam diferenças de participações entre homens e mulheres, sendo que em todos os casos a predominância é masculina, como por exemplo: “em um programa de esportes, sempre há uma mulher, pode até ser um pequeno espaço ... sempre tem uma mulher, ou uma menininha lendo os W*hatsApp*”. A presença de uma mulher em um programa pode não ser significativa, já que há programas com mais de 5 participantes, além disso, a função de manter o relacionamento com as mídias sociais também não é significativa nos programas de esportes, cujo objetivo é apresentar notícias e/ou debater sobre eventos esportivos, aliás, atividade que a própria entrevistada minimiza, pois coloca que uma “meninha” pode fazer isso.

Outro fator que se destaca em sua fala está relacionado ao seguinte trecho: “na rádio Globo eu acho que hoje são três, e aqui em Goiânia semana retrasada teve a primeira participação de uma repórter em campo. Olhe só, em 2017, é a primeira mulher. Eu fiz questão de ligar para ela e parabenizar. Demorou, mas chegou a hora”. Nesse momento, a jornalista enfatiza que na rádio Globo há 3 mulheres e que em Goiânia a primeira repórter de campo assumiu essa função em 2017, ela mesma aponta: “demorou, mas chegou a hora”. Cabe ressaltar que essa conquista não se estendeu a todas as mulheres, pois está citando ainda o primeiro caso.

Nesse sentido, é importante não ignorar os avanços femininos de participação no jornalismo esportivo, mas isso não significa que as conquistas são plenas, pois ainda não há uma participação quantitativa igualitária de ambos os gêneros (como visto no Capítulo 5.1) e ainda há funções exercidas majoritariamente por homens, como narração e comentários esportivos.

5.4.5 Mulheres nas funções de comentaristas e narradoras

À(ao) comentarista compete a função de “contextualizar a notícia, apresentando uma visão sobre os fatos, com observações e análises que ajudam

o cidadão a compreendê-lo e formar uma opinião acerca do assunto. Em resumo, ele deve enriquecer o que está sendo dito sobre determinado tema fazendo conexões entre fatos, agregando informações" (LEMOS apud PORTAL IMPRENSA, 2017, p.01). Além disso, é "responsável pela análise do jogo, da situação das equipes nos campeonatos e das declarações dos personagens envolvidos" (TAVARES, 2011), por isso, é importante que tenha um vasto conhecimento do esporte, das equipes, técnicas e momentos históricos importantes.

Já a narração é responsável por "ancorar o programa de aquecimento e relatar o jogo, interagindo com os demais integrantes e com os ouvintes" (TAVARES, 2011), por isso, é importante ter conhecimento a respeito das regras do esporte, bem como ter emotividade na fala.

Nesse sentido, são as(os) narradoras(es) e comentaristas responsáveis pelo debate aprofundado sobre a temática, bem como trazer informações adicionais a(o) telespectador/ouvinte. São as(os) profissionais responsáveis efetivamente pelo debate e produção do conhecimento esportivo no jornal televisivo. No entanto, como apontado no Capítulo 5.1, no período analisado nenhum dos programas da televisão aberta brasileira (veiculados na região metropolitana de Campinas) apresentou alguma narradora ou comentarista.

Para a Entrevistada A (2017), esse cenário acontece porque ainda existe um preconceito contra as mulheres, dessa forma, houve uma abertura em sua possibilidade de participação como apresentadora e repórter, mas apenas para essas funções, sendo que para comentários e narrações o espaço ainda pertence aos homens.

> Eu acho que existe uma barreira, eu acho que existe um preconceito. Eu acho que as mulheres estão apresentando, estão reportando fatos, mas ainda não tem espaço para que elas comentem, emitam sua opinião, para que elas tenham voz. No programa eu dou minha opinião, mas não é minha função. Minha função é ser apresentadora (ENTREVISTADA A, 2017).

Ainda em relação a isso, outra apresentadora reforça que isso ocorre devido à falta de oportunidades, pois acredita que muitas jornalistas gostariam de ocupar essas funções, inclusive ela. Mas por ser um campo masculino ainda não há oportunidades para as mulheres, inclusive ela citou que conheceu poucas

que tentaram ingressar como comentaristas e narradoras, mas não obtiveram retorno. Ela cogita ainda que isso pode ser decorrente da falta de interesse do público em ouvir uma narração na voz feminina, já que essa atividade se consolidou a partir de vozes masculinas, mas ressalta que pode ser apenas uma questão de hábito e que seria interessante as emissoras testarem reformular esse produto a partir de mais participações femininas nessas atividades.

> Tem apresentadora para caramba no esporte. Quanto à narradora e comentarista que ainda tem poucas, eu acho que é por causa da falta de espaço. Eu acho que muita mulher gostaria de narrar. Eu, por exemplo, uma das ideias também era de eu fazer narração. Mas ainda é um espaço bem masculino o da narração, e acho que tá difícil de abrir isso. E tudo bem, acho que as pessoas podem ter o gosto de achar que a narração tem mais a ver com a voz masculina, mas ao mesmo tempo, poderia se testar e ver como é que as pessoas reagiriam. Acho que da mesma maneira que os homens gostam de mulheres na hora de narrar os gols (os resumos dos gols para os programas), também podem gostar de uma mulher narrado o jogo (...). Mas eu cheguei a pensar nisso seriamente. Já vi algumas mulheres tentando, mas só. Talvez porque a maioria prefira mesmo os homens narrando, porque eles já estão fazendo isso a muitos anos e tá todo mundo já acostumado .... mas tudo é uma questão de hábito, de se habituar (ENTREVISTADA D, 2018).

A falta de convite para ser narradora e comentarista também foi citada em outro depoimento, mas nesse segundo caso, a jornalista não demonstra interesse na área, pois acredita que ainda precisa aprender muito para assumir essa função. É interessante ressaltar que quando ela vai apontar pessoas com as quais ela relaciona o trabalho de narração e comentário esportivo, ela relaciona com pessoas do sexo masculino: "*Caras* que sabem, que sacam muito de futebol", excluindo inconscientemente mulheres do espaço da sua fala.

> Nunca me falaram aqui se eu queria narrar ou comentar, para mim ninguém nunca falou nada disso, e eu mesmo nunca nem imaginei eu fazendo isso, eu na minha humildade sempre achei que isso era tarefa do nosso amigo Maurício Torres, **caras** que sabem, que sacam muito de futebol e acho que para narrar você tem que saber e se for comentar saber mais ainda, você tem que ter um histórico, mas é óbvio que para você narrar você também tem que saber. Vai também para aquele negócio de que você pode estudar e conseguir narrar, mas colocar emoção, eu não sei, eu quero até ver, juro! (ENTREVISTADA B, 2018).

A respeito da competência feminina para o trabalho, a Entrevistada C (2017) diz que a mulher ainda precisa de muita preparação para assumir os cargos de comentarista ou narradora, porque ela precisa comprovar eficiência e conhecimento para receber credibilidade nessa área e para tal é necessário adquirir experiência no jornalismo esportivo, incompatível com uma pessoa com menos de 40 (como foi o caso da jornalista de 28 anos que, segundo a Entrevistada, foi demitida por querer ser comentarista). Ela reforça ainda que sendo mulher a necessidade de reconhecimento do trabalho é maior: “Se você for novo, vai saber? Não vai, aí sua credibilidade cai, *ainda mais sendo mulher*. Se você é mulher e quer ficar nesse âmbito esportivo, você tem que ser muito boa”.

> Eu vou ser bem sincera com você. Não sei se estou equivocada ou se eu vou me arrepender de falar isso um dia, mas eu acho que a mulher como narradora, vai ser um pouco mais difícil. Eu acredito que isso possa um dia dar certo, só que essa mulher vai ter que ser muito boa. Ela vai ter que quebrar paradigmas. Eu acredito que isso vai acontecer, mas acho que vai ser mais difícil de ser sustentado (...), a pessoa vai ter que ser muito boa (...). Acho que esse é o segredo, o espaço tem, mas você tem de ser boa. Não pode ser qualquer uma. E em relação a ser comentarista, muita gente fala, ah porque você não quer ser comentarista? Vamos lá, hoje eu tenho 30 anos de idade. Os bons comentaristas de mesa redonda, o Juca Kfouri, Gian Oddi, Arnaldo ... todos tem mais de 40 anos de idade. Tem que ser experiente para isso. Você tem que ter experiência e bagagem. Não é porque você tem 20 anos de idade que tem credibilidade para ser comentarista. Hoje se me fizessem o convite para ser comentarista, eu falaria não. Eu falaria, eu preciso de mais experiência. Aqui em minha cidade, uma garota foi demitida da TV Anhanguera, porque ela queria ser comentarista com 28 anos de idade. Então, eu falo para todas as meninas que queiram ser comentaristas, seja repórter antes (...). Se você for novo, vai saber? Não vai, aí sua credibilidade cai, ainda mais sendo mulher. Se você é mulher e quer ficar nesse âmbito esportivo, você tem que ser muito boa (ENTREVISTADA C, 2018).

A ausência feminina nas funções de narração e comentários também foi apontada como resultado do não interesse de mulheres em não assumir esses trabalhos. Cabe aqui ressaltar que a Entrevistada E (2018) afirma que não conhece ninguém que queira ser narradora, mas é colega de trabalho da Entrevistada D (2018) que afirmou justamente que tinha o objetivo de ser

narradora. Nesse caso, é interessante apontar como a própria possibilidade de sonhar e compartilhar os sonhos em participar desse ambiente é de certa forma silenciada.

> Eu acho que tem muito menos interesse das mulheres em relação à narração. Como comentaristas não, porque hoje na televisão você vê muitas comentaristas mulheres, mas que vem com a experiência daquele determinado esporte então é uma ex atleta que vai comentar, na maioria dos casos não existe uma jornalista de vida comentando. Mas a questão da narração eu acho que é, por mim falando, que é falta de interesse, eu não teria vontade narrar. A narração ao vivo, eu acho que ainda não tem a ver com uma figura feminina, é uma coisa que vem de muita tradição de rádio, de transmissão de esportes muito mais masculino e então eu não teria vontade e com as pessoas que eu converso ninguém nunca me falou algo do tipo: “nossa, eu tenho uma vontade de ser narradora” (ENTREVISTADA E, 2018).

A jornalista também enfatiza que a narração ao vivo ainda combina mais com a voz masculina, já que há uma tradição aceita e consolidada em que os homens são responsáveis por essas funções.

Sobre essa ausência a Entrevistada F (2017) enfatizou mais de uma vez um programa da SporTV que ela considera uma exceção no espaço ofertado às mulheres e destaca a possibilidade de essas terem voz ativa nesse campo jornalístico.

> Eu vejo que a SporTV quando coloca Ana Thaís e a Mayra Siqueira sentadas do lado desses caras, o canal está dando voz para mulher falar sobre futebol, não só apresentando ou chamando uma matéria, elas têm voz ativa no sentido de falar da tática, de falar do que achou do jogador e tudo mais (ENTREVISTADA F, 2017).

Outra exceção citada foi em relação a outro canal fechado de televisão, a FOX. Nesse caso, a participação das mulheres como narradoras consiste em uma situação teste para ser lançada possivelmente no período da Copa do Mundo FIFA (junho e julho de 2018). Mas os questionamentos da entrevistada referem-se à possível ou não aceitação dessas profissionais pela(os) telespectadoras(es), perguntando-se “quem será que vai querer ouvir o que elas falam?”, segundo ela, muitos homens que entendem e gostam de futebol são preconceituosos com mulheres e tendem a ser intransigentes, inclusive, com

comentaristas e narradores do gênero masculino, o que maximizaria com a presença de profissionais mulheres.

> Essa semana eu vi um negócio que eu achei muito curioso são duas meninas na Fox, narrando jogo que teve da Libertadores do Palmeiras no Allianz Park, mas é um teste. Mas fiquei pensando, será que vão assistir? será que vão querer ouvir? quem é o público? porque a televisão é um veículo de massa, então, quem vai ligar para ver? Você tem que fazer o que as pessoas querem ver, é legal porque é diferente, mas fiquei pensando, “cara quem será que alguém vai querer ouvir o que elas falam, né?” Eu fiquei tentando responder essa pergunta. Talvez senhoras, ou pessoas que estão de saco cheio, porque eu acho que quem gosta muito de futebol, entende e é homem, tem um preconceito: "o que essa mulher tá comentando aí?” Por outro lado, meu marido mesmo que entende muito de esporte e gosta, ele reclama dos caras também que falam coisa errada. Então assim, eu acho que essa posição de ser narradora e comentarista é uma posição meio ingrata, porque tudo que você fala, alguém vai dizer que você falou errado, vai falar que é burro, e assim, de repente, colocar mulher, não sei se vai ... vai que quebra e as pessoas acham legal, diferente... mas eu não sei, eu acho que tem um caminho longo aí (...). Quando eles forem ao ar eu quero ver. Cara, deve ser no mínimo diferente. E eu espero que seja diferente, porque se for igual, qual é a graça? Eu acho que a malandragem seria fazer algo um pouco diferente. Falar algumas coisas diferentes, eu trabalho no esporte, mas faço comentários que o homem não faz, tipo: "gente, que corte de cabelo é esse?" Eu falaria isso na narração, porque assim se você está falando de futebol, mas é também entretenimento. Mas eu acho que aí você tem que tomar cuidado, senão vira farofa. Você não vai deixar de fazer o conteúdo, precisamos fazer o correto. Eu estou curiosa para ver isso aí (ENTREVISTADA B, 2018).

Por fim, ela conclui que gostaria de conhecer esse trabalho e que está bem curiosa com a atuação das novas narradoras, suas expectativas é que o trabalho delas seja diferente dos trabalhos convencionais e que elas coloquem um “toque feminino” na transmissão dos jogos.

A presença de mulheres como narradoras e comentaristas ainda é ínfima (conforme pesquisa realizada em novembro de 2017 não havia nenhuma mulher nessas funções nos programas de esportes da televisão aberta brasileira veiculados na Região Metropolitana de Campinas, presente no Capítulo 5.1 desta tese), mas tem apresentado algumas exceções no caso dos canais fechados. De acordo com as entrevistas essa baixa participação pode ser justificada por diversos fatores sendo os principais: falta de interesse das

mulheres; falta de oportunidades por parte dos canais; ausência de experiência sólida na área, o que impossibilitaria o trabalho; e não interesse por parte da audiência.

5.4.6 Outras dificuldades enfrentadas

Como apontado neste trabalho, a inserção de mulheres no jornalismo esportivo se deparou com barreiras e preconceitos diversos. Dentre alguns depoimentos de jornalistas a respeito dessa situação citamos o caso ocorrido com Regiani Ritter, que precisou enfrentar o superintendente da Gazeta para estrear na rádio, pois, conforme ele, “a informação esportiva perderia credibilidade na voz de uma mulher no rádio” (apud MARTINS, 2016b). Nesse cenário, as mulheres jornalistas tiveram de enfrentar o preconceito de gênero em relação aos colegas de trabalho, público, esportistas e juízes, e, consequentemente, a necessidade de quebrar tabus e provar que uma mulher pode compreender e discutir a respeito do mundo esportivo.

Dessa forma, além dos casos já debatidos como assédio, baixa oportunidade de participação efetiva e cobranças estéticas, para inserir nesse ambiente as mulheres tem suas capacidades e conhecimentos subestimados, podem ser tratadas com grosseria quando entrevistam alguém que está irado, são interrompidas e enfrentam dificuldades em conciliar vida profissional com vida pessoal.

Nas entrevistas realizadas, dentre as dificuldades apontadas, destacou-se também a necessidade de provar o conhecimento esportivo, ser testada com frequência e ser cobrada com mais rigor. A subestimação do conhecimento esportivo das mulheres foi algo presente na vida das jornalistas, que precisaram se dedicar com mais afinco do que os colegas do gênero masculino para serem reconhecidas e admitidas publicamente. Ou seja, para a compreensão de que os méritos e sucesso foram obtidos por elas estiveram relacionados aos conhecimentos esportivos e dedicação ao trabalho e não alcançados a partir da aparência física (já que a beleza ainda é um parâmetro para contratação de uma mulher para trabalhar no jornalismo esportivo televisivo).

> Na televisão ainda tem muito aquele negócio “você é bonitinha, vai lá e faça”. Só que isso vai refletir na carreira dela mais à frente, se ela não se dedicar não tiver construído uma base sólida para se sustentar, na hora que vier um furacão ela não se sustenta. Porque essa que veio porque saiu com o chefe, porque é mais bonitinha, porque têm indicação, se ela não tem essa base sólida, não vai se sustentar (ENTREVISTADA E, 2018).

Como apontado por elas, ainda é comum, oportunidades serem oferecidas às mulheres a partir de uma análise estética e não curricular o que interfere no exercício da própria profissão e nas responsabilidades que lhes são confiadas. Como elencado pela Entrevistada E (2018), no início, a ela eram confiadas matérias e coberturas consideradas menos importantes e que precisou se dedicar o triplo que os colegas homens para se consolidar nesse ambiente masculinizado. No entanto, acredita que hoje essa conquista já foi alcançada e que as novas jornalistas não precisam mais provar que uma mulher é capaz de atuar no jornalismo esportivo de maneira eficiente.

> Era um desdém do tipo: “é vai lá, faz essa matéria, vamos ver o que sai, vai lá participar da transmissão de um joguinho de várzea, só pra ir”. No meu caso, eu estudei sempre muito. Tudo que eu fiz, eu fiz com muita dedicação com muito conhecimento e com humildade para saber que eu tinha que aprender, que eu acho que é mais importante: o estar ali dando a cara a bater pra aprender mesmo e funcionou, funcionou muito comigo, essa coisa de saber que talvez essa coisa de eu ser nova e estar entrando no meio tão masculino que eu ia ter que de fato estudar o dobro me esforçar o triplo e deu certo (...). Hoje essa questão de provar a credibilidade já foi superada, todo mundo vê que uma mulher tem capacidade de fazer tão bem quanto um homem e dão muito mais chance para as mulheres hoje provarem se realmente conseguem, aquela coisa de que hoje você precisa trabalhar dobrado, triplicado para provar que você tem competência mudou (ENTREVISTADA E, 2018).

Já a Entrevistada C (2017) e Entrevistada A (2017) concordam que a cobrança por ser mulher ainda existe, e pensam que isso ainda não foi superado em sua totalidade e, por isso, as jornalistas ainda são testadas para que seu trabalho seja visto sem desconfiança. Para a Entrevistada C (2017), isso é positivo e acredita que é importante essa cobrança, pois incentiva as mulheres a se dedicarem mais à profissão e aos estudos; já para a jornalista A isso deveria ser mudado e as mulheres já deveriam assumir os cargos nessa editoria a partir de méritos pela competência, ou seja, ser contratada a partir de uma análise

curricular que visualize a participação dela como efetiva na produção do conhecimento esportivo, e não ser contratada por outros requisitos e depois ter de passar a jornada profissional provando sua competência.

> Tem cobrança maior por ser mulher. E eu acho até bom ter, para gente se especializar mais, a gente ser mais interessada nos assuntos. Porque ser jornalista não é fácil. Quem é preguiçoso, não deve fazer jornalismo. Jornalista não pode viver na zona de conforto, tem que ser criativo (ENTREVISTADA C, 2017).

> Eu acho que nessa área o ideal seria entrar pelo mérito, pela competência e pela capacidade, mas eu acho que o fato de ser mulher é é é bem é bem desafiador e tem muitas dificuldades porque a mulher precisa provar que sabe, que é boa no que faz, que entende, que é competente (ENTREVISTADA A, 2017).

Essa situação de subestimação do conhecimento não ocorre apenas nas relações de trabalho com chefias e por isso não afeta restritivamente as responsabilidades que lhes são confiadas, mas também repercute na realização do próprio trabalho, interação com atletas, treinadores, torcedores, dirigentes e juízes e na obtenção de informação por parte desses. Conforme Entrevistada A (2017), nem sempre as(os) entrevistadas(os) se comportam da mesma maneira quando são abordados por homens e mulheres, e para ela, elas(es) tendem a oferecer informações mais detalhadas e específicas quando são questionadas(os) por jornalistas do gênero masculino.

> Na parte de esporte, ainda tem, acho que ainda tem. Inclusive uma pergunta feita por uma mulher pode não ter o mesmo tipo de resposta por uma pergunta feita por um homem. Nem sempre as respostas dadas às mulheres são tão coerentes e completas como as dadas para um homem (ENTREVISTADA A, 2017).

Outro fator apontado reforça essa desqualificação que são julgadas e como isso interfere nos tratamentos que recebem na prática profissional. Segundo a Entrevistada A (2017) e Entrevistada F (2017) existe uma tendência de as mulheres serem tratadas com grosseria ao realizarem entrevistas em momento de *stress* (geralmente pós derrota em alguma partida). No primeiro caso o tratamento “oh menininha vamos fazer um jornalismo sério?” e o sentimento de ofensa expressado pela segunda jornalista ao acontecido com

uma colega de profissão e o sentimento de alívio por não ter trabalhado diretamente em beira de campo (“mas é uma afronta, sabe, graças a Deus eu nunca fiz beira de campo”) expressam essas dificuldades e como se sentem destratadas, desqualificadas e desrespeitadas no exercício desse tipo de trabalho.

> Foi no começo, ainda não existia muita mulher que fazia isso, nem tinha Renata Fan. E eu comecei a apresentar e eu perguntei uma vez pro Rogério Ceni, por exemplo: O São Paulo amarelou no jogo contra o Corinthians? Aí ele respondeu assim: vamos fazer um jornalismo sério, minha filha? Oh menininha (ela falou assim, eu era novinha), oh menininha vamos fazer um jornalismo sério? E eu falei, é o que todo mundo está comentando, e não tinha na época essa discussão sobre machismo (ENTREVISTADA A, 2017).

> Isso foi semana passada, o Lucas Lima, o Santos perdeu pro Bahia, o Lucas Lima é um jogador do Santos e a Fabíola que é repórter da SporTV foi entrevistá-lo pós jogo, normalmente, como é de praxe, só que como ele tinha perdido, ele não quis falar, aí ele virou e falou assim: “se você sabe que eu não vou querer falar com você, por que você vem me entrevistar?”. Tipo puto porque ele tinha perdido o jogo. Ela falou: “eu sou repórter, o meu papel é tentar te entrevistar”, ao vivo, entendeu? Se fosse um cara, eu não sei se ele iria falar desse jeito, eu acho que ele iria passar reto e falar: “não vou falar, não”. Se fosse um cara, eu acho que talvez ele não desse entrevista do mesmo jeito, porque ele tava bravo e chateado porque tinha perdido, mas é uma afronta, sabe, graças a Deus eu nunca fiz beira de campo, de gramado (ENTREVISTADA F, 2017).

Além disso, o *manterruption* também foi citado, nesse caso em específico a interrupção foi seguida de uma crítica ao trabalho da jornalista. A situação ocorreu na esfera pública (durante uma coletiva) na qual um colega jornalista se manifestou com intuito de silenciá-la não apenas pela interrupção, mas afirmando que a fala dela era repetida e que não havia necessidade de ter sido feita.

> Já sofri em situações assim, de eu estar em uma coletiva o jornalista grosso, estúpido não esperou eu terminar de fazer a pergunta e ele falou “essa pergunta já foi feita”. Mas eu respondi, “não, mas eu quero e se não eu quero refazer”. Aí ele calou a boca (ENTREVISTADA C, 2017).

Por fim, foram citadas dificuldades em conciliar vida pessoal, familiar e amorosa com a rotina do jornalismo esportivo. A maternidade foi o item que recebeu maior atenção nesse quesito, onde elas afirmaram que a não rotina de trabalho (sem horários fixos), as poucas folgas (apenas durante um dia da semana) e as viagens constantes dificultam a dedicação que gostariam de dar às/aos filhas(os).

> Não tem final de semana, não tem feriado, uma pessoa como eu que tenho filhos, eu tenho três filhos, eu trabalho de domingo à noite, eu trabalho de feriado e tem jogo de sábado que eu preciso acompanhar. Então, para uma mulher que é casada, que é mãe, que tem família, é uma profissão (o jornalismo em si já é uma profissão muito puxada para a mulher), em jornalismo esportivo ele é mais ainda, porque você tem jogos à noite, são vários os campeonatos nacionais e internacionais, então você tem que ter muita responsabilidade não é simplesmente você chegar no horário das 8 às 18h, fazer seu trabalho e depois fechar tudo e subir pra casa, não é um trabalho que é muito contínuo e é o tempo todo e você tem que estar atento o tempo todo (ENTREVISTADA A, 2017).

> Você viaja muito, acho que o pior é viajar, porque quando você está fazendo e está amarradona fazendo, é incrível ir viajar, mas se você tem filhos é mais difícil, com quem deixar a criança e você não vai com 100% de entrega ou se vai tem que estar em um outro estágio que ainda não é o que eu estou porque ela ainda está muito pequenininha, precisa muito de mim. É muito difícil (...), a gente trabalha de fim de semana, feriado, eu só folgo domingo, e folgo duas segundas no mês (ENTREVISTADA B, 2018).

> O jornalismo tem muita viagem e tenho que me adaptar e recorrer à minha mãe. Meu marido fica super com ela, mas a criança quer a mãe. A minha filha é muito grudada em mim, é muito difícil, e tem que valer muito a pena. Isso acontece em todas as profissões, mas no caso do jornalismo você não tem uma rotina certa (ENTREVISTADA E, 2018).

No último depoimento vale ainda ressaltar a concentração de atividades relacionadas ao cuidado da filha na pessoa da mãe. No caso da família da entrevistada, percebemos que mulher e homem continuam assumindo as divisões tradicionais na família, onde a mãe se responsabiliza pela criança e o pai é um coadjuvante nesse cenário, tanto que quando ela precisa de fato de ajuda com a filha (quando vai viajar, por exemplo), diz que recorre à avó da criança, ao invés do pai.

Nesse sentido, apesar dos avanços da participação feminina nos programas esportivos apontados pelas entrevistadas, ainda há um cenário de dificuldades a serem superadas: assédio, baixa oportunidade de participação efetiva e cobranças estéticas, capacidades e conhecimentos subestimados, podem ser tratadas com grosseria quando entrevistam alguém que está irado, são interrompidas e enfrentam dificuldades em conciliar vida profissional com vida pessoal, principalmente com a maternidade.

Ao ingressarem no ambiente ainda masculinizado, essas jornalistas precisam se posicionar de maneira firme para lidar com as adversidades e conquistarem de fato o espaço que almejam e merecem. A maioria acredita que existam mudanças significativas desde que ingressaram e que o cenário cada dia tem se tornado mais favorável à entrada e participação feminina e aconselham mulheres que desejam seguir essa carreira a investirem nos estudos e novas línguas, sabendo que terão de se dedicar com afinco, pois terão rotinas de trabalho excessivas.

6 ANÁLISE DOS PROGRAMAS PORTUGUESES

No período de 20 de abril a 20 de maio de 2017 foram analisados os seguintes canais da televisão portuguesa: SIC, SIC Notícias, RTP1, RTP2, RTP3, TVI e TVI 24, os quais veicularam 190 edições de programas de esportes (não repetidos). Destes, a TVI 24 foi responsável por 82 edições de programas, a SIC Notícias por 36 edições, a RTP3 por 37 edições, a SIC por nove edições, a TVI por uma edição, a RTP1 por 22 edições e a RTP2 por três edições.

Em relação às 22 edições veiculadas no canal RTP1 referiram-se aos seguintes programas:

- A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio: Programa de debate a respeito de acontecimentos históricos do futebol

- Automobilismo – Rally: Transmissão do campeonato de Rally em Portugal

- Especial Ciclismo: Resumo da corrida anual de ciclismo de estrada Liège-Bastogne-Liège (Bélgica)

- Futebol Europeu: Transmissão de comentários e parte de jogos de futebol da Europa

- Futebol de Praia: Transmissão do campeonato mundial de vôlei de praia

- Futsal: Transmissão do campeonato nacional de futsal masculino

- Liga dos Campeões (resumo): Transmissão e debate dos principais acontecimentos futebolísticos

- Liga dos Campeões (flash e golos): Transmissão de parte de jogos de futebol

As edições destes programas veiculadas no período estudado encontram-se disponíveis na Tabela 42.

Tabela 42: Grade de programação de esportes da RTP1 (22 programas)

Data	Horário	Programa
23/abr	03:51	A grandiosa enciclopédia do Ludopédio
23/abr	03:25	Liga dos Campeões Magazine
24/abr	01:19	Ciclismo Liege
28/abr	21:53	Futebol Praia: Portugal x Panamá –
30/abr	21:53	Futebol Praia: Portugal x Paraguai –
30/abr	14:25	Futsal: Sporting x A Definir
30/abr	01:37	A grandiosa enciclopédia do Ludopédio
30/abr	01:06	Liga dos Campeões Magazine
02/mai	21:40	Liga dos Campeões (resumos)
02/mai	19:30	Real Madrid x Atl. Madrid
03/mai	23:50	Liga dos Campeões (resumos)
04/mai	21:53	F. Praia: Brasil x Portugal
07/mai	02:40	A grandiosa enciclopédia do Ludopédio
07/mai	02:11	Liga dos Campeões Magazine
08/mai	02:00	F. Praia: Brasil x Tahiti
09/mai	23:00	Liga dos Campeões (resumos)
10/mai	22:00	Liga dos Campeões (resumos)
10/mai	21:38	Liga dos Campeões: flash e golos
10/mai	19:30	Atl Madrid x Real Madrid
14/mai	01:53	A Grandiosa Enciclopedia do Ludopédio
19/mai	19:00	Automobilismo
20/mai	11:20	Automobilismo: Rally de Portugal

Fonte: Própria.

Na RTP2, as três edições referiram-se a apenas dois programas (conforme pode ser visualizado na Tabela 43): Millenium Estoril Open (transmissão da edição do campeonato de Tênis Millenium Estoril Open 2017) e Hóquei (transmissão da liga europeia de hóquei de patins masculino).

Tabela 43: Grade de programação de esportes da RTP2 (três programas)

Data	Horário	Programa
06/mai	15:00	Millennium Estoril Open 2017
13/mai	18:27	Hóquei: Benfica x Reus
13/mai	16:12	Hóquei Barcelona x Oliveirense

Fonte: Própria.

Em relação às 37 edições veiculadas no canal RTP3 referiram-se aos seguintes programas:

- A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio: Programa de debate a respeito de acontecimentos históricos do futebol

- Automobilismo – Rally: Transmissão do campeonato de Rally em Portugal

- Especial Ciclismo: Resumo da corrida anual de ciclismo de estrada Liège-Bastogne-Liège (Bélgica)

- Especial: Sporting x Benfica: Informação e transmissão de partes da partida do campeonato português

- Especial UEFA: Informação e transmissão de partes da partida do campeonato europeu

- Futebol Liga dos Campeões (resumos):

- Grande Área: Programa de discussão futebolística

- Millenium Estoril Open: Transmissão da edição do campeonato de Tênis Millenium Estoril Open 2017

- Trio d'Ataque: Programa de debate a respeito do futebol

As edições veiculadas no período estudado encontram-se apontadas na Tabela 44, disponível a seguir.

Tabela 44: Grade de programação de esportes da RTP3 (37 programas)

Data	Horário	Programa
20/abr	23:05	Grande Área
20/abr	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
22/abr	22:00	Especial 3 - Sporting x Benfica (Pós
22/abr	18:15	Especial 3 - Sporting x Benfica (Pré
22/abr	15:10	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio
23/abr	22:00	Trio de Ataque
23/abr	14:30	Especial 3 – Ciclismo
23/abr	03:15	A Grande Enciclopédia do Ludopédio
27/abr	23:05	Grande Área
28/abr	13:00	Especial 3:UEFA Futsal Cup
29/abr	13:00	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio
30/abr	22:00	Trio d'Ataque
30/abr	10:30	Futebol: Magazine Liga dos Campeões
30/abr	03:20	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio
01/mai	13:00	Trio d'Ataque
02/mai	15:00	Millenium Estoril Open
02/mai	01:40	Millenium Estoril Open
03/mai	15:00	Millenium Estoril Open
03/mai	01:40	Futebol: Liga dos campeões (resumos)
04/mai	23:05	Grande Área
04/mai	15:00	Millenium Estoril Open
04/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
05/mai	03:00	Grande Área
05/mai	01:40	Millenium Estoril Open
06/mai	13:00	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio
06/mai	02:00	Millenium Estoril Open
07/mai	22:00	Trio d'Ataque
08/mai	13:00	Trio d'Ataque
10/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
11/mai	23:05	Grande Área
11/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
14/mai	22:00	Trio d'Ataque
15/mai	01:30	Trio d'Ataque
18/mai	17:10	Automobilismo: Rally Portugal
19/mai	13:00	Grande Área
20/mai	17:10	Automobilismo: Rally Portugal
20/mai	15:10	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio

Fonte: Própria.

Em relação à SIC, as nove edições estiveram presentes em dois programas distintos (como pode ser observado abaixo na Tabela 45), sendo estes: Liga Europa – Jogos (transmissão e debate a respeito do futebol europeu)

e Liga Europa – Resumos (debate e resumo de partidas do campeonato europeu de futebol).

Tabela 45: Grade de programação de esportes da SIC (nove programas)

Data	Horário	Programa
20/abr	20:00	Liga Europa
21/abr	01:55	Liga Europa: Resumos
04/mai	20:00	Celta x Manchester United
11/mai	20:00	Manchester United x Celta
12/mai	01:45	Liga Europa: Resumos

Fonte: Própria

Já as 36 edições veiculadas pela SIC Notícias referiram-se aos seguintes programas:

- Desporto: Programa de informação a respeito do desporto

- Edição da Tarde - Desporto: Programa de informação a respeito do esporte

- Especial Desporto: Programa de informação a respeito de um acontecimento especial do esporte português

- Liga Europa: Transmissão e debate a respeito do futebol europeu

- O Dia Seguinte: Programa de debate a respeito do futebol português

- Óh Sr. Árbitro: Discussões a respeito de acontecimentos excepcionais do futebol português

- Play Off: Programa de debate a respeito do futebol português

- Tempo Extra: Programa de informação e opinião a respeito do futebol português

As edições veiculadas no período estudado encontram-se apontadas na Tabela 46, disponível a seguir.

Tabela 46: Grade de programação de esportes SIC Notícias (36 edições)

Data	Horário	Programa
20/abr	01:40	O dia seguinte
21/abr	22:00	Especial Desporto
21/abr	03:25	Especial Liga Europa
22/abr	16:00	Especial Desporto
22/abr	04:50	Óh Sr. Árbitro T1 E5
23/abr	22:20	Play off Ep. 16
24/abr	21:50	O dia seguinte
24/abr	18:00	Edição da Tarde: Desporto
24/abr	16:30	Desporto
25/abr	23:00	Tempo Extra T3 Ep17
25/abr	18:20	Jornal da tarde: desporto
25/abr	16:30	Desporto
25/abr	01:40	O dia seguinte - T10 E17
29/abr	23:45	Óh Sr. Árbitro T1 E6
29/abr	16:30	Especial Desporto
30/abr	22:00	Play off E17
01/mai	21:50	O dia seguinte T10 E18
02/mai	23:00	Tempo Extra T3 E18
04/mai	18:00	Edição da Tarde: Desporto
04/mai	16:30	Desporto
05/mai	03:15	Especial Liga Europa E12 UEFA
06/mai	18:30	Desporto
07/mai	22:00	Play Off E18
07/mai	11:40	Óh Sr. Árbitro T1 E7
08/mai	21:50	O dia seguinte T10 E 19
09/mai	23:00	Tempo Extra T3 E19
09/mai	16:15	Edição da Tarde: Desporto
11/mai	16:30	Edição da Tarde: Desporto
12/mai	01:30	Liga Europa Celta x Manchester
13/mai	16:00	Especial Desporto
14/mai	22:00	Play off E19
15/mai	21:50	O dia seguinte T10 - E20
17/mai	01:00	Tempo Extra T4 E20
18/mai	18:30	Edição da Tarde: Desporto
20/mai	18:00	Especial Desporto
20/mai	03:00	Tempo Extra T4 E21

Fonte: Própria.

O canal TVI apresentou apenas um programa de esportes na grade de programação no período analisado que consistiu na transmissão da Taça de Portugal do campeonato masculino de futsal, conforme pode ser observado na Tabela a seguir.

Tabela 47: Grade de programação de esportes da TVI (1 programa)

Data	Horário	Programa
13/mai	15:27	Futsal: Sporting x Benfica - Taça de

Fonte: Própria.

As 82 edições veiculadas na TVI 24 referiram-se aos programas:

- Mais Bastidores: Programa de informação e debate a respeito do futebol português

- Liga Sport Zone – Futsal: Transmissão do campeonato português de futsal na modalidade masculina (Taça Portugal)

- Futsal Feminino: Transmissão da final do campeonato português de futsal na modalidade feminina (Taça Portugal)

- Mais futebol: Programa de debate a respeito do futebol português

- Ao Minuto: Programa de informação a respeito do futebol português

- Andebol: Transmissão do campeonato europeu de handebol na modalidade masculina

- Campeonato Nacional: Mesa de debates a respeito do futebol português

- Hóquei: Transmissão do campeonato português de hóquei na modalidade masculina

- Prolongamento: Mesa de debates com participantes dos três principais times portugueses: Benfica, Porto e Sporting

As edições veiculadas no período estudado encontram-se apontadas na Tabela 48.

Tabela 48: Grade de programação de esportes TVI 24 (82 edições)

Data	Horário	Programa
20/abr	23:12	Mais Bastidores
20/abr	18:30	Mais Bastidores
21/abr	19:40	Liga Sport Zone – Futsal
21/abr	18:30	Mais Bastidores
21/abr	22:30	Mais futebol
22/abr	20:00	Ao Minuto
22/abr	22:30	Mais Bastidores
23/abr	20:00	Ao Minuto
23/abr	17:00	Hóquei
23/abr	22:15	Primeira Liga / Campeonato Nacional
24/abr	21:00	Mais Bastidores
24/abr	18:30	Mais Bastidores
24/abr	22:07	Prolongamento
25/abr	22:30	Mais Bastidores
25/abr	21:00	Mais Bastidores
25/abr	18:30	Mais Bastidores
26/abr	22:30	Mais Bastidores
26/abr	21:00	Mais Bastidores
26/abr	18:15	Mais Bastidores
27/abr	23:15	Mais Bastidores
27/abr	21:00	Mais Bastidores
27/abr	23:15	Mais Bastidores
28/abr	21:00	Mais Bastidores
28/abr	18:15	Mais Bastidores
28/abr	22:30	Mais futebol
29/abr	18:00	Ao Minuto: Benfica x Estoril
29/abr	20:00	Ao Minuto: Chaves x Porto
29/abr	22:20	Mais Bastidores
30/abr	22:10	Campeonato Nacional
30/abr	20:25	Futsal Benfica x Modicus
30/abr	15:55	Hóquei: Sporting x Juv Viana
01/mai	21:00	Mais Bastidores
01/mai	18:15	Mais Bastidores
01/mai	22:07	Prolongamento
02/mai	22:30	Mais Bastidores
02/mai	21:00	Mais Bastidores
02/mai	18:15	Mais Bastidores
03/mai	22:30	Mais Bastidores
03/mai	21:00	Mais Bastidores
03/mai	18:15	Mais Bastidores
04/mai	18:55	Andebol: Suíça x Portugal
04/mai	23:15	Mais Bastidores
04/mai	20:40	Mais Bastidores
05/mai	21:00	Mais Bastidores
05/mai	18:15	Mais Bastidores

05/mai	22:30	Mais futebol
06/mai	20:00	Ao Minuto
06/mai	17:55	Futsal: Rio Ave x Sporting (Camp.
06/mai	22:20	Mais Bastidores
07/mai	14:55	Andebol
07/mai	20:00	Ao Minuto
07/mai	22:10	Campeonato Nacional
08/mai	21:00	Mais Bastidores
08/mai	18:15	Mais Bastidores
08/mai	22:07	Prolongamento
09/mai	22:30	Mais Bastidores
10/mai	22:30	Mais Bastidores
10/mai	21:00	Mais Bastidores
10/mai	18:15	Mais Bastidores
11/mai	19:40	Futsal: Benfica x S. João Urgicentro
11/mai	17:25	Futsal: Estoril x Sporting
11/mai	23:15	Mais Bastidores
13/mai	18:00	Ao Minuto
13/mai	00:00	Mais futebol
14/mai	22:00	Campeonato Nacional
14/mai	19:30	Especial informação: A jornada
14/mai	12:25	Futsal feminino: Taça Portugal (final)
14/mai	14:55	Futsal: Taça Portugal (Final)
15/mai	22:07	Prolongamento
16/mai	21:00	Mais Bastidores
16/mai	18:15	Mais Bastidores
17/mai	22:30	Mais Bastidores
17/mai	21:00	Mais Bastidores
17/mai	18:15	Mais Bastidores
18/mai	21:00	Mais Bastidores
18/mai	18:15	Mais Bastidores
19/mai	21:00	Mais Bastidores
19/mai	18:15	Mais Bastidores
19/mai	22:30	Mais Futebol
20/mai	22:25	Futsal: Azeméis x Sporting
20/mai	19:55	Hóquei: Porto x Sporting
20/mai	22:12	Mais Bastidores

Fonte: Própria.

Destas 190 edições veiculadas na televisão portuguesa no período analisado, apenas em 38 possuíram ao mínimo uma mulher na função de apresentadora, comentarista ou narradora. Ou seja, apenas em 20% das edições veiculadas a mulher apareceu como profissional que argumenta, expõe opiniões ou apresenta acontecimentos esportivos. As respectivas edições nas

quais a mulher assumiu o papel de profissional envolvido na produção e transmissão ao público de conteúdos esportivos estão disponíveis na Tabela 49.

Tabela 49: Edições com presença feminina

Canal	Data	Hora	Programa
SIC Notícias	22/abr	16:00	Especial Desporto
SIC Notícias	24/abr	18:00	Edição da Tarde: Desporto
SIC Notícias	24/abr	16:30	Desporto
SIC Notícias	09/mai	16:15	Edição da Tarde: Desporto
SIC Notícias	11/mai	16:30	Edição da Tarde: Desporto
TVI24	21/abr	22:30	Mais futebol
TVI24	27/abr	23:15	Mais Bastidores
TVI24	27/abr	21:00	Mais Bastidores
TVI24	27/abr	23:15	Mais Bastidores
TVI24	28/abr	22:30	Mais futebol
TVI24	28/abr	21:00	Mais Bastidores
TVI24	28/abr	18:15	Mais Bastidores
TVI24	05/mai	22:30	Mais futebol
TVI24	06/mai	22:20	Mais Bastidores
TVI24	06/mai	20:00	Ao Minuto
TVI24	08/mai	21:00	Mais Bastidores
TVI24	08/mai	18:15	Mais Bastidores
TVI24	09/mai	22:30	Mais Bastidores
TVI24	10/mai	22:30	Mais Bastidores
TVI24	10/mai	21:00	Mais Bastidores
TVI24	10/mai	18:15	Mais Bastidores
TVI24	11/mai	23:15	Mais Bastidores
TVI24	13/mai	00:00	Mais futebol
TVI24	19/mai	22:30	Mais Futebol
TVI24	20/mai	22:12	Mais Bastidores
RTP3	20/abr	23:05	Grande Área
RTP3	20/abr	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
RTP3	22/abr	18:15	Especial 3 - Sporting x Benfica (Pré Match)
RTP3	03/mai	01:40	Futebol: Liga dos campeões (resumos)
RTP3	04/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
RTP3	10/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
RTP3	11/mai	01:40	Futebol Liga dos Campeões (resumo)
RTP1	02/mai	21:40	Liga dos Campeões (resumos)
RTP1	03/mai	23:50	Liga dos Campeões (resumos)
RTP1	07/mai	02:40	A grandiosa enciclopédia do Ludopédio
RTP1	09/mai	23:00	Liga dos Campeões (resumos)
RTP1	10/mai	22:00	Liga dos Campeões (resumos)
RTP1	10/mai	21:38	Liga dos Campeões: flash e golos

Fonte: Própria.

Observa-se, portanto, que em 80% das edições de programas de esportes veiculadas neste período não contaram com nem uma participação feminina como produtora e veiculadora de conteúdos esportivos nas funções de apresentadora, comentarista ou narradora. O canal RTP1 é o que teve o maior número relativo de edições com participação feminina (com apenas 27,3%), seguida da TVI24 (com 24,4%), RTP3 (com 18,9%) e SIC Notícias (13,9%). Vale ressaltar ainda que canais com poucos programas de esportes, como RTP2, TVI e SIC não apresentaram nenhuma mulher nas funções estudadas, como pode ser observado na Tabela 50.

Tabela 50: Edições de programas de esportes com participação feminina nas funções de apresentação, comentário e/ou narração (resumo)

Emissoras	**Total de edições**	**Edições com mulheres**	**% Edições com mulheres**
SIC Notícias	36	5	13,9%
SIC	9	0	0,0%
TVI 24	82	20	24,4%
TVI	1	0	0,0%
RTP1	22	6	27,3%
RTP2	3	0	0,0%
RTP3	37	7	18,9%
TOTAL	**190**	**38**	**20,0%**

Fonte: Própria.

A partir destes dados, também foi mensurada a quantidade de profissionais mulheres nesses cargos (presentes em apenas 20% das edições de programas de esportes), comparando com a quantidade de profissionais do gênero masculino em cada uma das funções analisadas: apresentador, comentarista e narrador, a fim de avaliar nessas poucas edições (20%) a participação quantitativa feminina, bem como as funções assumidas por essas e em quais programas assumiram efetivamente o cargo de produtoras de conteúdo esportivo, com propriedade reconhecida ao participarem como debatedoras ou comentaristas.

6.1 A participação quantitativa de profissionais homens e mulheres em programas de esportes televisivos portugueses

Como apontado, além de mensurar a porcentagem de programas em que havia a presença feminina como apresentadoras, narradoras e/ou comentaristas, foi ainda contabilizado o número total de profissionais homens e mulheres em cada um dos cargos analisados.

Assim, foram contabilizados 190 profissionais diferentes por programas (sendo que alguns profissionais assumiam cargos em mais de um programa da emissora), sendo que destes 178 são do gênero masculino e 12 do gênero feminino, representando os homens 93,7% do total de profissionais e as mulheres 6,3%. Assim os homens consistem os maiores responsáveis por divulgar e discutir o esporte no âmbito televisivo em Portugal. Estes dados encontram-se disponíveis na Tabela 51.

Tabela 51: Profissionais em programas televisivos de esporte portugueses (apresentador, comentarista e narrador)

			Profissionais Homens						Profissionais Mulheres		
Canal	Programa	Edições	Apresenta-dor	Comenta-rista	Comenta-rista convidado	Narrador	Leitor Email	Total ♂	Apresenta-dora	Comenta-rista convidada	Total ♀
SIC Notícias	Desporto	4	2	7				9	1 Filipa P.		1
SIC Notícias	Edição da tarde: Desporto	5	2	4	1			7	2 Filipa P., Cristina F.		2
SIC Notícias	Especial Desporto	5	2	14	1			17	1 Marisa A.		1
SIC Notícias	Especial Europa	2	2	2				4			0
SIC Notícias	Jornal da Tarde: Desporto	1	1	1				2			0
SIC Notícias	Liga Europa	1	1	2				3			0
SIC Notícias	O dia seguinte	6	2	3				5			0
SIC Notícias	Óh Sr. Árbitro	3	1					1			0
SIC Notícias	Play Off	4	1	5				6			0
SIC Notícias	Tempo Extra	5	2	1	4			7			0
SIC	Liga Europa: Jogos	3		1		1		2			0
SIC	Liga Europa: Resumos	2		1		2		3			0
TVI 24	Andebol	2		1		1		2			0
TVI 24	Ao Minuto	7	2	9		2		13	1 Andreia P.		1
TVI 24	Campeonato Nacional	4	1	4				5			0
TVI 24	Futsal Feminino	1		1		1		2			0
TVI 24	Futsal	7	1	2				3			0
TVI 24	Hóquei	3	1	1				2			0
TVI 24	Mais Bastidores	48	2	8				10	1 Andreia P.		1

TVI 24	Mais Futebol	6		5	2			7	1 Claudia L.		1
TVI 24	Prolongamento	4	1	3				4			0
RTP3/RTP1	A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio	4	1	2	3			6		1 Raquel P.	1
RTP3/RTP1	Automobilismo: Rally	2	3			1		4			0
RTP3/RTP1	Especial 3: Ciclismo	1	2					2			0
RTP3	Especial 3: Sporting x Benfica	2	1	8				9	1 Inês G.		1
RTP3	Especial 3: UEFA	1	1			1		2			0
RTP3	Futebol Liga dos Campeões (resumo)	5	1	3		4		8	1 Inês G.		1
RTP3	Grande Área	6	2	5			1	9			0
RTP3	Millenium Estoril Open	9		1				1			0
RTP3	Trio d'Ataque	5	2	6				8			0
RTP1	Futebol Europeu	2		1		1		2			0
RTP1	Futebol de Praia	4		1		1		2			0
RTP1	Futsal	1		1		1		2			0
RTP1	Liga dos Campeões: resumo	4	1	2		2		5	1 Inês G.		1
RTP1	Liga dos Campeões: Flash e Golos	1		2		1		3	1 Inês G.		1
RTP2	Hóquei	2		1		1		2			0
	TOTAL		38	108	11	20	1	178 93,7%	11	1	12 6,3%

Fonte: Própria.

Assim, dos 39 programas veiculados no período, 27 não contaram com participação feminina como apresentadora, narradora ou comentarista. Os programas que não apresentaram nenhuma mulher nas funções estudadas são: Especial Europa (SIC Notícias), Jornal da Tarde: Desporto (SIC Notícias), Liga Europa (SIC Notícias), O Dia Seguinte (SIC Notícias), Óh Sr. Árbitro (SIC Notícias), Play Off (SIC Notícias), Tempo Extra (SIC Notícias), Liga Europa: Jogos (SIC), Liga Europa: Resumos (SIC), Andebol (TVI24), Campeonato Nacional (TVI24), Futsal Feminino (TVI24), Futsal (TVI24), Hóquei (TVI24), Prolongamento (TVI24), Automobilismo: Rally (RTP3/RTP1), Especial: Ciclismo (RTP3/RTP1), Especial 3: UEFA (RTP3), Grande Área (RTP3), Millenium Estoril Open (RTP3), Trio d'Ataque (RTP3), Futebol Europeu (RTP1), Futebol de Praia (RTP1), Futsal (RTP1) e Hóquei (RTP2).

Já os programas que apresentaram mulheres como comentarista convidade e apresentadoras são: Desporto (SIC Notícias), Edição da tarde: Desporto (SIC Notícias), Especial Desporto (SIC Notícias), Ao Minuto (TVI24), Mais Bastidores (TVI24), Mais Futebol (TVI24), Especial 3: Sporting x Benfica (RTP1/RTP3), Futebol Liga dos Campeões: Resumo (RTP1/RTP3), Liga dos Campeões: Flash e Golos (RTP1) e A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio (RTP1/RTP3), sendo que nesse último a presença feminina apareceu apenas em uma edição, como comentarista convidada para a edição especial de Dia das Mães.

Vale ainda ressaltar que em todos esses programas em que houve presença feminina essa foi consideravelmente inferior à presença masculina. Os programas em que a disparidade foi menor foram os transmitidos pela RTP1: Liga dos Campeões: Flash e Golos (em que há uma mulher e três homens, totalizando essa mulher 25% dos profissionais); e Futebol Liga dos Campeões: Resumo (em que há uma mulher e cinco homens, representando essa mulher 16,6% dos profissionais). Destaca-se também o programa Edição da Tarde: Desporto da SIC Notícias, no qual apresentou duas mulheres e sete homens, representando as mulheres 28,6% das(os) profissionais. Apesar desse maior índice percentual de presença feminina, vale ressaltar que no programa Edição da Tarde: Desporto, as duas mulheres intercalaram a função de apresentadora, trabalhando não juntas, mas em edições distintas, no entanto, apesar de não trabalharem juntas em uma mesma edição, esse programa é o único em que

houve a presença de mais de uma profissional mulher; sendo que todos os demais programas da televisão portuguesa apresentam uma ou nenhuma mulher nas funções analisadas.

Nos demais programas a presença da mulher foi de uma para sete, representando 14,3% dos narradores, apresentadores e comentaristas no programa Mais Futebol – TVI24, uma para oito representando 12,5% no programa Futebol Liga dos Campeões: Resumo – RTP3, uma para nove consistindo em 11,1% das(os) profissionais nos programas Desporto – SIC Notícias e Especial 3: Sporting x Benfica – RTP3, uma para 10 consistindo 10% no programa Mais Bastidores – TVI24 uma para 13 representando 7,7% das(os) profissionais no programa Ao Minuto – TVI24 e uma para 17, consistindo em 5,9% das(os) profissionais no programa Especial Desporto – SIC Notícias.

Outro fator que desponta foi em relação à não participação de mulheres enquanto narradoras ou comentaristas, sendo que 11 das 12 das mulheres contabilizadas (ou seja, 91,6%) assumiram o cargo de apresentadora, como pode ser observado na Tabela 52, e apenas uma de comentarista (no caso ainda era convidada, ou seja, essa participação não é efetiva).

Tabela 52: Comentário, narração e apresentação em programas de esporte televisivo portugueses, conforme o gênero

	♂		♀		**Total**
Apresentação	38	77,6%	11	22,4%	49
Comentário	108	100,0%	0	0,0%	108
Comentário (convidada/o)	11	91,7%	1	8,3%	12
Narração	20	100,0%	0	0,0%	20
Responsável por acompanhar Redes Sociais	1	100,0%	0	0,0%	1
Total	178	93,7%	12	6,3%	190

Fonte: Própria.

Na Tabela 52 foi relacionado cada função estudada (apresentação, comentário e narração) apontando o gênero de cada uma/um. Observa-se que nas mulheres predomina o cargo de apresentação, cuja função consiste em "conduzir o programa e, em alguns casos, mediar entre a instância de

enunciação e os telespectadores, capitalizando para si a responsabilidade de proposição, manutenção, modulação e gradação dos telejornais" (CURVELLO; DUARTE, 2009, p.69). Nesse sentido, é importante a credibilidade dessa(e) profissional, pois sua imagem está relacionada à credibilidade das informações que irá noticiar.

Em relação ao comentário, a função é "contextualizar a notícia, apresentando uma visão sobre os fatos, com observações e análises que ajudam o cidadão a compreendê-lo e formar uma opinião acerca do assunto. Em resumo, ele deve enriquecer o que está sendo dito sobre determinado tema fazendo conexões entre fatos, agregando informações" (LEMOS apud PORTAL IMPRENSA, 2017, p.01). Além disso, é "responsável pela análise do jogo, da situação das equipes nos campeonatos e das declarações dos personagens envolvidos" (TAVARES, 2011).

Já ao narrador cabe a responsabilidade de "ancorar o programa de aquecimento e relatar o jogo, interagindo com os demais integrantes e com os ouvintes" (TAVARES, 2011). Enquanto que o convidado (geralmente comentarista) "deverá ser uma pessoa de prestígio, que se expresse bem e tenha algo a acrescentar à transmissão, mesmo que tenha algum vínculo com os clubes envolvidos" (TAVARES, 2011).

De acordo com a Tabela 10, além da baixa participação das mulheres (6,3% do total das(os) profissionais categorizados), essa participação restringe-se praticamente ao cargo de apresentação (apenas uma profissional exerce a função de comentarista, e nesse caso não é uma comentarista fixa, foi apenas convidada para uma edição especial de dia das mães), ou seja, a função da mulher é basicamente a de conduzir o programa, apresentando o que foi veiculado nas edições estudadas ou mediar mesas de discussões, onde homens assumiram o papel de detentores do conhecimento esportivo. Já aos homens couberam as demais funções, como narração e comentário. Assim, observa-se que à mulher competiu exibir os conteúdos que foram aprofundados, debatidos e produzidos por homens (narradores, comentaristas e convidados) cabendo a esses o poder da palavra, o discurso competente e, consequentemente, o debate efetivo sobre o esporte e suas vertentes.

Além disto, das 37 edições em que a mulher assumiu a função de apresentação houve nove nas quais dividiu o espaço com um homem. Ou seja,

em 24,3% dos momentos nos quais as mulheres apresentaram um programa esportivo foram acompanhados de uma figura masculina. A apresentação em dupla implica em uma divisão das funções e poder, assim, mesmo para expor e indicar o conteúdo que seria debatido, em quase ¼ das situações, houve a presença masculina para acompanhar esse processo e assumir parte da responsabilidade.

Em relação à participação da convidada como comentarista (no programa A Grandiosa Enciclopédia de Ludopédio), vale ressaltar que o convite surgiu para uma edição especial dos Dias das Mães, e a convidada foi abordada justamente a respeito deste tema. Ou seja, para tal função é necessário que o convidado tenha prestígio, saiba se expressar e tenha acréscimos importantes para realizar; e, a mulher somente exerceu essa função quando o objetivo do programa foi homenagear as mães devido à data comemorativa. Em nenhum outro momento, outra mulher foi convidada a exercer esse papel no período analisado.

Nesse sentido, vale lembrar que o universo esportivo se configurou a partir de uma ótica masculina. Segundo a professora Salomé Marivoet (2015, p. 01), “os princípios do desporto moderno, o *ethos* competitivo e exaltação das proezas físicas em confrontações sujeitas a um código de honra de ‘cavalheiros’ –, que constituíram os valores da cultura masculina dominante no século XIX – reservaram-no por excelência aos homens”, cabendo às mulheres a possibilidade de participação nessa atividade apenas ao longo do século XX, mas de maneira ainda não igualitária.

Assim, o esporte por consistir, ainda, um campo androcêntrico reflete essa característica também no jornalismo de esporte em Portugal, onde, como observamos, a presença feminina é quantitativamente inferior aos homens (representa apenas 6,3% das(os) apresentadoras(es), narradores e comentaristas de programas de esportes da televisão aberta portuguesa), sendo que a essas couberam majoritariamente a função de apresentadora/mediadora, ou seja, não participaram efetivamente do debate esportivo, não assumindo nos programas funções com espaço para produzirem conteúdos de maneira livre.

Como já citado, houve apenas um caso em que uma mulher foi convidada (Raquel Vaz Pinto[46]) como comentarista, foi no programa “A Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio” apresentado em 07 de maio de 2017, cuja temática foi relacionada ao Dia das Mães. A convidada, apesar de ter o futebol como aderência de sua área de estudo, teve sua imagem associada à temática do programa: Dia das Mães.

Nesse caso, percebemos ainda a relação entre os ambientes privados e públicos associados com identidades de gênero. Ainda em meados do século XX, em relação à divisão de tarefas, era destinado às mulheres o domínio do campo privado e aos homens do público[47], e isso implicava na vida social de tal maneira que juristas prescreviam a impropriedade da mulher sair só. Por isso, a mobilidade das mulheres era vigiada em todos os espaços públicos, sendo marginalizadas, excluídas e vítimas de estereótipos as mulheres que se atreviam a andar sós pelas ruas. O direito à participação da esfera privada foi conquistado nas últimas décadas pelas mulheres, mas percebemos ainda como esse valor público x privado ainda está enraizado no imaginário social quando em um programa de esportes a mulher é chamada como comentarista apenas na edição especial que trataria principalmente do ambiente doméstico e a função de maternidade.

[46] Professora auxiliar convidada da Universidade Nova de Lisboa, que possui como uma das suas áreas de investigação o futebol e suas relações internacionais. Publicou o livro Para lá do Relvado que debate o universo histórico, financeiro, político, social e econômico a respeito do futebol.

[47] Assim, o espaço público era definido como essencialmente masculino, sendo que as mulheres atuavam apenas como coadjuvantes, desempenhando funções consideradas menos importantes, pois autoridades e cientistas julgavam a participação da mulher na vida pública incompatível com sua constituição biológica. Apenas nas últimas décadas a figura da mulher pública foi dissociada da imagem de prostituta e pensada sob os mesmos parâmetros que se pensa o homem público: ser racional dotado de capacidade intelectual e moral. Em relação ao trabalho, o grau de discriminação também era intenso: eram muito grandes as barreiras enfrentadas pelas mulheres para ingressarem no mundo dos negócios. Esses obstáculos começavam pela hostilidade da própria família em relação ao trabalho feminino fora do lar, pois os pais desejavam que as filhas casassem para assegurar o futuro ao invés de trabalhar e obter êxito profissional. Quando as mulheres conseguiam ultrapassar essa barreira e entravam no mercado de trabalho, sofriam, ainda, principalmente, com menores salários, intimidações físicas, insinuações de desqualificação intelectual, assédios sexuais e maior frequência de não registros em carteira. Apesar disso, na década de 60, a ideia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional ainda era forte no imaginário social, assombrado pela possibilidade de a mulher abandonar os afazeres domésticos, os cuidados com o marido e filhos, e, a feminilidade. Em geral, ainda esperava-se que as mulheres se dedicassem inteiramente ao lar e fossem sustentadas pelo marido, restringindo-se ao espaço privado.

Portanto, mesmo tendo abertura para participar de um debate em uma área masculinizada, como o futebol, a mulher (que, no caso do objeto estudado, possuía repertório acadêmico para dialogar com seus pares masculinos) teve sua participação vinculada a uma área considerada feminina, a maternidade. O programa, nesse sentido, reproduziu assuntos referentes à uma extensão da vida privada, ou seja, ao invés de inserir a mulher no discurso público, traz com ela o discurso a respeito do privado.

Percebemos, portanto, que no caso estudado, a emancipação feminina ainda não foi constatada, pois como apontado por Loreta Valadares (2007, p. 125),

> emancipação para a mulher é a possibilidade de ela realizar sua atividade criadora de transformação da natureza ou de reprodução da espécie liberta das amarras que a impedem de a realizar plenamente, livre da alienação que a separa dos instrumentos e do conhecimento da produção – e livre dos hábitos e costumes que intervêm na sua vida privada e a mantêm presa às tarefas domésticas.

Considerando a afirmação de Loreta Valadares podemos afirmar que não houve uma plena liberdade de participação, onde a figura feminina não se encontrou associada à vida privada, mas, consequentemente, às tarefas domésticas, a impedindo de realizar plenamente sua atividade criadora ao contribuir com um debate livre de um roteiro pré-concebido a partir de valores androcêntricos. Nesse sentido, vale ressaltar a colocação de Margareth Reis (2002, p. 118 e 126) de que,

> o fato de que poderia servir para mudar essencialmente as relações entre homens e mulheres, sua valorização como agente político, como sujeito social e como ser desejante ainda não se efetivou em nossa cena histórica (...). Não seria o momento de se experimentar novos parâmetros de comportamento para que ambos possam dividir espaços comuns, tanto na esfera privada quanto na pública, sem a rivalidade que sempre caracterizou estas divisões, a fim de que possam construir de fato uma nova realidade e uma nova forma de relacionamento que os aproxime?

Além disso, como comentado acima, a presença da mulher foi baixa, inclusive, em casos como esse, no qual a vida pública consistiu em uma

extensão do privado, já que em Portugal, as mulheres representam apenas 6,3% das(os) apresentadoras(es), narradores e comentaristas de programas de esportes da televisão aberta (totalizando 12, sendo 11 apresentadoras e uma comentarista convidada, cuja participação foi associada ao âmbito doméstico, como debatido acima).

Vemos, portanto, um cenário de certa invisibilidade feminina, já que a presença de mulheres foi baixa e restrita a uma função específica: de apontar os conteúdos que foram debatidos pelo programa e/ou homens. Nesse caso, vemos a aplicação de que "os meios podem simplesmente ocultar as vozes das mulheres, ignorá-las em determinadas situações ou simplesmente não as retratar" (BUENO, 2010, p. 51). Nesse caso, as mulheres foram silenciadas, pois se encontraram isoladas do contexto esportivo mediático.

É importante debatermos essa parcial invisibilidade, pois se ocorre baixa participação feminina em discussões de esportes, pode-se surgir a interpretação de que isto acontece porque mulheres não se interessam ou não possuem competência suficiente para tal. Afinal, "ao mesmo tempo em que as representações derivam dos valores da sociedade, também, reforçam tendências comportamentais ou propiciam o estabelecimento de novos valores, fornecendo apoio para a solidificação ou extinção de determinados comportamentos e identidades" (BUENO, 2010, p. 63). Assim, os meios podem refletir, mas também podem construir, consolidar ou projetar identidades sociais, questionando ou legitimando estruturas vigentes (SOUSA, 2006, p. 211-213), mesmo que a interpretação final da mensagem seja de responsabilidade das(os) telespectadoras(es).

A invisibilidade da mulher nesse ramo é resultado de uma trajetória histórica, na qual mulheres e homens assumiram e ainda assumem possibilidades e funções distintas (BOURDIEU, 2003; ALVAREZ, 2002; MORENO, 2008), sendo o esporte uma área ainda considerada masculina, com uma trajetória histórica de (des)valores sexistas. Assim, essa baixa participação feminina apontada nesta pesquisa não é uma coincidência ou resultado de melhores competências masculinas a respeito do esporte, mas é decorrente de uma naturalização histórica de espaços masculinos e femininos nesse campo.

A discussão dessas relações é fundamental para desnaturalização de papeis sexistas consolidados, pois proporciona a reflexão a respeito de novas

possibilidades para mulheres e homens. No caso do jornalismo esportivo não é diferente, este debate é importante para descontruir ideias e distribuições de funções de acordo com valores androcêntricos. Além disso, como aponta Bourdieu (2003), tanto o esporte como o jornalismo consistem em instituições com crédito social e que participam da construção social de valores de gênero.

6.2 Funções e construções das profissionais mulheres nos programas de esporte na televisão aberta portuguesa

Como apontado anteriormente, no período de 20 de abril a 20 de maio de 2017, foram transmitidos 8 programas de esportes onde uma ou mais mulheres assumiram a função de apresentadora ou comentarista convidada, sendo que em nenhum houve mulheres como narradoras ou comentaristas efetivas. Esses programas encontram-se disponíveis na Tabela 53:

Tabela 53: Programas da televisão aberta portuguesa com participações femininas

Canal	Programa	Apresen-tadora	Apresen-tadora e media-dora	Apresen-tadora convi-dada	Comen-tarista convida-da	**Total**
TVI 24	Ao Minuto			1		**1**
TVI 24	Mais Bastidores		1			**1**
TVI 24	Mais Futebol		1			**1**
SIC Notícias	Desporto	3				**3**
SIC Notícias	Desporto (Edição especial)	1				**1**
RTP1	A grandiosa enciclopédia do Ludopédio				1	**1**
RTP1	Liga dos Campeões	1				**1**
RTP3	Liga dos Campeões (repetido da RTP1)	1				**1**
RTP3	Especial 2 - Sporting x Benfica (Pré Match)		1			**1**
RTP3	Grande Área			1		**1**

Fonte: Própria

Para análise da participação feminina nos respectivos programas foi selecionada a primeira edição de cada programa veiculado no mês de maio de 2017. A escolha do mês de abril e maio seguiu o mesmo critério da análise quantitativa que esteve relacionado com o período de finalização do campeonato português de futebol (principal evento esportivo do país).

Além disso, optou-se por programas apenas em que havia interação da profissional com outras(os) profissionais (dessa forma, não foi analisado o programa Desporto do canal SIC Notícias, onde há apenas a presença da apresentadora), programas onde a participação da profissional é efetiva, ou seja, não é uma participação pontual (como foi o caso dos programas Ao Minuto, Grande Área e A grandiosa Enciclopédia do Ludopédio) e programas com veiculação corrente (excluindo edições especiais, ou seja, que não fazem parte da programação oficial da emissora, como o programa Especial 2 - Sporting x Benfica - Pré Match). Dessa forma os programas selecionados para essa fase da pesquisa foram o que constam na Tabela 54.

Tabela 54: Programas portugueses para análise da participação feminina

Canal	Programa	Data do programa
RTP1 e RTP3	Liga dos Campeões	04/05/2017
TVI 24	Mais Bastidores	06/05/2017
TVI 24	Mais Futebol	05/05/2017

Fonte: Própria

Portanto, para essa análise foram considerados os programas Liga dos Campeões da RTP 1 e RTP 3 (transmitido no dia 04/05/2017), Mais Bastidores da TVI 24 (06/05/2017) e Mais Futebol da TVI 24 (veiculado no dia 05/05/2017), cujas análises estão a seguir.

6.2.1 Liga dos Campeões – RTP 1 e RTP 3 (04/05/2017)

Para a análise deste trabalho, foi selecionada a edição do programa Liga dos Campeões veiculada no dia 04/05/2017 na RTP3 (e reprisado na RTP1). O objetivo do programa é debater os principais acontecimentos e lances da UEFA

Champions League. A edição selecionada para pesquisa apresentou 5 profissionais em seu palco: Inês Gonçalves (apresentadora), Hugo Gilberto (apresentador e mediador), Carlos Daniel de Bessa Ferreira Alves (comentarista), Hélder Manuel Marques Postiga (comentarista) e Alexandre Alves (narrador). O programa consistiu em passar os melhores momentos do jogo, durante quase 20 minutos de narração e a partir disso fomentar a discussão por meio dos comentaristas, sendo que na edição selecionada o jogo debatido foi o ocorrido entre Mônaco e Juventus disputando a UEFA *Champions League*.

O primeiro fator avaliado foi em relação às vestimentas e posições / aparências físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados na Tabela 55, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pelos profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como os profissionais foram identificados), relação com contexto familiar (ou seja, se o profissional foi relacionado com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros). Esses dados estão disponíveis na Tabela 55.

Tabela 55: Vestimenta e aparência dos profissionais do Liga dos Campeões –

	Inês Gonçalves	**Hugo Gilberto**	**Carlos Daniel**	**Hélder Postiga**
Vestimenta	Saia preta na altura do joelho, camisa branca de manga longa dobrada, salto alto preto	Paletó azul escuro, camisa branca, calça jeans e sapato social marrom claro	Paletó areia, camisa branca	Paletó preto, camisa branca
Acessórios	Anel e brinco longo	Lenço no bolso e relógio dourado	Óculos e relógio preto	Lenço no bolso e relógio prata
Aparência	Morena, cabelo liso, pele clara, magra, maquiagem discreta	Cabelo curto, moreno claro, barba feita, pele clara	Cabelo curto grisalho, barba feita, pele clara	Cabelo preto curto, barba feita, pele clara
Formas de tratamento	Inês Gonçalves (letreiro) – Não interage com os colegas	Hugo Gilberto (letreiro)	Carlos Daniel (4), Carlos (1)	Hélder Postiga (3)
Relação familiar é citada	Não	Não	Não	Não
Aparência estética é citada	Não	Não	Não	Não
Humor é citado	Não	Não	Não	Não
Idade[48]	38 anos	* Dado não encontrado	48 anos (1970)	35 anos (1982)
Formação[49]	Licenciatura em Ciências da Comunicação (Universidade Fernando Pessoa)	Jornalismo (Faculdade de Letras de Coimbra)	Sociologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)	Ex futebolista
Relacionamento[50]	* Dado não encontrado	Casado com Marta Morais	Casado com Alexandra	Casado com Ana Filipa Araújo

Fonte: Própria.

[48] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[49] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[50] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

Nessa edição foi constatada uma formalidade por parte da(os) profissionais em suas maneiras de se vestir e de tratar um ao outro. O programa tem um perfil de seriedade e o comportamento da(os) profissionais segue essa tendência. Dessa forma, toda(os) trajam roupas sociais, sendo que Inês Gonçalves usa camisa e saia sociais, e os demais colegas (Hugo Gilberto, Hélder Postiga e Carlos Daniel), utilizam camisas e paletós. Os acessórios seguem a ideia de formalidade do figurino, não havendo, como no caso das vestimentas, algo discrepante ou que se diferenciasse dos objetivos e vestimentas utilizados por toda(os). Em entrevista (disponível no Apêndice deste trabalho), Inês Gonçalves afirma que a vestimenta segue um padrão do canal e que é escolhido em parceria entre a(o) profissional, os patrocinadores e a(o) *personal style* da emissora, mas alisar o cabelo não é uma escolha da qual a apresentadora pode participar, pois é uma exigência do canal. A forma de tratamento também segue a formalidade, já que não são usados apelidos, apenas os nomes seguidos dos sobrenomes, exceto em um momento o comentarista Carlos Daniel é chamado apenas de Carlos. Aliás, a interação ocorre apenas no momento do debate esportivo, no qual Hugo Gilberto levanta questionamentos aos comentaristas Hélder Postiga e Carlos Daniel, mas esses se restringem a responder as questões sem direcionar as respostas ao mediador ou ao outro colega comentarista. Esse formato de baixa interatividade, no qual profissionais pouco dialogam entre si, não permite comentários a respeito da vida pessoal e familiar da(os) profissionais, bem como a aparência estética e o humor dessa(es).

Em relação à idade nota-se uma diferença de 13 anos entre o mais novo (Hélder Postiga) e o mais velho (Carlos Daniel), sendo que Inês Gonçalves possui a idade mediana (39 anos). Em relação à formação, duas/dois são da área de comunicação (Inês Gonçalves e Hugo Gilberto), um é da área de sociologia (Carlos Daniel) e um é ex futebolista (Hélder Postiga). Por fim, ainda se observou o *status* de relacionamento, onde foi possível analisar que três encontram-se em relações amorosas heteroafetivas, e uma (no caso Inês Gonçalves) não houve informação a respeito.

Sobre o programa, esse está dividido basicamente em quatro partes: apresentação dos conteúdos que seriam abordados no programa (em torno de

dois minutos), narração e veiculação dos melhores momentos do jogo (em torno de 20 minutos), debate sobre os principais momentos (em torno de 20 minutos) e reportagens (em torno de oito minutos). Vale ressaltar que Inês Gonçalves apareceu apenas nas partes 1 e 4, ou seja, na apresentação dos conteúdos que seriam debatidos durante o programa e na apresentação de reportagens. Na parte 1, Inês Gonçalves e Hugo Gilberto dividiram o palco para apresentar as notícias (Figura 19). Durante a parte 2, na apresentação e narração dos melhores momentos, apenas apareceu a voz do narrador Alexandre Alves, sendo que não houve participação de outra(o)s profissionais (Figura 20). A parte 3 foi realizada por Hugo Gilberto, Hélder Postiga e Carlos Daniel, sendo que Inês Gonçalves não apareceu em nenhum momento (Figura 21). Por fim, a parte 4, que consistiu na apresentação de reportagens, foi comandada exclusivamente pela apresentadora (Figura 22).

Figura 19: Parte 1 do programa Liga dos Campeões

Fonte: Imagem extraída do programa Liga dos Campeões, transmitido dia 04/05/2017, às 00:00:35.

Figura 20: Parte 2 do programa Liga dos Campeões

Fonte: Imagem extraída do programa Liga dos Campeões, transmitido dia 04/05/2017, às 00:11:51.

Figura 21: Parte 3 do programa Liga dos Campeões

Fonte: Imagem extraída do programa Liga dos Campeões, transmitido dia 04/05/2017, às 00:32:29.

Figura 22: Parte 4 do programa Liga dos Campeões

Fonte: Imagem extraída do programa Liga dos Campeões, transmitido dia 04/05/2017, às 00:44:34.

Dessa maneira, verificamos que Inês Gonçalves participou apenas em 3 minutos de programa (já que a parte um tem dois minutos e a quatro em torno de oito minutos, sendo que destes sete minutos são referentes à reportagem). Já Helder Postiga e Carlos Daniel participaram durante 20 minutos e Hugo Gilberto em 22 minutos. Dessa forma, ocorreu certa invisibilidade imagética de Inês Gonçalves uma vez que sua participação foi 15% do total de participação dos comentaristas e de 13,6% de participação do outro colega apresentador.

Ainda em relação às imagens, nota-se que Inês Gonçalves segurava um papel e caneta, enquanto o outro colega apresentador (Hugo Gilberto), que dividia com ela o primeiro bloco, segurava um *tablet*. A ideia de papel x tablet traz conceitos de tradição x tecnologia, desatualização x atualização, lentidão nas informações x rapidez na transmissão de informações. Assim, se por um lado a tradição pode ser um fator importante para o público alvo do programa, por outro, o objeto papel remete à não atualização, à demora de transmissão de informações, e, muitas vezes até mesmo a não organização, já que um dado registrado no computador tende a ter uma estrutura mais organizada do que um redigido à mão.

A partir da construção imagética e delimitação de espaços demonstrada a partir da configuração do programa em quatro blocos (como observado nas Figuras, 19, 21 e 22), ocorreu também uma demarcação de espaços de funções (apresentadora(es), comentaristas e narrador) e consequentemente uma delimitação de espaços femininos e masculinos, já que a mulher assumiu a função de apresentação e os homens, além dessa função, todas as demais presentes no programa. Como observado nos programas brasileiros, a mulher assumiu a função de apresentar os conteúdos que seriam debatidos pelos homens, que são as figuras consideradas responsáveis pelo discurso competente a respeito do esporte. Por isso, a invisibilidade de Inês Gonçalves (participação em apenas três minutos do programa) foi naturalizada, uma vez que sua função não é estratégica, não contribuindo com a fomentação do debate esportivo.

Portanto, à mulher, Inês Gonçalves, coube à função de introduzir a(os) telespectadoras(es) temas que os homens aprofundariam, já que cabe ao comentarista contextualizar a notícia, apresentando uma visão sobre os fatos, com observações e análises, ou seja, enriquecer o que está sendo dito sobre determinado tema fazendo conexões entre fatos, agregando informações (LEMOS apud PORTAL DA IMPRENSA, 2017, p. 01) e ao narrador compete "ancorar o programa de aquecimento e relatar o jogo, interagindo com os demais integrantes e com os ouvintes" (TAVARES, 2011). Assim, o *ethos* do discurso esportivo esteve sob domínio masculino nessa edição estudada e à mulher coube o papel da força de trabalho secundário (ABRAMO, 2007)[51].

Em relação ao tempo fala também podemos observar uma discrepância, como disponível na Tabela 56.

[51] Conforme Laís Ambramo (2007, p. 15, 16), houve mudanças significativas na estrutura de distribuição do trabalho, aumentando significativamente a participação feminina em diferentes setores e graus hierárquicos, resultado de uma reconstrução das imagens de gênero no ambiente de trabalho. No entanto, para a autora, essa nova reconstrução aceita a mulher enquanto trabalhadora, mas não com mesmos direitos e status que um trabalhador, mantendo, portanto, uma posição de força de trabalho secundária.

Tabela 56: Tempo de participação da(os) profissionais – Liga dos Campeões

	Tempo total	Tempo médio	Tempo relativo
Abertura	00:00:34	***	1,2%
Chamada de intervalo	00:00:41	***	1,4%
Hugo Gilberto	00:04:58	00:00:17	10,3%
Inês Gonçalves	00:02:28	00:00:15	5,1%
Carlos Daniel	00:09:02	00:00:39	18,7%
Hélder Postiga	00:03:33	00:00:24	7,4%
Alexandre Alves (narração)	00:19:56	***	41,3%
Reportagem	00:07:04	00:01:25	14,6%
Total	00:48:16	***	100,0%

Fonte: Própria

Nesse sentido, observa-se que Inês Gonçalves foi a profissional com menor tempo de participação. Enquanto sua fala representou 5,1% do tempo do programa, a de Hélder Postiga foi de 7,4%, de Hugo Gilberto de 10,3% e de Carlos Daniel 18,7%. Além disso, ela também possuiu o menor tempo médio de fala, sendo esse tempo de 15 segundos, valor próximo ao do colega apresentador e mediador Hugo Gilberto que representou 17 segundos, mas com diferença relativamente significativa em relação aos comentaristas Hélder Postiga e Hugo Gilberto que tiveram 24 segundos e 39 segundos de tempo médio de fala.

A professora Graziela Werba e Michele Carvalho (2018, p. 17), colocam que “a voz ou a experiência das mulheres têm sido excluídas do âmbito do conhecimento ocidental”, e, nota-se que nessa edição analisada isso também aconteceu: a voz feminina continuou suprimida, apresentando Inês Gonçalves, uma baixa participação durante o programa (no entanto, vale apontar que isso não aconteceu nos bastidores, pois ela assume a função de coordenadora, como reportado mais adiante e em entrevista).

Além do tempo das falas também foram analisados os conteúdos dessas, de maneira a categorizá-las de acordo com o objetivo e a ideia central, com intuito de avaliar a função das construções discursivas de cada participante, e, consequentemente, a posição e responsabilidades de fato ocupadas por cada

profissional. Essa categorização das falas e a tabulação desses resultados podem ser observados na Tabela 57.

Tabela 57: Funções de falas da(o)s apresentadora(es) e comentaristas – Liga dos Campeões

	Hugo Gilberto	**Inês Gonçalves**	**Carlos Daniel**	**Hélder Postiga**
Abertura	00:00:10 (40,0%)	00:00:15 (60%)	***	***
Apresentação de dados	00:01:42 (66,7%)	00:00:51 (33,3%)	***	***
Apresentação de reportagem	***	00:01:15 (100%)	***	***
Realização de perguntas	00:01:36 (100%)	***	***	***
Análise esportiva	00:01:22 (9,8%)	***	0:09:02 (64,8%)	0:03:33 (25,4%)
Encerramento	00:00:08 (53,3%)	00:00:07 (46,7%)	***	***
Total	00:04:58 (24,8%)	00:02:28 (12,3%)	00:09:02 (45,1%)	00:03:33 (17,8%)

Fonte: Própria.

Conforme observado, Inês Gonçalves dividiu três de suas quatro funções com Hugo Gilberto, sendo essas: realização da abertura, apresentação de dados e encerramento. A única função em que realizou sozinha foi a de apresentar reportagens, que configurou o bloco 3 do programa e onde Inês Gonçalves foi a única profissional presente no estúdio. Hugo Gilberto, apesar de ter o mesmo cargo de Inês Gonçalves, também assumiu a função de mediar o debate (apontando perguntas para os comentaristas) e realizar análises esportivas. Já os comentaristas Hélder Postiga e Carlos Daniel assumiram apenas a função de análise esportiva, respondendo as questões de Hugo Gilberto e comentando as jogadas da partida em questão. Pode-se, portanto, elencar certa invisibilidade da apresentadora, de sua imagem e de sua voz na edição estudada. Sua presença foi operacional, não assumindo uma função estratégica durante o programa, que lhe permitiu ser portadora de um discurso autônomo e próprio a respeito do esporte.

Nesse sentido, mais do que uma estratégia de exclusão (que restringe o acesso ao ingresso na profissão), ainda existe o efeito das estratégias de demarcação, baseadas em uma divisão de trabalho intermediada por relações de poder que colocam as mulheres em funções técnicas. Isso, conforme Lígia Amâncio (1994 apud GARCIA, 2009, p. 105) é reflexo da diferença de valorização da feminilidade e masculinidade, associada às funções reconhecidas como de mulheres e de homens na sociedade.

No entanto, vale apontar que, diferentemente do que acontece no decorrer do programa, Inês Gonçalves possui função estratégica nos bastidores, onde assume o cargo de coordenadora, e afirma ser responsável pela organização do programa, fechamento de pauta e distribuição de tarefas aos jornalistas. Vale ainda apontar que a respeito da atuação das mulheres serem restritas à apresentação, não desenvolvendo funções de comentaristas e narradoras, em entrevista (disponível no Apêndice deste trabalho), Inês Gonçalves aponta que acredita que cada gênero tem seu lugar e que a narração fica bem na voz masculina, além disso, afirma que homens e mulheres não precisam fazer a mesma coisa, e que ela não fica chocada de não haver mulheres nessas posições, já que o interesse masculino por esporte é maior.

Dessa forma, é possível apontar que se por um lado, durante o programa (e para as(os) telespectadoras(es)), aparentemente Inês Gonçalves apresentou contribuição apenas operacional, nos bastidores, notamos que ela possui uma importante função estratégica, onde é responsável por coordenar a equipe de jornalistas do programa, bem como as reportagens, definir assuntos de discussão e distribuir tarefas para os colegas. Da mesma forma, afirmou que não acredita ser necessário as mulheres adentrarem em todas as atividades realizadas por homens, por isso, a não participação feminina em alguns campos esportivos não lhe é estranha. Observa-se, portanto, que mesmo em um programa com coordenação feminina, apesar de se esperar maior possibilidade de compreensão de novos espaços femininos, ocorre ainda a manutenção do *status* e do *ethos* masculino, reforçada pelos valores e crenças da própria apresentadora/coordenadora.

6.2.2 Mais Futebol – TVI 24 (05/05/2017)

Para a análise deste trabalho, foi selecionada a edição do programa Mais Futebol veiculada no dia 05/05/2017 na TVI24, que continha 7 profissionais em seu palco: Claudia Maria Vilar G. Lopes (apresentadora e mediadora), Vitor Manuel de Oliveira (comentarista convidado), Pedro Miguel Nunes Ribeiro (comentarista), Pedro Alexandre Santos Barbosa (comentarista), Luis Francisco (comentarista), Luis Mateus (comentarista) e Tomaz Eduardo Carvalho Morais (comentarista).

O programa consiste em uma conversa (considerada pela emissora como informal) a respeito de algum evento esportivo, no caso, da edição escolhida, o assunto foi a trajetória do convidado (Vitor Manuel de Oliveira) no futebol, suas experiências, suas dificuldades e facilidades, bem com situações engraçadas ocorridas durante sua jornada enquanto treinador de times portugueses de futebol de campo. Vale ressaltar que não consistiu em um programa com conteúdo comum dos programas esportivos portugueses, pois não focou eventos esportivos da semana, nem decisões técnicas, jogadas ou resultados e escalões de eventos esportivos recentes. Portanto, pouco trouxe contribuições a respeito de acontecimentos esportivos, mas colaborou para construção de conhecimento a respeito das vivências de um técnico de futebol.

Vale ressaltar que apesar de ser considerado um programa irreverente (característica apontada na página oficial do programa Mais Futebol), o debate foi bem estruturado, com espaços claros e respeitados de falas, havendo pouca interação efetiva entre a(os) participantes. A dinâmica do programa consistiu em um campo de perguntas ou comentários direcionados especificamente a alguém, que assume o papel de fala após a finalização da linha de pensamento do outro, não havendo interrupções ou complementações realizadas por outra(os) colegas. No programa analisado, Vitor Oliveira (o comentarista convidado) foi quem recebeu a maioria dos direcionamentos de questões, dessa forma, teve o tempo de fala e participação destacado frente a(os) demais (56% do tempo do programa foi referente à fala do convidado), como pode ser observado na Tabela 58.

Tabela 58: Tempo de participação da(os) profissionais – Mais Futebol

	Tempo Total	Tempo Médio	Tempo Relativo
Claudia Lopes	0:09:36	0:00:10	12,3%
Vitor Oliveira	0:43:33	0:00:46	56,0%
Pedro Ribeiro	0:13:04	0:00:34	16,8%
Pedro Barbosa	0:02:20	0:00:23	3,0%
Luis Francisco	0:04:36	0:00:35	5,9%
Luis Mateus	0:00:52	0:00:09	1,1%
Tomaz Morais	0:02:31	0:00:25	3,2%
Entrevista	0:00:25	***	0,5%
Intervalo	0:00:34	***	0,7%
Encerramento	0:00:17	***	0,4%
Total	1:17:48	0:00:26	100%

Fonte: Própria.

Como apontado na Tabela K, não houve equilíbrio na distribuição do tempo de participação da(os) profissionais, sendo que Vitor Oliveira foi quem mais participou, com 00:43:33 (representando 56% do programa), e o que menos atuou foi Luis Mateus[52], com 00:00:52 (representando 1,1% do programa). Observa-se, portanto, que da(os) sete participantes, três tiveram participação inferior a três minutos (em um total de 1:17:48), participação que não alcançou 5% do programa, sendo esses: Luis Mateus, Pedro Barbosa e Tomaz Morais.

Da(os) participantes com maior participação, destacaram-se: Vitor Oliveira, com 00:43:33, representando 56% do programa, Pedro Ribeiro, com 00:13:04, representando 16,8% do programa e Claudia Lopes com falas que ocuparam 00:09:36, representando 12,3%. Dessa forma, a fala da única mulher do programa superou o tempo dos três homens com menores participações, que praticamente passaram despercebidos no programa analisado.

Em relação ao tempo médio de fala, observa-se que apesar de Claudia Lopes ser a terceira com maior tempo de participação, possuiu a segunda menor média. A menor média é de Luis Mateus, com nove segundos, seguido de Claudia Lopes, com 10 segundos; Pedro Barbosa, 23 segundos; Tomaz Morais,

[52] Vale ressaltar que Luis Mateus é o diretor do Mais Futebol desde 2016, ou seja, é o responsável pelo formato, pautas de discussão e decisão dos convidados que farão parte do programa. Apesar disso, na edição analisada, sua participação durante o programa foi ínfima.

25 segundos; Pedro Ribeiro, 34 segundos; Luis Francisco, 35 segundos; e, Vitor Oliveira, 46 segundos. Portanto, observa-se que, Luis Mateus e Claudia Lopes possuíram as falas mais curtas, impactada pelo (não) aprofundamento do conteúdo debatido, já que falas mais curtas são menos detalhadas. No caso, essa discrepância de duração da fala foi justificada pela função ocupada no programa, ou seja, a apresentadora e mediadora apenas introduz o conteúdo a ser discutido, enquanto comentaristas debatem e aprofundam esse conteúdo. Nesse sentido, observa-se, novamente e em mais um programa esportivo, que o *ethos* do discurso esportivo pertenceu ao homem que foi quem construiu de fato a informação que as(os) telespectadoras(es) buscam consumir.

É interessante esse fato, pois Claudia Lopes, apresentadora e mediadora, foi quem comandou o programa, ou seja, quem direcionou as questões aos participantes, indicando o momento de fala de cada um e levantou os temas a serem comentados. Além dessas funções assumidas, a própria distribuição dos participantes no cenário do programa, indicou que o comando do programa estava sob a responsabilidade dela, que assumiu a posição central e de maior destaque no estúdio, conforme pode ser observado na Figura 23.

Figura 23: Cenário do programa Mais Futebol

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Futebol, transmitido dia 05/05/2017, às 00:04:00.

No entanto, apesar de assumir esse comando do programa, não assumiu o discurso esportivo efetivo, pois o direcionou aos demais participantes (que é o objetivo do programa, já que sua proposta é justamente o debate), conforme também pode ser observado na Tabela 59, que demonstra os conteúdos de falas de cada profissional envolvida(o) na edição analisada.

Tabela 59: Funções de falas da apresentadora e comentaristas – Mais Futebol

	Claudia Lopes	**Vitor Oliveira**	**Pedro Ribeiro**	**Pedro Barbosa**	**Luis Francisco**	**Luis Mateus**	**Tomaz Morais**
Abertura	00:01:00 (100%)	***	***	***	***	***	***
Apresentação	0:02:09 (100%)	***	***	***	***	***	***
Redes Sociais	0:00:32 (100%)	***	***	***	***	***	***
Encerramento	00:00:31 (100%)	***	***	***	***	***	***
Pergunta	0:01:14 (47,4%)	***	0:00:21 (13,5%)	00:00:22 (14,1%)	00:00:30 (19,2%)	00:00:09 (5,8%)	***
Interação	00:03:53 (31,4%)	0:00:59 (8,0%)	0:06:19 (51,1%)	00:00:06 (0,8%)	0:00:21 (2,8%)	0:00:21 (2,8%)	0:00:22 (3,0%)
Opinião	00:00:17 (1,8%)	0:10:49 (70,5%)	0:01:34 (10,2%)	0:01:19 (8,6%)	00:00:13 (1,4%)	00:00:22 (2,4%)	00:00:46 (5,0%)
Análise	***	0:14:35 (70,5%)	0:02:55 (14,1%)	00:00:33 (2,7%)	0:02:38 (12,7%)	***	***
História	***	0:16:42 (100%)	***	***	***	***	***
Informação	***	00:00:28 (10,0%)	00:01:55 (41,1%)	***	00:00:54 (19,3%)	***	0:01:23 (1,1%)
Total	**0:09:36**	**0:43:33**	**0:13:04**	**0:02:20**	**0:04:36**	**0:00:52**	**0:02:31**

Fonte: Própria.

Conforme a Tabela 59, é possível afirmar que as falas de Claudia Lopes assumiram as seguintes funções: realizar a abertura do programa, apresentar conteúdos que serão debatidos, transmitir ao convidado perguntas realizadas pelos telespectadores via redes sociais, finalizar o programa, realizar perguntas aos comentaristas e interagir com esses colegas. Já funções como emitir opinião, realizar análise de determinado cenário esportivo, levantar fatos históricos relacionados ao esporte e transmitir informações esportivas couberam aos comentaristas e ao comentarista convidado.

Nesse sentido, é possível afirmar que as funções estratégicas no programa foram assumidas por homens que debateram, refletiram, trouxeram e analisaram informações esportivas, sendo que o comentarista convidado (Vítor Oliveira), além disso, ainda comentou contextos históricos e compartilhou experiências pessoais no meio esportivo, agregando sua opinião, com vivências e dados históricos.

Enquanto Claudia Lopes (a única mulher) foi responsável por coordenar o debate, mediando as relações, mas não assumiu atividades de análise e construção de informação e conhecimento esportivos, cabendo essas aos comentaristas, principalmente ao comentarista convidado (já que esse se destacou frente aos demais com falas que ocuparam mais da metade do programa, enquanto houve outros colegas com participação quase inexpressiva durante a edição analisada).

Dessa forma, o apontado por Cássia Carloto (2018) de que a divisão sexual do trabalho de forma geral legitima ideologias tradicionais de gênero também é aplicado no campo do jornalismo esportivo, onde, apesar de uma mulher estar inserida em um ambiente majoritariamente masculino, é responsável por coordenar relações interpessoais, enquanto os homens estão inseridos efetivamente na esfera produtiva do produto (no caso, discurso esportivo).

> A divisão sexual do trabalho, como base material do sistema de sexo-gênero concretiza e dá legitimidade às ideologias, representações e imagens de gênero, estas por sua vez fazem o mesmo movimento em relação às práticas cotidianas que segregam as mulheres nas esferas reprodutivas e produtivas, num eterno processo de mediação (CARLOTO, 2018).

Vale ressaltar que uma característica marcante na apresentadora foi a constante presença de riso (como apontado na Figura 24). Não apenas o riso comum e contido, mas também aquele em que se joga a cabeça para trás precedida de uma gargalhada alta. Também houve a presença do riso seguido de lágrimas e interferência no ritmo da respiração, no qual o espasmo foi tão difícil de controlar que interferiu na continuidade da fala e da respiração. De forma geral, o riso da apresentadora foi mais expressivo do que os dos demais

participantes e foi seguido do gesto manual de cobrir a boca. Os risos podem ser interpretados de muitas maneiras, como o humor, nervosismo, embaraço ou mesmo surpresa.

Figura 24: O humor no Mais Futebol

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Futebol, transmitido dia 05/05/2017, às 00:04:06.

No programa analisado, os risos (principalmente o da apresentadora que foi o que mais se destacada) foram resultados de um contexto humorístico, onde houve na conversa tópicos considerados engraçados pela(os) participantes. Esse humor presente no programa marcou a ideia da irreverência propagada pela emissora, onde o riso não é obtido por meio de piadas prontas, mas do humor situacional, com fortes laços contextuais e alto grau de improvisação, pois foi produzido durante o decorrer da conversa. E isso somente acontece quando há um grau de intimidade entre as pessoas envolvidas de forma a compartilhar determinados contextos.

Nesse sentido o riso surgiu como uma forma de responder e ratificar uma elocução não séria, demonstrando que, aquele que o expressa, compreendeu a “brincadeira” e que essa foi de seu agrado, corroborando seu envolvimento ao que foi dito. O riso também pôde sinalizar que a elocução foi realmente engraçada, o envolvimento e solidariedade com o locutor, demonstrar

conhecimento partilhado (já que para a compreensão ocorrer foi necessária a compreensão de determinado assunto) e demonstrar ligação próxima com a(os) envolvida(os) (COATES, 2007, p. 44).

Da mesma forma o riso sobressalente da apresentadora assumiu todas essas funções, sendo que de alguma maneira, Claudia Lopes apresentou necessidade maior de expressar esse marcador que é o riso. Ou seja, demonstrou mais do que os outros participantes sua compreensão do contexto da fala (no caso, contexto esportivo), proximidade com o locutor (que na maior parte dos casos foi o comentarista convidado, Vitor Oliveira, que apontou experiências esportivas). Indiretamente, o riso mais alto, mais longo e mais intenso da apresentadora, foi uma maneira de se destacar entre os demais participantes, reforçando que pertence a esse espaço e o compreende.

Além desses fatores também foram analisadas questões relacionadas às vestimentas, posições e aparências físicas de cada profissional. Para melhor visualização os dados recolhidos foram agrupados na Tabela 60, divididos nas seguintes categorias: vestimenta, adereços (adornos utilizados pelos profissionais durante o programa), aparência física (características físicas), forma de tratamento (maneiras como os profissionais foram identificados), relação com contexto familiar (ou seja, se o profissional foi relacionado com vínculos familiares como marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, entre outros), se houve citação da aparência estética e do humor, formação profissional, *status* de relacionamento e idade, com intuito de traçar o perfil dessa(es) profissionais e se há características semelhantes entre essa(es). Esses dados estão disponíveis na Tabela 60.

Tabela 60: Vestimenta e aparência da(os) profissionais do Mais Futebol

	Claudia Lopes	Vitor Oliveira	Pedro Ribeiro	Pedro Barbosa	Luis Francisco	Luis Mateus	Tomaz Morais
Vestimenta	Social: camisa azul claro, manga longa	Social: camisa azul clara manga longa	Social: camisa branca, casaco azul escuro	Casual: camisa branca cardigã cinza claro	Social: Camisa azul escuro manga longa	Social: camisa preta manga longa	Social: Camisa azul clara e casaco azul escuro
Acessórios	Pulseira e brincos discretos	**	**	**	Óculos	**	**
Aparência	Morena claro, cabelo liso, magra, maquiagem e unhas discretas	Calvo, barba feita, bigode e cabelo branco	Moreno, grisalho, cabelo curto e barba rala	Careca, e barba baixa aparada	Moreno, grisalho, cabelo curto, topete e barba feita	Careca, barba baixa aparada	Moreno claro, calvo, cabelo curto e barba feita
Formas de tratamento	Não é referenciada	Mister (15); Mister Vitor Oliveira (2), Vitor Oliveira (1)	Não é referenciado	Barbosa (4)	Luiz Francisco (2), Luiz (2)	Não é referenciado	Tomáz (6)
Família é citada	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Estética citada	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Humor é citado	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Idade[53]	44 anos (1973)	64 anos (1953)	47 anos (1971)	47 anos (1970)	* Não encontrada	* Não encontrada	47 anos (1970)
Formação[54]	Marketing e Comunicação (Instituto Superior de Comunicação Empresarial)	Ex treinador de futebol	Radialismo	Ex futebolista	Comunicação social (Univ. Nova Lisboa)	Comunicação Social e Cultural (UCP)	Educação Física e Desporto (ULHT)
Relacionamento[55]	Casada com Marco	* Não encontrado	Casado Rita Rugeron	* Não encontrado	* Não encontrado	* Não encontrado	Casado com Inês Morais

Fonte: Própria.

[53] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[54] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[55] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

Observa-se que a(os) participantes seguiram um padrão em relação à vestimenta. Apesar de não utilizarem uniformes, toda(os) usam trajes sociais, não havendo algo destoante, aliás, parece haver um entendimento, inclusive, em relação às cores das roupas (azul claro e escuro, preto e branco). Da mesma forma, em relação aos acessórios também não houve alguma discrepância ou algo que destacasse da(os) demais. Nesse sentido, roupas e acessórios não foram utilizados de forma diferentes e com objetivos diferentes por cada profissional, mas foram apropriados de forma discreta, como apontado em entrevista (disponível no Apêndice desse trabalho) com a apresentadora que abordou que os acessórios não podem ser chamativos e as roupas são escolhidas juntamente com uma/um *personal style*, que segue o *dress code* da emissora.

Quanto à aparência física, houve certo cuidado com a estética tanto da parte de Claudia Lopes, como dos colegas comentaristas. A apresentadora possuiu cabelo liso, maquiagem discreta e unhas pintadas de cores também discretas. Já os comentaristas possuíram cabelo curto (ou carecas) e barba feita (na totalidade ou com aparência baixa ou apenas o bigode), sendo que em nenhum caso houve cabelos e barbas mal feitos ou desarrumados.

Vale ainda ressaltar que a aparência física da(os) participantes não foram alvos de comentários em nenhum momento, da mesma maneira que o humor e relações pessoais e familiares também não foram abordados. Aliás, o programa possuiu uma certa interação (não comum nos programas portugueses), mas como já apontado houve uma formalidade e ordem nos debates que seguiram a proposta da pergunta levantada (geralmente pela apresentadora) e respeitou a ordem de fala de cada participante, fazendo com que o programa mantivesse o discurso esportivo como o único presente.

Esse fato também influenciou nas formas de tratamento, como observado na Tabela 60. Claudia Lopes, Luis Mateus e Pedro Ribeiro não são citados ou chamados durante o programa, ou seja, não foram convocados para um espaço de fala. Já Tomaz Morais foi chamado exclusivamente pelo primeiro nome (Tomaz, seis vezes), Pedro Barbosa exclusivamente pelo sobrenome (Barbosa, quatro vezes) e Luis Francisco metade das vezes foi chamado pelo primeiro nome (Luis, duas vezes) e a outra metade pelo nome e segundo nome

(Luis Francisco, duas vezes). Apenas o convidado Vitor Oliveira (chamado apenas uma vez dessa forma) recebeu um apelido, no caso, Mister (que apareceu 17 vezes, sendo 15 isoladamente e duas vezes seguido do nome e sobrenome do comentarista). Vale ressaltar que a palavra *mister* em português europeu também é uma gíria que significa treinador (geralmente de futebol). A partir desses dados foi possível verificar que o comentarista convidado foi o participante mais convocado para o debate, sendo chamado três vezes mais do que o segundo mais requisitado (no caso Tomáz Morais).

Em relação à idade nota-se certa homogeneidade entre a(os) profissionais do programa, sendo que essa oscila entre 44 e 47 anos, exceto pelo comentarista convidado que apresenta 64 anos, sendo Claudia Lopes a mais nova. Da mesma maneira também houve uma homogeneidade em relação à formação, toda(os) são da área de comunicação ou trabalharam com futebol, exceto Tomaz Morais que é formado em educação física e desporto.

Assim, observa-se no programa certa semelhança na seleção da(os) profissionais contratados em relação à idade, formação, cuidados estéticos e padrões de vestimenta. No entanto, se diferenciaram nas funções exercidas durante o programa, onde nota-se que Claudia Lopes foi responsável por mediar as relações interpessoais, estimular o debate, introduzir os temas de discussão e controlar o tempo do programa. Enquanto, Tomaz Morais foi responsável por emitir opiniões e trazer novas informações, juntamente com os colegas Luis Francisco, Pedro Barbosa e Pedro Ribeiro que também se responsabilizaram por realizar análises esportivas, e Vitor Oliveira (o comentarista convidado), que também contribuiu com o compartilhamento de experiências e vivências esportivas. Por fim, houve Luis Mateus que pouco participou da edição analisada, mas foi responsável pela direção do programa, cabendo a ele as decisões mais estratégicas como escolha dos entrevistados, pauta e assuntos a serem discutidos.

Nessa edição ainda se destacou a presença do humor, marcada por risos de toda(os) a(os) participantes, mas com maior expressividade o riso de Claudia Lopes, que costumou ser mais longo e mais intenso, marcando uma concordância com o assunto, demonstrando compreensão do contexto e da relação do fato apontado com a situação jocosa e proximidade com o locutor. Sendo o riso nesse programa uma marca do humor, nota-se que Claudia Lopes

enfatizou mais sua relação com esse fato e seus contextos do que os demais participantes, que não expressaram com tanta ênfase essa relação.

Nesse cenário, novamente, observamos as funções estratégicas sob responsabilidade masculina, cujo discurso foi fomentador do conhecimento esportivo, detendo, portanto, o *ethos* desse assunto. Já à apresentadora coube apontar as informações que seriam debatidas no programa, interagir com os colegas comentaristas e mediar o discurso entre eles, organizando o espaço de fala de cada participante. Além disso, também coube a ela reforçar comentários jocosos a partir de risos de destaque, que também tiveram a função de demonstrar sua compreensão do contexto do comentário humorístico.

Assim, apesar do programa disponibilizar para Claudia Lopes uma função além da apresentação (no caso, a mediação), a competência do discurso e construção do conhecimento esportivo continuou sob responsabilidade masculina, mantendo o esporte ainda como um campo masculinizado (VENTURA, 2007; PÊGO, 2015; GARCIA, 2009).

6.2.3 Mais Bastidores – TVI 24 (05/05/2017)

O programa Mais Bastidores é transmitido de segunda a sexta na TVI 24, com intuito de debater as jogadas dos bastidores do futebol português, bem como o que se passa diariamente, dentro dos balneários dos clubes – das palavras dos treinadores às reações dos jogadores.

A edição do programa Mais Bastidores selecionada para análise foi a referente à transmitida no dia 05/05/2017 que conteve quatro profissionais atuantes no estúdio: Andreia Palmeirim (apresentadora e mediadora), Luis Aguilar (comentarista), Pedro Sousa (comentarista) e Rui Pedro Braz (comentarista). Nesse sentido, Andreia Palmeirim comandou o programa, conduzindo os assuntos que seriam discutidos (por meio de inserção de perguntas aos comentaristas) e administrar a participação dos demais colegas. Esses, por sua vez, iriam debater a respeito do esporte e jogadas, principalmente do futebol, realizando análise e emitindo opiniões sobre lances e acontecimentos.

Sobre a análise deste trabalho, o primeiro fator avaliado foi o tempo de fala de cada participante, conforme pode ser observado na Tabela 61.

Tabela 61: Tempo de participação da(os) profissionais - Mais Bastidores

	Tempo Total	**Tempo Médio**	**Tempo Relativo**
Andreia Palmirim	0:07:38	00:00:11	11,2%
Luis Aguilar	0:16:38	00:01:31	24,4%
Pedro Sousa	0:15:12	00:01:23	22,3%
Rui Pedro Braz	0:16:52	00:01:41	24,7%
Entrevista	0:09:23	00:02:21	13,8%
Reportagem	0:01:56	***	2,8%
Encerramento	0:00:33	***	0,8%
Total	1:08:12		100,0%

Fonte: Própria.

Observa-se que o tempo de participação dos comentaristas foi equilibrado sendo que Pedro Sousa foi quem possui o menor tempo de fala, com 00:15:12 de participação e Rui Pedro Braz foi quem possui o maior tempo, com 00:16:52. O tempo médio de duração das falas também foi relativamente parecido, sendo que Pedro Sousa foi quem possuiu as falas mais curtas (com média de 00:01:23) e Rui Pedro Braz as falas mais extensas (com duração média de 00:01:41).

Já Andreia Palmeirim foi quem deteve menos tempo e menor tempo médio de fala, o que é esperado da função de apresentação em relação à função de comentarista. No caso, Andreia Palmeirim foi quem tem mais intervenções (41 no total, frente às 10 e 11 dos comentaristas), mas seus discursos foram mais pontuais, o que repercutiu em menor tempo total e menor tempo médio de fala, como observado. O tempo de duração das intervenções foi um importante indicador de quanto o conteúdo foi aprofundado pelo locutor e os detalhes foram apresentados por essa(es). No entanto, além do tempo de duração de cada fala, também foram avaliadas as funções desses discursos, com intuito justamente de apontar a contribuição efetiva de cada profissional.

Essa categorização dos discursos e a tabulação desses resultados podem ser observados na Tabela 62.

Tabela 62: Conteúdos e contextos dos discursos no programa Mais Bastidores

	Andreia Palmeirim	**Luis Aguilar**	**Pedro Sousa**	**Rui Pedro Braz**
Abertura	00:00:28 (100%)	***	***	***
Apresentação	0:02:06 (100%)	***	***	***
Encerramento	00:00:24 (100%)	***	***	***
Pergunta	0:02:29 (100%)	***	***	***
Informação	0:01:59 (59,8%)	***	00:01:20 (40,2%)	***
Opinião	0:00:09 (1,6%)	0:01:55 (20,8%)	0:01:30 (16,3%)	0:05:39 (61,3%)
Análise	***	0:14:43 (38,4%)	0:12:22 (32,3%)	0:11:13 (29,3%)
Total	0:07:38	0:16:38	0:15:12	0:16:52

Fonte: Própria.

De acordo com a Tabela 62, é nítido que as funções apresentação e comentaristas foram bem delimitadas e demarcadas no programa, afinal, Andreia Palmeirim foi a única responsável por realizar a abertura e fechamento do programa, apresentar pautas que seriam debatidas em reportagens e direcionar perguntas esportivas para os demais colegas. Já Luis Aguilar, Pedro Sousa e Rui Pedro Braz foram responsáveis pelas análises de fatos e acontecimentos esportivos e emissão de opinião sobre essas situações.

O programa possuiu uma estrutura rígida de participação, pois houve pouca interação entre participantes. Essa se restringiu basicamente às perguntas feitas por Andreia Palmeirim, mas mesmo as respostas dadas pelos comentaristas foram direcionadas às/aos telespectadoras(es) e não à(aos) participantes da mesa de debates. Dessa forma, a dinâmica do programa foi bem estruturada quanto ao espaço de participação de cada profissional; sendo que as poucas interações existentes se restringiram basicamente em realizar questionamentos. Essa dinâmica foi tão rígida que mesmo para interagir entre comentaristas houve mediação da Andreia Palmeirim por meio de perguntas do tipo: “você concorda com esse posicionamento?”. Nota-se, portanto, que houve

pouca liberdade de assumir o espaço de fala por parte dos comentaristas, já que esse foi demarcado pela apresentadora.

O distanciamento também pode ser notado pelo enquadramento adotado durante o programa. A maior parte da edição analisada optou-se pelo uso do plano fechado em uma/um da(os) participantes, associado às imagens externas, como partidas de futebol e torcidas, por exemplo, como pode ser observado na Figura 25.

Figura 25: Enquadramento principal do programa Mais Bastidores

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:39:23.

Durante 14 vezes o programa adotou o enquadramento no plano fechado em determinada(o) participante, associado às imagens externas e ao enquadramento no plano fechado de outra(o) participante. Como pode ser observado na Figura 26:

Figura 26: Plano fechado em dois participantes separadamente no programa Mais Bastidores

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:45:06.

Nesse caso, passou-se a impressão de que ambas(os) estavam dialogando, já que a imagem de um estava voltada para a imagem de outro. No entanto, existia um cenário que os separava: os vídeos das imagens externas e o fundo presente no campo em que estão inseridos que se diferenciavam. Esses elementos criaram o sentido de que a(os) participantes não estavam em uma mesma sala, e que a dinâmica de diálogo ocorreu intermediada por alguma tecnologia de vídeo transmissão. É interessante que nenhuma/nenhm da(os) quatros participantes possuiu o mesmo cenário de fundo, como pode ser visto na Figura 27.

Figura 27: Cenários de fundo do programa Mais Bastidores

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:54:25.

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:08:06.

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:08:10.

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 00:39:23.

Portanto, além de haver pouca interação (apesar de ser um programa de debates), onde o formato foi basicamente perguntas x respostas, o próprio enquadramento trouxe essa ideia de isolamento e pouca proximidade entre a(os) participantes. Houve apenas dois momentos em que o enquadramento englobou o plano de conjunto (com um ângulo visual aberto, a câmera revelou uma parte significativa do cenário à sua frente), de forma a demonstrar que toda(os) a(os) participantes dividiam o mesmo cenário. Os momentos em que esse

enquadramento foi utilizado ocorreram apenas na abertura (o programa iniciou com esse plano e a seguir focou-se em Andreia Palmeirim) e no fechamento do programa, onde a câmera partiu do plano em Andreia Palmeirim para focar o cenário todo. A Figura 28, mostra esse plano de conjunto utilizado ao final do programa analisado.

Figura 28: Plano de conjunto – Mais Bastidores

Fonte: Imagem extraída do programa Mais Bastidores, transmitido dia 05/05/2017, às 01:07:43.

Como já apontado, além do enquadramento sugerir o distanciamento entre a(os) participantes, o programa possuiu uma estrutura rígida de participação, que tornou a interação entre os participantes escassa, já que o tempo e espaço de falas foram delimitados por meio das questões apontadas por Andreia Palmeirim, havendo pouca liberdade para os comentaristas assumirem o espaço de fala e debaterem entre si.

Nesse caso, observa-se ainda que se por um lado, Andreia Palmeirim demarcou os espaços de fala dos participantes, por outro, pouco lhe conferiu a possibilidade de debater e opinar a respeito de eventos esportivos. Ou seja, ao mesmo tempo em que coordenou a dinâmica do programa, se excluiu dessa mesma dinâmica, colocando-se apenas como mediadora e não participante da

discussão esportiva, como aconteceu em todos os demais programas estudados, o *ethos* do discurso esportivo competiu aos homens.

Nesse sentido, Andreia Palmeirim não se posicionou frente aos conteúdos esportivos, não emitiu sua opinião e não se envolveu efetivamente com a discussão, mas apenas direcionou os pontos que serão elencados, apesar de comandar a estrutura do programa e demarcar a participação de cada um dos comentaristas. Dessa forma, ela organizou a comunicação entre as partes envolvidas, foi responsável por conduzir o debate de forma a garantir espaço de fala para todos participantes, controlando o tempo de fala desses e contornando possíveis situações imprevistas que distanciavam a discussão do objetivo central, mas não tomou parte disso, mantendo-se distante a partir de um discurso não opinativo e não analítico a respeito de eventos esportivos.

Além disso, também foram analisadas as vestimentas, posições e aparências físicas de cada profissional, a partir de informações sobre os adereços adornos utilizados durante o programa), características físicas e estéticas, formas de tratamento (como foram chamada(os) durante o programa), se os vínculos familiares, aparência física e humor foram comentados na edição analisada, qual a formação profissional, o *status* de relacionamento e a idade de cada participante, com intuito de traçar o perfil dessa(es) profissionais e se houve características semelhantes entre essa(es). Esses dados estão disponíveis na Tabela 63.

Tabela 63: Vestimenta e aparência dos profissionais do Mais Bastidores

	Andreia Palmeirim	Luis Aguilar	Pedro Sousa	Rui Pedro Braz
Vesti-menta	Social: blusa branca, casaco preto	Social: camisa azul clara, casaco preto	Social: camisa branca e casaco preto	Social: Camisa branca, casaco azul escuro
Acessórios	Corrente com pingente discreto	Relógio prata	Lenço no bolso e relógio prata	Relógio prata, pulseira de corda, lenço no bolso
Aparência	Morena, cabelo levemente ondulado, pele clara, magra, maquiagem e unhas discretas	Moreno, topete, pele clara, cabelo curto e barba feita	Careca, pele clara, e barba feita	Moreno, pele clara, cabelo e barba baixa e aparada
Formas de tratamento	Andreia (1)	Luis (4)	Pedro (6)	Rui (5)
Relação familiar foi citada	Não	Não	Não	Não
Aparência estética foi citada	Não	Não	Não	Não
Humor foi citado	Não	Não	Não	Não
Idade[56]	35 anos	36 anos (1982)	50 anos (1968)	40 anos (1978)
Formação[57]	Comunicação Social (Universidade Católica Portuguesa)	Antropologia (Universidade Técnica de Lisboa)	* Dado não encontrado	Comunicação Social (Universidade Católica Portuguesa)
Status de relaciona-mento[58]	Relação heteroafetiva	Namorado de Carla Amieiro	Casado com Patrícia Gallo	* Dado não encontrado

Fonte: Própria.

Observa-se que em toda(os) a(os) participantes houve uma preocupação com a aparência física, ou seja, houve um certo cuidado com a estética tanto da parte de Andreia Palmeirim, como dos colegas comentaristas. A apresentadora possuiu cabelo levemente ondulado, maquiagem discreta e unhas pintadas de cores também discretas. Já os comentaristas possuíram

[56] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[57] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.
[58] Informação obtida em redes sociais (*Facebook, Instragam, Twitter* e/ou *Linkedin*) dos profissionais ou sites de notícias sobre celebridades.

cabelo curto (ou carecas) e barba feita (na totalidade ou com aparência baixa), sendo que em nenhum caso houve cabelos e barbas mal feitos ou desarrumados.

Quanto à vestimenta também houve certa coerência, apesar de não utilizarem uniformes, toda(os) usam trajes sociais muito semelhantes: camisa branca com casaco escuro (exceto por Luis Aguilar que a camisa é azul clara), não havendo algo destoante nem em relação ao padrão, modelo ou mesmo cores e estampas. Da mesma forma, em relação aos acessórios também não houve alguma discrepância. Nesse sentido, roupas e acessórios não foram utilizados de forma diferentes e com objetivos diferentes por cada profissional, mas foram apropriados de maneira discreta e formal.

Tanto a vestimenta como aparência física não foram alvos de comentários durante o programa. Da mesma forma que o humor e relações familiares também não foram citadas. Aliás, como apontado, a estrutura de dinâmica enrijecida do programa não permitiu esse tipo de comentário, já que a formalidade da discussão foi parte significativa da característica do programa.

Sobre o perfil da(os) participantes, observa-se que Andreia Palmeirim é a mais nova (com 35 anos), seguida de Luis Aguilar (36 anos), Rui Pedro Braz (40 anos) e Pedro Sousa (50 anos) e todos (exceto Rui Pedro Braz, cuja informação de *status* de relacionamento não foi encontrada) encontram-se em relações amorosas heteroafetivas. Quanto à formação, tanto Andreia Palmeirim como Rui Pedro Braz são formados em comunicação social pela Universidade Católica Portuguesa e Luis Aguilar em Antropologia.

Em relação às formas de tratamento, observa-se pouca interação entre participantes, mas que durante todos os momentos foram chamados pelo primeiro nome, no caso: Andreia (uma vez), Rui (cinco vezes), Luis (quatro vezes) e Pedro (seis vezes). A partir disso, pode-se apontar que Pedro Rui Barbosa foi o participante mais convocado para a discussão, enquanto Andreia Palmeirim foi chamada apenas uma vez e essa se restringiu apenas a um retorno do seu chamado, no caso, foi Pedro Rui Barbosa que respondeu apenas: “boa noite, Andreia”, ou seja, não houve um requerimento para o espaço de fala em um campo de debate esportivo para Andreia Palmeirim.

A questão do distanciamento entre os participantes esteve presente em todo o programa construído, inclusive, pelo enquadramento dos planos. Esse

distanciamento também pôde ser percebido pela não (ou pouca) interação entre os participantes, seguindo uma dinâmica apenas de perguntas / respostas direcionadas diretamente a cada um. Esse direcionamento foi promovido por Andreia Palmeirim, já que cada comentarista apenas participou após a chamada da apresentadora, que foi quem conferiu e demarcou os espaços de falas de todos os participantes.

Apesar dessa função de direcionamento, observa-se que a apresentadora não lhe auto conferiu um espaço para o discurso competente a respeito do esporte, já que em nenhum momento se colocou para debater ou emitir opiniões sobre essa temática. Dessa forma, apesar de possuir a função de mediação, indo além da função apenas de apresentadora, ainda não ocupou o espaço de produtora do conhecimento esportivo, sendo esse de responsabilidade exclusivamente masculina.

Apesar de todo esse cenário de dificuldades, é inegável o avanço da participação feminina nesse contexto e a importância dessas mulheres na quebra de paradigmas, ao adentrarem em um campo ainda masculinizado, enfrentando preconceitos e estereótipos de gênero, de forma a conquistar novos espaços e novas possibilidades de atuações.

6.3 Entrevistas

Em Portugal foram realizadas três entrevistas com jornalistas que atuam em programas esportivos televisivos. Destas, Claudia Maria Vilar G. Lopes é considerada uma das mulheres precursoras no jornalismo esportivo televisivo português, juntamente com Laura Santos e Cecília Carmo (que não atuam mais especificamente no jornalismo esportivo). As demais são Inês Gonçalves (RTP) e Rosa Pinto (SIC Notícias), conforme apontado na Tabela 64.

Tabela 64: Profissionais entrevistadas

	Idade	**Canal**	**Status em JE[59]**	**Tempo em JE**
Entrevistada	43	TVI 24	Ativa	20 anos
Entrevistada	34	SIC Notícias	Ativa	08 anos
Entrevistada	38	RTP	Ativa	17 anos

Fonte: Própria.

As entrevistas foram realizadas entre 28 de abril a 03 de julho de 2017, majoritariamente na cidade de Lisboa, Portugal (exceto pela entrevista realizada com a jornalista Inês Gonçalves que foi realizada na cidade do Porto, Portugal), e nas respectivas emissoras nas quais atuam. Cada entrevista durou em torno de 40 a 60 minutos de conversa.

Vale ainda ressaltar que, como apontado no projeto, o objetivo era realizar um censo, ou seja, entrevistar todas as jornalistas atuantes como apresentadoras, comentaristas ou narradoras em programas de esporte dos canais SIC, SIC Notícias, TVI, TVI 24, RTP1, RTP2 e RTP3 durante o período de 20 de abril a 20 de maio de 2017. No entanto, não foi possível realizar o trabalho com quatro jornalistas: Filipa Pereira (SIC Notícias), Cristina Freitas (SIC Notícias), Marisa Caetano Antunes (SIC Notícias) e Andreia Palmeirim (TVI 24), devido a não disponibilidade das profissionais para tal.

Convém apontar que na SIC Notícias o quadro de apresentadoras(es) não é fixo, ou seja, as(os) profissionais migram nas diversas áreas do jornalismo, e a entrevistada Rosa Pinto, não participou dos programas esportivos no período analisado, mas mantém ativa nessa área.

O objetivo das entrevistas foi de analisar o que as apresentadoras de programas de esportes compreendem a respeito de sua inserção neste ambiente, suas funções e relações com demais profissionais e públicos. Para isso, agrupamos as questões em blocos que discutiram o seguinte tema: (1) inserção no esporte, (2) cobranças estéticas, (3) percepção do ambiente (se feminino, masculino ou neutro), (4) principais “vantagens” de uma mulher atuar

[59] Jornalismo esportivo

nessa área – preconceito velado, (5) funções de comentaristas e narradoras, (6) dificuldades por ser mulher, (7) mudanças no cenário.

6.3.1 Inserção e trajetória no ambiente esportivo

Essa questão tem objetivo indicar os conteúdos que seriam discutidos durante a entrevista e acolher a entrevistada, com intuito de se sentir confortável com a dinâmica. A história pessoal no jornalismo e no jornalismo esportivo aponta a forma de ingresso nesse ambiente e as vias pelas quais as profissionais tiveram acesso à atual função na televisão (apresentadoras).

Como apontado no Capítulo 3.2 desse trabalho (intitulado: A mulher no jornalismo português), nomes femininos de destaque no jornalismo esportivo começaram surgir na televisão portuguesa a partir do final da década de 80. No campo da reportagem esportiva televisiva, destacaram-se como precursoras Pilar de Carvalho, primeira mulher a acompanhar à Volta a Portugal, falecida em 93 (RTP, 2018) e Lena Sousa e Silva (ingresso em 95, que veio a substituir Pilar de Carvalho). Na apresentação destacaram-se Natália de Oliveira (considerada precursora no jornalismo esportivo televisivo em Portugal) e Cecília Carmo (que ingressou em 1987 na RTP como repórter e apresentadora, sendo apelidada como a Grande Senhora do Desporto [DN, 2018]). Além desses nomes, destacam-se ainda como iniciantes nesse campo, Margarida Pires (cujo ingresso ocorreu em 1992 na TVI), Claudia Lopes (1998 na RTP), Laura Santos e Helena Sousa e Silva (RTP, 2018; DN, 2018; TVI, 2018; MARQUES, 2018). Dessas apenas Claudia Lopes ainda está na ativa no jornalismo esportivo televisivo (entrevistada neste trabalho).

Considerando esse cenário e as entrevistas, observa-se que o ambiente predominantemente masculino não inibiu o desejo das atuais apresentadoras de participarem do campo esportivo. Das três entrevistadas, duas tinham interesse prévio em trabalhar com o esporte, e uma não pensava nessa possibilidade. Dessas duas que tinham interesse prévio, em um dos casos, o ingresso no jornalismo esportivo surgiu a partir de um convite da emissora e não de uma iniciativa por parte da profissional de contatar a chefia e sugerir sua participação nesse segmento.

> Quando fui para à universidade eu gostava tanto da parte desportiva e de escrever que eu pensei, se calhar vou seguir a parte do desporto, se calhar vou aliar as duas coisas, e ficava meio indecisa vou estudar desporto e ser professora do desporto ou vou estudar comunicação e trabalhar com informação, acabei por optar a estudar comunicação e ficar na parte do desporto, o que aconteceu com naturalidade. Quando acabei o curso, fui fazer um estágio para um jornal aqui do Porto que é o Diário de Notícias, depois entretanto fui trabalhar para a Associação Nacional dos Jovens Empresários, e tinha deixado meu currículo para uma televisão que iria abrir que era a NTV, que era a televisão do Porto, fui selecionada e pronto. Quando cheguei, percebiam que eu gostava do desporto que eu falava do futebol que ia aos estádios. E me perguntaram em que área eu gostaria de trabalhar, eu falei desporto e pronto, começou assim (ENTREVISTADA H, 2017).

Neste primeiro caso, era do interesse da entrevistada participar do jornalismo desportivo, afinal, era esse o plano que tinha quando ingressou no jornalismo. No entanto, preferiu aguardar que a emissora perguntasse qual área tinha interesse, para propor sua participação no esporte.

Diferentemente do caso acima, no outro caso a proposta partiu da própria apresentadora, que após os cinco primeiros meses de estágio, sugeriu sua participação no segmento esportivo, nesse caso, observa-se que a oportunidade foi de apresentar esporadicamente notícias de esporte durante a madrugada, para posteriormente assumir efetivamente a posição nos principais informativos esportivos do canal.

> Fiz o estágio e fiquei aqui trabalhar. Eu gostava muito de desporto, mas não tinha certeza sobre a possibilidade de fazer jornalismo na vertente desportiva. Mas na altura do estágio, há cinco meses, eu pedi para passar pra desporto, mais especificamente o futebol, porque na realidade portuguesa, 90% do desporto é futebol. Com o primeiro contrato, passei primeiramente para um programa de informação matinal e depois para apresentar a notícia durante a madrugada no canal, depois surgiu a oportunidade de apresentar esporadicamente jornais de desporto ao longo da madrugada. E desde 2010, apresento os informativos desportivos durante a semana e depois no fim de semana tem outra vertente. Ainda que o jornalismo esportivo seja o meu principal objeto de trabalho, mas sempre na ótica da apresentação. Já muito tempo que nem sequer tenho oportunidade de ir ao terreno (ENTREVISTADA G, 2017).

Por fim, a última entrevistada ingressou no esporte por acaso, pois não tinha pretensão em trabalhar nem com o jornalismo, nem com esportes (apesar de ter familiaridade com o tema, por praticar esportes e ter um irmão que é professor de educação física).

> Eu vou para o jornalismo por acidente e por jornalismo esportivo por um acidente ainda maior. ou seja, minha licenciatura era em marketing em comunicação empresarial. E eu parto do princípio que o trabalho de assessoria de imprensa é das áreas profissionais mais fortes e achei que deveria fazer estágio em um órgão de comunicação social. Assim que parei no jornalismo, em um estágio profissional da faculdade, sem nenhuma ambição de ser jornalista (...). Na altura, fizeram um programa de estágios, no âmbito de cursos de formação, para passarmos aos quadros, e aí que eu vou parar um mês no desporto. É o segundo acidente deste percurso, completamente por acaso, sem eu saber nada de nada. Não era um fenômeno estranho, meu irmão é professor de educação física. Eu própria fiz na escola desporto muito tempo que era uma coisa que eu gostava muito. Fiz desporto por toda vida não imagino a minha vida sem uma atividade física. Portanto esse fenômeno não me é estranho. Assim, fui ficar lá um mês e nunca mais sai. Comecei em 98, estamos em 2017 e nunca mais larguei o desporto, nunca mais larguei o jornalismo desportivo. Tem sido um percurso de mais de 20 anos, começou por acidente, mas às vezes é como furar um pneu do nosso carro na estrada e encontramos o homem da nossa vida. Portanto, veio para nos salvar, digamos mais ou menos assim (ENTREVISTADA I, 2017).

Nesse último caso, o ingresso da apresentadora no programa esportivo foi resultado do acaso, onde obrigatoriamente iria passar por diferentes setores da emissora como forma de treinamento. Convém ainda salientar que a apresentadora relacionou seu ingresso ao ambiente esportivo como um acidente no qual, por acaso, encontra-se o amor e é salvo. A analogia do jornalismo esportivo com o homem que aparece em uma situação problema e o resolve, demostra certo apego aos conceitos tradicionais de gênero (homem salvador), mas os transfere para o ambiente de trabalho, ressignificando o sentido de “salvar a vida”.

6.3.2 Pressões estéticas

A princípio as jornalistas não relataram sofrer pressões estéticas, dizendo apenas que há sugestões e dicas na escolha das vestimentas. Nesse

sentido, aparentemente, a questão da "dor da beleza[60]" apontada por Naomi Wolf (1992), não estaria presente. Afinal, conforme as entrevistadas as cobranças estéticas no ambiente do jornalismo esportivo televisivo estariam relacionadas apenas à escolha de vestimenta, que segue um padrão da emissora e, portanto, é aplicado tanto às mulheres quanto aos homens. Apontaram ainda que a escolha das roupas é realizada juntamente com um *personal style* da emissora, mas que possuem liberdade para não aceitar sugestões.

> Nós temos uma liberdade individual para escolher. Basicamente a coisa funciona desta forma. Como pivô que sou, cada um tem uma marca, mas isso é indiferente ao fato de estar a apresentar jornais de desporto ou não. Todos nós temos uma marca que nos patrocina, mas sou eu a coresponsável por meu guarda roupa. Mas quanto à roupa, tenho roupa para apresentar jornais de deporto e apresentar jornais tradicionais, eu faço um bocadinho essa distinção, porque se calhar, se for apresentar num espaço mais descontraído, visto uma roupa mais descontraída (ENTREVISTADA G, 2017).

> Nós temos uma responsável pelo guarda-roupa da estação, que é responsável pela estação inteira. Com quem eu vou às compras duas vezes ao ano e discutimos as duas roupas e adornos. Estou na apresentação desde 1999, 2000, então já sei. Por exemplo, não posso usar pulseiras grandes ou acessórios grandes que vão fazer barulho. Não posso colocar coisas grandes que chamem muita atenção. Não posso por um colar demasiado vistoso que vai ser ruído na imagem. E aí perde, no dia a dia, como mulher, o hábito de usar coisas muito complexas, maquiagens muito fortes, e condiciona um bocadinho. Acaba que nossa profissão acaba nos condicionando a nós do que nós a nossa profissão (ENTREVISTADA I, 2017).

[60] "Quando uma mulher é forçada a se enfeitar para conseguir ser ouvida, quando ela precisa de boa aparência para proteger a identidade, quando ela passa fome para manter o emprego (...), é exatamente isso o que faz com que a 'beleza' doa" (WOLF, 1992, p. 363).

> Temos que seguir um padrão que é da própria televisão, da própria empresa. Há um *dress code* a seguir, que é definido pela empresa, pelas pessoas que trabalham a imagem da empresa. Eu acho que está certo, porque senão cada um iria vestir aquilo que gosta. e acho que temos que ter uma imagem que dê para se identificar com a empresa em que se trabalha (...). Maquiagem é uma coisa mais fácil de moldar ao gosto de cada uma, mas há uma linha que se deve seguir também (nós não vamos fazer um jornal, como quem vai a uma festa, precisamos ter um ar credível e sóbrio), mas na maquiagem há liberdade. O guarda roupa é escolhido com uma pessoa que me acompanha, fazemos isso toda vez que há uma nova estação e só trago coisas que me sinto bem, mas é preciso seguir uma linha. Os homens também têm essa linha que tem que seguir, a roupa que vestem também é uma roupa diferente da roupa do dia a dia, o cabelo também merece cuidado, é a mesma coisa, nós temos todos que seguir uma linha (...). A escolha é feita junto com a empresa, com uma pessoa responsável que vai conosco escolher a roupa, eu não trago nada que eu diga eu não consigo vestir isso, porque também preciso me identificar com a roupa que trago. É uma linha definida pela empresa (ENTREVISTADA H, 2017).

No entanto, esse padrão apontado pela Entrevistada H necessário para identificar as pessoas que trabalham em determinada empresa não inclui apenas as vestimentas e acessórios, mas envolve também fatores físicos e pessoais como o tipo de cabelo (que a priori não possui uma responsabilidade de relacionar pessoas com determinada empresa). Nesse caso, o tipo de cabelo não é em relação ao cuidado pessoal, como estar penteado ou despenteado, mas se o cabelo é enrolado ou liso, por exemplo, como apontado na entrevista: “não posso, por exemplo, apresentar com meus caracóis, toda vez que vou apresentar, aliso. Tem que ser o padrão” (ENTREVISTADA H, 2017), e nesse caso, nota-se, indiretamente, uma citação da “dor da beleza” (WOLF, 1992, p. 363), onde é negada a escolha da mulher sobre sua própria aparência, interferindo em questões pessoais, como o ondulado do cabelo.

Em relação a isso, a Entrevistada I, apontou que em outros países, como a Itália, existe uma exigência de padrão de beleza para as mulheres ingressarem no jornalismo esportivo, sendo a imagem delas explorada durante o programa a partir de vestimentas mais sensuais.

> A questão é que em outros países há uma linha assim (de explorar a imagem feminina a partir de roupas decotadas, por exemplo), na Itália as pivôs do desporto passam autênticas *top model*: altas, lindas, vestidos miúdos. Eu peço imensa desculpa: eu não sou alta, nem linda, nem posso usar vestidos micros. Já levo quase 20 anos disso e nem faria sentido agora tentarem me encaixar num protótipo desse, porque não cola, não faz sentido. Mas lá, tem um bocadinho a ver com o público que nos vê. O público do nosso programa é um público que às vezes nos dizem: "é único programa que a minha mulher consegue ver comigo, é o único programa de desporto que minha mulher gosta de ver comigo", e isso é uma coisa que se torna mais até familiar. Ou seja, talvez porque não haja essa embalagem de boneca e as pessoas nos acham naturais, há uma química e uma boa disposição, as pessoas conseguem ver aquilo em família (ENTREVISTADA I, 2017).

Para ela, o programa em que atua não segue esse posicionamento, pois seria incompatível com o segmento de mercado que pretende alcançar: o da família, sendo um programa de entretenimento, compartilhado por todos os membros da casa e não cujo público alcançado é exclusivamente masculino, como é o caso de muitos programas esportivos.

Apesar disso, a apresentadora aponta que existem duas possibilidades de ingresso das mulheres no jornalismo esportivo: uma pela beleza e outra pela competência.

> Como mulher podes ter dois tipos de posicionamento no jornalismo esportivo: 1) És muito nova e és muito gira e vais se destacar, mas nunca se esqueça de que sempre terá uma mais nova e mais gira do que tu, portanto é uma coisa muito efêmera. 2) Ou entrar pelo lado da credibilidade e isso ninguém te tira, nem as rugas. O primeiro aqui é o mais fácil e não se entenda que fácil como nenhuma conotação negativa. Você pode vender só o boneco, não é? Ser ultra maquiada, com um grande decote, calças agarradas. São giras e novas e podem (eu tenho 43 anos já não dá) optar por esse caminho e vão resistir nesse caminho, durante alguns anos e vão se destacar sempre porque são muito giras. E podem se casar com um jogador famoso e isso também pode ser um modo de vida, mais bem pago que o jornalismo. Mas acho que aquilo que ninguém te tira é a credibilidade, mas isso não é pelo decote, é por várias coisas, menos pelo decote. Temos que saber qual é o nosso caminho (ENTREVISTADA I, 2017).

Por sua vez, essas duas possibilidades resultam em um questionamento dos méritos de ingresso das mulheres, criando uma imagem estereotipada

dessas profissionais, de mulheres bonitas que conseguem o cargo por esse fator, e aceitam tal função porque possuem interesses românticos com atletas. Por isso, por fim, pode-se também verificar que a questão da beleza é ainda utilizada como forma de desmerecer o trabalho da jornalista, apontando que ela alcançou determinado *status* ou cargo ou patamar devido à aparência estética e não à competência.

> Eu acho que o caminho tem sido feito e tem sido muito positivo e já se veem muitas mulheres que percebem mesmo de futebol e não são só umas caras limpas. Porque tem essa questão também: no início, e mesmo hoje em dia, tem a facilidade de as pessoas dizerem que aquela mulher está ali porque é bonita, mesmo que não perceba rigorosamente nada. Obviamente, que ninguém aguenta muito tempo a fazer jornalismo se não for bom naquilo que faz (ENTREVISTADA G, 2017).

Esse discurso desprestigia o trabalho profissional das jornalistas e agrega à beleza como fator primordial para mulher alcançar e adentrar nessa área masculinizada, como se sua função fosse justamente restrita a "embelezar" o cenário. Nota-se que nos programas esportivos portugueses a participação estratégica da mulher perante as(os) telespectadoras(es), demonstrando que é portadora do discurso competente, é quase nula já que fica restrita à apresentação e não participa de fato da construção do discurso esportivo por meio de suas opiniões e análises. Quando sua presença enquanto apresentadora é justificada a partir de padrões estéticos, tira-se dessas o pouco das possibilidades de participações efetivas, reduzindo-as aos corpos, rostos e cabelos.

6.3.3 Percepção do ambiente (se feminino, masculino ou neutro)

De acordo com Norbert Elias e Eric Dunning (1985), inicialmente o esporte consistia em jogos que representavam uma espécie de confronto ritualizado, algo semelhante a um combate, manifestando um alto nível de violência e expressando uma forma extrema de regime patriarcal, cujo poder se inclinava a favor dos homens. Apenas no século XIX, os jogos tornaram-se sujeitos a determinadas regras relacionadas ao uso extremo da violência, mas a inserção dessas regras não mudou a relação de dominação de gêneros no ambiente esportivo, pois os jogos continuavam (e ainda continuam) a refletir

conceitos androcêntricos por consistirem em instrumentos de imposição e expressão de virilidade que, juntamente com arrogância e força, permanecem associados ao ideal masculino.

Não diferente disso,

> o jornalismo esportivo tem sido uma área em que a conquista da equidade de gênero ainda está distante de ser alcançada. Há poucas mulheres nas redações esportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo (JOHN, 2014, p. 498 apud PÊGO, 2015, p. 58).

Dessa forma, mulheres que ingressam nesse campo, possuem a necessidade de "combater os estereótipos que estão enraizados, ou seja, têm que desempenhar as funções tão bem ou melhor do que os homens" (CERQUEIRA, 2008, p. 712 apud PÊGO, 2015, p. 58).

Como no Brasil, o jornalismo esportivo em Portugal é uma área de recente ingresso feminino, sendo a RTP (dos canais públicos) a televisão pioneira nesse tipo de contratação para mulheres. No entanto, todas afirmaram trabalhar quase que exclusivamente com homens, seja no início da carreira (caso da Entrevistada G), ou em outro momento da trajetória profissional (caso das Entrevistadas H e I, que começaram dividindo o espaço com outras colegas, mas após a saída dessas, continuaram a trajetória como únicas mulheres na participação dos programas).

Como apontado em entrevista: "O desporto é um campo de homens, e o jornalismo desportivo é um reflexo disso" (ENTREVISTADA I, 2017), corroborando com teorias apontadas no Capítulo 2 desse trabalho, de que o esporte é um campo ainda predominantemente masculino (BIRREL, COLE, 1990; THEBERGE, 2000; APPLEBY, FOSTER, 2013; MIGLIACCIO, BERG, 2007; MARIOVET, 2015), o que afeta o jornalismo esportivo e suas relações de gênero. Esse relato da predominância masculina no jornalismo esportivo português esteve presente na fala de todas as apresentadoras, como pode ser observado nas entrevistas:

> Na altura, quando eu comecei, não havia (na emissora) nenhuma jornalista a fazer reportagem ou apresentar. Havia apenas uma coordenadora do desporto (que é o lugar baixo do editor) que era mulher e era unicamente o elemento feminino da equipe, sendo eu a segunda (...). Quando fui apresentar jornais do desporto foi um pouquinho complicado por eu ser mulher. Na altura também em Portugal ainda não havia muitas mulheres, apenas na RTP tinham duas jornalistas. Mas na aqui, não, não havia mulheres a apresentar jornais do desporto (ENTREVISTADA G, 2017).

> Quando cheguei à emissora havia na equipe três mulheres, que era a Cecília Carmo, Claudia Lopes e a Laura, a Cecília Carmo era a mais velha e era a mulher que eu via na televisão quando eu era miúda, quando era pequena. Eu dizia, um dia, se calhar, serei como essa senhora. E isso acabou por acontecer. Entretanto, elas acabaram por sair, e fiquei só eu, a única mulher, sempre trabalhei com homens (ENTREVISTADA H, 2017).

> Quando cheguei a televisão em 98, a Cecília já estava, a Laura chegou um bocadinho depois e tinha existido uma senhora que era Pilar de Carvalho que tinha falecido. Teve um câncer e tinha falecido. Ela tinha sido uma referência ao nível da reportagem não na apresentação, mas da reportagem. Muitas pessoas daquela época falavam da Pilar como uma referência a nível de atitude, de tudo. Foi uma pessoa que eu nunca conheci, mas ouvi sempre. Éramos muito poucas (ENTREVISTADA I, 2017).

A novidade da inserção feminina no jornalismo esportivo foi relatada por uma das entrevistadas como algo realmente inovador, tanto que em certo momento, se tornou notícia em um dos jornais esportivos impressos portugueses (Record), como relatado a seguir:

> Para se perceber na altura a dimensão das mulheres, elas começaram a chegar ao futebol e ao desporto à imprensa desportiva de fato no final da década de 90 e início dos anos 2000 até, por exemplo, um dia (eu ainda tenho essa fotografia) no treino do Sporting, éramos mais mulheres que homens. E isso foi notícia, foi no Record. Eu acho que era a Vanda Cipriano, era a Vanda que estava lá pelo Record e foi a Vanda quem fez essa notícia. Fez uma brevezinha a seguir da página do Sporting a dizer que naquele dia, estava eu pela RTP, estava a Claudia Ascenção pela TVI, estava na altura pelo Jogo estava a Vanda pela Record, eu sei que estava mais gente e de repente estávamos mais mulheres do que homens. E aquilo era a notícia. Isso começou a ser cada vez mais uma realidade, pois cada vez mais mulheres começaram a vir para comunicação social, entretanto, quando chegavam às redações havia mais mulheres do que homens e elas inevitavelmente acabavam por fazer estágios no desporto (ENTREVISTADA I, 2017).

No caso acima, observa-se que a participação feminina no jornalismo esportivo mereceu tamanha atenção que se tornou uma das notícias do jornal Record. Para a entrevistada, atualmente esse situação não é mais novidade e não merece mais destaque nos meios de comunicação, para ela, ainda, esse aumento das mulheres no jornalismo esportivo aconteceu devido a uma participação maior das mulheres nos cursos de comunicação social, e consequentemente maior número de mulheres estagiárias nas emissoras e que passam por todas as áreas, inclusive esportes, o que consequentemente acaba por aumentar a participação feminina nesse segmento do jornalismo.

Sobre as dificuldades iniciais para o ingresso nesse ambiente masculinizado as entrevistadas apontaram a falta de tolerância por parte dos colegas, a dificuldade em obter credibilidade, serem testadas por outros jornalistas e entrevistados e serem vistas como “as” diferentes do grupo.

> Para confiarem em nosso trabalho, para acharem que nós podemos fazer aquilo demora mais tempo, porque eles olham com mais desconfiança. Eu acho que hoje isso se vai mais se perdendo, eu acho que hoje em dia as mulheres já são vistas com mais naturalidade no mundo do desporto, e eles já olham e dizem: elas fazem isso, porque percebem isto. Pronto e às vezes há desconfiança no início, e fica presente o discurso: “é uma mulher não percebe de futebol, não percebe isso”. Acho que demora mais tempo a passar do que se fosse um homem, mas depois acho que o trabalho vai também mostrando do que as pessoas são capazes de fazer e, portanto, acaba por ser normal (ENTREVISTADA H, 2017).

> O lado mau da coisa é uma publicação para homens, nosso público é majoritariamente masculino. O público que consome informação desportiva é o público masculino. Então, o que eu acho que o lado mal nós temos que provar, nós temos que ser dez vezes melhor do que um homem, para provar que somos efetivamente boas e tornamos um alvo muito fácil tendo em conta a paixão exacerbada que o desporto provoca e a parte da ofensa (ENTREVISTADA I, 2017).

> Obviamente que foi complicado porque a tolerância é muito menor quando uma mulher começa. Se seu dissesse, por exemplo, mal o nome de um jogador, a desculpa é mulher, não percebe nada daquilo. Os próprios comentadores que vem cá muitas vezes fazer os comentários dos jogos ou qualquer que seja, não possuem tolerância (...). Senti isso inicialmente, que a tolerância era muito reduzida, havia quase um certo gozo quando eu fazia alguma coisa menos correta ou mais imprecisa, quando via colegas meus a dizerem asneiras, todos os dias no ar e ninguém implicava com eles. E eu às vezes dizia uma coisinha de nada: "Ah é mulher, mulher é isto, é loira". Portanto, o início não foi assim particularmente fácil por isso. Hoje em dia, já não sinto isso, a não ser os comentários nas redes sociais (ENTREVISTADA G, 2017).

Essa desconfiança, consequentemente, levava a uma necessidade de avaliação maior do trabalho das apresentadoras. Em relação a isso, ou seja, aos 'testes" à capacidade e ao conhecimento das jornalistas a respeito do ambiente esportivo, a apresentadora G relatou um evento por qual passou, onde o entrevistado (colega de trabalho da emissora, onde assume o cargo de comentarista) a respondeu como se ela não soubesse o que estava perguntando.

> Lembro-me de uma situação em particular que foi uma das primeiras entrevistas que eu fiz em estúdio, de ouvir: "mas quem vai fazer a entrevista? É a Barbie do desporto?". Eu fiquei furiosa. Fui pro estúdio e ele dificultou imenso minha entrevista (...). Na altura, em negócio, havia um médio defensivo que ia para o Porto. Ainda me lembro que perguntei para o comentador, se o Porto tinha necessidade de mais um 6. E ele ficou a olhar para mim, obviamente que ele sabia ao que eu estava a me referir, mas ele respondeu: "a camisola dele não vai ser número 6". E eu obviamente lhe disse a que estava me referindo: "a posição médio defensivo, que vulgarmente é denominada de 6". Mas ele foi duro comigo durante a entrevista. Exatamente por isso, tenho certeza de que é por eu ser mulher (ENTREVISTADA G, 2017).

O desdém pelo trabalho da apresentadora ficou claro quando ele a nomeia de "Barbie[61] do desporto", esperando fosse entrevistado por alguém

[61] Barbie é uma boneca adulta utilizada como brinquedo infantil. Considerada um ícone da cultura pop, costuma ser utilizada como padrão de comparação estético e cultural. Chamar alguém de Barbie remete justamente ao fato de ser magra, loira e estar associada a um universo "cor de rosa", ou seja, um mundo de fantasia, construído por valores femininos distorcidos, como vida fútil, preocupação estética, "valores" mercadológicos, focando compras de produtos de luxo e marcas reconhecidas. Apesar dos diferentes modelos de Barbies profissionais, ser associado à

“sério”, e a partir disso, dificultou o trabalho da jornalista, se esquivando de responder as questões feitas por ela, com respostas irônicas que supunham que o conhecimento dela sobre o assunto era limitado ou que outra pessoa havia feito o trabalho de elaborar as questões e ela apenas repetiria as perguntas.

Por fim, ainda foi relatado que uma das dificuldades iniciais para ingresso nesse ambiente foi ser tratada como diferente de outras mulheres e receber um protagonismo fora do ambiente de trabalho.

> Mas no início aquilo que acontecia é que eu me sentia altamente desconfortável em jantar de grupo porque eu era um macaquinho. Ou seja, na altura, há alguns anos eu era mais nova, mais gira e sentia todos os olhares das outras mulheres do grupo, porque de repente os namorados e os maridos delas queriam falar comigo, porque queriam discutir, porque eles adoravam estar a discutir futebol com uma mulher. Lá está, eu me sentia uma macaquinha do circo, só faltava me darem um sanduíche. Era extremamente desconfortável, não era uma situação que eu gostasse, porque eu não fazia aquilo pelo protagonismo da situação, mas inevitavelmente as pessoas vinham dizer: "Ah! E o Benfica? E o Sporting?" Eu respondia, peço imensa desculpa, mas não vou responder, esse é meu trabalho e estou aqui em diversão. E respondiam: "mas tá, essa malta da televisão tem toda mania, são uns arrogantes e não falam com as pessoas". Mas era uma situação esquisita e isso custou-me alguns momentos de constrangimento. Eu não gostava do papel, nem da situação. Essa é uma situação um bocado esquisito, mas com o tempo foi se resolvendo, porque o grupo de amigos vai ficando mais próximo, mais pequeno e já não é assim (...), e portanto, deixa de ter aquela coisa do macaquinho que é novidade (ENTREVISTADA I, 2017).

No relato acima, observa-se que no período de ingresso da apresentadora no jornalismo esportivo, a presença de uma mulher nesse segmento despertava curiosidade do público que mesmo em eventos sociais e encontros com amigos, sua função como jornalista esportiva era destaque nas conversas e ocupava certo protagonismo, justamente por ser algo “diferente” do habitual, no caso, uma das poucas mulheres cujo conhecimento esportivo era reconhecido.

---

boneca não remete valores profissionais, pois em sua imagem ainda predominam valores estéticos.

6.3.4 “Vantagens” de uma mulher atuar nessa área (manifestações de preconceito velado)

Considera-se nesse item o termo “vantagens”, pois foram assim denominadas essas situações pelas entrevistadas. No entanto, vale ressaltar que as diferenças apontadas são resultantes de uma visão preconceituosa a respeito das competências femininas, já que é baseada na ideia de fragilidade e meiguice, precisando de cuidados especiais e diferenciados dos colegas homens. Nesse sentido, o preconceito de gênero encontra-se velado e “diluído” em “boas ações” que aparentemente “privilegiam” mulheres no processo de ajuda, explicações ou cessão de entrevistas, devido uma visão diferenciada da competência e força entre homens e mulheres para lidarem com esse ambiente, buscarem conhecimento por si ou suportarem atitudes comuns dessa área.

De acordo com Érica Pinto, Valquíria Amorim e Maria Carvalho (2016, p. 21) em um estudo sobre mulheres estudantes de Física (ensino superior), esse tipo de estereótipo, onde aparentemente há uma vantagem para a minoria a ele subjugada, também “reforça relações assimétricas, hierárquicas e de poder, veiculando a (falsa necessidade de) distinção e complementaridade entre sexos”, dificultando a conscientização da discriminação contra as mulheres.

Assim, apesar das dificuldades citadas, as entrevistadas também apontaram que ser mulher no jornalismo esportivo em Portugal pode trazer “vantagens” na forma de ser tratada, não demonstrando a consciência de que isso pode ser reflexo de uma cultura androcêntrica que indiretamente reforça competências diferentes para homens e mulheres atuarem nesse ambiente.

> Há duas situações que explicam bem o que é ser jornalista do desporto para as mulheres, que é, há um lado que facilita porque há um cuidado às vezes diferente em um mundo de homens, quando vamos fazer uma entrevista, eles são mais cuidadosos. Por outro lado, para confiarem em nosso trabalho, para acharem que nós podemos fazer aquilo demora mais tempo, porque eles olham com mais desconfiança (...). Portanto, tem um lado bom que é, acho que as mulheres se beneficiam pelo fato de serem mulheres porque são tratadas com mais gentileza, mas demora mais um bocadinho para aceitar, e se perguntam: "será que ela sabe fazer isso?". Assim, existe um teste maior e uma educação maior e isso acaba por ser bom. É um benefício em nosso trabalho, quando queremos marcar uma reportagem, tem um lado facilitador. Sempre meus colegas homens me ajudaram no meu dia a dia, no meu trabalho (ENTREVISTADA H, 2017).

> Eu aprendi uma coisa a muitos anos que é: uma mulher a sorrir pode dizer quase tudo. Nós temos esse lado eu acho que esse é o lado bom da coisa. As pessoas podem ter mais paciência para esperar ao nosso lado para entrar num direto uma reportagem. Então, se eu falar, mister, faltam dois minutos de intervalo com um sorriso, ele é capaz de esperar mais facilmente, ou pelo menos não se mostra tão trombudo. Esse é o lado bom da coisa (ENTREVISTADA I, 2017).

Conforme essas duas entrevistadas, ser mulher nesse ambiente masculinizado facilita quando estão em situações estressantes ou difíceis, onde segundo elas homens dedicam mais paciência e cuidado às mulheres do que aos homens. Por outro lado, para Érica Pinto, Valquíria Amorim e Maria Carvalho (2016, p. 21) situações semelhantes a essa podem reforçar estereótipos de gênero, indicando certa fragilidade feminina e necessidade de essa ter um acolhimento diferenciado dos homens que atuam na mesma função.

6.3.5 Funções de comentário e narração

O jornalismo esportivo, da mesma maneira que o jornalismo geral, não se concentra apenas na construção da argumentação, mas, também, ocorre a partir de uma preocupação com o *ethos* do orador e se esse é capaz de conquistar a confiança do telespectador (FECHINE, 2008). Nesse sentido, as funções de apresentação, narração e comentários esportivos seguem essa lógica no momento da decisão das(os) profissionais que irão desempenhá-los.

Observa-se, no entanto, que, como apontado no Capítulo 6.2 desse trabalho (intitulado: “A participação quantitativa de profissionais homens e mulheres em programas de esportes televisivos portugueses”), no período analisado não havia nenhuma mulher a assumir a função de comentarista e narradora nos programas esportivos dos canais abertos portugueses: RTP, SIC e TVI e suas variáveis na televisão fechada: RTP2, RTP3, SIC Notícias e TVI 24. Os dados obtidos nessa pesquisa podem ser corroborados com os relatos das entrevistadas que afirmaram não conhecer mulheres a assumir essas funções na televisão aberta, recorrendo, portanto, que mulheres ainda não alcançaram o reconhecimento do *ethos* para o ingresso nesses cargos.

> Nós tínhamos uma jornalista do desporto, que agora deixou de ser jornalista porque é treinadora de futebol feminino, do Sporting, e ela vinha à antena ou em espaços de opinião para comentar, mas de resto nunca me cruzei aqui na emissora com uma mulher que fizesse comentário ou que tivesse opinião ou que fizesse narração ou reportagem de pista, não há. Mas também não encontrei nenhuma aqui que o quisesse fazer. Agora eu acho que com o tempo tenho certeza de que vão aparecer. Atualmente por exemplo na Antena1 (rádio) já tem uma repórter de pista feminina que ela faz imensos jogo, inclusive das equipes mais importantes. Eu acho que o trabalhado dela até tem tido uma aceitação simpática, mas isso sou eu que acho, se calhar, provavelmente ela vá dar outra opinião e outro tipo de abordagens (ENTREVISTADA G, 2017).

> Sempre foi assim. Não me lembro quando era mais nova, de ouvir mulher comentar, na TV fechada já há, tem na SporTV, há uma colega a narrar que também faz entrevista no futebol e há também uma colega da TVI que faz de vez em quando. Mas é pouco normal (ENTREVISTADA H, 2017).

Assim, a baixa participação feminina como narradora ou comentarista foi compreendida como natural que não foi e não precisa ser questionada, já que o quadro “normal” (adjetivo utilizado pela Entrevistada H) seria o da participação masculina. Apesar disso, além de apontarem a baixa participação das mulheres nessas funções, as entrevistadas apontaram também suas opiniões sobre não existir muitas mulheres a narrar ou comentar. Em relação a isso, as opiniões se distinguiram entre: não haver possibilidades às mulheres e não haver interesse por parte das mulheres de ingressarem nesse ambiente.

> Lá (no Brasil) vocês têm as histórias da Monica: "menina não entra", aqui é assim: "menina não entra". Porque lá está: o público a que nos dirigimos é 98, 97 ou 96%, seja o número que for, é um número grande de homens e os homens não estão preparados. Nós aqui temos uma comentadora da SporTV, e mesmo assim no caso da Helena Costa, a maior parte das pessoas não gosta. Há muitos homens com muita resistência não é fácil. É uma questão cultural. Apresentadora eu acho que já não há nenhum problema. Quanto a isso, as pessoas estão já muito habituadas. Agora se eu amanhã decidir narrar não será aceito, as pessoas não estão habituadas. E eu acho que pode acontecer (de uma mulher ser narradora ou comentarista), vai acontecer, mas não acredito que seja nos próximos cinco ou seis anos. Não acredito, acho que na cabeça das pessoas isso é muito complicado, pode acontecer no tênis ou modalidades que não tenham o peso do futebol. No futebol não acredito. No futebol acho que vai demorar um bocado (ENTREVISTADA I, 2017).

Nesse primeiro depoimento, a apresentadora argumentou que por ser ainda um ambiente masculino, há pouco espaço de oportunidades para as mulheres atuarem de maneiras além das já praticadas. Ou seja, segundo ela a aceitação da mulher enquanto apresentadora esportiva já é um campo consolidado e conquistado, mas a atuação das mulheres fica restrita a essa função, principalmente nas modalidades futebolísticas, não havendo possibilidades de ampliar e conquistar o espaço do jornalismo esportivo da mesma forma que os homens. Para a entrevistada ainda há muita resistência quanto a essa apropriação feminina, e por isso, acredita que é necessária uma mudança cultural para que a mulher seja aceita no âmbito futebolístico, o que vai levar ainda algum tempo para acontecer.

O próximo depoimento seguiu a ideia desse primeiro, mas apontou que a não aceitação de mulheres nesses campos também ocorre por parte das próprias mulheres (inclusive dela que trabalha com jornalismo esportivo e gosta e conhece esse ambiente) e que a narração está sendo bem feita por homens, não havendo necessidade de alterar esse trabalho que está tendo sucesso da maneira como é realizado.

> Eu não sei explicar exatamente porque, mas até eu que sou mulher e gosto de ver as mulheres ligadas a este mundo não estou a imaginar um jogo narrado por uma mulher, acho que fica bem na voz dos homens, e acho que quando queremos fazer tudo o que os outros fazem não é necessariamente uma coisa boa, eu acho que cada um tem seu papel, cada um tem o seu lugar e acho que a igualdade passa por muitas coisas, mas isso não é uma coisa essencial, não passa por aí. Deve haver direito a oportunidades igual para todos sem considerar gênero, mas não acho que essa igualdade deva ser imposta, então, não tenho que estar a ver quantos homens estão a fazer e quantas mulheres. Não é uma coisa que me choca e é uma coisa que eu vejo com naturalidade. Eu acho que não há, porque de fato não há muitas mulheres, o interesse das mulheres pelo futebol é incomparável com o interesse dos homens, por isso temos muito mais homens nesta profissão e muito mais homens a comentar a ser narrador e ser repórter de pista do que as mulheres. Eu acho que quando as coisas funcionam bem, a gente experimenta uma coisa diferente e isso não funciona, não há porque insistir nela. Acho que precisamos ver qual é o caminho e o que é o melhor. Não precisamos todos fazer a mesma coisa (ENTREVISTADA H, 2017).

A entrevistada aponta ainda que concorda com conceitos de igualdade de gênero, no sentido das oportunidades não serem ofertadas conforme os gêneros das(os) envolvidas(os), mas que essa igualdade não deve ser imposta e não é necessário “todos fazerem as mesmas coisas”, por isso, ela considera natural a baixa participação das mulheres como narradoras e comentaristas, mesmo porque isso segue a tendência (segundo ela) de que o esporte é muito mais do interesse masculino do que feminino.

Por fim, a última entrevistada retomou a respeito da falta de costume e hábito das mulheres nessas funções, e que por isso ainda causa estranhamento mulheres atuarem nessas funções (inclusive ela teve essa reação em um primeiro contato que teve com uma narração na voz feminina). Esse estranhamento também alcança as próprias jornalistas, que segundo ela, não se visualizam a atuar como narradoras ou comentaristas.

> Mas é engraçado. Eu que sou mulher, quando ouvi a primeira vez (uma mulher a narrar) estranhei, mas a pessoa habitua-se e hoje em dia acho uma certa graça. Mas de fato ainda não me cruzei com mulheres que quisessem levar comentário ou que estivessem viradas para isso, há muitas jornalistas, mas não há muitas comentadoras (ENTREVISTADA G, 2017).

Nesses casos, observa-se como o estranhamento da mulher enquanto narradora ou comentarista surge inclusive por parte das próprias mulheres que trabalham com jornalismo esportivo, sendo que a ideia de os homens atuarem com mais maestria nesse campo está presente em parte significativa da sociedade portuguesa, e por isso, esse campo ainda é visto naturalmente como um espaço de atuação masculina. Ou seja, as mulheres que trabalham nesse ambiente, que supostamente seriam as primeiras a questionar essa restrição de espaço para mulheres, reforçam o conceito androcêntrico de que esse é um campo masculino e que, portanto, os homens são mais capacitados e mais indicados para lidarem com essa pauta.

6.3.6 Outras dificuldades por ser mulher

Nas entrevistas realizadas em Portugal, não houve casos a respeito de assédio (como aconteceu nas entrevistas brasileiras), por outro lado surgiram relatos sobre violências sofridas (não presentes nos casos brasileiros). Nesse

primeiro caso, a apresentadora apontou a violência como algo intrínseco à profissão de jornalismo esportivo, independente do gênero das(os) jornalistas e colocou como algo naturalizado, pois já está habituada com essa situação e tratamento.

> No futebol tem uma coisa, os clubes perdem, os jornalistas são os inimigos. Parece que os culpados são os jornalistas. Aí partem para constrangimentos, sim, às vezes quando estamos em direto. Mas de resto não. Nunca tive nenhuma situação em que passe constrangimento, às vezes na rua é normal, mas já estamos habituados (ENTREVISTADA H, 2017).

Apesar do relato acima colocar a violência contra jornalistas como genérica (sofrida por todas(os) independente do gênero), nas próximas entrevistas as jornalistas apontaram que isso se intensifica e/ou assume outra proporção e conteúdo quando a jornalista é mulher e quando a violência está no âmbito das redes sociais.

Conforme Adriana Delgado (apud ALVAREZ; MAGALHÃES, 2014, p. 17), o ambiente virtual parece ser propício para ataques verbais violentos contra as mulheres. Sendo a conquista do espaço público um dos principais desafios na luta pela igualdade de gênero, observa-se que a internet, da mesma maneira, também apresenta um espaço onde há resistência e hostilidade à presença feminina. Neste sentido, o gênero é um fator determinante na intensidade dos ataques realizados (violências verbais, inclusive, de caráter sexual). Além disso, Adriana Delgado ainda aponta que “a violência do ataque se tem demonstrado tanto mais acentuada quanto mais marcadamente masculino é o meio”, e o esporte, como já apontado (DEVIDE, 2005; THEBERGE, 2000), é um campo predominantemente masculino.

Nesse caso, as apresentadoras reportaram agressões verbais e ameaças postadas em suas páginas pessoais.

> Hoje temos o efeito perverso das redes sociais, aí sim, aí ainda há uma discriminação de gênero brutal. Recentemente eu tive um episódio nada muito simpático nas redes sociais. Uma página de adeptos de um determinado clube colocou meu *link* do *facebook* e incitaram seguidores a enviarem mensagens de ódio. A expressão utilizada foi mesmo esta. E obviamente, por ser mulher o tipo de mensagens que recebo são quase assédio sexual e mensagens que se fosse para um homem seria completamente diferente, mas como eu sou mulher aquilo tinha um tipo de linguagem que eu jamais esperei ver. Nunca tinha me acontecido. Obviamente que eu já tinha recebido mensagens desagradáveis, mas não em massa. Semana passada comecei a receber dezenas e dezenas, dezenas e dezenas de mensagens de ameaças e ameaças de morte. E a verdade é que é uma realidade que sem querer começa a me afastar um bocadinho do jornalismo e até do jornalismo esportivo. Eu acho que estes tipos de situações são muito mais graves quando se fala de desporto, pois quando se fala de futebol as pessoas ficam cegas, principalmente os homens. Sendo que eu também recebi mensagens desagradáveis de mulheres, viu? Atenção! (ENTREVISTADA G, 2017).

> Então, de repente por nós sermos mulheres é muito mais fácil ofender uma mulher. Isto hoje em dia, podemos ligar com o advento das redes sociais. As redes sociais são uma coisa ótima por um lado e extremamente perversas do outro. E no que fiz respeito à paixão futebolística e a racionalidade futebolística, as pessoas não pensam (...). Portanto é muito mais fácil ofender uma mulher é muito mais baixo é normalmente um insulto mais rasteiro. E esse é o lado mal. Com os anos ganha-se certa experiência, mas penso que sempre temos de ser melhor que os homens para conseguirmos ser considerados ao nível dos homens. Temos que ser muito melhor muitas vezes. A minha questão é que esse fenômeno do jornalismo desportivo é só uma mostra da sociedade como um todo (ENTREVISTADA I, 2017).

Nos apontamentos acima, a agressão se potencializa quando se trata de mulheres, que recebem ofensas, inclusive, sexuais e ameaças também sexuais e de morte. Segundo elas, os colegas homens não recebem o mesmo tratamento dos torcedores, mesmo quando são ofendidos ou ameaçados. Para elas, o gênero da(o) jornalista é um fator forte norteador do comportamento agressivo e abusivo por parte da torcida agressora. Vale ainda apontar que em uma das entrevistas, a jornalista relatou ainda que os insultos e ameaças que recebe não são apenas por parte de homens, mas há também mulheres que assumem essa postura de agredi-la.

Por fim, outra dificuldade apontada pela Entrevistada I, foi em relação à conciliação da jornada de trabalho com a maternidade.

> O desporto tem um lado complicado para as mulheres se manterem no desporto, que é a maternidade. O desporto funciona muito, ao nível do programa, às noites e aos fins de semana. Existe toda uma logística, uma disponibilidade que muitas vezes faz com que as pessoas mais tarde acabem por sair como foi o caso da Cecília, o caso da Laura que também deixou, porque é complicado é um acúmulo de funções que em alguma altura das nossas vidas é incompatível (ENTREVISTADA I, 2017).

Nesse caso, uma outra dificuldade das jornalistas que trabalham com esportes é a maternidade, já que o trabalho acontece normalmente aos fins de semana e em horários noturnos. Segundo ela esse é um agravante para permanência das mulheres nessa área, e inclusive foi responsável pela saída de duas das precursoras nessa área: a Cecília Carmo e Laura Lopes.

6.3.7 Mudanças no cenário

O cenário português tem apresentado significativas mudanças quanto à participação feminina no jornalismo desde o início da década de 70. Em relação ao jornalismo esportivo televisivo, essa mudança tem se mostrado significativa ao final da década de 80, quando começaram a surgir as primeiras jornalistas a atuarem nesse campo, como é o caso de Cecília Carmo (considerada a “Grande Senhora do Desporto”) (DN, 2018; MARQUES, 2018), desde, então, o número de mulheres atuando nesse campo tem apresentado a tendência a aumentar, conquistando espaços, principalmente nas televisões fechadas (veículos não estudados neste trabalho).

Em relação a essa participação feminina no cenário português de jornalismo esportivo, as entrevistadas apontaram duas posições interessantes e diferenciadas: uma apontou que o panorama tem mudado em relação ao ingresso feminino, enquanto para a outra, a abertura para participação de mulheres sempre existiu e a baixa presença delas foi e continua sendo decorrente da falta de interesse das próprias mulheres.

> Quando comecei eram 2 ou 3 jornalistas, havia muito poucas, contávamos nos dedos de uma mão, hoje em dia não. Hoje em dia até com o aparecimento de outros canais, canais mais virados para o desporto, fez aumentar muito o número de participação de mulheres e que fossem captadas muitas mulheres. Hoje em dia, há imensas. Basta olhar para uma conferência de imprensa. Às vezes, a maioria é mulher, exceção da rádio que ainda é um círculo mais fechado, mas na televisão já há muitas mulheres, mesmo (...). Tem mudado muito e tem melhorado muito. É mais difícil encontrar as dificuldades que enfrentei. Mesmo para quem está a começar agora, já é comum ver as mulheres no desporto. Então as pessoas já não estranham, mas obviamente, se a mulher provavelmente cometer um erro, aí a tolerância é menor com uma mulher do que para com um homem. Mas já ninguém estranha ver mulheres a fazer o jornalismo desportivo e isso é muito bom (ENTREVISTADA G, 2017).

Nesse primeiro depoimento, a apresentadora apontou que é inegável o aumento do número de mulheres no jornalismo esportivo (exceto na rádio, que segundo ela ainda é fechado para participação do público feminino), e isso, invariavelmente, contribuiu para melhor aceitação do trabalho dessas mulheres, cujas dificuldades enfrentadas são menores do que as lidadas pelas precursoras, já que o estranhamento (por parte do público, dos colegas jornalistas e atletas) não está mais presente na jornada de trabalho de uma jornalista esportiva. No entanto, apesar disso, ainda apontou que há fatores há melhorar, pois a tolerância com uma mulher é ainda menor do que a tolerância demonstrada para erros cometidos pelos homens.

Já o segundo depoimento, apontou que o ingresso por parte das mulheres depende do interesse delas, mais do que das propostas e aberturas de oportunidades para elas.

> Nessa emissora eu vejo essa abertura para as mulheres no desporto desde que eu estou cá, sempre houve e é sempre igual. Sempre houve espaço para as mulheres trabalharem nas equipes do desporto. Nunca houve nenhuma restrição, e nenhum problema por ser mulher. Desde que eu cheguei cá em 2003, sempre teve a mesma abertura. Noto que todos os órgãos de comunicação social agora têm mais mulheres a fazer desporto do que tinham. Aqui sempre houve essa abertura. Eu desde que estou cá sinto isso. Quando cheguei cá, havia mais mulheres do que entretanto passaram haver (...). Mas não é porque a emissora não quisesse, foi uma opção delas de fazerem outras coisas (...). Não é que não haja abertura nossa, é porque as pessoas não estão interessadas, e é mais normal, mesmo em homens. É uma área mais específica, então, se não for um interesse que já vem de trás, as pessoas afastam-se um bocadinho, porque acham que não percebem, não dominam e o desporto como o resto, é preciso estudar (ENTREVISTADA H, 2017).

Para a Entrevistada H, as oportunidades para mulheres ingressarem no jornalismo esportivo sempre existiram e não houve uma mudança em relação aos últimos anos, pois o espaço sempre esteve disponível. Para ela, o aumento da participação de mulheres nessa área é decorrente do aumento do interesse das mulheres pela comunicação social que passaram a aproveitar a abertura e oportunidades ofertadas pelas emissoras.

Para finalizar as entrevistas, as apresentadoras apontaram ainda algumas dicas para mulheres que desejam ser jornalistas no campo esportivo. Essas dicas foram: ter disponibilidade de tempo para trabalhar a noite, feriado e fins de semana; ter disposição para trabalhar muito e estudar muito também, e, estar ciente de que o mercado de trabalho remunera atualmente mal jornalistas e que ser credível e isento torna-se difícil quando não se possui uma boa remuneração. A última dica foi compreender que é um espaço masculino e que o trabalho da jornalista será encarado, inicialmente, com desconfiança.

> Outra dica é que há pessoas que na maior parte são homens, sabem tudo de futebol (...). O conselho é pensar se é isso mesmo que quer e depois estudar, estar preparado, nem tudo é fácil, às vezes as pessoas olham para nós com desconfiança, mas acho que nós temos que fazer aquilo que nós gostamos. E esquecer um bocadinho dos outros e a televisão como tudo que tem um bocadinho mais de visibilidade é muito competitivo (ENTREVISTADA H, 2017).

A Entrevistada H finalizou seus conselhos alertando que é um campo masculino, e que, portanto, é comum a desconfiança de que uma mulher tenha a competência para fazê-lo. Entretanto, ela apontou que é importante superar esse desafio para fazer a atividade escolhida, independente dos apontamentos alheios.

Nesse sentido, apesar dos avanços da participação feminina nos programas esportivos, segundo as entrevistadas, ainda há um cenário de dificuldades a serem superadas em Portugal: desconfiança em relação à competência, violência sofrida nas redes sociais assédio e conciliação com a maternidade.

7 RESULTADOS – BRASIL E PORTUGAL

7.1 Resultados sobre a realidade no Brasil

No Brasil, os resultados apontaram uma baixa participação feminina nos programas esportivos, representando apenas 11,4% das(os) profissionais analisados (apresentadoras(es), narradores e comentaristas). No entanto, além dessa baixa participação, essa atuação (para as profissionais efetivas) se restringiu ao cargo de apresentadora, descartando a possibilidade de atuação das mulheres como produtoras de conteúdo esportivo, enquanto portadoras de opiniões e informações críticas sobre esse tema, consistindo, portanto, um trabalho mais operacional. No caso, as jornalistas apenas transmitem dados já estudados, analisados e trabalhados por outros profissionais de comunicação, sua função, portanto, é de interagir com as(os) telespectadoras(es), despertando nessas(es) o interesse por conhecer melhor o que será veiculado no decorrer do programa.

Vimos ainda um caso (o da Renata Fan) em que uma mulher assumiu a função de mediadora (além de apresentadora), e possuiu um pouco mais de poder de interferência no debate, sugerindo pautas para serem discutidas pelos comentaristas; e, uma mulher (Mayra Siqueira) como comentarista convidada (ou seja, não exerce o cargo com frequência, foi apenas convidada para uma edição específica), único caso no qual a mulher assumiu uma função de debater efetivamente um acontecimento esportivo.

Pode-se afirmar, portanto, que a função da mulher nos programas de esportes televisivos brasileiros foi basicamente a de conduzir o programa, apontando o que seria veiculado naquela edição, exibindo os conteúdos que seriam aprofundados, debatidos e produzidos por seus colegas de trabalho (profissionais do gênero masculino que assumem o cargo de narradores e comentaristas). Assim, foram os homens que assumiram a responsabilidade de ser detentores do conhecimento esportivo, cabendo a esses o poder da palavra, o discurso competente e o debate e construção de conteúdo e conhecimento a respeito do esporte e suas vertentes.

A apropriação do discurso esportivo exclusivamente por parte dos homens foi também questionada pelas próprias apresentadoras entrevistadas

(Anita Paschkes, Claudia Reis, Juliana Rios, Luciana Vitorino, Michele Gianella e Mylena Ciribelli), que apontaram que desejam participar de outras maneiras, além da apresentação: “Eu acho que as mulheres estão apresentando, estão reportando fatos, mas ainda não tem espaço para que elas comentem, emitam sua opinião, para que elas tenham voz. No programa eu dou minha opinião, mas não é minha função. Minha função é ser apresentadora” (ENTREVISTADA A, 2017). Outra entrevistada ainda reportou seu desejo de retomar o jornalismo esportivo, mas que só voltaria se sua possibilidade de atuação fosse diferente em relação à qual praticava: “se for pra retornar para ser mulherzinha de vestidinho curto, não contem comigo (...). Então, a minha última emissora foi muito legal, mas ela acabou assim, o meu papel lá dentro pro que eles queriam, para mim acabou, deu” (ENTREVISTADA F, 2017). Houve ainda o caso da jornalista que apontou seu desejo por narração: “Eu, por exemplo, uma das ideias também era de eu fazer narração. Mas ainda é um espaço bem masculino o da narração, e acho que tá difícil de abrir isso” (ENTREVISTADA D, 2018).

Além disso, das 12 mulheres (Luciana Vitorino, Renata Fan, Paula Vilhena [atua em dois programas], Mylena Ciribelli, Cláudia Reis, Juliana Rios, Fernanda Gentil, Michelle Giannella [atua em dois programas], Larissa Erthal [atua em dois programas]) que assumiram a função de apresentadora (11 apresentadoras e uma apresentadora e mediadora), nove compartilharam a função com um colega homem, ou seja, não assumiram sozinhas essa responsabilidade, sendo acompanhadas de uma figura masculina nesse processo. Essa situação de apresentação em dupla implica em uma divisão das funções, responsabilidades e poder, assim, mesmo para apenas expor e indicar o conteúdo que seria debatido, 75% das mulheres contou com um colega do gênero masculino para as acompanhar nesse processo e assumir parte da responsabilidade.

Dos cinco programas analisados, em três foram constatadas que às mulheres couberam tempos de falas inferiores (Terceiro Tempo, Gazeta Esportiva e Mesa Redonda). Essa menor participação poderia ser justificada pela função assumida por essas mulheres: a de apresentar o programa, ou seja, apenas apontar questões que seriam comentadas durante o programa ou transmitidas em formato de reportagem. No entanto, essa distribuição de funções não justifica essa menor participação feminina, uma vez que no Terceiro

Tempo e no Mesa Redonda, há também homens assumindo a função de apresentação, e ainda assim, o tempo de participação das mulheres foi menor.

Vale ainda ressaltar que além de ter menos tempo de participação, as mulheres ainda foram interrompidas em ao menos um momento durante as edições estudadas, ou seja, foram impedidas de concluir suas exposições. Isso também foi identificado nas entrevistas como apontado pela Entrevistada C (2017): “Já sofri em situações assim, de eu estar em uma coletiva o jornalista grosso, estúpido não esperou eu terminar de fazer a pergunta e ele falou ‘essa pergunta já foi feita’”.

O único caso um pouco diferenciado, observado na análise dos programas, foi o ocorrido no Esporte Espetacular em que a interrupção a Fernanda Gentil por Felipe Andreoli fez parte de um tipo de encenação, ou seja, foi, aparentemente, previamente acordado por ambos, não fazendo parte da relação natural entre a apresentadora e o apresentador.

O fenômeno denominado *manterrupting* (quando um homem interrompe uma mulher, não permitindo que ela prossiga com sua frase) tem sido debatido por diferentes grupos feministas (Uma outra opinião, Empodere duas mulheres, Think Olga, Não me Kahlo, por exemplo) que abordam o quanto a fala feminina deve ser respeitada e que o *ethos* do discurso não deve ser prioridade masculina independente da área.

Outro fator de destaque nesta tese foi que em dois dos cinco programas houve assédio explícito para com as jornalistas. Ambos programas são da emissora Bandeirantes: Jogo Aberto e Terceiro Tempo. Nesses a presença feminina foi claramente explorada a partir de conotações sexuais (ou seja, a partir de elogios à aparência ou sugestões de interesse ou relacionamento da apresentadora). Esse tipo de conotação é parte do roteiro de ambos os programas e é oferecido como parte do serviço adquirido pelo telespectador. No entanto, apesar de isso ter sido observado “apenas” em 2 programas é um fenômeno mais abrangente, já que em 2018 ocorreu o lançamento da campanha: “Deixa ela trabalhar”, promovida por 52 jornalistas que atuam no segmento de esportes, denunciando assédios sofridos no exercício da profissão.

Isso repercute na representação feminina no meio esportivo, reproduzindo (des)valores sexistas que focam o corpo da mulher como sua principal contribuição para alguma atividade e que a participação da mulher

enquanto sujeito ativo, participante e empoderado ainda cede espaço para a mulher cujo corpo é considerado interessante pelos padrões mediáticos de beleza. Essas questões foram reiteradas nas entrevistas, que apontaram a necessidade de determinado padrão estético para ingresso na área: “Eu fui convidada porque eu era bonita, loirinha, jovem“ (ENTREVISTADA A, 2017), “Por que não basta a mulher saber, mas tem que estar num padrão. Então a beleza é um pré-requisito forte” (ENTREVISTADA A, 2017), “A maior cobrança estética é em relação ao peso. Tem aí uma cobrança no peso, ninguém vai querer uma apresentadora gorda (...). Mulher exige muito mais produção para estar mais apresentável no vídeo, pro o homem é muito mais fácil, dá até raiva” (ENTREVISTADA E, 2018); “A [mulher no jornalismo esportivo] é uma mulher bonita, que tem que usar vestido, que tem que estar lá bonita e tal. Mas invariavelmente eles não querem saber o que você pensa, né? E a mulher é a mulher, ela tem que estar bonita, estar de vestidinho, precisa ter uma figura feminina para chamar a audiência” (ENTREVISTADA F, 2017).

Durante os programas analisados, foi, inclusive, possível observar o desconforto (demonstrado principalmente por meio de gestos e expressões faciais) de todas as jornalistas diante dessas situações (interrupção e assédio), exceto da apresentadora Renata Fan. Apesar de ela ter sofrido várias interferências, tais episódios constituíram tentativas frustradas em silenciá-la, já que a apresentadora retomou sua fala independente das vezes em que foi interrompida, não se deixando calar. Coincidentemente (ou não), Renata Fan foi a única assumir a função de mediação (além da apresentação), a única a se posicionar firmemente diante do *manterrupting* e do assédio, e, também foi a única que teve seu desempenho criticado durante o programa, tendo de provar que sua fala era pertinente e cabível na situação debatida.

No entanto, mesmo essa tentativa de desqualificação do trabalho feminino ter se apresentado apenas na análise do programa Jogo Aberto, durante as entrevistas outras jornalistas apontaram a mesma situação, relatando que nos bastidores essa barreira não é exclusivamente colocada à Renata Fan. Nesse sentido, apontaram que “inclusive uma pergunta feita por uma mulher pode não ter o mesmo tipo de resposta por uma pergunta feita por um homem. Nem sempre as respostas dadas às mulheres são tão coerentes e completas como as dadas para um homem” (ENTREVISTADA A, 2017), “a mulher precisa

provar que sabe, que é boa no que faz, que entende, que é competente" (ENTREVISTADA A, 2017), "tem cobrança maior por ser mulher" (ENTREVISTADA C, 2017), "essa coisa de saber que talvez essa coisa de eu ser nova e estar entrando no meio tão masculino que eu ia ter que de fato estudar o dobro me esforçar o triplo e deu certo" (ENTREVISTADA E, 2018). E o descrédito ao trabalho também é presente mesmo após a jornalista assumir o cargo, passando por essa situação durante o exercício de sua profissão, como apontado pela Entrevistada A (2017), "Aí ele respondeu assim: vamos fazer um jornalismo sério, minha filha? Oh menininha (ela falou assim, eu era novinha), oh menininha vamos fazer um jornalismo sério?".

Nesse sentido, destacou-se nas entrevistas essa necessidade de provar o conhecimento esportivo, ser testada com frequência e ser cobrada com mais rigor (apesar de isso não ter sido capturado na maioria dos programas analisados). A subestimação do conhecimento esportivo das mulheres foi algo presente na vida das jornalistas, que precisaram se dedicar com mais afinco do que os colegas do gênero masculino para serem reconhecidas e admitidas publicamente de que os méritos e sucesso obtidos estiveram relacionados aos conhecimentos esportivos e dedicação ao trabalho e não alcançados a partir da aparência física, já que a beleza ainda é um parâmetro para contratação de uma mulher para trabalhar no jornalismo esportivo televisivo. Como apontado pela Entrevistada A (2017): "A mulher precisa provar [mais do que o homem] que sabe, que é boa no que faz, que entende, que é competente".

Nas entrevistas, além dessas situações, as jornalistas também relataram que ainda se trata de um ambiente predominantemente masculino (apesar das mudanças apresentadas nos últimos anos em relação às atuações femininas), resultando ainda na baixa participação feminina nas narrações e comentários e em preconceitos em relação às mulheres, como apontado pela Entrevistada A: "eu acho que existe uma barreira, eu acho que existe um preconceito".

Nesse sentido, apesar dos avanços da participação feminina nos programas esportivos apontados pelas entrevistadas e na contextualização histórica desta tese, ainda há um cenário de dificuldades a serem superadas: assédio, baixa oportunidade de participação efetiva e cobranças estéticas, capacidades e conhecimentos subestimados, podem ser tratadas com grosseria quando entrevistam alguém que está irado, são interrompidas e enfrentam

dificuldades em conciliar vida profissional com vida pessoal, principalmente com a maternidade.

Ao ingressarem no ambiente ainda masculinizado, essas jornalistas precisaram se posicionar de maneira firme para lidar com as adversidades e conquistarem de fato o espaço que almejam e merecem. A maioria acredita que existam mudanças significativas desde que ingressaram e que o cenário cada dia tem se tornado mais favorável à entrada e participação feminina e aconselham mulheres que desejam seguir essa carreira a investirem nos estudos e novas línguas, sabendo que terão de se dedicar com afinco, pois terão rotinas de trabalho excessivas.

Cabe ainda ressaltar que quando abordamos a situação das jornalistas brasileiras do segmento de esportes, estamos relatando um perfil específico de mulheres (pesquisa realizada apenas com as jornalistas dos programas analisados no Capítulo 5.2 desta tese): brancas, loiras ou com cabelo liso, originalmente de classe média/média alta (já que são formadas majoritariamente na PUC e Cásper Líbero), de 30 a 40 anos e heterossexuais (exceto por Fernanda Gentil). Dessa forma, observamos ainda que a baixa participação feminina nos programas esportivos no formato televisivo ainda exclui uma parcela significativa de mulheres não contemplando toda a diversidade ética-social-etária das brasileiras, ou seja, ainda há um grupo significativo de mulheres com uma invisibilidade ainda maior nesse campo.

7.2 Resultados sobre a realidade em Portugal

Como ocorrido no Brasil, em Portugal a presença da mulher no jornalismo esportivo televisivo foi pequena, representando apenas 6,3% das(os) apresentadoras(es), narradores e comentaristas de programas de esportes. Dos 39 programas veiculados no período avaliado (de 20 de abril a 20 de maio), 27 não contaram com apresentadoras, narradoras ou comentaristas, sendo que apenas 12 possuíram mulheres nessas funções.

Vemos, dessa forma, um cenário de certa invisibilidade feminina, já que a presença de mulheres é ainda baixa e restrita a uma função específica: de apontar os conteúdos que serão debatidos pelo programa e/ou homens. Nesse caso, vemos a aplicação de que “os meios podem simplesmente ocultar as vozes das mulheres, ignorá-las em determinadas situações ou simplesmente não as

retratar" (BUENO, 2010, p. 51). As mulheres ainda são invisíveis, pois ainda se encontram isoladas do contexto esportivo mediático.

Dessas 12 mulheres presentes no jornalismo esportivo português, oito assumiram a função de apresentadora (Marisa Antunes, Filipa Pereira [atua em dois programas], Cristina Freitas, Andreia Palmeirim, Inês Gonçalves [atua em três programas]), três foram apresentadoras e mediadoras (Claudia Lopes, Inês Gonçalves e Andreia Palmeirim) e uma de comentarista convidada (Raquel Vaz Pinto) para uma edição especial dos Dias das Mães. Assim, nota-se que a elas couberam majoritariamente a função de apresentação/mediação, ou seja, não participaram efetivamente do debate esportivo, não assumindo nos programas funções com espaços e oportunidades para desenvolverem o *ethos* do discurso esportivo. Observa-se, portanto, que à mulher competiu exibir os conteúdos que foram aprofundados, debatidos e produzidos por homens (nas funções de narração, comentário) cabendo a esses o poder da palavra, o discurso competente e, consequentemente, o debate efetivo sobre o esporte e suas vertentes.

Além disso, em 24,3% dos momentos nos quais as mulheres apresentaram um programa esportivo foram acompanhados de uma figura masculina. Essa apresentação em dupla implica em uma divisão das funções e poder, assim, mesmo para expor e indicar o conteúdo que seria debatido, em quase ¼ das situações, houve a presença masculina para acompanhar nesse processo e assumir parte da responsabilidade.

Em relação à participação de Raquel Vaz Pinto (convidada como comentarista no programa A Grandiosa Enciclopédia de Ludopédio), vale ressaltar que o convite surgiu para uma edição especial do Dia das Mães, e a convidada foi abordada justamente a respeito desse tema. Ou seja, para tal função (de comentarista) é necessário que o convidado tenha prestígio, saiba se expressar e tenha acréscimos importantes para realizar e a mulher somente exerceu essa função quando o objetivo do programa foi homenagear as mães devido à data comemorativa. Em nenhum outro momento, outra mulher foi convidada a exercer essa função no período analisado.

Portanto, mesmo tendo abertura para participar de um debate em uma área masculinizada, como o futebol, Raquel Vaz Pinto (que possui repertório acadêmico para dialogar com seus pares masculinos) teve sua participação

vinculada a uma área considerada feminina, a maternidade. O programa nesse sentido, redirecionou o debate como uma extensão para a vida privada, ou seja, ao invés de inserir a mulher no discurso público, trouxe com ela o discurso a respeito do privado, reforçando estereótipos de gênero.

Vale, no entanto, reforçar que a baixa participação feminina como narradora ou comentarista foi compreendida por uma das jornalistas como natural que não foi e não precisa ser questionada, já que o quadro “normal” (adjetivo utilizado pela Entrevistada H) é a participação masculina. A Entrevistada H reforçou seu ponto de vista apontando ainda que a narração na voz masculina é uma boa decisão por parte das emissoras: “até eu que sou mulher e gosto de ver as mulheres ligadas a este mundo não estou a imaginar um jogo narrado por uma mulher, acho que fica bem na voz dos homens, e acho que quando queremos fazer tudo o que os outros fazem não é necessariamente uma coisa boa, eu acho que cada um tem seu papel, cada um tem o seu lugar”, a mesma abordagem foi apontada pela Entrevistada G (2017), “eu que sou mulher, quando ouvi a primeira vez (uma mulher a narrar) estranhei, mas a pessoa habitua-se e hoje em dia acho uma certa graça”.

Nesses casos, observa-se como o estranhamento da mulher enquanto narradora ou comentarista surge inclusive por parte das próprias mulheres que trabalham com jornalismo esportivo, sendo que a ideia de os homens atuarem com mais maestria nesse campo ainda está presente nesse meio, e por isso, esse campo ainda é visto naturalmente como um espaço de atuação masculina. Ou seja, as mulheres que trabalham nesse ambiente, que supostamente seriam as primeiras a questionar essa restrição de espaço, reforçam o conceito androcêntrico de que esse é um campo masculino e, portanto, os homens são mais capacitados e mais indicados para lidar com essa pauta. Apenas a Entrevistada I (2017) apontou que essa não participação feminina como narradora ou comentarista é resultado de valores sexistas ainda presentes no jornalismo esportivo, mais especificamente em coberturas futebolísticas: “Há muitos homens com muita resistência não é fácil. É uma questão cultural (...), se eu amanhã decidir narrar não será aceito, as pessoas não estão habituadas”.

Durante os programas foi observado que em 1/3 as mulheres obtiveram tempos de fala significativamente menor ao dos homens, apenas no programa Mais Futebol que a apresentadora/mediadora Claudia Lopes assumiu um tempo

significativo de fala. Foi ainda observado que os programas portugueses possuem estruturas rígidas, havendo pouca interação entre as(os) profissionais de comunicação durante a gravação. Ou seja, o debate efetivo não acontece, pois há espaços delimitados de cada participante, sendo que esse majoritariamente consiste em responder à questão levantada pela(o) mediadora(or), sem que demais comentaristas participem daquele momento. Por não haver interação em um formato espontâneo também não há interrupções ou casos de assédio nas edições transmitidas (pois as questões são previamente elaboradas, em um formato semelhante a um jogral), como aconteceu nos programas brasileiros.

Mesmo no momento das entrevistas, questões como interrupções e assédios não foram apontadas, ao contrário, as jornalistas apontaram que costumam ser melhor tratadas (principalmente por entrevistados) por serem mulheres, como relatado pela Entrevistada H (2017), “há um cuidado às vezes diferente com as mulheres em um mundo de homens, quando vamos fazer uma entrevista, eles são mais cuidadosos” e pela Entrevistada I (2017): “eu aprendi uma coisa a muitos anos que é: uma mulher a sorrir pode dizer quase tudo. Nós temos esse lado eu acho que esse é o lado bom da coisa. As pessoas podem ter mais paciência para esperar ao nosso lado para entrar num direto uma reportagem”.

Conforme essas duas entrevistadas, ser mulher nesse ambiente masculinizado facilita quando estão em situações estressantes ou difíceis, onde segundo elas homens dedicam mais paciência e cuidado às mulheres do que aos homens. Por outro lado, para Érica Pinto, Valquíria Amorim e Maria Carvalho (2016, p. 21) situações semelhantes a essa podem reforçar estereótipos de gênero, indicando certa fragilidade feminina e necessidade das mulheres terem um acolhimento diferenciado dos homens que atuam na mesma função.

No entanto, apesar desse ponto aparentemente favorável (aparentemente pois essa diferenciação de tratamento é resultante de uma visão preconceituosa a respeito das competências femininas, baseada na ideia de fragilidade e meiguice, precisando de cuidados especiais e diferenciados dos colegas homens), as entrevistadas apontaram a dificuldade em receber reconhecimento e obter credibilidade, como elencado pela Entrevistada H, I e G (2017) “para confiarem em nosso trabalho, para acharem que nós podemos fazer

aquilo demora mais tempo, porque eles olham com mais desconfiança", "nós temos que provar, nós temos que ser dez vezes melhor do que um homem, para provar que somos efetivamente boas", "obviamente que foi complicado porque a tolerância é muito menor quando uma mulher começa".

Por fim, ainda foi abordada a questão da violência sofrida pelas jornalistas nas mídias sociais. Duas, das três entrevistadas, reportaram agressões verbais e ameaças postadas em suas páginas pessoais. Segundo elas, as mulheres costumam ser alvos de violência por parte de torcidas raivosas e que com o advento das redes sociais, isso se acentuou. "Hoje temos o efeito perverso das redes sociais, aí sim, aí ainda há uma discriminação de gênero brutal (...). E obviamente, por ser mulher o tipo de mensagens que recebo são quase assédio sexual e mensagens que se fosse para um homem seria completamente diferente, mas como eu sou mulher aquilo tinha um tipo de linguagem que eu jamais esperei ver" (ENTREVISTADA G, 2017).

Conforme Adriana Delgado (apud ALVAREZ; MAGALHÃES, 2014, p. 17), o ambiente virtual parece ser propício para ataques verbais violentos contra as mulheres e quanto mais marcadamente masculino é o meio (como acontece com o esporte [DEVIDE, 2005; THEBERGE, 2000]), mais acentuada é a violência praticada, como apontado pela Entrevistada I (2017), "as redes sociais são uma coisa ótima por um lado e extremamente perversas do outro(...). E é muito mais fácil ofender uma mulher é muito mais baixo é normalmente um insulto mais rasteiro".

Nesse sentido, apesar dos avanços da participação feminina nos programas esportivos portugueses, segundo as entrevistadas e a análise realizadas dos programas, ainda há um cenário de dificuldades a serem superadas em Portugal: desconfiança em relação à competência, violência sofrida nas redes sociais assédio, conciliação com a maternidade e espaço marcadamente masculino, havendo ainda pouca possibilidade de ampliação da participação feminina como produtora de conhecimento esportivo e alteração da manutenção do *ethos* do discurso esportivo ser masculino.

***

Apesar desse cenário de dificuldades apresentado tanto para jornalistas brasileiras quanto para portuguesas, é inegável o avanço da participação feminina nesse contexto e a importância dessas mulheres na quebra de paradigmas. Ao adentrarem em um campo ainda masculinizado, enfrentam preconceitos e estereótipos de gênero, para conquistar novos espaços e novas possibilidades de atuações. Ao provarem suas competências (como elas tem feito) ocorrem gradativas mudanças, como se tem observado nas últimas décadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do inegável avanço das conquistas feministas nas últimas décadas, o androcentrismo ainda se encontra presente nas sociedades brasileiras e portuguesas, influenciando na maneira como ocorrem as relações entre os sexos, suas representações e participações efetivas em diferentes campos sociais, políticos e econômicos. Diante disso, movimentos feministas (como por exemplo, “Empodere Duas Mulheres”, “Força Meninas”, “Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta”, “Revista AzMina”) ainda lutam por direitos, como pela revalorização da imagem da mulher, enquanto sujeito autônomo, independente e empoderado e por uma representação na esfera mediática que aponte as mulheres em sua diversidade ético-social-etária e na diversidade de espaços e temáticas que podem ocupar, não se restringindo ao espaço privado e suas extensões.

Considerando esses aspectos relativos às novas reivindicações dos movimentos feministas a respeito de representações mais adequadas, esta tese abordou dois campos historicamente masculinizados, cujo seus inícios foram marcados pela atuação quase que exclusiva de profissionais masculinos: o jornalismo e o esporte, avaliando especificamente o jornalismo esportivo televisivo e as relações de gênero entre profissionais do campo da comunicação atuantes nessa área. Dessa forma, este trabalho foi construído a partir de uma análise da visibilidade e da participação das profissionais de comunicação (narradoras, apresentadoras e comentaristas) em programas esportivos em formato televisivo.

Portanto, com o objetivo de verificar a participação dessas profissionais mulheres em programas esportivos da televisão aberta transmitidos em Portugal e no Brasil (região de São Paulo / Campinas), respectivamente em abril/maio de 2017 e novembro de 2017, avaliou-se em quais pautas predomina a presença de profissionais femininos; os discursos e atuações das apresentadoras nos programas de esportes; os discursos veiculados nas edições selecionadas a respeito das apresentadoras; as relações entre o observado nos programas e as tendências e estereótipos presentes na sociedade ocidental em relação às mulheres; e o que as apresentadoras de programas de esportes compreendem

a respeito de sua inserção nesse ambiente, suas funções e relações com demais profissionais.

Como apontado neste trabalho, desde a década de 1970, observamos o avanço das mulheres no campo do jornalismo esportivo brasileiro e português, área tipicamente masculina desde o seu surgimento. No entanto, apesar desse ingresso significativo, pôde-se, também, verificar nesse campo uma predominância de profissionais do sexo masculino (sendo que, das(os) profissionais elencados neste trabalho, as mulheres representaram apenas 11,4% no Brasil e 6,3% em Portugal), e que à minoria feminina ainda coube atividades operacionais e táticas – e não estratégicas, principalmente em programas de debates. Com duas exceções de comentaristas convidadas (uma no Brasil e uma em Portugal), as demais exerceram a atividade de apresentação ou apresentação e mediação, onde atuaram basicamente nas atividades de elencar os assuntos que foram debatidos ou apresentados em reportagens.

Vale ainda reforçar que em muitos programas, as jornalistas também assumem funções e atividades externas, como produção de reportagens (atividade não presente na proposta de análise deste trabalho). Nesses elas propõem pautas, realizam pesquisas e entrevistas, e editam os vídeos, ou seja, são responsáveis por todo processo de elaboração das reportagens. No entanto, ao se posicionarem diante das câmeras não assumiram efetivamente o *ethos* do discurso esportivo, pois esse permaneceu sob a responsabilidade masculina.

Além disso, por meio das entrevistas foi constatado que ainda há um cenário de dificuldades a ser superado: assédio, baixa oportunidade de participação efetiva e cobranças estéticas, capacidades e conhecimentos subestimados, tratamento com grosseria durante entrevistas, violência nas redes sociais, interrupções e dificuldades em conciliar vida profissional com vida pessoal, principalmente com a maternidade.

Dessa forma, é possível afirmar que as conquistas femininas ainda não ocorreram em sua totalidade no campo do jornalismo esportivo, pois a estrutura das distâncias ainda é mantida ao destinar aos homens as funções de apresentação, narração e comentários, e às mulheres apenas a função de apresentação. Como apontado, a competência feminina é reconhecida internamente pela emissora, pois às mulheres são atribuídas responsabilidades para realização de reportagens, mas essa competência não é reconhecida

publicamente, pois a elas somente é dada a oportunidade de participar como apresentadoras, sem poder atuar efetivamente dos debates e acrescentar novas ideias e conhecimentos sobre o assunto exposto.

Esse cenário atesta como o mundo do jornalismo esportivo ainda é permeado por uma mentalidade de valorização das masculinidades, confirmando a hipótese inicial desta tese de que ainda existe uma cultura androcêntrica presente em programas de esportes na televisão aberta brasileira e portuguesa, apresentando possibilidades diferentes de atuações para jornalistas homens e mulheres.

Essa cultura androcêntrica explica, em parte, por que a mulher demorou a se inserir no jornalismo esportivo e porque assumiu apenas algumas atividades nessa área. Como consequência, o discurso da imprensa esportiva brasileira e portuguesa, em pleno Século XXI, ainda reproduz práticas que buscam estigmatizar tanto o *ethos* das masculinidades como o das feminilidades. Em programas de televisão, imperam formatos em que a mulher comparece quase que invariavelmente na função de apresentadora, num paradigma proposital de valorização da beleza e da sensualidade, e a ela é quase vedado o espaço da narração, do comentário e da opinião.

Assim, a função desempenhada pela maioria das jornalistas esportivas segue o conceito da aparente mudança (presença feminina em um campo de prevalência masculina: o jornalismo e o esporte), mas mantém a lógica tradicional do modelo masculino e feminino, no qual a mulher é ainda apenas coadjuvante e o homem o detentor do conhecimento, sendo esse modelo repetido nos diferentes programas analisados.

É inegável o avanço das mulheres nesse ambiente e o aumento da participação dessas nas últimas décadas. No entanto, como apontado acima, é necessário não focar apenas essas conquistas, mas também verificar o que ainda precisa ser modificado para que esse seja um ambiente realmente igualitário. Vale ressaltar que campanhas como a #deixeelatrabalhar é um exemplo, justamente, de como essas mulheres reconhecem essas diferenças e lutam por novos espaços no jornalismo esportivo.

Além disso, cabe ainda apontar que quando abordamos a situação das jornalistas brasileiras do segmento de esportes, estamos relatando um perfil específico de mulheres (pesquisa realizada apenas com as jornalistas dos

programas analisados no Capítulo 5.2 desta tese): brancas, loiras ou com cabelo liso, originalmente de classe média/média alta (já que são formadas majoritariamente na PUC e Cásper Líbero), de 30 a 40 anos e heterossexuais (exceto por Fernanda Gentil). Da mesma maneira, as mulheres dos programas portugueses são: brancas, magras, cabelo levemente ondulado, de 35 a 44 anos e heterossexuais. Nesse sentido, a baixa participação feminina consiste em um grupo de mulheres com perfis semelhantes, excluindo mulheres negras, idosas, trans e homossexuais, ou seja, existe ainda um grupo de mulheres não participante desses programas. Assim, determinados marcadores sociais, étnicos, etários e sexuais podem direcionar futuras pesquisas para identificar grupos de mulheres ainda mais excluídos desse ambiente.

Portanto, para pesquisas futuras é importante aprofundar o estudo sobre quem são essas mulheres que atuam nesse campo e quais os marcadores de raça, de classe social, estéticos e etários essas mulheres possuem em comum, a fim de observar se há uma coerência entre esses fatores ou se essa pouca presença feminina ao menos apresenta uma diversidade de mulheres e quem seriam essas mulheres que possuem acesso a essa oportunidade (já que o início dessa pesquisa realizada nesta tese aponta que ainda não há uma diversidade feminina nesse ambiente).

Para José Luiz Aidar Prado (2005), a experiência com vários tipos de enunciadores e enunciados permite que o receptor forme sua opinião a partir de um conjunto de vozes, de forma a responder não apenas guiado por mapas construídos por agências mediáticas, mas participando na construção dos discursos sobre determinado tema. Mas o que acontece quando a pluralidade de discursos não ocorre? Qual o resultado quando diferentes programas representam cenários e posições semelhantes (como acontece com a participação feminina nos programas de esportes analisados)? Quais opiniões são formadas quando esse conjunto de vozes expressa discursos semelhantes? E como a participação de mulheres com perfis semelhantes, sem abranger a diversidade de mulheres, afeta a imagem desses diferentes grupos de mulheres sobre si mesmas?

Questões como essas despertam novas possibilidades de pesquisas focadas na recepção, ou seja, como essa pouca atuação feminina no jornalismo esportivo (que além de ser baixa ainda é restrita a determinadas atividades) é

percebida pelas(os) telespectadoras(es), como essas(es) compreendem a participação feminina e masculina nesse cenário e se os meios (no caso o jornalismo esportivo) podem ser considerados marcos reguladores de gênero, que promovem com naturalidade que determinadas características devem ser associadas a determinado gênero, a partir de uma estilização repetida dos corpos participantes.

Por fim, como mulher telespectadora, faço os seguintes questionamentos:

- O que faz com que o assédio seja “natural” no Brasil nesse ambiente, ao ponto de posturas abusivas fazerem parte do próprio roteiro do programa (como é o caso do Jogo Aberto e Terceiro Tempo)?

- O que propicia maior violência virtual contra mulheres atuantes no jornalismo esportivo em Portugal (em relação ao Brasil)? E por que as emissoras não assumem uma postura, já que as agressões são decorrentes do exercício da profissão?

- Ou seja, por que as emissoras aceitam, se silenciam e até mesmo perpetuam esses comportamentos misóginos ocorridos em seus próprios programas ou devido à atuação dessas mulheres nesse ambiente?

- Por que ainda há um silenciamento dessas mulheres diante dessas duas situações?

Vale ainda ressaltar que abordar esse aspecto performativo dos meios de comunicação, não consiste em relacioná-los à manipulação, mas a um fazer que não é da ordem do ato proposital da proposta. Mas o que faz, então, o jornalismo esportivo brasileiro e português? Cria um domínio discursivo e apresenta uma certa posição de sujeitos em que os discursos competentes pertencem aos homens e às mulheres cabem funções secundárias, de suporte ou apresentação de algo que eles irão discutir e debater. É nesse âmbito que o jornalismo esportivo não somente informa, mas também cria discursos que apoiam a exclusão parcial da mulher no campo esportivo.

A discussão dessas relações é importante para uma desnaturalização de conceitos de que determinadas práticas e competências são femininas ou masculinas, conceitos esses que têm sido repetidos cotidianamente e por décadas. No formato televisivo do jornalismo esportivo (principalmente o brasileiro), algumas mulheres comparecem realçando a beleza e sensualidade

– e a todas elas, é quase vedado o espaço do comentário e da opinião. Assim, é comum a exploração do corpo feminino como elemento de atração das audiências, além da reprodução de estigmas que apontam para práticas sexistas, quando não homofóbicas.

Nesse sentido, percebemos que o discurso da imprensa esportiva na televisão brasileira e portuguesa ainda é refém da afirmação de masculinidades, de um discurso binário e heteronormativo tanto em suas práxis como na manutenção de um *ethos* pouco permeável a olhares que superem o preconceito de gênero. Trata-se de um novo desafio a ser superado pelos programas esportivos das diferentes emissoras de TV aberta no Brasil e em Portugal.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel. *A inserção da mulher no mercado de trabalho:* uma força de trabalho secundária? São Paulo: Tese USP, 2007.

ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações*: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ADELMAN, Miriam. O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro. KNIJNIK, Jorge D.; SIMÕES, Antonio C (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. P. 277 a 303.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Quem somos*. Disponível em: http://www.patriciagalvao.org.br/. Acesso em: 02 out 2015.

AITCHISON, Cara Carmichael. Gender, sport and identity: introducing discourses of masculinities, femininities and sexualities. AITCHISON, Cara Carmichael (Ed.). *Sport & gender identities*: masculinities, feminities and sexualities. New York: Routledge, 2007.

ALVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Lisboa: Ela por ela, 2002.

ALVAREZ, Teresa; MAGALHÃES, Sara (Org.). *Mulheres e media*. Lisboa: APEM, 2014.

ANDI; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Imprensa e agenda de direitos das mulheres*: uma análise das tendências da cobertura jornalística. Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2011/12/imprensa-e-agenda-dos-direitos-das-mulheres-2011.pdf. Acesso em: 02 out 2015.

APPLEBY, Karen; FOSTER, Elaine. Gender and sport participation. ROPER, Emily A. (Ed.). *Gender relations in sport*. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

AZEVEDO, Sandra Raquel dos Santos. *Direitos sexuais e reprodutivos e violência contra mulher em pauta na mídia impressa paraibana: constituindo uma agenda cidadã.* Disponível em: www.fazendogenero7.ufsc.br/.../Sandra_Raquew_dos_Santos_Azevedo_04.pdf . Acesso em: 24 mar 2009.

BARDWICK, Judith. *Mulher, sociedade, transição*. São Paulo: Difel, 1981.

BASTOS, Liliana C.; SANTOS, William Soares (Org.). *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

_____. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*. Ano 5 – Nº2jan./jun.2012 - São Paulo, p. 231-250.

_____. *Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais*. Disponível em: http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/estudos-comunicacao.pdf#page=165. Acesso em: 25 mai 2018, p. 161-195.

BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Pioneira, 1999.

BENNET, Lance, e, ENTMAN, Robert. *Mediated politics*: communication in the future of democracy. Disponível em: http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=L0GROJKLHukC&oi=fnd&pg=PA203&dq=entman+framing+autor:r-entman&ots=DA0Xv8plGD&sig=kZl7sc-49HFV5WTTvslxYdfV8n8#PPA205,M1. Acesso em: 15 ago 2008.

BESSA, Clarice. *Mulheres de Atenas*. Disponível em: http://www.geocities.com/beijospratorcida/mulheres.htm. Acesso em: 12 out 2015.

BIRREL, S.; COLE, C. L. Doublé faut: Renne Richards and the construction and naturalization of difference. *Sociology of sport journal*, vol. 7, n° 01, p. 1-21, 1990.

BIRREL S. Feminist Theories for sport. In J. Coakley & E. Dunning (Eds.). *Handbook of sports studies*. London: Sage Publications, 2000.

BOAS, Sergio Vilas (org.). *Formação e informação esportiva*: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORENSTEIN, Miriam S.; PADILHA, Maria I. C. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 14() 575-584. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71414415. Acesso em: 01 set 2017.

BOTELHO, Paula; GOELLNER, Silvana; SILVA, Paula. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre Algarve Women's Football Cup. *Movimento*, 19/3, Porto Alegre: PROPESQ/PROAP, pp. 171-189, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, José Luiz. *Interação como contexto da comunicação* (2012). Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1878.pdf. Acesso em: 30 maio 2018.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n°26, janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

BRASIL (1941). *Decreto-lei n° 3.199, de 14 de abril de 1941*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm. Acessado em: 30 out 2016.

BREWER, Rose M. Theorizing race, class and gender. *Race, gender and class*, New Orleans, vol 06, n. 02, p. 29-47, 1999.

BUENO, Noemi Correa. *Jornalismo impresso e relações de gênero*: enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo de um caso de hostilização a uma estudante. Dissertação de mestrado, FAAC/UNESP, 2010.

BUENO, Noemi Correa; MARIVOET, Maria Salomé; MARQUES, José Carlos. *Participação feminina em jornais desportivos portugueses: onde estão as mulheres nos impressos A Bola, Record e O Jogo?* Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0825-1.pdf. Acesso em: 08 nov 2017.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. *Quem é quem nos programas esportivos de televisão*: uma análise das questões de gênero no Cartãozinho Verde, da TV Cultura. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0795-1.pdf. Acesso em: 20 dez 2015.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. *A invisibilidade das mulheres em programas de esportes na TV Aberta Brasileira*: tradição histórica ou competência silenciada? BETTINE, (Org.). Estudos Interdisciplinares do Esporte: Aspectos Filosóficos, Sociais, Políticos e Econômicos. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2016, p. 351-370.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARLOTO, Cássia M. *Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino*. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_carlotto.htm. Acesso em: 15 jun 2018.

CARVALHO, Marília Pinto. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). *Revista Brasileira de Educação*. V. 16, n. 46, 2011, p. 99-117.

CARVALHO, Michele C.; WERBA, Graziela C. Não nos deixam falar, então não somos interrompidas: a linguagem sexista propagando a discriminação de gênero. *Conversas interdisciplinares*. v. 14, n. 1, 2018. P. 1-20.

CCPJ. *Total de titulares de carteira profissional de jornalista no Estado*. Disponível em: https://www.ccpj.pt/media/1170/cp-activas.pdf. Acesso em: 05 mai 2018.

CEMIN, Arneide Bandeira. *Entre o cristal e a fumaça*: afinal o que é o imaginário? Disponível em: <http://www.unir.br/~cei/artigo1.html> Acesso em: 13 de novembro de 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão é capaz de informar? *Matrizes* V.10 - Nº2 maio/ago. 2016 São Paulo – Brasil, p. 13-23.

CHICAGO TRIBUNE. *Wife of a bears' lineman wins a bronze medal today in Rio Olympics*. Disponível em: https://twitter.com/chicagotribune/status/762401317050605568. Acessado em: 02 nov 2016.

CIRANDA. *Mulheres pelo direito de resposta*. Disponível em: http://www.ciranda.net/spip/article1027.html. Acesso em: 15 jul. 2008.

COATES, Jennifer. Talk in a play frame: more on laughter and intimacy. *Journal of Pragmatics* 39, 2007, p. 29-49.

COLLING, Ana. *A construção histórica do feminino e do masculino*. In: SABEDA, S.; PRHEN, D.; STREY, M (Org.). Gênero e cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. Revista *Famecos*, Porto Alegre, n. 14, p. 88-101, 2001.

CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino; CORTEZ, José Alberto Aguilar; SIMÕES, Antonio Carlos. Mulher e esporte de competição e rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico. KNIJNIK, Jorge D.; SIMÕES, Antonio C (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. P. 133 a 152.

CORRÊA, Mariza. *O sexo da dominação*. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Corr%C3%AAa__Mariza_-_O_sexo_da_domina%C3%A7%C3%A3o.pdf?1332946760. Acesso em: 01 set 2017.

COUTINHO, Eduardo G.; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel. *Mídia e poder*: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

CUNHA, Isabel Ferin. *Análise dos media*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

CURVELLO, Vanessa; DUARTE, Elizabeth Bastos. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). *Televisão e realidade*. Salvador: Edfba, 2009. p. 61-74.

DACOSTA, L.; TURINI, M. (2002). *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

DE FLEUR, Melvin; ROKEACH-BALL, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DEVIDE, Fabiano P. *Gênero e mulheres no esporte*: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DN. *Arquivo*. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/2005/interior/se-nao-fosse-reporter-nao-sei-o-que-poderia-ter-sido-613068.html. Acesso em: 05 mai 2018.

DOU (1965). Deliberação n. 7-65. *Diário Oficial da União* 1. 1965, p. 33.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, Jorge (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2015.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.

ENTREVISTADA A. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 21 nov. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice A desta tese].

ENTREVISTADA B. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 06 abr. 2018. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B desta tese].

ENTREVISTADA C. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 25 nov. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice C desta tese].

ENTREVISTADA D. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 06 abr. 2018. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice D desta tese].

ENTREVISTADA E. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 06 abr. 2018. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice E desta tese].

ENTREVISTADA F. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. São Paulo, 24 nov. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice F desta tese].

ENTREVISTADA G. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. Lisboa, 03 jul. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice G desta tese].

ENTREVISTADA H. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. Porto, 24 mai. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice H desta tese].

ENTREVISTADA I. *Entrevista concedida à Noemi Correa Bueno*. Lisboa, 30 jun. 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice I desta tese].

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do ethos. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 36, ago 2008, p. 69-79.

FENAJ; UFSC. *Quem é o jornalista brasileiro?* Perfil da profissão no país. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/relinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf. Acesso em: 25 jan 2016.

FIAMFAAM. *A crescente participação das mulheres no jornalismo esportivo*. Disponível em: http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&id=5709&cat=1. Acesso em: 25 jan 2016.

FILHO, João Freire, T. Força de opressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Famecos*, Porto Alegre, n° 28, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FISCHER, Rosa M. *Mídia e educação da mulher*: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na televisão. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf. Acesso em: 22 set 2009.

FOLHA DE S. PAULO. Quase perfeita. *Caderno Folha Corrida*. (01 June), 2013, p. 28.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: BARROS, A.; DUARTE, Jorge (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2015.

FRASER, Nancy. Repensando o reconhecimento. *Enfoques*. Vol 9, n. 1, ago 2010, p. 114-128.

GARCIA, José Luís. *Estudos sobre os jornalistas portugueses*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

GLOBOESPORTE. *#DeixaElaTrabalhar:* jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte. Disponível em: https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml. Acesso em: 20 abr 2018.

GOELLNER, Silvana. V. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história genderificada. In: Knijnik, J. D. & Simões, A. C (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. P. 359-373.

GOLZIO, Derval Gomes. Sexualidade, trabalho e juventude: representação social feminina nas capas das revistas Veja e Isto É. *Intercom*, set 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu das Silva (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 103-133.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HERZCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Orgs). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. Pág. 123-143.

IOP, Elizandra. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. *Visão Global*, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 231-250, jul. / dez. 2009, p. 231-250.

JHALLY, Sut. *The codes of gender*: Media Education Foundation. Disponível em: www.mediaed.org/discussion-guides/The-Codes-of-Gender.pdf. Acesso em: 20 dez 2016.

JOHN, V. M. *Jornalismo esportivo e equidade de gênero*: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/2161/showToc. Acesso em: 15 fev. 2017.

KNIJINIK, Jorge D (Org.). *Gênero e esporte*: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KNIJINIK, Jorge D.; SOUZA, Juliana S. S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. KNIJNIK, Jorge D.; SIMÕES, Antonio C (Orgs*.). O mundo psicossocial da mulher no esporte*: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. P. 192-212.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo*. Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. P. 17-23.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005. P. 483-505.

MARIVOET, Salomé. *Dinâmicas sociais nos envolvimentos desportivos*. Sociologia: problemas e práticas. N° 23, 1997, p. 101-113.

_____. *Relações de gênero no desporto e no futebol*: percursos e tendências. II Simpósio internacional de estudos sobre futebol. Maio, 2014.

_____. *Assimetrias e afinidades de género no desporto*. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR49f83c627ef5f_1.pdf. Acesso em: 28 nov. 2015.

MARQUES, Eliano. *Mulheres num mundo de homens*. Disponível em: https://elianomarques.wordpress.com/tag/laura-santos/. Acesso em: 05 mai 2018.

MARTINS, Aretha. *Vestiário não assustava pioneiras*: 'se não entrasse, perdia o melhor da festa'. Disponível em: http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/vestiario-nao-assustava-pioneiras-se-nao-entrasse-perdia-melhor-da-festa.html. Acesso em: 29 jan 2016a.

_____. *Pioneiras do jornalismo lembram preconceito, boicote e xaveco de boleiros*. Disponível em: http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-12-01/pioneiras-do-jornalismo-lembram-preconceito-boicote-e-xaveco-de-boleiros.html. Acesso em: 29 jan 2016b.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L., J. F. NEKEL, J. F.; GOELLNER, S.V. (Eds.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação (pp. 9-27). Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MIGLIACCIO, T. A.; BERG, E. C. Women's participation in tackle football: an exploration of benefits and constraints. *International review for the sociology of sport*, 2007, 42(3), 271-287.

MINEIRO, Francisco. *A Europa e Portugal na imprensa desportiva (1893-1945)*. Coimbra: Minerva, 2006.

MORENO, Rachel. *A beleza impossível*. São Paulo: Ágora, 2008.

_____. *Mulheres pela democratização da comunicação*. Disponível em: http://soscorpo.org/wp-content/uploads/DemocratizacaodaComunica%C3%A7%C3%A3o_e_DireitosdasMulheres_RachelMoreno_SOSCorpo_CadernosdeCriticaFeministaAnoIXN8_2015.pdf. Acesso em: 15 out 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais, investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTA, Silvana. Corpos visuais: imagens do feminino na publicidade. In: MACEDO, A.; GROSSEGESSE, O. (Eds.). *Re-presentações do Corpo*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2003, p. 115-132.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, ano 7, n° 13, p. 5-18, 2000.

MUSEU DO FUTEBOL. *Visibilidade para o futebol feminino*. Disponível em: https://www.google.com/culturalinstitute/exhibit/visibilidade-para-o-futebol-feminino/gQuX4AQf?position=120%2C0. Acesso em: 26 jan 2016.

NOTÍCIAS NEWS. *Entrevista*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uNck9Lekv2M. Acessado em: 18 jun 2016.

OLÉ. *Las muñecas suecas*. Disponível em: http://www.ole.com.ar/juegos-olimpicos-rio-2016/munecas-suecas-chicas-mujeres-rubias_0_1624637670.html. Acesso em: 02 nov 2016.

PÊGO, Liliana. *Os estudos de gênero e os media*: uma análise à percepção das jornalistas sobre o jornalismo desportivo em Portugal. Portoalegre: Instituto Politécnico de Portoalegre, 2015.

PEREIRA, Maria do Mar. *Fazendo género no recreio*: a negociação do género em espaço escolar. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatathy. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Revista Cultura Vozes*, São Paulo, setembro/outubro de 1995. nº 5, ano 89, vol.89.

PIEDRA, Joaquín. Gays e lesbianas em el desporte: discurso de jóvenes universitários españoles em torno a sua aceptación. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 1067-1081, out./dez. de 2015, p. 1067-1081.

PINHEIRO, F. *A ideia de Europa na imprensa desportiva portuguesa (1893-1945)*. Dissertação de Mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2003.

PISCITELLI, Adriana. *Re-criando a categoria mulher?* Disponível em: http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf. Acesso em20 mai 2018.

PORTAL IMPRENSA. *Preparação e tempo de estrada são essenciais para se tornar comentarista esportivo*. Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/especialcarreira/mercado_05.asp. Acesso em: 20 ago 2017.

PORTAL DOS JORNALISTAS. *Regiani Ritter*: pioneirismo dentro e fora dos gramados. Disponível em: http://portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=224. Acesso em: 28 jan 2016.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) Comunicação e política: conceitos e abordagens. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2004.

PRADO, José Luiz Aidar. O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. Vol. VII Nº 1 - janeiro/abril 2005, p. 39-46.

_____. *Teoria da comunicação como crítica da globalização*. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ff551a827c40ce1b02f99ae08e811214.PDF. Acesso em: 15mai 2018.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Código civil dos Estados Unidos do Brasil*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acesso em: 31 jan 2016.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. *Mulheres jornalistas*: a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

REIS, Margareth. *Mulher*: produto com data de validade. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

REPUCOM. *Women and sport*. Disponível em: http://www.iboperepucom.com/media/2015/03/REP_Women_and_Sport-Report_final.pdf. Acesso em: 10 nov 2015.

ROALY, Danielson. *Proibido para homens*. Disponível em: http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/PortalAntigo/canalant/debate/trint3/debate3.htm. Acesso em: 15 jan 2016.

ROCHA, Simone. Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apreensão dos sujeitos em programas televisivos. *Líbero*, Ano XI, n° 21, 2008.

ROMERO, Elaine*. Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.* 1990. 407f. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

RTP. *Morte da jornalista da RTP*. Disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/morte-de-jornalista-da-rtp/. Acesso em: 05 mai 2018.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. *De espectadoras a protagonistas*: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento, v. 2, n. 11, p. 50-56, 1999.

SALGADO, Carmen D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.,* Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002, p. 7-19.

SANTOS, William Soares. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. In: BASTOS, Liliana C.; SANTOS, William Soares (Org.). *A entrevista na pesquisa qualitativa*: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013. P. 21-34.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005, p. 11-30.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

SIQUEIRA, Shymenne Costa. *Jornalismo esportivo*: a inserção da mulher jornalista no núcleo esportivo das emissoras de TV de Belo Horizonte. Monografia. Centro Universitário de Belo Horizonte Uni-BH, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/Shymenne.pdf>. Acesso em 28 out 2015.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicações: uma relação em crise. *Líbero*, São Paulo, n. 20, p. 47-56, dez 2007.

_____. Representações, jornalismo e a esfera pública democrática [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOBREIRA, Rosa Maria. *Os jornalistas portugueses 1933-1974*: uma profissão em construção. Lisboa: Horizonte, 2003.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002

_____. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, A.; DUARTE, Jorge (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2015.

TAVARES, Mariza. *Manual de redação CBN*. São Paulo: Globo, 2011.

TAVARES, Núbia*. Ana Zimmermann*: pioneira no futebol da Globo. Disponível em: http://www.papodebola.com.br/papoespecial/20050727.htm. Acesso em: 16 out 2015.

THEBERGE, N. Gender and sport. In J. Coakley & E. Dunning (Eds.). *Handbook of sports studies*. London: Sage Publications, 2000, pp. 61-76.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. São Paulo: Vozes, 2001.

TVI24. *Margarida Pires*. Disponível em: http://www.tvi24.iol.pt/equipatvi24/margarida-pires/53f614183004bbf68d25aa41. Acesso em: 05 mai 2018.

VALADARES, Loreta. *As faces do feminismo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2007.

VENTURA, I. *A emergência das mulheres repórteres nas décadas de 60 e 70*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta, 2007.

VENTURA, I. *As primeiras mulheres repórteres*: Portugal nos anos 60 e 70. Lisboa: Tinta da China, 2009.

VIVAS, Michele Abreu. *Literatura mulherzinha*: a construção de feminilidades nas tirinhas da série mulheres alteradas da Maitena. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8419@1. Acesso: 28 mai 2018.

VIZEU JUNIOR, Alfredo. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. *Famecos*, Porto Alegre, n. 30, p. 31-38, ago 2006.

WINCK, Gustavo Espíndola. *Entrar na mídia para sair da média*: considerações sobre gênero, mídia e ideologia. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/G/Gustavo_Espindola_Winck_04_B.pdf. Acesso em: 24 mar 2009.

WOLF, Noami. *O mito da beleza*: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

APÊNDICE

Apêndice 1:

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

NOME DO PARTICIPANTE: _____

DATA DE NASCIMENTO: __/___/____. IDADE: ____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: _____ Nº_____ GÊNERO: M ( ) F ( )

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____.

Eu, _____, declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: Visibilidade e participação de mulheres em programas televisivos de esportes. O projeto objetiva analisar as relações de trabalho de mulheres que atuam no ramo de esportes da televisão brasileira e portuguesa. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde (CNS), por meio da Resolução 196/96, toda pesquisa realizada com seres humanos pode envolver riscos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. Entretanto, a presente pesquisa pressupõe que o participante não tenha algum risco possível em relação à aplicação. Se, porventura, ocorrer qualquer imprevisto ou desconforto durante este procedimento, devido à discussão deste tema polêmico, a participante terá o amparo necessário imediato, podendo se recusar a responder qualquer pergunta e/ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. O projeto de pesquisa será conduzido por Noemi Correa Bueno**,** do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, orientado pelo Prof. Dr. José Carlos Marques**,** pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/UNESP/Bauru. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: Tese observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

_____, _____ de _____ de _____.

_____.

Assinatura do participante

Apêndice 2
Entrevistada A

Noemi: Gostaria de saber sua trajetória no jornalismo e no jornalismo esportivo.

Entrevistada A: Eu comecei na TV Gazeta em 1997, no ano seguinte comecei a trabalhar como estagiária. Trabalhei o ano todo, depois trabalhei no jornal A Gazeta Esportiva, depois trabalhei na Rádio gazeta FM, e no programa da central de produção da TV Gazeta. Aí um dia faltou a repórter e me mandaram no lugar da repórter que faltou, eu fui, fiz a matéria e foi minha primeira matéria como estagiária, como estagiária cobri 21 matérias, aí cobri as férias de Ana Paola em 20 dias no ano de 2000, e no fim do ano me convidaram para entrar no lugar dela, porque ela tinha saído para fazer o jornalismo da Gazeta. Aí eu fui pra Gazeta Esportiva e estou lá desde 29 de dezembro de 2000 apresentando a Gazeta Esportiva, desde 2003 o Mesa Redonda e também trabalhei na Rádio Jovem Pan FM.

Noemi: Como foi sua entrada no ambiente do jornalismo esportivo? Você teve dificuldades?

Entrevistada A: Acho que foi bem difícil no começo, porque a gente como mulher tem que superar diversas barreiras. Eu fui convidada porque eu era bonita, loirinha, jovem. Bem aquele estereótipo que antigamente procuravam para mulher no ambiente do esporte. Eu não sabia muito do conteúdo de esporte, eu como jornalista tive de me aprimorar e estudar muito para dar conta de estar dentro da Gazeta Esportiva. E foi bem difícil, não tinha tanta informação e tantos jornais e programas como tem nas TVs pagas como hoje, então foi uma conquista que melhorei ano a ano, aí fui chamada para trabalhar no Mesa Redonda e apresentar o programa, estou lá desde 2003 e as portas foram se abrindo com muito trabalho, com muito esforço e com muita dedicação eu consegui superar o preconceito de mulher bonita, loira para ser mulher competente e capacitada para fazer o serviço. Hoje eu sou, além de apresentadora do Mesa Redonda e Gazeta Esportiva, sou editora executiva do site Gazeta Esportiva, dei uma reformulada em todo o site desde o final de 2015. Mas é realmente superar muitas barreiras. Eu inclusive, fui convidada para trabalhar no esporte, mas essa não era minha especialidade. Eles sabiam que eu falava bem, me colocava bem e me colocaram no esporte, mas eu tive de me aprimorar e me especializar nessa área, como jornalista a gente tem que ter essa capacidade de trabalhar com diferentes áreas: economia, moda, entretenimento, mas aí acabei no esporte e tive de trabalhar e aprimorar

Noemi: Por que você acredita que ainda há poucas mulheres nas funções de narradoras e comentaristas?

Entrevistada A: Eu acho que existe uma barreira, eu acho que existe um preconceito. Eu acho que as mulheres estão apresentando, estão reportando fatos, mas ainda não tem espaço para que elas comentem, emitam sua opinião, para que elas tenham voz. No Mesa Redonda eu dou minha opinião, mas não é minha função. Minha função é ser apresentadora. Eu acho que hoje em dia ainda tem o preconceito, por mais que a mulher esteja conquistando novos espaços, ainda tem esse preconceito porque a mulher tem de ser bonita. Todas as apresentadoras, não tem nenhuma apresentadora de programa que seja gorda, que use óculos ou que não tenha o biótipo. Então, diz-se que a mulher está conquistando seu espaço no esporte, olha como os homens são legais ... e estão abrindo, mas ainda como um objeto, que é agradável aos olhos, claro que as mulheres têm competência para isso, mas ainda existe um preconceito por trás dessa abertura. Porque a abertura vai realmente acontecer quando a mulher participar igual ao homem e quando tiver uma mulher gorda na mesa com os homens, porque eu digo gorda, não importa se é magra, gorda, morena, mas eu falo gorda porque justamente os comentaristas esportivos a maioria é gordo e uma mulher acima do peso não aparece nos programas, nem comentando de igual para igual com os homens. Por

que não basta a mulher saber, mas tem que estar num padrão. Então a beleza é um pré-requisito forte. Então acho que tem que estar atento a essa questão: é a capacidade da pessoa, o conhecimento que importam? Para mulher entrar nesse ambiente como apresentadora, ela consegue se for muito competente, mas for gorda e usar óculos, por exemplo? Porque se tiver um repórter gordinho, bom e que usa óculos e tiver competência ele vai conseguir a vaga. Então aí a gente percebe o machismo e a situação da mulher no esporte.

Noemi: Qual a maior dificuldade que você passou em sua carreira?

Entrevistada A: Foi no começo, ainda não existia muita mulher que fazia isso, nem tinha Renata Fan. E eu comecei a apresentar e eu perguntei uma vez pro Rogério Ceni, por exemplo: O São Paulo amarelou no jogo contra o Corinthians? Aí ele respondeu assim: vamos fazer um jornalismo sério, minha filha? Oh meninha (ela falou assim, eu era novinha), oh menininha vamos fazer um jornalismo sério? E eu falei, é o que todo mundo está comentando, e não tinha na época essa discussão sobre machismo. Além disso, teve bastante assédio, assédio do tipo, chamada por telefone, perguntas se tem namorado (durante entrevista), coisas que a gente tira de letra e continua o trabalho. A gente tem que manter nossa sexualidade imaculada, porque uma vez que a gente sai com um jogador você vai pegar uma fama e isso afeta sua credibilidade no jornal. Então foram muitos anos e nãos, até que hoje não passo mais por isso. Mas no começo foi difícil, inclusive pelos caras verem minha função, uma mulher que está num ambiente cheio de homens.

Noemi: Você percebe que nesse ambiente os homens tendem a explicar as coisas com mais detalhe para mulheres do que para outros homens?

Entrevistada A: Na parte de esporte, ainda tem, acho que ainda tem. Inclusive uma pergunta feita por uma mulher pode não ter o mesmo tipo de resposta por uma pergunta feita por um homem. Nem sempre as respostas dadas às mulheres são tão coerentes e completas como as dadas para um homem. E eles tendem a explicar um pouco, mas não muito. Eu acho que a mulher comprovou que sabe, mas às vezes acontece. É normal do ser humano querer explicar, ainda mais para uma mulher e se ela for nova. Mas conforme ela vai entrando nesse meio, todo dia fazendo uma cobertura isso muda.

Quando fui fazer a copa do mundo, poucos jornalistas foram chamados para fazer perguntas para os jogadores. Eu estive lá durante uma semana e fiz entrevistas todos os dias, porque eles foram vendo que eu fazia perguntas coerentes e havia gente que havia feito perguntas nada a ver, e não era mulher, era homem mesmo. Quando você mostra que está fazendo um trabalho sério, você mostra preparo, a gente tem o reconhecimento, mas demora. É uma soma, mas não que seja fácil, eu levei acho que mais de 15 anos para eu chegar onde eu cheguei hoje, hoje comando uma redação de 30 pessoas, minha voz é ouvida no programa, esse é meu trabalho hoje, mas demorou, sabe. Quando eu comecei não tinham ainda muitos nomes femininos famosos, como o da Renata Fan, tínhamos algumas mulheres, mas ainda poucas na apresentação de programas de esporte.

Noemi: Você acha que nesse ambiente há fatores favoráveis às mulheres? Ou que elas conseguem benefícios ou possuam facilidades?

Entrevistada A: Eu não vejo facilidade, porque o que poderia ser uma facilidade, por exemplo, a valorização da beleza feminina que poderia ser uma facilidade para ela conseguir um emprego, no fim, ela precisa provar muito a competência dela, né? (mais do que se ela tivesse entrado apenas pelo mérito). Eu não consigo pensar em uma facilidade porque eu acho que tudo é muito desafio para a mulher. Ela ser bonita, por exemplo, eu não enxergo como uma facilidade, eu enxergo como até um machismo ou alguma coisa de tipo. Eu acho que nessa nessa área o ideal seria entrar pelo mérito, pela competência e pela capacidade, mas eu acho que o fato de ser mulher

é é é bem é bem desafiador e tem muitas dificuldades porque a mulher precisa provar que sabe, que é boa no que faz, que entende, que é competente e ela tem que concorrer com os homens e naturalmente isso não é uma área dela, por exemplo, a menina não cresce assistindo futebol naturalmente ou não crescia, né? Assim, os homens a tem um pouco mais essa cultura, então ela tem que lidar também um pouco com isso. Por isso, eu acho que tem não facilidade, eu não vejo facilidades, muito pelo contrário acho que é muito difícil trabalhar nessa área de esporte. Não tem final de semana, não tem feriado, uma pessoa como eu que tenho filhos, eu tenho três filhos, eu trabalho de domingo à noite, eu trabalho de feriado e tem jogo de sábado que eu preciso acompanhar. Então, para uma mulher que é casada, que é mãe, que tem família, é uma profissão (o jornalismo em si já é uma profissão muito puxada para a mulher), em jornalismo esportivo ele é mais ainda, porque você tem jogos à noite, são vários os campeonatos nacionais e internacionais, então você tem que ter muita responsabilidade não é simplesmente você chegar no horário das 8 às 18h, fazer seu trabalho e depois fechar tudo e subir pra casa, não é um trabalho que é muito contínuo e é o tempo todo e você tem que estar atento o tempo todo.

Noemi: Você vê alguma diferença nesse mercado para as mulheres?

Entrevistada A: Eu acho que abriu muito espaço para a mulher abriu muito, antigamente aqui a gente não tinha estagiárias mulheres, tinha apenas apresentadora a secretária. Hoje não, hoje a gente tem três estagiárias sendo que dessas, três foram já contratadas, a gente tem a pauteira, a gente tem uma estagiária que virou repórter, tem uma outra que também virou pauteira. Então, acho que está abrindo muito o espaço para a mulher na área esportiva nestes últimos 17 anos. E é incrível como a mulher conseguiu deixar de ser vista com tanto preconceito, porque hoje se chega uma menina que escreve bem, que mostra que entende e que gosta de futebol ela consegue a vaga, ela não consegue a vaga se ela não entender de futebol e mesmo assim, se ela tiver o interesse de trabalhar com a gente muitas vezes a gente dá chance e fala ok vamos dar uma chance, vamos ver como você se sai, e aí ela acaba pegando o interesse pelo esporte

Noemi: Quais dicas você daria para uma estudante de jornalismo que quer entrar na área de esporte?

Entrevistada A: primeiro eu dou o conselho dela entrar porque ela gosta muito, que ela continue sempre estudando e se capacitando, que ela não busque facilidades ou amizades com jogadores de futebol, que ela procure sempre ser muito profissional, que estude línguas, fale inglês, espanhol, francês, procure falar outros idiomas, isso ajuda a abrir portas na área. Tenha um bom português, saiba escrever muito bem português e goste de futebol, goste de esportes e assista não só o futebol, mas outros esportes também porque se ela fizer tudo isso, terá sucesso na área.

Noemi: Em relação à transmissão da modalidade feminina pelos meios de comunicação, percebemos que o espaço também é restrito. Por que você acredita que isso acontece?

Entrevistada A: Isso tem duas coisas, uma é a questão da cultura popular que às vezes a gente coloca um jogo de futebol feminino ou uma matéria de futebol feminino e não dá tanta audiência como o de futebol masculino. Mas ao mesmo tempo hoje é muito mais forte o futebol feminino do que há 15 anos então tem muito mais espaço do que a 15 anos, então eu acho que há uma força gradual e vai começar a crescer cada vez mais e acho que depende também do apelo do público, da vontade do público de pedir, do público falar: nós queremos ver. Agora os clubes que vão participar da libertadores precisam ter a modalidade feminina de futebol e isso é muito legal e obriga os times a manter um time feminino, então isso é muito bom.

Apêndice 3
Entrevistada B

Noemi: Qual a sua trajetória no jornalismo de esporte?

Entrevistada B: Eu estudei na UFRJ e quando eu estava no meio da faculdade, eu consegui um estágio para escrever em uma produtora. A pessoa que me contratou trabalhava com vídeo e me convidou para fazer a parte de vídeo, mesmo eu tendo interesse apenas na redação. Nesse período ele fazia permutas para o esporte, e foi quando iniciei na área de esporte, fazendo remo e equitação, nada de futebol, era esporte olímpico. E eu comecei a gostar e fui aprendendo a fazer isso, eu nunca tinha imaginado e quando vi já estava no esporte. Depois que sai de lá fui trabalhar em produtoras do Rio e fazer programas com o Esporte TV, lá eu fazia automobilismo, que eu gostava muito. E fiquei por 2 anos e meio, com esquema de produtora, a gente era contratada por uma produtora que fechava parceria com um canal. Eu fazia tudo, editava, produzia, escrevia matérias e apresentava. E fui me apaixonando pelo esporte. Eu me identifiquei com o esporte, porque é alegre, espontâneo, não é aquela coisa séria do jornalismo tradicional. Aí fiquei lá 2 anos e meio, depois a gente fechou contrato com a TV Vanguarda onde fiquei mais dois anos, tudo em programa de automobilismo. Depois fechamos com a TV JB lá do Rio e aí tivemos problemas para receber salário e vi que esse negócio de produtora estava difícil. Fui, então, para a Globo procurar algo, achei uma vaga, mas era 1/3 do que eu recebia na produtora, e pensei, nossa como é que pode um salário de entrada desse, mas é o status, né? É o você estar lá ... Pensei, nossa não tem condição e não fui, mas continuei tentando. Nisso me chamaram para fazer Supervisão de Operações de Imprensa no Pan do RJ. Falei, cara que legal, aí eu fui e foi ótimo. Gostaram e renovaram meu contrato, me pediram para fazer o do Para Pan e lá eu conheci muita gente. Foi logo na sequência que eu vim para a Record. Só que quando eu cheguei na Record, eu estava tentando essa coisa de conseguir um pouco mais de estabilidade. A gente faz muita coisa por amor, trabalhei muito de graça, esse negócio do início aí não pagava nada, eu ia fazer, porque eu queria fazer e aprender. Aí quando eu fui para Record, me chamaram para fazer a apresentação do tempo no Rio e fazer reportagens especiais para um programa de variedades. Aí quando eu estava lá alguns meses, houve uma mudança na grade da emissora, e esse programa foi eliminado e eu caí no geralzão, eu fiz tudo: fazia vivo no Fala Brasil, no Domingo Espetacular, fazia matéria para todos os jornais da casa, foi um aprendizado muito grande, mas aí eu tive que me virar e me tornar uma pessoa séria, falar sem sorrir. Aí o Douglas Tavolaro, nosso vice-presidente, ele esteve no RJ na época que eu estava lá e ele decidiu reunir todos os repórteres da casa porque ele queria conhecer as pessoas. E na reunião ele me perguntou o que eu tinha feito, como comecei, e eu contei tudo que falei para você, aí ele olhou para mim e disse: “nossa então você é do esporte, você sabe que a gente vai ter Olimpíadas, que a gente está comprando o pacote? Você teria vontade?” Eu disse que sim e aproveitei para dizer que tinha inglês, francês, espanhol, contei tudo que eu tinha estudado. Isso foi no fim do ano, em abril eu ia tirar férias, e perguntaram se eu podia cancelar as férias e passar 20 dias em São Paulo para conhecer o projeto Olímpico. Eu vim, e aí de 20 dias, viraram 3 meses e de 3 meses, 9 anos. Desde então fiquei no esporte olímpico direto, aqui a gente tem pouco futebol, a gente faz também, mas pouco, inclusive quando foi as Olímpiadas de Londres e Guadalajara, eu cobri o futebol feminino, tinha o estúdio, onde a Milena ficava, depois que as meninas foram eliminadas no futebol, eu voltei para o estúdio. Então o futebol que eu participei foi o Olímpico e aqui a gente tem pouco. E agora estamos fazendo mais matérias para os telejornais da casa e eu faço matérias também, me chamam, me escalam e eu faço também.

Noemi: Desde que você entrou você sente que esse ambiente é mais masculino, feminino ou neutro? Ou teve mudanças?

Entrevistada B: Eu tinha uma impressão de que era muito masculino, antes de entrar, pela questão do futebol, não por causa do esporte de uma forma geral, mas

pelo futebol. Mas quando a gente fala de futebol, a gente pensa muito num ambiente masculino. Eu lembro que uma vez que eu estava apresentando um programa de Rally, eu fui em uma redação e estava conversando com um colega e ele me perguntou qual era o meu time, eu respondi que não tinha time, não gostava muito de futebol. E ele me disse: "não repita mais isso aqui em voz alta". Eu nunca gostei muito de futebol, nunca tive time, aí pensei: “Caramba, nossa!”. Assim, por conta dessa coisa do futebol, eu penso, sim, que era mais masculino, sempre tive essa impressão. Quando eu comecei a ver na prática, vi que antes como era produtora e eram coisas mais focadas no automobilismo, no automobilismo só tem homem, é difícil, tem poucas pilotos, tinha, que agora aumentou um pouco mais. Eu chegava lá só tinha homem, então, por eu ser mulher e entrevistar era até bom, porque eles tinham algo assim: “aí que bom, finalmente uma mulher para vir falar com a gente, aqui só tem homem” ... e só tem homem mesmo, o cara não aguenta mais ver homem, então por eu ser mulher, eu tinha uma porta de entrada, eu chegava e quebrava um pouco o clima e era legal. Quando passou para essa parte que tinha futebol, eu falei: “cara, e agora?” porque eu não sou aquela maria chuteira, eu era jornalista e fui indo, como eu lhe disse, as coisas foram acontecendo, falei, ai e agora, mas as coisas foram super tranquilas, fui super bem recebida e acho que vai muito da postura da pessoa. Eu não cheguei aqui falando, eu sei tudo, não! Eu falei o seguinte: a realidade é essa, estou aqui para aprender e somar.

E aqui os meninos brincam muito, na hora que tem jogo, ligam a televisão, xingam e você tem que entrar no clima e brinca também, você tem que ser despojado para estar no esporte, se você for uma pessoa muito certinha (que se assusta com um palavrão por exemplo), você não se enquadra, então é mais masculino nesse sentido, entendeu? E cada vez mais vejo mais mudanças, tem mais meninas gostando de futebol, não sei se é por causa da televisão, hoje todo mundo tem *paperview*, assim, todo mundo que tem condição e pode e quem não tem manda lá um gato ou dá um jeito de ver na internet, hoje a gente tem muito mais acesso.

Eu me lembro de que quando era menina eu via com o meu pai basicamente fórmula 1 que é o que ele gostava, ele não me botava para ver jogo de futebol. Hoje em dia não, minha filha vai fazer 2 anos e já fala São Paulo (não fala direito, mas grita São Paulo), então eu acho que o futebol também tem esse negócio de unir e cada vez mais está ampliando e tem cada vez mais mulheres porque elas estão gostando mais da coisa.

Eu acho que sempre acharam legal você ser mulher. É legal ter uma mulher que faça as coisas, senão chega num lugar e só tem homem, as pessoas falam: “poxa!”. Olhe o que aconteceu comigo essa semana para você ter uma noção do panorama: eu estava no treino do SP, eu era a única mulher naquela hora, geralmente tem umas duas ou três, geralmente tem..., mas na hora que eu estava ali no campo eu era a única mulher. Tinha acabo de abrir para a imprensa e a gente só ia ficar 15 minutos, e aí eu estava li na grade, já tinha gravado minha passagem, porque a gente tinha pouco tempo e estava esperando os meninos, aí de repente os fotógrafos me pediram para sair da frente, aí eu vi que estava vindo o presidente do São Paulo, ou seja, eu estava atrapalhando a imagem ... aí vim me encostei para não atrapalhar o coleguinha, aí o Leco viu e disse, "pô, estão de brincadeira, vocês estão filmando a pessoa errada, olha só, é muito melhor do que eu, filma ela", brincou, e foi lá falar comigo e me cumprimentou, então, entendeu? você meio que quebra um pouco aquele ambiente, aí também vai da sua postura, para você chegar lá, você tem que ser uma pessoa séria, senão você também não ganha o respeito, entendeu? Então, é assim, é uma linha muito tênue, porque é um ambiente masculino, sim, é o futebol, você está lá e beleza ... em Londres e em Guadalajara eu cobria o feminino, era outra coisa, na verdade ninguém ia, ninguém cobria, era triste, as meninas ficavam sozinhas lá e a gente lá, eu lembro de um dia que ia ter um jogo contra o Japão, tinha eu da equipe do Brasil, mais uma ou outra, sei lá, e dos japoneses apareceram umas 30 equipes, porque eles valorizam o futebol feminino, entendeu?

Noemi: Sobre a atuação das mulheres, hoje temos bastante apresentadoras, mas ainda há poucas narradoras e comentaristas, por que você acha que isso acontece?

Entrevistada B: Essa semana eu vi um negócio que eu achei muito curioso, a Vanessa Riche postou uma coisa que eu achei muito legal, são duas meninas na Fox, narrando jogo que teve da Libertadores do Palmeiras no Allianz Park, mas é um teste. Estão preparando essas meninas para entrar no ar na Copa. Eu não sabia, quando vi, falei, caramba, que legal. Mas fiquei pensando, será que vão assistir? será que vão querer ouvir? quem é o público? porque assim, eu acho que essa coisa, a gente que está na televisão sabe que é um veículo de massa, então, quem vai ligar para ver? Você tem que fazer o que as pessoas querem ver, é legal porque é diferente, no caso de um canal a cabo é diferente de um canal aberto e o ibope é outro, mas fiquei pensando, "cara quem será que alguém vai querer ouvir o que elas falam, né?" Eu fiquei tentando responder essa pergunta. Talvez senhoras, ou pessoas que estão de saco cheio, porque eu acho que quem gosta muito de futebol, entende e é homem, tem um preconceito: "o que essa mulher tá comentando aí?" Por outro lado, meu marido mesmo que entende muito de esporte e gosta, ele reclama dos caras também que falam coisa errada: "esse cara não sabe nada, não vê o que está falando? não vê que foi falta?" Então assim, eu acho que essa posição de ser narradora e comentarista é uma posição meio ingrata, porque tudo que você fala, alguém vai dizer que você falou errado, vai falar que é burro, e assim, de repente, colocar mulher, não sei se vai ... vai que quebra e as pessoas acham legal, diferente... mas eu não sei, eu acho que tem um caminho longo aí, nunca me falaram aqui se eu queria narrar ou comentar, para mim ninguém nunca falou nada disso, e eu mesmo nunca nem imaginei eu fazendo isso, eu na minha humildade sempre achei que isso era tarefa do nosso amigo Maurício Torres, caras que sabem, que sacam muito de futebol e acho que para narrar você tem que saber e se for comentar saber mais ainda, você tem que ter um histórico, mas é óbvio que para você narrar você também tem que saber. Vai também para aquele negócio de que você pode estudar e conseguir narrar, mas colocar emoção, eu não sei, eu quero até ver, juro! que quando eles forem ao ar eu quero ver. Cara, deve ser no mínimo diferente. E eu espero que seja diferente, porque se for igual, qual é a graça? Eu acho que a malandragem seria fazer algo um pouco diferente. Falar algumas coisas diferentes, eu trabalho no esporte, mas por exemplo, quando a gente está aqui assistindo o jogo, eu faço comentários que o homem não faz, tipo: "gente, que corte de cabelo é esse?" Eu falaria isso na narração, porque assim se você está falando de futebol, mas é também entretenimento. Mas eu acho que aí você tem que tomar cuidado, senão vira farofa. Você não vai deixar de fazer o conteúdo, precisamos fazer o correto. Eu estou curiosa para ver isso aí.

Noemi: Como é conciliar a maternidade com o trabalho no jornalismo de esportes?

Entrevistada B: Eu quase morri do coração, cada dia um horário. A minha filha nasceu eu fiz 39 anos, você espera uma vida inteira, aí quando você tem um filho, o que você quer? Você quer ficar com a criança, mas também não quer perder tudo o que você construiu ... então é muito difícil, eu amamentei até os 8 meses e meio e eu voltei a trabalhar com 3 meses e meio porque tinha Olimpíadas. Eu calculei, vai ter Olimpíadas então eu vou ter de voltar nessa semana, eu saí 15 dias antes dela nascer, aí fiz Olímpiadas aqui no estúdio mesmo, não fui pro Rio. Foi uma loucura, tive de tirar leite, tive de trazer a bombinha pra cá, fiquei até os 8 meses e meio dela com isso, é coisa de maluco ... não sei como consegui, eu falo que não tive depressão pós parto, tive depressão pós licença, que é muito difícil, muito difícil, você não dorme ... agora que ela vai fazer dois anos tá começando a ficar mais tranquilo. É muito difícil, mas eu decidi pela questão da idade, porque meu marido falou: "daqui a pouco não vai dar mais, é agora ou nunca", me deu um ultimato, e começamos a tentar e Deus mandou na hora que achou que deveria. Mas só decidi nesse momento, porque estou num momento mais tranquilo também, já estava com uma pseudo organização de horário, como eu estava apenas apresentando e fazendo matérias para o Esporte Fantástico, estava em uma rotina mais tranquila, porque se fosse anos antes, eu acho que eu não teria tido a coragem, porque você viaja muito, acho que o pior é viajar, porque quando você está fazendo e está amarradona fazendo, é incrível ir viajar, mas se você tem filhos é mais

difícil, com quem deixar a criança e você não vai com 100% de entrega ou se vai tem que estar em um outro estágio que ainda não é o que eu estou porque ela ainda está muito pequenininha, precisa muito de mim. É muito difícil, mas conversando com outras pessoas, vejo que é em todas as áreas. É muito difícil. Eu tenho vários amigos jornalistas e a gente acha que jornalista tem vida de maluco, a gente trabalha de fim de semana, feriado, eu só folgo domingo, e folgo duas segundas no mês, eu trabalho todos os dias, praticamente 8 horas, não é pouca coisa, vai variando o horário, mas está aqui todos os dias, você tem que estar à disposição, aí conversando com outros jornalistas a gente sempre fala que a gente trabalha muito.

Aqui especificamente eles são muito legais, não sei se em outros lugares acontece isso. Aqui eles falam: “poxa, gente sabe que a fulana de manhã leva a criança para a escola, então vamos colocar no período da tarde”. Nesse ambiente, a gente tem uma maleabilidade, há essa preocupação. Nem sempre é possível, ontem fui trabalhar de noite, ontem cheguei aqui 16h30, é complicado, mas dependendo de onde você estiver trabalhando, as pessoas tentam dar um jeitinho para ajudar.

Noemi: Você já passou por alguma situação de assédio?

Entrevistada B: Quando eu fui trabalhar na televisão eu sempre ouvi: “preste atenção, tem teste do sofá, heim?” Eu sempre ouvi isso, nunca aconteceu comigo. Graças a Deus. Eu não sei se porque minha postura ... (mas aí a gente cai naquele negócio de que mulher paga porque usou saia, né? é muito louco isso, não dá para você falar isso) ... graças a Deus, eu não tive esse tipo de coisa.

Mas quando eu era garotinha, eu sempre fui amiga dos meninos, então eu já chegava zoando ... Ah não uma vez, um menino que trabalhou comigo ele falou assim (casado, que cara de pau e era colega, não era chefe): “ah! poxa sua casa tem ar condicionado? tá um calor”, eu falei: “graças a Deus, está muito quente” ... e ele disse: “ah porque na minha casa minha mulher não deixa eu ligar, então eu acho que vou dormir lá na sua”, eu falei: “ei você está maluco?” dei um esporro tão grande nele, falei: “você é louco? você é casado, eu sou noiva, nem venha com essas brincadeiras, porque eu não gosto” ... ele ficou com um olho arregalado ... tem umas pessoas sem noção, mas não sei se é só do esporte, acho que em qualquer lugar.

E me elogiam ... "ah! a repórter aí, que gata", é engraçado ... nunca ninguém chegou tentando me beijar, mas eu levo na esportiva, é melhor do que gritar "oh baranga", né? eu prefiro que grite "gata", obrigada, eu agradeço. Você acorda cedo, passa maquiagem, chega toda chique e alguém falar que você está feia, você fala, caramba! Mas engraçado, quando eu fui fazer o jornalismo de rua eu ia em cada lugar, cada situação ... e eu tinha essa preocupação de não ir muito arrumada demais, colocava uma roupa mais sóbria, para não chegar lá fazendo estilo mais artista, celebridade ... eu estava lá para fazer a minha função de divulgar aquilo ali para as pessoas e mesmo assim você chega com a equipe de televisão e chama atenção as pessoas acham que é um *status*.

Tem muito que você saber se posicionar, é claro que você pode estar fazer tudo certinho e chegar um maluco ... eu vou rir, eu tentaria levar na esportiva porque estou gravando, mas sei que há casos de coisas ruins, eu sei de pessoas que processaram por assédio sexual de chefes que falaram x, y, z, graças a Deus, nunca aconteceu comigo. Mas acho que se acontecesse, talvez eu tentasse levar adiante, porque também ninguém merece.

Noemi: Quais dicas você daria para uma estudante de jornalismo que deseja ingressar na área de esportes?

Entrevistada B: Primeira pergunta que eu faria seria: “você tem certeza de que é isso que você quer?” não tem final de semana, não tem feriado, pense bem. Quando somos jovens não temos a percepção de que essa é uma carreira que pode ser longa, mas será assim sempre, ela não vai mudar. Você tem 20 anos e vai trabalhar muito e você tem 40 anos e você vai trabalhar muito.

Se preparar o máximo que puder para vida de um modo geral, vai lhe ser útil. Quanto mais línguas você conseguir aprender. Saber que no esporte, onde é um ambiente mais descontraído, você tem que ter bom humor, ninguém trabalha de mau humor, você estará com cinegrafista, com motorista, com uma equipe, você não vai estar sozinho, você precisa saber se relacionar com as pessoas. Não ter jogo de cintura fecha muitas portas. Às vezes as coisas vão dar errado, não adianta dar “piti”. O ambiente do esporte é descontraído e você precisa entender isso para se ambientar nele, senão você fica um peixe fora d'água. Você precisa estudar, ler.

AS dicas são essas, saber se relacionar, ter certeza de que é isso que quer, se interessar, estudar, saber que você sempre vai ter que aprender coisas novas, gostar de querer fazer coisas novas, porque não é algo de mesmice.

Apêndice 4
Entrevistada C

Noemi: Você poderia começar me contando a trajetória no jornalismo e principalmente em jornalismo e esporte?

Entrevistada C: Eu tenho 30 anos e já trabalho nessa área de esporte há seis anos. Assim que eu me formei eu trabalhei com jornalismo político 1 ano e depois não satisfeita viajei, morei 1 ano em Boston e tive um choque cultural muito bom. Retornei a Goiânia e apareceu a oportunidade de ser assessora de um time daqui de Goiânia que chama Vila Nova da série B, aí fiquei um ano no Vila Nova.

Eu nunca havia trabalhado com a assessoria de clube. E aí foi na tora, comprei livros e fui atrás. Depois de um ano à frente do Vila Nova apareceu um convite para eu trabalhar em uma TV aqui de Goiânia. Assim, quando completei um ano sai do Vila Nova e fui para a TV, a princípio eu só fui produtora do programa que na época chamava Mais Esportes.

Esse Mais Esportes era feito em Goiânia só que o programa era nacional e tinha uma parceria com a TV Aparecida de São Paulo por isso o programa era nacional. Depois que eu fiquei dois meses como produtora e como repórter, meu chefe disse que eu estava preparada para apresentar um programa, porque até então só tinha homens nesse programa e não tinha nenhuma mulher.

Aí eu comecei a apresentar o programa, depois mudou de nome, hoje é Brasil Esportes. Agora em dezembro já vai completar 5 anos que estou à frente dele. E quando eu entrei, só tinha eu de mulher na equipe, com seis homens. E hoje a gente encerra o ano com 3 mulheres. Então, do dia que eu entrei lá até hoje entraram 3 mulheres, comigo 4. Então você vê que o número de mulheres da equipe está crescendo e a gente vê isso regularmente tanto em TVs como Globo, Band, ESPN, Fox, então realmente é necessária a presença da mulher e hoje eu toco o Brasil Esportes de segunda a sexta ao vivo meio dia e domingo 10 horas da noite ao vivo. Além de eu apresentar, também faço matérias relevantes já que o programa é nacional.

Tem uma coisa que eu queria falar, eu vi um dado que na última Olímpiada o número de mulheres foi maior do que o dos homens. E a gente sabe que na década de 40, até 80 a mulher era proibida de praticar futebol, era crime, então está mudando, sim. Homens que não aceitam que a mulher participe do esporte, eles precisam entender que já mudou. Não tem como eles sustentarem a ideia de que as mulheres têm que ficar em casa, ser nutricionista, tem que ter essas profissões que eram femininas. Mas não só em futebol, em mesas redondas, em mesas de debates, como é bom a gente ver mulheres engenheiras à frente de obras gigantescas. Aqui em Goiânia tá crescendo muito o número de motoristas de ônibus.

Noemi: Você acredita que o jornalismo esportivo é um ambiente ainda mais masculino, feminino ou neutro?

Entrevistada C: Eu acho que está neutralizando, porque hoje em dia é difícil você ligar uma televisão, em um programa de esportes, seja ele de maior relevância, sempre há uma mulher. Não existe um que tenha só homem ... assim, pode até ser um pequeno espaço, como naquele da Sport TV ... sempre tem uma mulher, ou uma menininha lendo os whatsapp, então hoje tem que ter uma mulher em programa esportivo, fica muito chato só homem e acho que a gente, a mulher, tem um poder muito grande, que é o poder feminino, de ver de outra forma o lance de futebol, a gente explica de outra forma, a gente sempre vê o lado do jogador, do profissional que além de profissional é ser humano. Acho que os comentaristas homens pegam muito pesado, jogador não pode errar, não pode dar um bote errado, não pode perder um pênalti, eu acho que a mulher vê com outros olhos, e isso chama a atenção do telespectador. E eu acho que a mulher está se preocupando muito em estudar, e não saber só o que é um escanteio, mas entender o que é uma triangulação, uma compactação, pra mulher realmente ter espaço na mídia, a mulher tem que ter credibilidade. Ela não pode ser óbvia, não pode ser **só bonita**, a beleza acaba, então, a mulher tem que criar uma

identidade. Se você quer ser uma jornalista palhaça, se você quer ser uma jornalista clubista, ok ... a partir do momento que a mulher cria uma identidade ela consegue se sustentar em qualquer programa esportivo, seja apresentando, sendo repórter, repórter de campo, que está aumentando, na rádio Globo eu acho que hoje são 3, e aqui em Goiânia semana retrasada teve a primeira participação de uma repórter em campo. Olhe só, em 2017, é a primeira mulher. Eu fiz questão de ligar para ela e parabenizar. Demorou, mas chegou a hora.

Eu tenho outro dado importante. Semana retrasada foi feita uma semana do jornalismo mas da mulher no âmbito esportivo, lá na ESPM, na faculdade do RJ e eles divulgaram um dado alarmante, a Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos revelou que 92% das mulheres jornalistas ouvem piadas machistas, a pesquisa ouviu 700 jornalistas nas cinco regiões do brasil e esse foi o número 92% das mulheres já ouviu piadas machistas. Eu nunca ouvi. Eu não sei se é porque eu sou brava, se eu sou alta demais, o povo fica com medo. Se eu falo grosso, mas eu nunca sofri. Já sofri em situações assim, de eu estar em uma coletiva o jornalista grosso, estúpido não esperou eu terminar de fazer a pergunta ele falou essa pergunta já foi feita. Mas eu respondi, não, mas eu quero e se não eu quero refazer. Aí ele calou a boca.

Então, eu acho assim, eu até acho ruim a gente falar demais que tem machismo no jornalismo, é igual o tal de bullying, que adora crescer. Ninguém falava nisso antes. Eu sei que a gente não pode colocar a palavra machismo pra escanteio, mas eu acho que se a gente ficar falando demais torna-se assim, a gente vai olhar para mulher e já vai lembrar da palavra machismo. E eu falo isso para as meninas que me procuram perguntando como eu faço para lidar com o machismo. E eu falo assim, o machismo só continua se você não se impor. Entendeu? Está nas nossas mãos para que isso, termine. Eu nunca sofri machismo e eu acho que eu sou responsável por isso nunca ter acontecido. Então, é importante a gente falar do machismo, mas não achar que ele é nosso parceiro, que está sempre ao nosso lado.

Tem que quebrar com essa história, com essa nossa cultura ... não sei por que as pessoas insistem em usar essa palavra, igual o tal do racismo. O Order Freeman tem um vídeo sobre o Dia da Consciência Negra, por que não tem um dia da consciência branca, por que alguém inventou isso? A gente fala demais. A gente tem que ter a consciência de que existe ainda, não acredito que vai deixar de existir, porque tem muita gente ignorante, mas isso não é motivo para você desistir de sua profissão.

Noemi: Você falou da primeira mulher aí que foi repórter de campo aí e que na tv que ainda existem poucas mulheres também como narradores e comentaristas a maioria trabalha como repórter ou apresentadora. Por que você acha que se dá essa não participação de mulher como narradoras e comentaristas?

Entrevistada C: Até foi divulgado que a Glenda ia ser narradora. Eu vou ser bem sincera com você. Não sei se estou equivocada ou se eu vou me arrepender de falar isso um dia, mas eu acho que a mulher como narradora, vai ser um pouco mais difícil. É igual você ir em um nutricionista homem. Eu acredito que isso possa um dia dar certo, só que essa mulher vai ter que ser muito boa. Ela vai ter que quebrar paradigmas. Eu acredito que isso vai acontecer, mas acho que vai ser mais difícil de ser sustentado. Aqui em Goiânia tem uma menina, que é estudante de jornalismo da universidade federal. Ela narrou um jogo mês passado. Eu particularmente não gostei. Não sou contra. Acredito que isso vai crescer, mas vai demorar. Por esse fato, como demorou para a mulher entrar no âmbito esportivo, ser narradora vai acontecer, mas a pessoa vai ter que ser muito boa. Porque a gente tem repórteres mulheres que não são tão boas, mas a gente tem. Acho que esse é o segredo, o espaço tem, mas você tem de ser boa. Não pode ser qualquer uma. E em relação a ser comentarista, muita gente fala, ah por que você não quer ser comentarista? Vamos lá, hoje eu tenho 30 anos de idade. Os bons comentaristas de mesa redonda, o Juca Kfouri, Gian Oddi, Arnaldo ... todos tem mais de 40 anos de idade. Tem que ser experiente para isso. Você tem que ter experiência e bagagem. Não é porque você tem 20 anos de idade que tem credibilidade para ser comentarista. Hoje se me fizessem o convite para ser comentarista, eu falaria não. Eu falaria, eu preciso de mais experiência. Na ESPN tem uma comentarista, que é

ex jogadora de futebol, aqui em Goiânia, uma garota foi demitida da TV Anhanguera, porque ela queria ser comentarista com 28 anos de idade. Então, eu falo para todas as meninas que queiram ser comentaristas, seja repórter antes, você tem de entender do ambiente de futebol você tem que ver o lado do repórter que vivenciou o jogo, que vivenciou mais de 10 anos cobrindo um time... não é só você saber de um time, é você saber de todos, da história de todos ... então, como é bom você ver um PVC comentando, os comentários dele são baseados em números e dados ... você precisa saber responder tudo. Se você for novo, vai saber? Não vai, aí sua credibilidade cai, **ainda mais sendo mulher**. Se você é mulher e quer ficar nesse âmbito esportivo, você tem que ser muito boa.

Noemi: Vc acredita que ainda existem diferenças de tratamento para homens e mulheres nesse ambiente?

Entrevistada C: Tem claro. Tem cobrança maior. E eu acho até bom ter, para gente se especializar mais, a gente ser mais interessada nos assuntos. Porque ser jornalista não é fácil. Quem é preguiçoso, não deve fazer jornalismo. Jornalista não pode viver na zona de conforto, tem que ser criativo, aquele coach Bob Proctor disse em um vídeo que só de 2 a 3% da população usa a criatividade. Você tem que inovar, se reiventar todos os dias, porque tem muita mulher querendo ser jornalista esportiva. Você tem que criar sua identidade, ser inteligente, tem que estudar, tem que ler. É difícil essa área, mas não é impossível. Homens que não reconhecem que a mulher chegou para ficar são homenzinhos.

Noemi: Quais foram os maiores desafios que você enfrentou na sua carreira?

Entrevistada C: Um dos maiores desafios que eu tive foi sair da assessoria esportiva para a televisão. Essa transição, eu caí de paraquedas no Vila Nova porque eu nunca tinha trabalhado com assessoria e em um ano fui para TV que é completamente diferente. Então, esse período foi de muita dificuldade, de dúvidas e eu tive que aprender na tora, porque meu chefe, depois de 3 meses ele entrou em férias e eu fiquei comandando um programa nacional e eu não sabia nada. Eu tive que me virar, fiquei muitas noites sem dormir, lendo o que tinha que fazer, deixar de fazer, como me portar diante da câmera, então foram essas dificuldades, mas depois de 5 ou 4 meses, eu consegui me adaptar. Depois de 5 meses eu consegui mais tranquilidade, mas foi com muito estudo.

Não tem como você deixar de estudar. Porque tem muita gente entrando no mercado. E vai chegar uma pessoa que sabe mais do que você. E realmente você perde espaço.

Noemi: Vc comentou que quando você começou só tinha você de mulher e agora você falou que a sua equipe já tem outras mulheres. Vocês são agora 4, contando com você. Então você tem visto mudança em relação à participação da mulher?

Entrevistada C: Sim, foi assim. Quando eu entrei tinham uns 6 homens na equipe. E ficamos por 1 ano só eu de mulher. Depois disso, chegou uma estagiária que ficou durante 1 ano e depois foi efetivada. Aí precisávamos de mais repórter e eu consegui convencer o André a contratar outra repórter a Claudiane que tinha experiência com assessoria de clube. E na semana retrasada, uma amiga me ligou pedindo um estágio para uma amiga. Aí eu disse que conseguia um que não fosse remunerado, se ela aceitasse não ser remunerado, poderia ir. Aí ela chegou toda tímida, bonita, chamando a atenção porque ela é muito bonita. Aí eu pedi para ela falar dela, ela disse: tenho 20 anos, gosto de futebol, torço pro Inter porque meu pai jogou no Inter ... perguntei quem era o pai dela, ela disse que era o Fernandão e ficou toda tímida. Aí a filha do Fernandão tá lá estagiando com a minha equipe. Aí você vê, a menina rica, tem a vida muito boa, mas está lá, num estágio não remunerado. Então, você vê que a vontade da mulher de entrar nesse âmbito tá crescendo. Uma menina de 20 anos é muito difícil conseguir um estágio no segundo período. Ela não aprendeu nada na

faculdade, mas ela foi atrás. Quando a mulher quer, ela vai atrás. Também penso assim. Comecei a estagiar no terceiro período. Aí comecei como ela, sem saber nada, mas fui atrás. E eu acho que esse é o papel da estudante de jornalismo. Tentar fazer estágio mesmo que não remunerado, é ser vista logo e não esperar.

Noemi: Qual dica você daria pra um estudante de jornalismo que quer ingressar na área de esportes?

Entrevistada C: Em primeiro lugar nunca terminar um curso sem ter realizado um estágio. Quando você se forma com a experiência de um estágio, a possibilidade de ser contratada é bem maior. Durante o curso, faça um curso de idioma, não se contente apenas com o inglês. Só o inglês hoje é pouco, tenho dó de quem só tem só inglês. Assine colunas, existem jornais que não pagam, não precisa ser jornal importante, mas crie o hábito de escrever e ser formadora de opinião. Pegue um tema por semana e fale sobre ele, escreva. E antes de se formar, ter noção do ramo que quer seguir, seja economia, política, esporte, se você gostar do esporte, porque geralmente quem começa a trabalhar nessa área já tem simpatia pelo esporte e não é de um dia para o outro que a pessoa decide falar de futebol. Você tem que gostar. Jornalismo é bom porque você pode trabalhar em várias áreas, mas quando você decide trabalhar com futebol, você tem que gostar. Tem que gostar de falar sobre futebol, de assistir futebol, tem que gostar de assistir debates esportivos, mesa redonda. Você tem que entender que se você for trabalhar com futebol você tem que trabalhar sábado a noite. Então você tem que estar ciente de que você vai trabalhar demais. Mas eu tenho certeza de que quando você for reconhecida, não vai se arrepender. E meninas novas, estudantes, aproveitem essa era das mídias sociais, criem canais, saibam opinar. É muito bom ver que uma mulher tem opinião sobre um jogo, discute o jogo, não faz comentários óbvios. Pra mim não existe coisa pior do que ligar a televisão e ouvir de um homem: em time que está ganhando não se mexe ... pelo amor de Deus. Então, isso é óbvio demais, se você for óbvia demais não vai ganhar nada, você tem que ser boa. Tem que ser muito boa. E ler não só sobre o futebol, mas tem um vocabulário bom, extenso, palavras diferenciadas. Isso chama a atenção e prende as pessoas.

Apêndice 5
Entrevistada D

Noemi: Qual a sua trajetória no jornalismo esportivo?

Entrevistada D: Eu fui uma das primeiras. Muita gente pensa que eu fui a primeira na TV, mas não fui. A primeira foi a Isabela Scalabrini na Globo. Quando eu comecei na Manchete, eu era a única apresentadora. Comecei fazendo programas musicais. Dos programas musicais (eu estava lembrando isso ontem porque estou fazendo 30 anos de carreira esportiva, 30 anos), aí eu me lembrei que eu fui pro jornalismo esportivo, meio por acaso. Eu sempre gostei de esporte porque meu pai me criou com esportes. Meu pai era atleta da época do Ademar Ferreira da Silva, e sempre fui assistir os jogos com ele, ficávamos na televisão até tarde vendo o jogo de basquete, enfim tudo. E a minha mãe fala que quando a gente nasceu a primeira coisa que meu pai fez foi olhar pra ver se a nossa canela era fina, e ver se iríamos dar bons corredores. E minha mãe costumava responder para ele, que era pra ele me deixar escolher. minha mãe falava: deixa ela escolher. Nessa época não era tão bonito mulher musculosa como é hoje, então minha mãe falava isso. Enfim, depois eu fui pra dança, balé, jazz, mas sempre pratiquei esporte com meu pai. Então minha paixão por esportes sempre existiu.

Na Manchete eu entrei na linha de show, onde trabalhava com música, porque eu vim da rádio. Aliás, também fui precursora no rádio na locução feminina, porque não existia praticamente voz feminina em fms, só as senhoras faziam locução mais sóbria. Mas eu era do programa onde era tudo molecada, era adolescente. Aí quando me chamaram para fazer programa na televisão foi meio na linha da música que eu já fazia.

Um dia todo mundo tinha viajado pra fazer as Olimpíadas de Seul e aí perguntaram: quem vai apresentar o boletim de esporte? O diretor da época da manchete, lembrou de mim e perguntou por mim e o que eu andava fazendo, e lhe responderam que eu estava na área de shows fazendo os programas musicais. Aí ele falou pô, chama ela pra cá, chama ela aqui, e me perguntou se eu gostaria de fazer o boletim. Falei que gostaria, que adorava esporte, então ele propôs que fizéssemos um teste. Aí eu fiz de cara (já fui direto para o ar). Eu fui apresentar um boletim e nesse dia o Ben Johnson foi acusado de dopping. Pra mim essa foi uma prova de fogo, porque nessa época não existia como hoje a internet que traz a informação organizada, recebíamos as notícias pelas agências de notícia. Aí quando veio o papel pelo fax, estava todo cortado, as palavras cortadas no meio. O diretor, era o Mario Costa, chegou me mostrou o papel, e eu disse que não dava pra ler nada. Ele me explicou o que estava acontecendo e quando terminou a explicação, abriu pra mim, falei e dei a notícia em primeira mão. Aí eu fui aprovada pro jornalismo esportivo. Isso tudo foi no intervalo do programa, a gente acabou dando um furo, na frente de todas as emissoras. Além disso, como meu pai que era corredor, ele me ensinou as nomenclaturas, os termos da área. E com isso, eu cheguei a corrigir coisas que estavam erradas, e surpreendi: todo mundo ficou me olhando como quem diz: “opa ela entende, ela entende de esporte”. Aí falaram que eu ia ficar com eles, e não sai do jornalismo esportivo. Foi assim que tudo começou, foi em 88, nas olimpíadas de Seul, estão fazendo 30 anos de esporte e tudo começou assim.

Noemi: Você acredita que o jornalismo esportivo é masculinizado ou não?

Entrevistada D: Eu senti isso no início, mas como eu também vim de uma rádio de rock'n'roll numa época em que só o homem ouvia rock e falava sobre isso, então, eu tive um preparo. Em casa tive meu u irmão e meu pai, que me falavam sobre essas coisas e com isso fui me familiarizando, tanto com a música, como com o esporte. Então quando eu fui eu aprovada me ajudou a bagagem que eu já tinha desde muito pequena e de adolescente. Agora, no início, é claro que você sente algo do tipo: “ah, é mulher e tal”, mas da mesma forma que percebi isso, a aceitação em relação ao meu trabalho também foi muito boa. Homem adora ouvir mulher falando, narrando as coisas (em reportagens ou trechos pequenos de jogos), porque é uma voz diferente da dele, tem outra pegada, tem outra maneira de ver as coisas, de passar essa emoção. Então,

eu sempre tive a sensação de que gostavam do meu trabalho desde o início, tanto na rádio, quanto na tv. Mas, sim, ainda é um ambiente masculinizado, onde a maioria dos homens (até por ter sido sempre um reduto mais masculino, o esporte) sempre tem aquele tipo de pensamento “ah eu sei mais”. Ah, então, eu nunca nem tentei muito discutir, eu não tento discutir. É claro que quando estou acompanhando uma competição todo dia, dou uma opinião e até comento, mas é isso. Não tem problema os deixa com a paixão também, porque acho que tem muita paixão pelo esporte principalmente o futebol aqui no Brasil, e eu respeito a camisa do outro.

Noemi: Com o tempo, vemos um aumento do número de apresentadoras, mas temos ainda poucas narradoras e comentaristas, o que você acha sobre isso?

Entrevistada D: Tem apresentadora para caramba no esporte. Quanto à narradora e comentarista que ainda tem poucas, eu acho que é por causa da falta de espaço. Eu acho que muita mulher gostaria de narrar. Eu, por exemplo, vim de rádio e era uma das ideias também de eu fazer narração. Mas ainda é um espaço bem masculino o da narração, e acho que tá difícil de abrir isso. E tudo bem, acho que as pessoas podem ter o gosto de achar que a narração tem mais a ver com a voz masculina, mas ao mesmo tempo, poderia se testar e ver como é que as pessoas reagiriam. Acho que da mesma maneira que os homens gostam de mulheres na hora de narrar os gols (os resumos dos gols para os programas), também podem gostar de uma mulher narrado o jogo. Eu sempre fiz e sempre gostaram, o negócio é que narrar um jogo inteiro é um pouco diferente, precisa de uma bagagem de aprendizado maior. Mas eu cheguei a pensar nisso seriamente.

Noemi: E você mudou de ideia?

Entrevistada D: Então, é que eu já tinha uma locução de rádio, mas é só, eu ainda acho que é um espaço bem masculino. Já vi algumas mulheres tentando, mas só. Talvez porque a maioria prefira mesmo os homens narrando, porque eles já estão fazendo isso a muitos anos e tá todo mundo já acostumado .... mas tudo é uma questão de hábito, de se habituar.

Quando eu comecei no rádio não tinha locução feminina, quanto mais em rock in roll e aí todo mundo falou: “oba, que legal, vocês gostam de rock, vocês entendem de rock”. Hoje em dia todas as rádios têm mulher falando. Da mesma forma, na apresentação de programas de esportes, se eu fui a primeira na Manchete, na Globo foi a Scalabrini, nós digamos que abrimos um pouco esse espaço para participação feminina, porque as pessoas vão se habituando. Antigamente mulher não jogava futebol, era raro, eu jogava futebol porque eu brincava com meu pai, meu irmão, meus primos e amigos, mas era só eu de menina no campo. Aí meu pai me colocava no gol pra não levar muita pancada, mas, assim na hora de alguém chutar para o gol, o pessoal maneirava e gritava: cuidado. Tinha um pouco essa proteção, o que é bacana ter. Agora hoje em dia todo mundo joga futebol.

Noemi: Em relação aos padrões estéticos e vestimenta, a emissora tem normas específicas?

Entrevistada D: A TV em geral já tem algumas normas e regras, por exemplo, o apresentador não pode chamar mais atenção que a notícia. Então se você chegar com uma roupa estampada, super maquiagem, um brinco grande as pessoas vão prestar atenção na sua roupa e não no que você está falando. Porque o ser humano é assim, ele vai observar mesmo, principalmente, as mulheres. Tanto é verdade que existe nas televisões uma central que atende o telespectador, e sempre me perguntaram onde eu corto o cabelo, qual o batom que eu estou usando. Aí a gente sabe que as pessoas têm uma curiosidade, que a gente dita moda, pois somos influenciadores (nós somos os primeiros influenciadores, antes dessa galera da internet). As pessoas sempre seguiam o que a gente fazia e até hoje também tem quem segue. Então tem uma curiosidade em relação ao que usamos, mas a gente acaba sendo o mais básico

possível. No esporte não dá pra gente ficar todo arrumado, por exemplo, no esporte a gente evita blazer que fica uma coisa mais séria como seria o ideal no jornalismo em geral. Mas, mesmo assim, nada que chame atenção. Até para mudar o visual pessoal é legal fazer um estudo pra não ter nada muito radical ou que as pessoas ficarão chocadas, porque tem um público que o segue e que está acostumado com aquele jeitão. Toda mudança tem que ser bem pensada.

Noemi: Você acredita que o jornalismo está mudando em relação à participação feminina?

Entrevistada D: Eu acho que há muitos anos que já se abriu espaço para as mulheres, e que está sendo algo gradativo. Hoje todas as emissoras têm mulheres no esporte, todas as rádios têm muito espaço para a mulher. Eu nem sei exatamente o que poderia mudar. Por exemplo, aqui eu gosto de apresentar então eu apresento. A não ser que eu quisesse fazer outra coisa. Aqui eu faço matéria, participo da matéria, tem gente que edita, antigamente editavámos, mas aqui eu não tenho tempo. Mas pode-se participar da edição, da pauta, da ideia. Eu sugeri uma pauta faz duas semanas, agora eu tô trabalhando nela, porque sou eu quem vou fazer essa matéria. Vai ser uma série e eu que tô vendo tudo. Então falo com o editor chefe, troco uma ideia, pergunto opinião.

Noemi: Quais dicas você daria para uma estudante que está fazendo jornalismo e quer ingressar na área de esportes?

Entrevistada D: Lembrar vai trabalhar sábado, domingo e feriado. Quando comecei, eu me dedicava totalmente, minha vida era trabalhar. Eu abri mão de muita coisa porque eu queria. Além disso, você sempre tem que estar ligado, você tá falando ao vivo para as pessoas então você tem que saber o que você quer dizer, como você quer dizer, o que você vai passar com aquilo. No jornalismo você não pode relaxar, porque você tá fazendo ao vivo, não tem como você querer refazer por causa de um erro, então é um cuidado redobrado.

Apêndice 6
Entrevistada E

Noemi: Qual a sua trajetória no jornalismo de esporte?

Entrevistada E: Eu entrei na área de jornalismo esportivo direto em 2006, quando tinha 22 anos. Eu estava no penúltimo ano de faculdade de relações públicas. Aí eu decidi que eu queria trabalhar com esporte, numa assessoria esportiva, por exemplo, porque eu queria estar mais envolvida com o esporte. Nesse tempo, consegui uma oportunidade de estágio na Band, dentro do núcleo dos jogos pan-americanos do Rio. E foi essa a minha primeira oportunidade e eu agarrei de cara. Era um núcleo que estava se formando, então só tinha uma pessoa, uma chefe e eu como estagiária. Não existia o núcleo, a gente criou. Nesse sentido, eu consegui passar por várias áreas e ter muitas oportunidades de ver realmente o que eu queria e foi muito bom estar perto do esporte nesse lado da televisão do jornalismo, porque aí eu que eu decidi o que eu queria fazer mesmo. Terminei a RP e depois eu fui fazer radialismo pra tirar a licença, fiz vários cursos de locução e fiz um monte de coisa para alcançar o que eu queria.

Noemi: Em relação ao esporte quando você entrou você sentia que era um ambiente mais masculino, feminino neutro ou você nunca fez essa relação?

Entrevistada E: Totalmente apesar de eu ser relativamente nova na tv, vai fazer 12 anos agora em maio de carreira é muito pouco, mas ainda eu peguei uma fase que não tinha muita mulher, então você sente mesmo uma resistência.

Eu peguei uma fase muito das primeiras repórteres começando em campo de futebol, treino que é um ambiente muito mais masculino então você sente uma falta de confiança e aí você tem que trabalhar muito mais duro para poder transmitir essa credibilidade, eu senti muito essa dificuldade. Eu acho que hoje é muito mais aberto. Hoje já está muito de igual para igual, ainda tem um pouco de machismo de algumas pessoas, que diz que não é pra mulher é pra homem, que ele vai entender melhor vai falar melhor, mas acho que hoje está muito igual

Noemi: Como você percebia essa falta de confiança?

Entrevistada E: Era um desdém do tipo: “é vai lá, faz essa matéria, vamos ver o que sai, vai lá participar da transmissão de um joguinho de várzea, só pra ir”. No meu caso, eu estudei sempre muito. Tudo que eu fiz, eu fiz com muita dedicação com muito conhecimento e com humildade para saber que eu tinha que aprender, que eu acho que é mais importante: o estar ali dando a cara a bater pra aprender mesmo e funcionou, funcionou muito comigo, essa coisa de saber que talvez essa coisa de eu ser nova e estar entrando no meio tão masculino que eu ia ter que de fato estudar o dobro me esforçar o triplo e deu certo

Noemi: Hoje a gente vê que tem algumas mulheres como apresentadoras, mas como narradores e comentaristas a gente ainda vê poucos casos. Por que você acha que isso acontece?

Entrevistada E: Eu acho que tem muito menos interesse das mulheres em relação à narração. Como comentaristas não, porque hoje na televisão você vê muitas comentaristas mulheres, mas que vem com a experiência daquele determinado esporte então é uma ex atleta que vai comentar, na maioria dos casos não existe uma jornalista de vida comentando, por exemplo, no basquete é sempre alguém relacionado ao esporte mesmo. Mas a questão da narração eu acho que é, por mim falando, que é falta de interesse, eu não teria vontade narrar, mas eu adoro fazer traduções, narrações de documentário que a gente fala são os *off* que a gente grava, mas é muito diferente da narração ao vivo. A narração ao vivo, eu acho que ainda não tem a ver com uma figura feminina, é uma coisa que vem de muita tradição de rádio, de transmissão de esportes

muito mais masculino e então eu não teria vontade e com as pessoas que eu converso ninguém nunca me falou algo do tipo: “nossa, eu tenho uma vontade de ser narradora”

Noemi: Você já teve alguma dificuldade ou um momento muito difícil por ser mulher?

Entrevistada E: É muito contraditório porque poderia ser positivo, mas acaba sendo negativo pelo fato como olham para a mulher então generalizam a figura feminina em campo como no caso do futebol como, por exemplo, marias-chuteiras. Então você não pode ser bonita, você não pode falar bem você, não pode ser simpática, senão você está dando a entender que você não tá ali só para trabalhar. Isso sofri muito e isso é um ponto muito negativo. Pra provar mesmo que você é uma pessoa que tem princípio está ali para trabalhar você tem que às vezes ter uma postura um pouco mais séria do que você é, eu sou uma pessoa muito brincalhona, uma pessoa que faz amizade fácil com todo mundo, então estou sempre sorrindo e às vezes é mal interpretado. Então, isso é um ponto muito negativo que me fez pensar muitas vezes no que eu estava fazendo. Sabe por que não queria isso, essa facilidade para conseguir as coisas em alguns momentos, “legal, vou falar com aquela repórter que ela tem uma aparência melhor”, e de repente eu consigo uma coisa, isso me beneficiou em alguns momentos, mas aí você tem que saber se está trabalhando você tirou proveito então a parte negativa foi um pouco de falta de respeito e o estereótipo que às vezes algumas mulheres causavam e assim de fato algumas você via que não estava ali só pelo trabalho e isso refletia naquelas que estavam. Então você perde um pouco da credibilidade e você dá dois passos para trás e você tem que andar de novo e se fazer respeitar de novo, porque você não é igual àquela, que não é igual àquela e cada um tem um objetivo, dependendo do veículo que trabalha, de como vê a vida e dos princípios. Então é algo negativo e positivo ao mesmo tempo.

Mas no meu caso eu vi em muitas horas uma negatividade ... não gostava muito dessa parte porque está mais exposto, porque está ali fazendo um trabalho que vai estar muito mais disponível para muito mais gente ver. Mas dentro de empresas acontece isso também, é que a TV repercute muito mais porque você tá lá exposta publicamente então as coisas tomam proporções muito maiores

Noemi: Você acha que existe alguma cobrança sobre a aparência física diferente para homens e mulheres no ambiente de trabalho?

Entrevistada E: Depende muito do veículo, depende muito do propósito da sua matéria, no meu caso como repórter mais de campo mesmo, dia a dia no futebol, principalmente, que foram três anos que eu fiquei cobrindo futebol tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo eu não tinha tanta cobrança nesse sentido, dava pra eu ir do jeito que eu gosto de andar: tênis, calça jeans e camiseta, mas em alguns momentos (aí você tem que saber quais são esses momentos apropriados0 você andar um pouco mais arrumado, sim, você não pode estar toda esculachada tem que ter um pouco de vaidade, um pouco de cuidado, eu não sou melhor exemplo para falar de vaidade, eu não sou muito, eu sou um meio termo para baixo: eu gosto de estar bem arrumada no programa, mas na rua sou eu.

A maior cobrança estética é em relação ao peso. Tem aí uma cobrança no peso, ninguém vai querer uma apresentadora gorda. Desculpa é verdade, você vai estar gorda, vão te tirar do ar, é cruel mas é verdade ... mas eu não deixo isso me abalar, e isso nunca foi empecilho para mim, porque eu nunca me apeguei nisso, até porque eu pratico muito esporte e nunca tive muito problema de engordar e ficar fazendo dieta porque estou na TV.

Primeiro eu estou na tv depois eu vejo o resto, primeiro a minha vida e depois o que eu tenho que aparentar no trabalho, o que eu acho um grande erro no jornalismo você não tá ali sendo um personagem eu sou a Juliana, então, eu sou o que eu sou na TV é o que eu sou com você conversando. É diferente de atrizes em que cada novela você tem que estar de um jeito.

Noemi: E com os homens essa cobrança é diferente?

Entrevistada E: Totalmente diferente. Você vê assim um pouco esse cara tá um pouco mais gordinho, você sabe que ele precisa dar uma emagrecida, que vai ficar feio no vídeo, e fica feio no vídeo mesmo, mas não tem tanto a obrigação estética, o homem não tem que ficar maqueando. Mulher exige muito mais produção para estar mais apresentável no vídeo, pro o homem é muito mais fácil, dá até raiva.

Noemi: Como foi conciliar a maternidade com o trabalho?

Entrevistada E: Minha filha vai fazer dois anos, tem sido um desafio diário porque eu não abro mão de estar com ela e eu não abro mão de trabalhar, então preciso encaixar com os dias. Como hoje que ela me deu um trabalho pra ficar na escola, ela não queria ficar na escola de jeito nenhum, começou a chorar e a professora falou que eu teria de ficar 40 minutos pelo menos esperando para ver se ela acalmava, foram quase 50 minutos chorando.

Só que e quando você tem compromisso e quando é sábado? Os telespectadores não vão esperar que as 10 e 15 o programa não vai entrar no ar porque a Claudinha tem filho. Aí você deixa chorando, é um horror você sente a pior mãe do mundo, me sinto péssima, mas, eu chego em casa e vejo que ela está bem e depois eu passo mais tempo de qualidade com ela então compensa.

Só que eu tenho que estar fazendo algo que me faça bem, se eu estiver fazendo qualquer trabalho que não me satisfez pessoalmente eu vou preferir ficar com a minha filha. Tem que compensar, não que eu troque minha filha pelo trabalho, mas, também tem que me agregar, tem que valer muito a pena, porque deixar os bichinhos em casa penininhos é muito doído pra mim é muito doído.

No meu caso também, o jornalismo tem muita viagem e tem que me adaptar e recorrer à minha mãe. Meu marido fica super com ela, mas a criança quer a mãe. A minha filha é muito grudada em mim, é muito difícil, e tem que valer muito a pena.

Mas acontece em todas as profissões, mas no caso do jornalismo você não tem uma rotina certa. No começo é mais difícil desapegar porque elas ainda são muito dependentes da gente.

Noemi: Em relação a esses 12 anos que você tem trabalhado no jornalismo esportivo, o que você acha que mudou para a mulher?

Entrevistada E: Cresceu muito espaço, hoje eu acho que tem muita mulher, muita mulher, atuando na área de uma forma que não é mais algo diferente, era muito diferente quando eu comecei, hoje não é mais.

Para quem se firmou quem se estabeleceu, que criou uma credibilidade, uma identidade da época que eu vim, que foi quando foi o *boom*, é hoje um pouco mais fácil do que para quem ainda está começando. Quem está começando vem em uma leva que já tem muita gente e em qualquer trabalho a gente precisa ter um diferencial pra se destacar, então é mais difícil hoje para se destacar, mas é muito mais fácil porque tem muito mais oportunidades.

A questão de provar a credibilidade já foi superada, todo mundo vê que uma mulher tem capacidade de fazer tão bem quanto um homem e dão muito mais chance para as mulheres hoje provarem se realmente conseguem, aquela coisa de que hoje você precisa trabalhar dobrado, triplicado para provar que você tem competência mudou.

O que mudou independente dos meus 12 anos ou não pra mim ou para quem está entrando é o quanto já é mais aceitável, o quanto mais mulheres têm hoje atuando, mas quanto à dificuldade de estar em frente das câmeras eu acho que isso ainda continua bem parecido como quando eu comecei, tem que ter paciência, e se dedicar.

Na televisão ainda tem muito aquele negócio “você é bonitinha, vai lá e faça”. Só que isso vai refletir na carreira dela mais à frente, se ela não se dedicar não tiver construído uma base sólida para se sustentar, na hora que vier um furacão ela não se

sustenta. Porque essa que veio porque saiu com o chefe, porque é mais bonitinha, porque têm indicação, se ela não tem essa base sólida, não vai se sustentar.

Noemi: Quais dicas você daria para uma estudante de jornalismo que queira entrar na área de esportes?

Entrevistada E: Construa uma base sólida e tenha paciência pra construir isso. Veja direitinho o que você quer, não é fácil, não é *glamour*. É muito difícil, muito sacrifício, estar na TV não é só estar bonitinha falando para uma câmera, então analise para ver se você realmente quer isso. Comece analisando de trás das câmeras, passando por todas as áreas que puder: redação, edição pra você ter uma base e ficar mais madura para a rua e posteriormente para apresentar um programa.

Acho que é muito importante você saber os bastidores da TV e não se frustrar. Eu me frustrei demais, no começo eu achava que demorava muito pra mim, muitos anos de produção de edição, de escravidão e você começa a ter as primeiras oportunidades para ver se você leva jeito e ter a sorte de alguém lhe ver e querer apostar em você. Perseverança e dedicação para construir uma coisa bem sólida para você dar o melhor de você. São anos de construção para uma besteira te derrubar e você ficar fora.

Tem que ter paciência, o problema é que a TV é cruel com as mulheres, principalmente, por causa da idade ninguém quer uma apresentadora 90 anos, quando você vai ter mais maturidade para aguentar toda a pressão, então você tem que aproveitar o momento você tá bem pra ser usada na TV e adquirir maturidade, uma calma que mulheres de 25 a 30 anos não vão ter com uma de 40 anos, 50 que já estão há muito mais tempo. Mas aí já começa a ficar cruel porque já não é mais tão prestigiada porque já não têm aparência tão nova, é muito louco, né?

Esse caminho é muito ingrato com as mulheres, com homens parece muito mais fácil. Para homens, quanto mais velhos, mais experiência e mais credibilidade passam.

Tem muito no jornalismo em geral (saindo do esporte), apresentadoras mais velhas que só vão sair da TV quando morrer, porque passam credibilidade para um assunto que é muito sério, então, quanto mais velho você for, melhor. Mas para a minha área, do esporte, do entretenimento aí é mais cruel ficar mais velha.

Apêndice 7
Entrevistada F

Noemi: Como você compreende a participação das mulheres no jornalismo esportivo?

Entrevistada F: Gente, está cada vez mais afirmando que a gente é normal e que o nosso gênero não delimita nenhum tipo de limitação, entendeu? Eu simplesmente não compreendo o contrário, porque assim, eu sou filha de historiadora, a minha mãe é historiadora, e foi ela que me criou, me sustentou, ou seja, a minha formação toda foi feita pela minha mãe, minha educação tudo mais, então, assim não entra muito na minha cabeça essa coisa da mulher ser frágil ou ser subserviente do homem, porque ela conseguiu criar duas crianças, sendo professora, pesquisadora no Brasil.

Eu vejo muitas pessoas me procurando para falar desse assunto, talvez porque eu trabalhasse com futebol, porque agora eu não estou mais trabalhando com futebol, por enquanto, e acho que não volto mais, e eu acho que é por causa disso, porque é uma mulher bonita, que tem que usar vestido, que tem que estar lá bonita e tal. Mas invariavelmente eles não querem saber o que você pensa, né? Tem até uma ou outra menina na SporTV, a Ana Thaís Matos, que é minha amiga e também a Maíra Siqueira, são duas meninas jovens que estão sentando no sofá da SporTV, junto com os barrigudos, gordo e feio, e falando de futebol: olha, não, o Renato Gaúcho errou ali, a tática que ele fez de colocar 3, 4, 2, 1, não funcionou, mas isso é super raro, super raro, tem também uma menina que narrou o jogo lá em Minas, então essas coisas estão começando a aparecer e depende muito da cultura do homem, depende muito da educação que teve em casa, o meu marido é super educado, ele e os amigos dele não tem essa de mexer com mulher na rua, de desrespeitar, de passar dos limites, então, eu acho que vai além do machismo ou do feminismo, o que a gente está falando é de educação.

Noemi: Como você entende a aceitação da participação feminina no jornalismo esportivo?

Entrevistada F: Não, não é aceito. Primeiro que assim é, eu sei como dizer isso, eu saí da Gazeta faz três meses, um dos motivos que eu saí com certeza é porque eu fiquei de chato cheio do assunto em si, que é um assunto muito imbecil, dependendo do jeito como os caras conduzem é muito repetitivo, entendeu? É tipo: a bola bateu no cotovelo, foi pênalti, não foi, mas foi intencional, mas o juiz roubou. É um assunto que pra mim basta, não interessa mais eu adoro futebol, eu adoro handebol, eu adoro esporte e sempre pratiquei desde criança meu pai nada, então assim a relação com o esporte é tão legal mas o jeito que todos os canais, todos sem exceção, trabalham o esporte é insuportável, o esporte é muito bonito pra ser tratado de uma maneira tão rasa né? Por trás do esporte existe o atleta, existe aquele cara que pena pra conseguir patrocínio, tem jogador que às vezes é abusado porque tem o sonho de ser jogador de futebol e aí o pai manda pra um CT tem um monte de caso de pedofilia.

Então assim eu não tenho mais vontade de trabalhar com o esporte porque eu acho que até hoje todos os lugares que eu trabalhei, talvez o único que tenha sido um pouco mais classudo, um pouco mais inteligente foi ESPN, que foi onde eu comecei, mas todos os outros lugares é ignorância pura.

E a mulher é a mulher, ela tem que estar bonita, estar de vestididinho, precisa ter uma figura feminina para chamar a audiência, porque a mulher é mesmo muito agradável, é legal, a gente é bonita, tem cabelo bonito, passa um batonzinho, mas tem homens que por conta de educação, por uma questão de família ou de referências familiares não sabem lidar com a figura feminina, outros são super legais, super abertos, super inteligentes e estão abertos a essa mudança. Eu vejo que a SporTV quando coloca Ana Thaís e a Mayra Siqueira sentadas do lado desses caras, o canal está dando voz para mulher falar sobre futebol, não só apresentando ou chamando uma matéria, elas têm voz ativa no sentido de falar da tática, de falar do que achou do jogador e tudo mais. Recentemente, eu postei no meu Instagram, isso foi semana passada, o Lucas

Lima, o Santos perdeu pro Bahia, o Lucas Lima é um jogador do Santos e a Fabíola que é repórter da SporTV foi entrevistá-lo pós jogo, normalmente, como é de praxe, só que como ele tinha perdido, ele não quis falar, aí ele virou e falou assim: "se você sabe que eu não vou querer falar com você, por que você vem me entrevistar?". Tipo puto porque ele tinha perdido o jogo. Ela falou: "eu sou repórter, o meu papel é tentar te entrevistar", ao vivo, entendeu? Se fosse um cara, eu não sei se ele iria falar desse jeito, eu acho que ele iria passar reto e falar: "não vou falar, não". Se fosse um cara, eu acho que talvez ele não desse entrevista do mesmo jeito, porque ele tava bravo e chateado porque tinha perdido, mas é uma afronta, sabe, graças a Deus eu nunca fiz beira de campo, de gramado, ao contrário da Maíra e da Ana Thais, das duas meninas, elas são de rádio, então elas ficam na beira do gramado, com fone e relação direta com jogador, mas tem muitas questões envolvidas, entendeu? Tem a postura da menina, a menina tem que ir com uma roupa que não chame muito a atenção que se ela for com uma roupa x o jogador vai dar em cima, às vezes você pode estar horrorosa, ser a mulher mais feia do mundo, mas o cara vai dar em cima, porque ele acha que você está à disposição dele. Agora tem pessoas que eu sou apaixonada, tipo o Fred que joga no Atlético Mineiro atualmente e que foi do Fluminense, eu sou apaixonada pelo Fred eu eu grito pra todos os ventos, porque apesar de ser um cara maravilhoso de lindo, eu já entrevistei ele e em nenhum momento ele deu em cima de mim, em nenhum momento ele faltou com respeito ele veio com gracinha ou com tom x, y ou z, ele foi correto. O Romário, que tanto falam do Romário, super sério comigo, entendeu? Então tem algumas pessoas que são super respeitosas, tem outras que não, tem outras que falam das suas coxas e você tá lá ao vivo no Mesa Redonda e o cara tá lá do seu lado secando suas coxas e falando, nossa o que você fez que está com essas coxas tão maravilhosas? Gente, eu tô trabalhando, domingo à noite, entendeu?

Então assim, não vai mudar, eu não vejo perspectiva de mudança porque pra que uma mudança ocorra precisa existir uma educação. Educação é eu ficar grávida amanhã e eu ensinar pro meu filho que a mulher ela não está à disposição dele pra nada, a não ser que ela se coloque à disposição para conversar, pra beber, pra sair, pra passear, pra ir ao cinema, pra entrevistar, entendeu?

É uma questão que eu acho que esse fim de ano foi o ano que eu mais dei entrevista de machismo e eu não consigo mais classificar machismo e feminismo, porque eu entendo que é uma questão de educação. Meu pai não é assim, meu pai não fica olhando para mulher na rua, mexendo, ele pode ver uma moça bonita, mas ele não mexe, ele não fica secando a mulher, não chega a ser uma coisa desagradável.

Então, eu acho que a gente tá falando de algo mais amplo e maior do que o esporte, do que a mulher no esporte, a gente tá falando de educação.

Noemi: Como é explorada a participação feminina nos programas de esportes?

Entrevistada F: O que ocorre é o seguinte, por exemplo, o Milton Neves é um fanfarrão ele brinca e tal, eu sou super engraçada. Eu também sou séria, brinco e faço várias palhaçadas e por isso inclusive muita gente não me respeita ou por isso muitas vezes as pessoas passam dos limites comigo, de jogador de futebol pegar meu telefone e me ligar a noite, de repórter outras emissoras pegar meu telefone e me ligar bêbado a noite da TV globo entendeu? Tipo você está no grupo de whatsapp só de jornalista e o cara vai lá na surdina e pega seu celular e te liga. Agora você tem que pensar o seguinte é de novo isso depende também um pouco da gente.

Então assim se a Larissa Erthal se presta a usar um vestido mega curto, colado e justo, e fica fazendo palhaçada com Milton Neves é problema dela e é uma opção dela, assim como a Paloma Totti com quem eu trabalhei, inclusive, hoje já no canal da Bandeirantes ao lado do Boichá, mas já desceu de biquíni rampa no programa pânico, já usou vestido, já dançou, eu já dancei na TV quando era mais nova, eu acho que também tem uma coisa da maturidade com o tempo você vai querer se expor menos se fala: "porra não preciso fazer isso, eu não ganho nada com isso", as pessoas confundem, né? por exemplo, eu já dei um selinho ao vivo no Amaral, ele é um máximo e eu daria um outro beijo de novo, porque ele foi tão espirituoso e foi tão engraçado e foi tão fofo ele falou assim Anita: "antes de a gente começar o programa, a Hebe

Camargo dizia que um programa legal só começava se tivesse um selinho" e foi vindo pra cima de mim, eu falei, mas Amaral e fui andando para trás, eu tinha acabado de entrar na Gazeta e dei um selinho, porque eu não achei que foi ofensivo, eu achei que foi engraçado, não foi uma coisa, como foi com um jogador do Palmeiras que está na ativa, que foi no Mesa Redonda e pegou o número do meu telefone com o produtor do programa e me ligou, primeiro me adicionou no whatsapp com papo furadíssimo de que eu era ótima apresentadora, como eu conduzia bem o programa, aí o próximo passo foi começar falar que eu era bonita e ele é casado e tem filha, filha. E é assim, é o que eu estou falando, é educação. Não tem jeito e depende muito da mulher, eu já tive fases de ser mais permissiva, talvez por ser muito menina e não ter noção de que aquilo é um abuso, e agora que eu sou mulher, que eu vou fazer 35 anos em março eu tenho um pouco mais de noção que dependendo da forma como um cara olha para mim, ele está invadindo. Se ele toca em mim de um jeito que eu não permiti porque eu não tenho intimidade com ele, ele está sendo invasivo. Então tem uma série de questões aí que também é vai da maturidade da mulher e que quando a gente é mais nova a gente não entende certas coisas.

Eu tenho uma história muito boa para lhe contar, quando eu morava em Goiânia, o Túlio que é goiano foi jogar na cidade eu era apaixonada, achava o Tulio maravilhoso, eu falei, mãe, pelo amor de Deus me leva no hotel para eu tirar uma foto com o Tulio. Eu tinha 12 anos e minha mãe me levou, chegando lá eu pedi o autografo, ele autografou o papel e falou assim: você que ir ao meu quarto? E eu falei, quero. A minha mãe me deu um tapa na recepção do hotel, pegou meu braço e falou: você nunca vá num quarto de um homem, se você não quiser transar com ele, porque ele não está te convidando para trocar figurinha com você, ele está te convidando porque ele está interessado fisicamente em você. Eu nunca mais na minha vida me esqueci daquilo, então assim, quando eu era solteira, se eu trouxesse um cara na minha casa, eu sabia porque eventualmente poderia rolar alguma coisa. Se um cara me chama para ir para casa dele, eu falo, vamos num boteco, porque estou numa margem de proteção. Desde ali eu aprendi que eu não poderia subir no quarto de um jogador, só que eu tinha 12 anos, eu precisei que minha mãe me explicasse isso, porque ela já era uma mulher feita, eu estava encantada com o Tulio, mas nem sequer pensei na possibilidade, eu era virgem, brincava de boneca. Então é assim, eu volto a falar o negócio é educação.

Eu cansei de futebol por vários motivos porque eu acho que é sempre mais do mesmo os assuntos são sempre mais do mesmo até que me provem o contrário é e eu estou em conversações com a TV cultura que é onde eu comecei a trabalhar, foi meu primeiro emprego como produtora e estagiária, primeiro como estagiária, depois produção e lá eu produzi conteúdos diferentes não fiz nunca nada de futebol na cultura, eu trabalhei no Vitrine com o Marcelo Tas que é um cara sensacional, eu trabalhei num programa Malhação que era o Galera. E agora eu acho que estou retomando minhas raízes, da minha juventude de 20 e poucos anos e abandonando o futebol não quero saber e talvez um dia eu participe do Cartão Verde, mas só se for pra bagunçar, se for pra ser mulherzinha de vestitinho curto, não contem comigo. Mas é isso, infelizmente a gente tem a questão da idade e com o tempo a gente vai mudando, a gente vai desejando outras coisas pra gente. Então, a Gazeta foi muito legal, mas ela acabou assim, o meu papel lá dentro pro que eles queriam, para mim acabou, deu.

E assim, em relação ao esporte, a coisa é muito, muito grave porque tem criança que é abusada. Você veja, se eu não estivesse com a minha mãe, que não queria me levar porque sabe que jogador de futebol é chucro, muitos deles, pouquíssimos são sensacionais como o Raí ou um Hernanes, e quando aquilo aconteceu ela ficou chocada, agora e uma menina que não tem uma mãe como eu tenho ou ás vezes bota o marido dentro de casa que abusa dela, a gente vive numa situação no Brasil que é alarmante no sentido de educação. Eu acho que a gente tá falando muito além de machismo, de feminismo, tinha que ter na escola uma aula de como se comportar, o que você não deve fazer, o que você deve fazer para respeitar uma mulher e a mulher respeitar o homem.

Apêndice 8
Entrevistada G

Noemi: Qual a sua trajetória no jornalismo esportivo?

Entrevistada G: Comecei a estudar a comunicação social na católica, sem ter certeza se queria ser jornalista ou não, só tive essa certeza durante o curso e nós tínhamos um estágio curricular obrigatório e o meu estágio foi feito aqui na SIC Notícias. Essa emissora foi a minha primeira opção porque era (e ainda é) o principal canal de informação 24 horas. Fiz o estágio e fiquei aqui trabalhar. Eu gostava muito de desporto, mas não tinha certeza sobre a possibilidade de fazer jornalismo na vertente desportiva. Mas na altura do estágio, há cinco meses, eu pedi para passar pra desporto, mais especificamente o futebol, porque na realidade portuguesa, 90% do desporto é futebol. Com o primeiro contrato, passei primeiramente para um programa de informação matinal e depois para apresentar a notícia durante a madrugada no canal, depois surgiu a oportunidade de apresentar esporadicamente jornais de desporto ao longo da madrugada. E desde 2010, apresento os informativos desportivos durante a semana e depois no fim de semana tem outra vertente. Ainda que o jornalismo esportivo seja o meu principal objeto de trabalho, mas sempre na ótica da apresentação. Já muito tempo que nem sequer tenho oportunidade de ir ao terreno.

Noemi: Como foi ingressar nesse ambiente?

Entrevistada G: Na altura, quando eu comecei, não havia (na SIC Notícias) nenhuma jornalista a fazer reportagem ou apresentar. Havia apenas uma coordenadora do desporto (que é o lugar baixo do editor) que era mulher e era unicamente o elemento feminino da equipe, sendo eu a segunda. Quando fui apresentar jornais do desporto foi um pouquinho complicado por eu ser mulher. Na altura também em Portugal ainda não havia muitas mulheres, apenas na RTP tinham 2 jornalistas. Mas na aqui na SIC, não, não havia mulheres a apresentar jornais do desporto.

Obviamente que foi complicado porque a tolerância é muito menor quando uma mulher começa. Se seu dissesse, por exemplo, mal o nome de um jogador, a desculpa é mulher, não percebe nada daquilo. Os próprios comentadores que vem cá muitas vezes fazer os comentários dos jogos ou qualquer que seja, não possuem tolerância. Lembro-me de uma situação em particular que foi uma das primeiras entrevistas que eu fiz em estúdio, de ouvir (passei na altura errado) e ouvi: “mas quem vai fazer a entrevista? É a Barbie do desporto?". Eu fiquei furiosa. Fui pro estúdio e ele dificultou imenso minha entrevista - qualquer coisa que lhe perguntava. Lembro-me que me ficou marcado porque ainda me lembro o tema da entrevista. Na altura o Ricardo Quaresma jogador português, jogava no futebol do porto e seria transferido para o Milão. Em negócio, havia um médio defensivo que ia para o Porto. Ainda me lembro que perguntei para o comentador, se o Porto tinha necessidade de mais um 6. E ele ficou a olhar para mim, obviamente que ele sabia ao que eu estava a me referir, mas ele respondeu: “a camisola dele não vai ser número 6”. E eu obviamente lhe disse a que estava me referindo: “a posição de médio defensivo, que vulgarmente é denominada de 6”. Mas ele foi duro comigo durante a entrevista. Exatamente por isso, tenho certeza de que é por eu ser mulher.

Senti isso inicialmente, que a tolerância era muito reduzida, havia quase um certo gozo quando eu fazia alguma coisa menos correta ou mais imprecisa, quando via colegas meus a dizerem asneiras, todos os dias no ar e ninguém implicava com eles. E eu às vezes dizia uma coisinha de nada: “Ah é mulher, mulher é isto, é loira”. Portanto, o início não foi assim particularmente fácil por isso. Hoje em dia, já não sinto isso, a não ser os comentários nas redes sociais.

Hoje temos o efeito perverso das redes sociais, aí sim, aí ainda há uma discriminação de gênero brutal. Recentemente eu tive um episódio nada muito simpático nas redes sociais. O futebol em Portugal está a atingir um clima assustador. Uma página afeta um clube sem ser do clube. É uma página de adeptos de um determinado clube que colocaram meu link do facebook e incitaram seguidores a enviarem mensagens de

ódio. A expressão utilizada foi mesmo esta. E obviamente, por ser mulher o tipo de mensagens que recebo são quase assédio sexual e mensagens que se fosse para um homem seria completamente diferente, mas como eu sou mulher aquilo tinha um tipo de linguagem que eu jamais esperei ver.

Nunca tinha me acontecido. Obviamente que eu já tinha recebido mensagens desagradáveis, mas não em massa. Obviamente que eu já tinha recebido mensagens muito desagradáveis, mas não em massa. Semana passada comecei a receber dezenas e dezenas, dezenas e dezenas de mensagens de ameaças e ameaças de morte. Isso não é normal, as redes sociais têm esse efeito perverso. Toda gente se sente no direito de expressa opinião, toda gente acha que toda opinião conta e toda gente se sente no direito de nos insultar e nos agredir e isso é muito perigoso e a verdade é que é uma realidade que sem querer começa a me afastar um bocadinho do jornalismo e até do jornalismo esportivo. Eu acho que estes tipos de situações são muito mais graves quando se fala de desporto, pois quando se fala de futebol as pessoas ficam cegas, principalmente os homens. Sendo que eu também recebi mensagens desagradáveis de mulheres, viu? Atenção!

Para nós jornalistas, seja homens ou mulheres, cada dia o ambiente está mais difícil porque através das redes sociais atingiu proporções assustadoras, portanto antes as pessoas não tinham como chegar até nós, no máximo um email. Mas sequer eram públicos, alguém tinha que descobrir qual era, ou carta. Hoje em dia não, tem uma proximidade muito maior, tudo está a distância de um like, de uma mensagem e toda gente se sente no direito de nos dirigir à palavra e chegar até nós para o bem ou para o mal. também temos o feedback positivo que também chega através das redes sociais, mas quando é mal, é tipo com proporções assustadoras e é muito mal.

Cá em Portugal, o próprio clima que está instalado no futebol é muito mau é de uma desconfiança permanente, as pessoas acham sempre que nós temos de má fé, acham sempre que nós estamos a defender um clube. Obviamente que eu tenho um clube, antes de ser jornalista era uma adepta. Agora nunca meu clube interferiu no que é minha profissão. Mas toda gente acha que nós estamos aqui a defender um clube, que estamos a serviço de um clube e isso é completamente falso

Os jornalistas espanhóis podem assumir que tem um clube. Em Portugal culturalmente não estamos preparados para isso. Em Portugal isso é culturalmente impossível, em Portugal se um jornalista tem seu clube revelado, ele está feito.

Noemi: Por que você acredita que a cobertura feminina pela mídia é baixa?

Entrevistada G: Praticamente não têm lugar porque não tem audiência, nós como somos um canal privado, nós, infelizmente, temos que estar ligados às audiências. A verdade é que no caso do futebol feminino em Portugal, que está em crescimento, mas ainda não tem o reconhecimento da população. Só há pouco tempo foi emitido o primeiro jogo de futebol feminino em canal aberto que foi a final da taça de Portugal feminina e nunca tinha acontecido foi preciso chegarmos a 2007 para isso acontecer.

Mas porque de facto há muito poucos praticantes e poucos clubes, o futebol feminino ainda não tem uma grande dimensão, mas está em franco crescimento e tenho esperança que com o avançar dos tempos é nós também nos adaptemos a isso, mas para isso é preciso também que os adeptos comecem a abrir ao futebol feminino. Mas infelizmente é 90% ou mais só futebol, nenhuma notícia de nenhuma modalidade nos jornais, é só futebol.

Há uma maior visibilidade de outras modalidades e de ambos os gêneros, na altura dos jogos olímpicos naturalmente, ou quando se ganha alguma coisa, quando os vários atletas das diversas modalidades ganham alguma coisa. É difícil até porque a editoria do desporto é limitada. Então nem sempre é porque não queremos fazer, mas é porque há uma impossibilidade humana de chegarmos a todo lado. E depois, não somos a RTP (estação pública) que tem direito de imagem sobre uma série de coisas que nós não temos. Se quisermos fazer alguma coisa, temos que tirar imagens nossas e que exige que uma equipe de reportagem vá a ter com o atleta, vá aos treinos, estar a fazer uns dias determinado serviço. Esses são os constrangimentos de termos um país completamente virado para o futebol.

Noemi: Por que há poucas narradoras e comentaristas?

Entrevistada G: Nós temos uma jornalista do desporto, que agora deixou de ser jornalista porque é treinadora de futebol feminino, do Sporting, e ela vinha à antena ou em espaços de opinião para comentar, mas de resto nunca me cruzei aqui na SIC notícias com nenhuma mulher que fizesse comentário ou que tivesse opinião ou que fizesse narração ou reportagem de pista, não há. Mas porque também não encontrei nenhuma aqui, nunca me cruzei com alguma que o quisesse fazer. Agora eu acho que com o tempo tenho certeza de que vão aparecer. Atualmente por exemplo na Antena1 (rádio) já tem uma repórter de pista feminina que ela faz imensos jogo, inclusive das equipes mais importantes.

Eu acho que o trabalhado dela até tem tido uma aceitação simpática, mas isso sou eu que acho, se calhar, provavelmente ela vá dar outra opinião e outro tipo de abordagens. Mas é engraçado. Uma pessoa inicialmente, eu que sou mulher, quando ouvi a primeira vez estranhei, mas uma pessoa habitua-se e hoje em dia acho uma certa graça. Mas de fato ainda não me cruzei com mulheres que quisessem levar o seu comentário ou que estivessem viradas para isso, há muitas jornalistas, mas não há muitas comentadoras.

Noemi: Quais mudanças você tem presenciado?

Entrevistada G: Quando comecei eram 2 ou 3 jornalistas, havia muito poucas, contávamos nos dedos de uma mão, hoje em dia não. Hoje em dia até com o aparecimento de outros canais, canais mais virados para o desporto, fez aumentar muito o número de participação de mulheres e que fossem captadas muitas mulheres. Hoje em dia, há imensas. Basta olhar para uma conferência de imprensa. Às vezes, a maioria é mulher, exceção da rádio que ainda é um círculo mais fechado, mas ainda já há essa repórter de pista da Antena 1, mas ainda assim, acho que a maioria é homem. Mas na televisão já há muitas mulheres, mesmo.

Noemi: Existe um padrão de vestimenta a ser seguido?

Entrevistada G: Nós temos uma liberdade individual para escolher. Basicamente a coisa funciona desta forma. Como pivô que sou, cada um tem uma marca, mas isso é indiferente ao fato de estar a apresentar jornais de desporto ou não. Todos nós temos uma marca que nos patrocina, mas sou eu a coresponsável por meu guarda roupa. Mas quanto à roupa, tenho roupa para apresentar jornais de deporto e apresentar jornais tradicionais, eu faço um bocadinho essa distinção, porque se calhar, se for apresentar num espaço mais descontraído, visto uma roupa mais descontraída.

Noemi: Você acredita que tem mudado bastante em relação à participação da mulher e que as coisas estão melhorando?

Entrevistada G: Sim tem mudado muito e tem melhorado muito. É mais difícil encontrar as dificuldades que enfrentei. Mesmo para quem está a começar agora, já é comum ver as mulheres no desporto. Então as pessoas já não estranham, mas obviamente, se a mulher provavelmente cometer um erro, aí a tolerância é menor com uma mulher do que para com um homem. Mas já ninguém estranha ver mulheres a fazer o jornalismo desportivo e isso é muito bom e, obviamente, ser mulher não lhe desculpa eventuais erros ou um trabalho menos bem feito. Haverá boas profissionais mulheres e bons profissionais homens e más como homens, mas isso não é uma questão de gênero é uma questão de ser bom profissional ou mau profissional. Mas eu acho que o caminho tem sido feito e tem sido muito positivo e já se vêem muitas mulheres que percebem mesmo de futebol e não são só umas caras limpas. Porque tem essa também questão: no início, e mesmo hoje em dia, tem a facilidade de as pessoas dizerem que aquela mulher está ali porque é bonita. Mesmo que não perceba rigorosamente nada.

Obviamente, que ninguém aguenta muito tempo a fazer jornalismo se não for bom naquilo que faz.

Noemi: Quais dicas você daria para estudantes de jornalismo estão querendo entrar na área do desporto?

Entrevistada G: Eu acho que acima de tudo, mas para todos os jornalistas não só do desporto, preparar-se, ler muito, saber muitas coisas, não ficar à espera das coisas caírem em cima, trabalhem. Porque nós precisamos saber muita coisa, temos que ter sempre uma cultura. E quando estamos no mercado, precisamos estar preparados, ir atrás das coisas. O que eu sinto é que hoje as pessoas ficam muito na espera, ficam nas expectativas. E tem de ir à luta tem que mostrar que sabem, tem que ouvir (e tem que ouvir muito). Há pessoas que chegam aqui com uma falsa ideia de que já sabem fazer coisas. Mas acima de tudo isso: trabalhar muito. No caso de desporto ver muita coisa e estudar. Acima de tudo, humildade, capacidade de trabalho e muitas horas a ler e a trabalhar.

Apêndice 9
Entrevistada H

Noemi: Como foi seu ingresso no jornalismo desportivo?

Entrevistada H: O meu interesse pelo desporto começou quando eu era pequena, o meu pai sempre gostou de desporto e me levava a ver jogos de futebol, portanto, meu interesse começou um bocadinho por aí. E ele comprava sempre jornais, então eu estava habituada com o acesso à informação. Meu irmão também jogava, então, ia em família ver os jogos, e ia aos estádios com meu pai. Então o interesse pelo desporto é uma coisa familiar. Meu pai, minha mãe, e meu irmão sempre praticaram alguma coisa e esta ligação com o futebol tem mais a ver com o meu pai e meu irmão e acabei por desde miúda a gostar. Quando fui para à universidade eu gostava tanto da parte desportiva e de escrever que eu pensei, se calhar vou seguir a parte do desporto, se calhar vou aliar as duas coisas, e ficava meio indecisa vou estudar desporto e ser professora do desporto ou vou estudar comunicação e trabalhar com informação, acabei por optar a estudar comunicação e ficar na parte do desporto, o que aconteceu com naturalidade. Quando acabei o curso, fui fazer um estágio para um jornal aqui do Porto que é o Diário de Notícias, depois entretanto fui trabalhar para a Associação Nacional dos Jovens Empresários, e tinha deixado meu currículo para uma televisão que iria abrir que era a NTV, que era a televisão do Porto, fui selecionada e pronto. Quando cheguei, percebiam que eu gostava do desporto que eu falava do futebol que ia aos estádios. E me perguntaram em que área eu gostaria de trabalhar, eu falei desporto e pronto, começou assim. Entretanto a NTV foi comprada pela RTP dois anos depois, isso foi em 2001, em 2003 a NTV foi comprada pela RTP e eu vim para aqui e fiquei na editoria do desporto e até hoje. E gosto, já tive a oportunidade de sair do desporto e fazer a informação geral, mas eu gosto disso.

Noemi: No começo você teve dificuldades?

Entrevistada H: Há duas situações que explicam bem o que é ser jornalista do desporto para as mulheres, que é, há um lado que facilita porque há um cuidado às vezes diferente com as mulheres em um mundo de homens, quando vamos fazer uma entrevista, eles são mais cuidadosos, tem esse lado bom. Depois tem o outro lado que é para confiarem em nosso trabalho, para acharem que nós podemos fazer aquilo demora mais tempo, porque eles olham com mais desconfiança. Eu acho que hoje isso se vai mais se perdendo, eu acho que hoje em dia as mulheres já são vistas com mais naturalidade no mundo do desporto, e eles já olham e dizem: elas fazem isso, porque percebem isto. Pronto e às vezes há desconfiança no início, é uma mulher não percebe de futebol, não percebe isso ... acho que demora mais tempo a passar do que se fosse um homem, mas depois acho que o trabalho vai também mostrando do que as pessoas são capazes de fazer e, portanto, acaba por ser normal. Portanto, tem um lado bom que é, acho que as mulheres se beneficiam pelo fato de serem mulheres porque são tratadas com mais gentileza, mas demora mais um bocadinho para aceitar, "será que ela sabe fazer isso?". Mas isso não tem a ver com o gênero, não? Homem ou mulher. Exite um teste maior e uma educação maior e isso acaba por ser bom. É um benefício em nosso trabalho, nosso dia a dia, quando queremos marcar uma reportagem, tem um lado facilitador. Mas eu nunca senti nenhum grande problema, não posso dizer, porque nunca senti nenhum grande problema. Sempre meus colegas homens me ajudaram no meu dia a dia, no meu trabalho. Quando cheguei à RTP havia na equipe 3 mulheres, que era a Cecília Carmo, Claudia Lopes e a Laura, a Cecília Carmo era a mais velha e era a mulher que eu via na televisão quado eu era miúda, quando era pequena. Eu dizia, um dia, se calhar, serei como essa senhora. E isso acabou por acontecer. Entretanto, elas acabaram por sair, e fiquei só eu, a única mulher, sempre trabalhei com homens.

Na vota à Portugal de bicicleta que também é uma coisa que eu costumo fazer (não faço só futebol), falo desde 2005 todos os verões a volta à Portugal de bicicleta, só não fiz ano passado porque fui ao RJ fazer os Jogos Olímpicos, são 15 dias a acompanhar os ciclistas. Normalmente não há nenhuma outra jornalista, sou só eu, mas

eu estou habituada e para mim não há dificuldade nenhuma. Agora temos duas colegas, temos outras duas mulheres, uma no Porto e outra em Lisboa que chegaram a pouco tempo.

Nós fazemos notícia de tudo, e fazemos transmissões na RTP que não é só futebol, nós transmitimos a Volta em Portugal de Bicicleta, outras modalidades, temos na RTP2 um programa que chama Desporto 2 que temos várias modalidades, mas no desporto, o que mais tem horas de transmissão é o futebol. Durante muitos anos transmitimos o Campeonato Português, mas agora o direito é da SporTV, nós temos os direitos da Liga dos Campeões.

Noemi: Você tem percebido o aumento da transmissão das modalidades femininas?

Entrevistada H: Não, não. Agora o futebol feminino, em Portugal, tem ganho algum peso, mas não chega a ser uma coisa relevante. Em Portugal o futebol feminino tem ganho algum peso, mas no atletismo há grandes atletas femininas, mas em termos de transmissões, nós não transmitimos as maratonas em que elas correm, apenas damos as notícias se elas ganharem, não transmitidos as maratonas como o campeonato de futebol ou a Liga dos Campeões, ou Taça Portugal, não. Ainda não chegamos aí.

Noemi: Por que você acredita que há poucas comentaristas e narradoras?

Entrevistada H: Sempre foi assim. Não me lembro quando era mais nova, de ouvir mulher comentar, na TV fechada já há, tem na SporTV, há uma colega a narrar que também faz entrevista no futebol e há também uma colega da TVI que faz de vez em quando. Mas é pouco normal. eu não sei explicar exatamente porque, mas até eu que sou mulher e gosto de ver as mulheres ligadas a este mundo não estou a imaginar um jogo narrado por uma mulher, acho que fica bem na voz dos homens, e acho que quando queremos fazer tudo o que os outros fazem não é necessariamente uma coisa boa, eu acho que cada um tem seu papel, cada um tem o seu lugar e acho que a igualdade passa por muitas coisas, mas isso não é uma coisa essencial, não passa por aí. Deve haver direito a oportunidades igual para todos sem considerar gênero, mas não acho que essa igualdade deva ser imposta então não tenho que estar a ver quantos homens estão aa fazer e quantas mulheres. Não é uma coisa que me choca e é uma coisa que eu vejo com naturalidade. Eu acho que não há, porque de fato não há muitas mulheres, o interesse das mulheres pelo futebol é incomparável com o interesse dos homens, por isso temos muito mais homens nesta profissão e muito mais homens a comentar a ser narrador e ser repórter de pista do que as mulheres.

Eu acho que quando as coisas funcionam bem, a gente experimenta uma coisa diferente e isso não funciona, não há porque insistir nela. Acho que precisamos ver qual é o caminho e o que é o melhor. Não precisamos todos fazer a mesma coisa.

Noemi: Como é a definição das vestimentas

Entrevistada H: Temos que seguir um padrão que é da própria televisão, da própria empresa. Há um dress code a seguir, que é definido pela empresa, pelas pessoas que trabalham a imagem da empresa. Eu acho que está certo, porque senão cada um iria vestir aquilo que gosta. e acho que temos que ter uma imagem que dê para se identificar com a empresa em que se trabalha. Acho que deve haver uma certa liberdade, nós aqui trabalhamos assim também, maquiagem, por exemplo, tem mulheres que gostam mais de batom forte, outras d ebatom discreto, umas gostam de olhos mais carregados, outra menos, maquiagem é uma coisa mais fácil de moldar ao gosto de cada uma, há uma linha que se deve seguir também (nós não vamos fazer um jornal , como quem vai a uma festa, precisamos ter um ar credível e sóbrio), mas na maquiagem há liberdade. O guarda roupa é escolhido com uma pessoa que me acompanha, fazemos isso toda vez que há uma nova estação e só trago coisas que me sinto bem, mas é preciso seguir uma linha. Os homens também tem essa linha que tem

que seguir, a roupa que vestem também é uma roupa diferente da roupa do dia a dia, o cabelo também merece cuidado, é a mesma coisa, nós temos todos que seguir uma linha, não posso, por exemplo, apresentar om meus caracóis, toda vez que vou apresentar, aliso. Tem que ser o padrão. A escolha é feita junto com a empresa, com uma pessoa responsável que vai conosco escolher a roupa, eu não trago nada que eu diga eu não consigo vestir isso, porque também preciso me identificar com a roupa que trago. É uma linha definida pela empresa.

Noemi: Alguma vez você passou por alguma situação de preconceito?

Entrevistada H: Não. No futebol tem uma coisa, os clubes perdem, os jornalistas são os inimigos. Parece que os culpados são os jornalistas. Aí partem para constrangimentos, sim, às vezes quando estamos em direto. Mas de resto não, de resto não. Nunca tive nenhuma situação em que passe constrangimento. às vezes na rua é normal, mas já estamos habituados.

É engraçado. eu estive essa semana em Mônaco, e lá é tudo diferente. Os adeptos são muitos diferentes dos de cá, o treinador disse que não há mais nenhum clube no mundo assim, porque lá é um dos sítios mais ricos do mundo, então, eles vão ao futebol, como quem vai ao teatro.

Eu estava lá a ver, nossa, são completamente diferentes. E lá é mais improvável acontecer uma coisa dessas na rua, os adeptos descarregarem nos jornalistas, já não acontece tanto.

Noemi: Você tem visto mudanças desde que ingressou?

Entrevistada H: Na RTP o que eu vejo é que essa abertura para as mulheres no desporto desde que eu estou cá, sempre houve e é sempre igual. Sempre houve espaço para as mulheres trabalharem nas equipes do desporto. Nunca houve nenhuma restrição, e nenhum problema por ser mulher. Desde que eu cheguei cá em 2003, sempre teve a mesma abertura. Noto que todos os órgãos de comunicação social agora têm mais mulheres a fazer desporto do que tinha.

Na RTP sempre houve essa abertura. Eu desde que estou cá sinto isso. Quando cheguei cá, havia mais mulheres do que entretanto passaram haver. A Cecília depois foi embora, saiu do desporto, entretanto, foi para a informação geral, a Claudia saiu da RTP, está a trabalhar na TVI, e a Laura foi para o estrangeiro. E acabei por ficar só eu. Mas não é porque a RTP não quisesse, foi uma opção delas de fazerem outras coisas. A abertura é grande, nós até agora temos uma outra menina no desporto aqui no Porto, mas já estava a cá a estagiar, está a cá a 2 anos ou 3. E veio na altura outros, chamamos para virem para o desporto e ninguém queria ir para o desporto, porque quem não tem afinidade com o desporto acha que é uma coisa complicada e, então, tem receio. Preferem fazer a informação geral porque acham que não é tão específica. Pronto, agora, entretanto, ela acabou por ir para a equipe do desporto. Não é que não haja abertura nossa, é porque as pessoas não estão interessadas, e é mais normal, mesmo em homens. Porque eu noto, os jornalistas que vieram novos nos últimos 2, 3 anos para a RTP, nenhum queria ir para o desporto. É uma área mais específica, então, se não for um interesse que já vem de trás, as pessoas afastam-se um bocadinho, porque acham que não percebem, não dominam e o desporto é como o resto, é preciso estudar. É preciso estudar as regras e outras coisas.

Noemi: Como é a relação com os colegas?

Entrevistada H: A relação é ótima, a equipe é fantástica, eu costumo dizer que nós temos um privilégio. Temos uma liberdade que pouca gente tem, desde que o nosso trabalho esteja orientado e feito, se eu tiver uma peça a fazer para o jornal, é claro que eu não posso ir fumar, às vezes 1 minuto em televisão é tudo. Às vezes não temos um minuto para responder alguém ou atender o telefone. Temos uma liberdade grande no nosso trabalho. Faz parte do processo criativo: conversamos, vemos vídeo, ouvimos música, rimos e brincamos ... é uma liberdade muito grande. Quem trabalha nas

finanças não pode, os que dão aulas não podem, os médicos também não ... nós temos uma liberdade incrível, e eu às vezes olho e penso se é isso que quero a vida inteira, não tenho a certeza, se quero esta correria a vida toda ou então não saber quando estarei em folga.

Noemi: Quais dicas você daria para uma estudante de jornalismo que deseja ingressar na área esportiva?

Entrevistada H: No início quando comecei a trabalhar na televisão me fizeram uma entrevista e me perguntaram qual era a diferença entre ser jornalista do desporto e ser jornalista de outra área, e eu disse, eu não vejo diferença nenhuma, um jornalista é um jornalista. Eu trabalho no desporto e se tiver que fazer uma reportagem de outra coisa, eu vou. Porque os princípios são sempre os mesmos, depois o que é preciso é saber as regras de uma coisa ou de outra coisa. A questão de ser jornalista do desporto é de se especializar nesse assunto, de saber as regras do futebol, ou de outra coisa qualquer. Mas isso é uma coisa que se estuda, o meu conselho é: primeiro, é preciso ter disponibilidade grande para as coisas que mudam de um momento para o outro, acho que tem mais a ver com a forma de viver. Um jornalista quase que vive para as notícias, é normal nossa vida mudar, não ter horário para nada, e é necessário pensar se quer ter essa vida ou não. Se queremos trabalhar, sábado e domingo a noite, de manhã, tarde, no natal, na passagem de ano. O melhor conselho é pensar se é essa a vida que quer ter e se isso dá prazer. É muito cansativo e muita coisa fica para trás, porque a vida é quase em função do trabalho. É uma opção que temos que fazer, não quer dizer que não se possa ter vida além do trabalho, é preciso saber lidar com isso e gostar, gostar dessa instabilidade.

Outra dica é que há pessoas que na maior parte são homens, sabem tudo de futebol. Eu acho que o jornalismo desportivo temos que estudar e o conselho é esse, quer ser jornalista do desporto é perceber que a vida vai ser um bocadinho ao sabor das notícias, porque a televisão não abre às 9 e fecha às 3 da tarde, está aberta sempre. AS vezes acontece de vir de manhã, tarde, noite ou madrugada. O conselho é pensar se é isso mesmo que quer e depois estudar, estar preparado, nem tudo é fácil, às vezes as pessoas olham para nós com desconfiança, mas acho que nós temos que fazer aquilo que nós gostamos. E esquecer um bocadinho dos outros e a televisão como tudo que tem um bocadinho mais de visibilidade é muito competitivo.

Apêndice 10
Entrevistada I

Noemi: Como é sua trajetória no jornalismo desportivo?

Entrevistada I: O desporto é um campo de homens. E o jornalismo é um reflexo disso. Eu vou para o jornalismo por acidente e por jornalismo esportivo por um acidente ainda maior. ou seja, minha licenciatura era em marketing em comunicação empresarial. E eu parto do princípio que o trabalho de assessoria de imprensa é das áreas profissionais mais fortes e achei que deveria fazer estágio em um órgão de comunicação social. Assim que parei no jornalismo, em um estágio profissional da faculdade, sem nenhuma ambição de ser jornalista.

Ao fim de seis meses vi que era o que eu gostava de fazer e estava tomada uma decisão. Continuei na RTP. Estávamos em 1995, as estações privadas em Portugal têm 2 anos, portanto a televisão era a RTP, do estágio eu continuei mais algum tempo, depois saí por seis meses, depois eles voltaram a chamar porque tinham gostado no meu trabalho. Na altura, fizeram um programa de estágios, no âmbito de cursos de formação, para passarmos aos quadros, e aí que eu vou parar 1 mês no desporto. É o segundo acidente deste percurso, completamente por acaso, sem eu saber nada de nada. Não era um fenômeno estranho, meu irmão é professor de educação física. Eu própria fiz na escola desporto muito tempo que era uma coisa que eu gostava muito. Fiz desporto por toda vida não imagino a minha vida sem uma atividade física. Portanto esse fenômeno não me é estranho. Assim, fui ficar lá 1 mês e nunca mais sai. Comecei em 98, estamos em 2017 e nunca mais larguei o desporto, nunca mais larguei o jornalismo desportivo. Tem sido um percurso de mais de 20 anos, começou por acidente, mas às vezes é como furar um pneu do nosso carro na estrada e encontramos o homem da nossa vida. Portanto, veio para nos salvar, digamos mais ou menos assim.

Quando cheguei a televisão em 98, a Cecília já estava lá, a Laura chegou um bocadinho depois e tinha existido uma senhora que era Pilar de Carvalho que já tinha falecido. Teve um câncer e já tinha falecido. Ela tinha sido uma referência ao nível da reportagem não na apresentação, mas da reportagem. Muitas pessoas daquela época falavam da Pilar como uma referência a nível de atitude, de tudo. Foi uma pessoa que eu nunca conheci, mas ouvi sempre. Éramos muito poucas.

Para se perceber na altura a dimensão das mulheres, elas começaram a chegar ao futebol e ao desporto à imprensa desportiva de fato no final da década de 90 e início dos anos 2000 até, por exemplo, um dia (eu ainda tenho essa fotografia) no treino do Sporting, éramos mais mulheres que homens. E isso foi notícia, foi no Record. Eu acho que era a Vanda Cipriano, era a Vanda que estava lá pelo Record e foi a Vanda quem fez essa notícia. Fez uma brevizinha a seguir da página do Sporting no brasil na segunda parte o Sporting a dizer que naquele dia, estava eu pela RTP, estava a Carla Ascenção pela TVI, estava na altura pelo Jogo estava a Vanda pela Record, eu sei que estava mais gente e de repente estávamos mais mulheres do que homens. E aquilo era a notícia. Isso começou a ser cada vez mais uma realidade, pois cada vez mais mulheres começaram a vir para comunicação social, entretanto, quando chegavam às redações havia mais mulheres do que homens e elas inevitavelmente acabavam por fazer estágios no desporto.

O desporto tem um lado complicado para as mulheres se manterem no desporto, que é a maternidade. O desporto funciona muito, ao nível do programa, às noites e aos fins de semana. Existe toda uma logística, uma disponibilidade que muitas vezes faz com que as pessoas mais tarde acabem por sair como foi o caso da Cecília, o caso da Laura que também deixou, porque é complicado é um acúmulo de funções que em alguma altura das nossas vidas é incompatível.

Noemi: No começo quando eram só vocês mulheres, tiveram dificuldade ou facilidade?

Entrevistada I: Eu aprendi uma coisa a muitos anos que é: uma mulher a sorrir pode dizer quase tudo. Nós temos esse lado eu acho que esse é o lado bom da coisa.

As pessoas podem ter mais paciência para esperar ao nosso lado para entrar num direto uma reportagem da boa. Então, se eu falar, mister, faltam dois minutos de intervalo com um sorriso, ele é capaz de esperar mais facilmente, ou pelo menos não se mostra tão trombudo. Esse é o lado bom da coisa. O lado mau da coisa é uma publicação para homens, nosso público é majoritariamente masculino. O público que consome informação desportiva é o público masculino. Então, o que eu acho que o lado mal nós temos que provar, nós temos que ser dez vezes melhor do que um homem, para provar que somos efetivamente boas e tornamos um alvo muito fácil tendo em conta a paixão exacerbada que o desporto provoca e a parte da ofensa.

Então, de repente por nós sermos mulheres é muito mais fácil ofender uma mulher. Isto hoje em dia, podemos ligar com o advento das redes sociais. As redes sociais são uma coisa ótima por um lado e extremamente perversas do outro. E no que fiz respeito à paixão futebolística e a racionalidade futebolística, as pessoas não pensam. Não param para pensar e de repente não tem nenhum discernimento de análise, não tem capacidade de análise, porque é uma coisa que é histórica, que as limita em sua capacidade de observação e análise.

Portanto é muito mais fácil ofender uma mulher é muito mais baixo é normalmente um insulto mais rasteiro. E esse é o lado mal. Com os anos ganha-se certa experiência, mas penso que sempre temos de ser melhor que os homens para conseguirmos ser considerados ao nível dos homens. Temos que ser muito melhor muitas vezes.

No mundo continuamos a discussão da igualdade de gênero, não é? Nós fazemos o mesmo trabalho seja na área quer for e não ganhamos o mesmo. É uma questão de gênero. Mesmo em um trabalho fabril, uma mulher ganha menos que o homem para fazer a mesma função, no entanto, continuamos a ter uma discussão da igualdade de gênero. A minha questão é que esse fenômeno do jornalismo desportivo é só uma mostra da sociedade como um todo.

O que eu acho é o seguinte, se eu fizer economia ou política e se fizer mal o número do PIB, mas pessoas não vão dizer e insultá-la: "Ah, mas é porque você é do outro partido", acho que nós chegamos a esse ponto.

Mas acho que o futebol desperta uma paixão e uma irracionalidade que mais nenhuma área desperta. Então, esse lado é um bocadinho desagradável.

Eu considero que o futebol é uma coisa muito boa, porque o futebol une as pessoas, nós podemos ter um estádio, com pessoas sentadas lado a lado, abraçadas um administrador financeiro de uma multinacional com a pessoa da classe operária mais operária. E abraçam-se e beijam-se na altura do gol, na celebração. Pra mim, o futebol é isso. O futebol para mim é uma finta, aquelas figuras que fizeram parte da história do futebol, um pênalti bem marcado é uma defesa extraordinária é a paixão pelo jogo. A irracionalidade, a crica, a arbitragem, a parte suja só mina aquilo que é bom.

Noemi: quais foram os principais momentos marcantes?

Entrevistada I: Há duas provas a do campeonato do mundo da África do Sul e o campeonato da Europa de 2012, foram duas provas muito importante pra mim. E pra mim custou particularmente o afastamento de Portugal na meia final com a Espanha no campeonato europeu 2012.

Pra mim essa eliminação neste jogo com a Espanha foi um dia muito complicado, pois não estávamos lado da imprensa espanhola e eles no fim diziam: "portuguesita, não chore". E as lágrimas estavam mesmo a cair abaixo.

E eu enquanto jornalista ..., mas eu tenho um amor pela seleção que é uma coisa que eu não consigo explicar, a seleção pra mim é o meu país.

Quando nós estamos fora, aquele é o meu hino. aquelas são as minhas cores, aquele escudo é a minha bandeira e a seleção pra mim é uma coisa que me toca mesmo muito.

Porque acho que o futebol tem essa capacidade de nos projetar lá fora. E Portugal hoje é muito conhecido lá fora por Cristiano Ronaldo, por nossa seleção, pelo Mourinho e eu tenho um amor, que enquanto jornalista, se calhar, deveria ser imparcial, mas é a seleção do meu país, eu quero que ganhe sempre.

Esse jogo me marcou muito porque eu estava lá a trabalho com meu marido, na altura éramos namorados e ele tinha preparada com uma pessoa da federação para fazer um pedido de casamento porque Portugal ia à final e o desgraçado teve de fazer o pedido de casamento num avião que parecia um transporte fúnebre. E, portanto, há aqui um cruzar de histórias que ficou para a vida. E nunca vou me esquecer desse campeonato da Europa.

Noemi: Por que você acha que há poucas narradoras e comentaristas?

Entrevistada I: Lá vocês têm as histórias da Monica: "menina não entra", aqui é assim: "menina não entra". Porque lá está: o público a que nos dirigimos é 98, 97 ou 96%, seja o número que for, é um número grande de homens e os homens não estão preparados. Nós aqui temos uma comentadora da StortTV, e mesmo assim no caso da Helena Costa, a maior parte das pessoas não gostam. Há muitos homens com muita resistência não é fácil. É uma questão cultural. Apresentadora eu acho que já não há nenhum problema, se eu apresentar um programa desportivo, tudo bem, na cabeça das pessoas está tudo bem, se eu conduzir uma edição especial, está tudo bem.

Quanto a isso, as pessoas estão já muito habituadas. Se sou eu a fazer uma grande edição ou a fazer dois juntos, na cabeça das pessoas não há nenhum problema. Agora se eu amanhã (primeiro eu não gosto, acho que narração para ser bem feita, tem que ser emotiva, porque o jogo pode estar a ser uma porcaria, mas aquilo narrado pode ser uma música completamente diferente) mas não, as pessoas não estão habituadas, e eu acho que pode acontecer, vai acontecer, mas não acredito que seja nos próximos cinco ou seis anos que isso vá acontecer.

Não acredito, acho que na cabeça das pessoas isso é muito complicado, pode acontecer no tênis ou modalidades que não tenham o peso do futebol. No futebol não acredito. Se for no voleibol, na corrida, no atletismo, acho que assim, se amanhã tivermos a Patrícia Mamona a comentar atletismo as pessoas vão reconhecer, porque são atletas olímpicas. Mas no futebol acho que vai demorar um bocado, até o próprio futebol feminino vai demorar um bocadinho para ser visto como uma coisa a ser levada a sério. Tem uma coisa boa, os pais se importam cada vez menos se as filhas disserem que querem jogar futebol e nós vimos jogos este ano do campeonato feminino em Portugal, havia muitas famílias, muita gente que vão e os pais incentivam.

É um processo, é visto como uma coisa amadora que elas fazem quando não estão na escola, mas não é levado muito sério.

Noemi: Como é a relação de trabalho com seus colegas?

Entrevistada I: A relação é ótima. O programa começou em 2009, e Pedro Barbosa está conosco há muito tempo, o Rui desde o primeiro dia, o Thomaz desde o primeiro dia. O Luiz Mateus é diretor do site que dá algo novo ao programa, o Luiz Francisco que foi uma aquisição mais recente, que queria tudo mostrou e um específico, mas eu acho que já é um elemento que liga tudo. Não sei se é porque ele é mais velho, porque é um jornalista mais experiente, é uma pessoa que traz um outro conhecimento, uma outra sapiência. Nós somos tão amigos que almoçamos toda semana. Dizemos nós que é para preparar o programa. Dizemos às pessoas, aos maridos, às mulheres, colegas de trabalho que temos um almoço de preparação do programa. Mentira. Temos uma ótima relação e acho que isso se vê no ar. Nota-se nossa cumplicidade e a nossa amizade. Somos amigos uns outros.

Noemi: Que dica você daria para uma estudante de jornalismo que deseja ingressar na área esportiva?

Entrevistada I: O jornalismo paga malíssimo. Não há jornalistas ricos, há jornalistas paupérrimos. Uma coisa é ser apresentadora de entretenimento, um apresentador de entretenimento é uma pessoa bem paga, o jornalista é uma pessoa mal paga. Para o jornalista poder cumprir sua função e uma delas é o rigor e isenção, ele tem que ter as contas pagas. Não pode ser permeável. Isto nas mais diversas áreas,

e hoje em dia a média salarial para quem entra na profissão, é muito baixa. É trabalhar muitas horas para ganhar 700 euros. Portanto, ganha-se muito mal.

No caso de uma mulher não consegue ganhar muito e tem pouco tempo livre. Como mulher podes ter dois tipos de posicionamento no jornalismo esportivo: 1) És muito nova e és muito gira e vais se destacar, mas nunca se esqueça de que sempre terá uma mais nova e mais girado que tu, portanto é uma coisa muito efêmera. 2) Ou entrar pelo lado da credibilidade e isso ninguém te tira, nem as rugas. O primeiro aqui é o mais fácil e não se entenda que fácil como nenhuma conotação negativa. Você pode vender só o boneco, não é? Ser ultra maquiada, com um grande decote, calças agarradas. São giras e novas e podem (eu tenho 43 pontos já não dá) optar por esse caminho e vão resistir nesse caminho, durante alguns anos e vão se destacar sempre porque são muito giras. E podem se casar com um jogador famoso e isso também pode ser um modo de vida, mais bem pago que o jornalismo. Mas acho que aquilo que ninguém te tira é a credibilidade, mas isso não é pelo decote, é por várias coisas, menos pelo decote. Temos que saber qual é o nosso caminho.

Noemi: Há alguma exigência de trajes?

Entrevistada I: Nós temos uma responsável pelo guarda-roupa da estação, que é responsável pela estação inteira. Com quem eu vou às compras 2 vezes ao ano e discutimos as duas roupas e adornos.

Estou na apresentação desde 1999, 2000, então já sei. Por exemplo, não posso usar pulseiras grandes ou acessórios grandes que vão fazer barulho. Não posso colocar coisas grandes que chamem muita atenção. Não posso por um colar demasiado vistoso que vai ser ruído na imagem.

E aí perde, no dia a dia, como mulher, o hábito de usar coisas muito complexas, maquiagens muito fortes, e condiciona um bocadinho. Acaba que nossa profissão acaba nos condicionando a nós do que nós a nossa profissão.

De resto nunca tive um problema com alguma indicação, mas eu não sou uma pessoa de usar decotes muito profundos, ou roupas muito estranhas, normalmente ando sempre de tênis.

A questão é que em outros países há uma linha assim, na Itália as pivôs do desporto passam autênticas top model: altas, lindas, vestidos miúdos. Eu peço imensa desculpa: eu não sou alta, nem linda, nem posso usar vestidos micros.

Já levo quase 20 anos disso e nem faria sentido agora tentarem me encaixar num protótipo desse, porque não cola, não faz sentido.

Mas lá, tem um bocadinho a ver com o público que nos vê. O público do Mais Futebol é um público que às vezes nos dizem: "é único programa que a minha mulher consegue ver comigo, é o único programa de desporto que minha mulher gosta de ver comigo", e isso é uma coisa que se torna mais até familiar. Ou seja, talvez porque não haja essa embalagem de boneca e as pessoas nos acham naturais e há uma química e homem é esse trecho naturais é uma boa disposição, as pessoas conseguem ver aquilo em família.

Ou seja, na sexta feira a noite, depois de uma semana de trabalho imensa ele pode gostar mais um bocadinho de futebol do que ela, mas ela também pode gostar mas de repente aquele é um momento bem passado, a pessoa sente que tá ali que se ri, que se ri com os disparatos e que se ouve as notícias da atualidade do desporto, que se discute os temas e que se discute com seriedade e profundidade, mas não é um drama nacional e, portanto, temos sempre nossa ligeireza, não somos ligeiros na profundidade do tema, mas somos um bocadinho ligeiros na forma como abordamos as coisas e acho que esse equilíbrio entre profundidade e a forma desconstruída como fazemos, é o que capta as pessoas. Todo o resto, como roupa e tudo isso tem que fazer um sentido, o que não faz sentido não tem que estar ali, como uma microssaia, ou um salto agulha grande, não faz sentido é descabido e não tem mesmo como ser de outra maneira.

A roupa não pode ser um constrangimento para apresentar. Então, tem que ser uma coisa que nem chame muita atenção, então a pessoa não pode olhar para a

imagem que cause ruído na imagem, mas também não pode ser uma roupa que eu sinta desconfortável.

Noemi: Você já passou por alguma situação de preconceito?

Entrevistada I: Acho que há dois tipos de situações, uma que acontecia mais no início e outra que ainda acontece. Uma tem a ver com a idade nós vamos afunilando nosso grupo de pessoas e, portanto, temos um grupo de amigos cada vez mais restrito.

Mas no início aquilo que acontecia é que eu me sentia altamente desconfortável e jantar de grupo porque eu era um macaquinho. Ou seja, na altura, há alguns anos eu era mais nova, mais gira e que sentia todos os olhares das outras mulheres do grupo, porque de repente os namorados e os maridos delas queriam falar comigo, porque queriam discutir porque eles adoravam estar a discutir futebol com uma mulher. Lá está, eu me sentia uma macaquinha do circo, só faltava me darem um sanduíche. Era extremamente desconfortável, não era uma situação que eu gostasse, porque eu não fazia aquilo pelo protagonismo da situação, mas inevitavelmente as pessoas vinham dizer: "Ah! E o Benfica? E o Sporting?"

Eu eu respondia, peço imensa desculpa, mas não vou responder, esse é meu trabalho e estou aqui em diversão. E respondiam: "mas tá, essa malta da televisão tem toda mania, são uns arrogantes e não falam com as pessoas". Mas era uma situação esquisita e isso custou-me alguns momentos de constrangimento. Eu não gostava do papel, nem da situação. Essa é uma situação um bocado esquisito, mas com o tempo foi se resolvendo, porque o grupo de amigos vai ficando mais próximo, mais pequeno e já não é assim, só se for uma notícia bombástica de última hora.

E já é uma coisa mais equilibrada entre todos (não focada em mim), o grupo é mais pequeno, as pessoas vão amadurecendo, já não é mais novidade grupo é mais pequenas todos competindo pra ninguém, e portanto, deixa de ter aquela coisa do macaquinho que é novidade. Esse é um ponto.

Outra coisa, nunca senti essa discriminação de ser mulher, mas aquilo que me continuava a aborrecer com o insulto fácil, algumas situações complicadas de eu ter dito alguma coisa no programa ou dizer alguma coisa no direto e aquela coisa do insulto fácil por ser mulher me custa um bocadinho. A vontade é de responder: "sim, sim, é a vossa mãe". Me dá vontade de responder quase o mesmo tom, não posso, obviamente, mas aí é aquela parte chata que é de não fazerem isso aos meus colegas, porque são homens não falam com eles nesses termos. É uma deselegância, são uns malcriados, e isso me aborrece muito.

Cai na discriminação de gênero, se um homem tem muitas namoradas é um tipo é o maior, se uma mulher tem muitos namorados não vale nada, continua a ser discriminação.

O futebol é só um micro, ele está dentro do social, do psicossocial todo. E não vamos estranhar por ser assim. Ao longo destes anos todos há uma coisa que eu digo sempre nestas reportagens que se dizem muito sobre a questão do gênero: “ao fim de 20 anos tem tudo a aprender, mas nada a provar. É assim que eu me sinto, mesmo”.

Ou seja, para aprender nós temos sempre, com os melhores, com os colegas, com os outros, com o próximo, temos sempre todos o que aprender na vida, mas já não permito ter nada para provar, enquanto mulher, enquanto jornalista, enquanto tudo. Já tive um filho pelo meio, então, consegui equilibrar meu lado profissional com o meu filho com o fato de ser casada e tudo isso. Portanto, já não levo lições de muita gente. E hoje em dia com esta história das redes sociais e clube destramada, com uma estratégia de não dar a resposta, um bocadinho como meu marido me diz "pode estar só a responder uma criança com 14 que tem um computador", então é um bocadinho isso, não é uma postura arrogante não sou naturalmente uma pessoa arrogante, e é isso: tudo pra aprender sempre na vida, mas nesta altura como jornalista nada para provar. Não tem nada para comprovar. Quem gosta, gosta.

É como o gênero do programa, o programa tem um gênero, nós não falamos de arbitragem, não falamos de polêmica. É a nossa linha editorial, portanto, obviamente há quem nos acuse de tudo, mas, como dizem os brasileiros, eu não tô nem aí, não tô nem aí. Vou ao fim do dia para casa completamente descansada, não tenho que provar

nada a ninguém. Temos em nossa linha editorial, a consciência, enquanto eu mandar ali alguma coisa, há de ser assim. Quem gosta, gosta e quem não gosta há mais programas para ver, não quero nem saber. Não dá para ser uma Maria atrás das outras. E uma coisa que eu acho que é o que nos distingue, nós somos assim e temos audiências assim e recebemos o prêmio de melhor programa desportivo por uma razão, porque somos genuínos, o dia que tentarmos ir atrás dos outros, é um modelo dos outros que nos estamos a tentar imitar, seremos um cocó.

Nada nos diferenciará do resto e faremos pior porque seríamos uma péssima imitação. É um bocadinho essa a nossa visão e da equipe. Vou fazer 44 anos em setembro, não tenho nada para provar. Ao fim destes anos todos gostaram. São 20 anos de trabalho, não é uma má opinião numa rede social, de uma criatura de 15 anos que eu tenho que provar alguma coisa.